

HISTORIA UNIVERSAL.

TOMO NONO.

Historia Testis temporum ; Lux veritatis ;
Vita memoriæ : Magistra vitæ ; Nuntia
vetustatis.

Cicero.

HISTORIA UNIVERSAL.

SEGUNDA PARTE:
HISTORIA MODERNA,

ESCRITA EM FRANCEZ
PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

*Professor de Lingua Franceza no Real Col-
legio de Alcobaça.*

T O M O N O N O.



LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

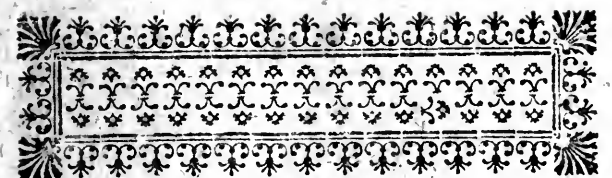
MDCCCLXXXIX.

*Com licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

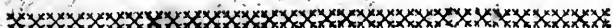
FOI taxado este Livro a quatrocentos e quarenta
réis em papel: Meza 31 de Agosto de 1789.

Com tres Rubricas.

DEC
11
1985



HISTORIA UNIVERSAL.



CONTINUAÇÃO DO LIVRO II.
DA EPOCA DE LUIZ XIV.

CAPITULO IV.

Faz-se Luiz XIV. , durante a paz , odioso ás Potencias. --- Viena sitiada pelos Turcos. --- Genova hombeada , e submettida. --- Morte de Colbert. --- Reflexões a respeito do seu Ministerio.

ESTANDO Luiz vencedor dos inimigos , que grangeára com suas empresas ; pacificador da Europa , a que impozera Leis ; Senhor do Franco-Condado , e de huma grande parte da Flandres , unidas ao seu Reino ; condecorado com o titulo de Grande , que lhe dava ou a lisonja , ou a admiração dos Francezes ; quando tive-

1689
Luiz não
usa sabia ,
e prudẽte-
mente da
sua fortu-
na.

TOM. IX.

A

ra

ra sido verdadeiramente sabio, e prudente, teria usado do seu poder como Principe moderado, como Pai do seu Povo, e como arbitro justo das Nações Estrangeiras. Mas embriagado com a fortuna, e grandeza brevemente romperá ainda em procedimentos tão violentos, que constituindo-o odioso, cedo ou tarde será hum origem de calamidades públicas. Insisto a respeito dos erros deste Monarca tão celebrado, por serem lições importantes de sabedoria, e prudencia.

Cameras
de Metz, e
de Brisac.

Longo tempo havia que muitos dominios, antigamente dependentes dos Tres-Bispados, e da Alsacia, eraõ possuidos por differentes Principes de Alemanha. Querem unillos á Coroa, e para isso se estabelecem duas Cameras huma em Metz, e outra em Brisac. Estes Tribunaes assentão nas reuniões, e o Rei faz deste modo justiça a si mesmo. O Parlamento de Besançon reunio Montbeliard, como feudo do Franco-Condado.

Estrasbur-
go submet-
tida.

No anno seguinte se executa huma empreza mais attrevida. Estava ainda livre Estrasburgo; Cidade poderosissima, cuja ponte sobre o Rhin abria a entrada do Reino. Grande era o desejo que Louvois tinha de submettella. Ao mesmo tempo que este se vale para com os Magistrados, ou do dinheiro, ou do terror,

man-

manda marchar vinte mil homens , os quaes decidem o successo da negociação. Concluiu-se logo o Tratado , e Estrasburgo capitula , e conserva os seus privilegios. Vauban , que fortificava infinitas Praças , nesta apurou toda a sua arte. Eraõ necessarias certamente boas precauções para sobmetter ao jugo hum Povo destemido , cioso por extremo da sua liberdade.

Estas conquistas em plena paz , estas confiscações feitas a huno Soberano , não podião deixar de espalhar odio , desconfiança , e sustos. Já o Imperador , o Rei de Suecia , e alguns outros Principes se esforçavaõ por armar o Corpo Germanico , e se o Eleitor de Brandeburgo , que se fizera mais poderoso por meio da aquisição recente de Magdeburgo , não tivera defendido entaõ os interesses da França , ateava-se de novo a guerra.

O negocio das reuniões devia ser discutido em hum congresso de Francforte , onde os Plenipotenciarios de Luiz XIV. apresentáraõ hum Memorial em Francez. Disputou-se muito a respeito do uso , que os Plenipotenciarios faziaõ desta lingua ; sobre o titulo de excellencia , que os Eleitores recusavaõ aos Ministros dos Principes do Imperio ; acerca do direito de conferir separadamente , sobre que os Principes argumentavaõ com os Eleitores.

Movimentos contra a França.

Congresso em que se disputa a respeito de cousas frivolas.

Estas disputas vãs, consideradas então como importantes, foram causa de esquecerem as reuniões. Desfez-se o congresso, e foi o negocio remettido para a Dieta de Ratisbona.

Fôrma
Leopoldo
huma Li-
ga.

Nesta Dieta feita em 1682, se propõe levantar tropas para manter os antigos Tratados. Os Circulos do alto Rhin, de Suevia, e Franconia, formão em Luxemburgo huma Liga com o Imperador, em que entraõ em breve tempo o Rei de Suecia, os Eleitores de Saxonia, e Baviera, os Duques de Luneburgo, e o Landgrave de Hesse-Cassel. Assim alborotava Leopoldo o Imperio contra a França, não por meio de huma authoridade absoluta, como os seus antepassados, mas exagerando as forças, e o despotismo de Luiz. Ninguém todavia ousava ainda tomar armas, e o mesmo Imperador estava a ponto de vêr os seus Estados hereditarios nas mãos dos Musulmãos.

Rebellião
dos Hun-
garos.

Teckeli
atrahe os
Turcos.

A Hungria, cujos privilegios eraõ muitas vezes acomettidos pela Corte de Viena, tinha-se novamente soblevado. O Conde de Teckeli, Chêfe dos rebeldes, recorreo aos Turcos, e procurou a sua protecção. Reinava então Mahomet IV., que tinha tomado Candia aos Venezianos; e aos Polonezes, Ukrania, Pódo-lia, Volhinia, e Kaminiek. Levantou Ma-
ho-

homet hum Exercito de duzentos mil homens contra a Casa de Austria. Causa nenhuma servio de embaraço aos Turcos, e Viena foi sitiada. Esta empreza era imprudente, como Teckeli o representou, mas inutilmente: porque brevemente seria necessario ou evacuar a conquista, ou acometter toda a Europa.

Se o Graõ-Visir Cuprogli fosse ainda vivo, esta Capital teria succumbido. O Imperador fugia para Passau; o Conde de Estahrenberg, Governador da Cidade, tinha sómente huma guarnição de déz mil homens; os Cidadãos, e os estudantes pouco supprião a falta das trópas. Mas o Graõ-Visir Cara-Mustaphá, molle, voluptuoso, e ignorante não apressou as operações, nem deo assalto geral; querendo talvez reservar para si, como alguns julgáram, os Thesouros que imaginava immensos, dos Imperadores. João Sobieski, Rei de Polonia, chega com o seu Exercito, ajunta-se o do Imperio com elle, e acomettem as trincheiras dos Turcos; que preoccupados de hum terror panico, apenas fazem alguma resistencia, e deixão tudo aos vencedores.

Creria alguém por ventura que Leopoldo, depois de voltar para Viena, quiz sujeitar ao humilde ceremonial da sua Corte o proprio Rei de Polonia, que ultima-

1683
Sítio de
Viena.

Viena salva
por Sobieski.

Querem
que Sobieski
se sujeite
a etiqueta.

men-

mente o salvára? Recusou Sobieski aliviar; e o ser dispensado da etiqueta, foi para elle nova especie de triumpho. A Corte Imperial tem agora outras idéas de grandeza: em tudo domina a influencia da raçaõ.

Luxemburgo bõ-heada pelos Francezes,

Antes da invasão do Turco na Austria, fazia Luiz bloquear Luxemburgo. Pretendia elle que o Condado de Alost lhe pertencesse em virtude do Tratado de Nimegue, e defendia as suas pretensões por via das armas. Suspendeo Luiz por hum anno as hostilidades, para que a Hespanha podesse soccorrer o Imperador em tamanho perigo. Mas o perigo ainda durava, quando Luiz começou de novo as hostilidades. Tomaõ os Francezes Courtrai, e Dixmuda, bombeaõ Luxemburgo, e por ultimo a tomaõ. Fazem-se vários Tratados, porque não he possível resistir; conclue-se hum tregoa de vinte annos; Hespanha cede Luxemburgo; o Imperio abandona, até o fim da tregoa, Estrasburgo, o Fôrte de Kehl, e hum parte das reuniões feitas pelas Caméras de Metz, e de Brisac. A necessidade fazia a Lei: todos esperavaõ a occasião de libertar-se della; e breve se offerecerá occasião para isso.

Tregoa de vinte annos.

Marinha de Luiz XIV.

Por toda a parte se manifesta o terrivel poder de Luiz XIV. A sua marinha se augmentava prodigiosamente. Os portos

tos de Dunkerque , Toulon , Brest , e Rochefort eraõ admiraveis , já pela sua construcção , já pelas forças que incluiaõ. Mais de cem náos de linha podiaõ atemorisar as partes mais remotas , se para ellas navegassem. Algumas esquadras se exercitavaõ contra os piratas de Africa. As galeotas de bombas , inventadas ultimamente por hum Francez , bombeáraõ Argel em 1681 , e segunda vez em 1684. Argel , Tunes , e Tripoli humilháraõ-se á vista deste flagello destruidor , e mandáraõ pedir perdaõ.

Bombar-
deos em
Africa.

Genova foi arruinada , e humilhada do mesmo modo que os corsarios. Imputou-se o crime de lhes ter vendido polvora , e construido algumas galeras para Hespanha. Tambem foi bombeada , e vio reduzida a cinzas huma parte dos seus palacios , de maneira que foi necessario vir o Doge com quatro Senadores principaes implorar a clemencia do Rei. Todos sabem a resposta , que deo o Doge Imperiali , quando hum certo Ministro lhe perguntou , o que achava de maior admiração em Versalhes : *Vêr-me aqui*. As civilidades do altivo Monarca , fraca consolação eraõ dos seus rigores. Confórme as Leis de Genova , quando qualquer Doge se ausenta da Cidade , perde a sua dignidade : mas tinhaõ-se visto constrangidos a derrogar esta Lei. (1685.)

Genova
bombeada
com pouca
razaõ.

O Doge
em Versa-
lhes.

Hu-

Embaixada de Siam.

Vãos procedimentos a fêmealhante respeito.

Huma embaixada do Rei de Siam, recebida havia pouco tempo, parecia augmentar o esplendor do Reinado de Luiz XIV. Esta embaixada não era com tudo outra cousa senão o fructo das intrigas de hum Grego, do mais humilde nascimento, por nome Constancio, o qual depois de chegar a ser Ministro d'aquelle despotico Indio, cuidava em privallo do Throno. Os Embaixadores deraõ a entender que seu amo estava disposto a abraçar o Christianismo; que pretendia fazer hum Tratado de Commercio com os Francezes, novamente estabelecidos na Costa de Coromandel; e que os preferia aos outros Europeos conhecidos na India. Grande era o amor, que o Rei de França tinha a tudo quanto era esplendido, para deixar de aproveitar-se de huma occasião tão lisonjeira. Mandou dous Embaixadores para Siam, hum dos quaes foi o célebre Abbade de Choisi, acompanhados de seis Jesuitas. Enviou depois disso algumas tropas. Constancio foi trucidado como hum trahidor, e os Francezes mortos, ou expulsados pelos moradores de Siam: e este o fim das despezas, que occasionou esta singular embaixada, da qual esperavaõ especialmente os missionarios os maiores fructos.

Tinha Colbert falecido em 1683: “Va-
 ,, raõ para sempre memoravel, diz o Pre-
 ,, sidente Henault: os seus desvelos se
 ,, empregavaõ entre a economia, e a pro-
 ,, digalidade; era no proprio gabinete,
 ,, por meio d’aquelle espirito de boa or-
 ,, dem que o caracterisava, economico
 ,, a respeito de tudo, quanto se via obri-
 ,, gado a prodigalizar á vista da Europa,
 ,, assim para gloria de seu Soberano, co-
 ,, mo pela necessidade de obedecer-lhe;
 ,, Varaõ de espirito alisado, e que não
 ,, cahia nos desvarios, a que o engenho es-
 ,, tá sujeito. ,, A perda deste Ministro he
 hum acontecimento notavel. Devia-lhe
 o Rei em grande parte as prosperidades
 do seu Reinado. Como teria elle execu-
 tado, senão fora Colbert, taõ grandes
 cousas? Como teria triunfado de tantos
 inimigos, e levantado a hum tempo tan-
 tos monumentos soberbos? A continua-
 ção do tempo provará como tudo depen-
 dia da boa administração dos erarios; os
 quaes, á maneira do sangue no corpo hu-
 mano, constituiaõ a vida do Estado.

Já se conhecia quanto produz o gosto
 immoderado de hum Monarca para com o
 fausto, vãs despesas, prazeres prejudi-
 ciales, e para com a guerra muito mais
 prejudicial. Os rendimentos ordinarios eraõ
 de cento e dezasete milhões, á razão de
 via-

Colbert
 morto em
 1683, grã-
 de perda.

As despe-
 zas o ti-
 nhaõ redu-
 zido a tris-
 tes expe-
 dientes.

vinte sete ou de vinte oito libras o marco. A guerra de 1672 obrigou o Ministro a restabelecer vários abusos, que tinha pretendido extinguir, e a valer-se de expedientes, cujos effeitos sempre são damnosos; n'humas palavras, quatro milhões de negocios extraordinarios, em seis annos, forão o recurso deste grande homem de Estado.

Foi Colbert obrigado a apartar-se dos seus principios.

“Vio-se Colbert na precisaõ de fahir dos seus limites, diz hum célebre historiador; porque segundo as instrucções, que d'elle ha, vêmos que Colbert estava persuadido, de que a riqueza de qualquer Paiz só consiste no número dos habitantes, cultura das terras, industrioso trabalho, e no Commercio; vêmos, que possuindo o Rei poucos dominios particulares, e sendo hum méro administrador dos bens dos seus vassallos, não pôde ser verdadeiramente rico, senão por impostos facéis de receber, e igualmente repartidos.” (*Siecle de Louis XIV.*, ch. 30.)

Sua disposição bem differente da de Sully.

Se taes eraõ os principios de Colbert, se elle não lisonjeou as paixões do Soberano, se obedeceo sómente á necessidade das conjuncturas; que teria feito hum Ministro menos capaz, e menos recto, no reinado de hum Rei semelhante a Luiz XIV. ? “Sully, accrescenta Vol-

„ tal-

„ taire , enriqueceo o Estado por meio de
 „ huma economia sábia , e prudente , a
 „ qual era favoravel para hum Rei tão
 „ poupado como valente , para hum Rei
 „ soldado na frente do seu Exercito , e
 „ Pai de familia com seu Povo..... Suf-
 „ tentou Colbert o Estado , a pezar do
 „ luxo de hum amo faustoso , que pro-
 „ digalisava tudo para fazer esplendido o
 „ seu Reinado. „ A differença do amo ex-
 „ plica com effeito a differença do Minis-
 „ terio.

Mas todos se maravilharão sempre de que á vista do exemplo de Sulli désse Colbert tanto alento ao commercio do luxo , ás manufacturas preciosas , e tão pouco á agricultura , cujo producto , posto que mais vagaroso , teria sido mais consideravel , e mais sólido. Ninguem poderá crêr já mais que o seu systema fosse o melhor, quando se convencer de que as fabricas de seda diminuirão prodigiosamente as producções da terra. Difficilmente se poderá qualquer persuadir , de que Colbert tivesse tanto interesse no bem dos Povos, como na satisfação do Principe. Com tudo elle tinha , segundo se refere , perdido no fim dos seus dias o valimento alcançado por meio de tantos trabalhos , e de tão grandes sacrificios !

A caso era
 melhor o
 systema de
 Colbert?

Estes ob-
jectos são
essenciaes
para a His-
toria.

Estas reflexões nenhum lugar terião , senão fossem preparatorias para os successos seguintes. O estudo da Historia não poderá chegar ao seu fim , sem descobrir os principios , por meio dos quaes tudo se move no Universo , e sem aprender a vêr os effeitos nas proprias causas. O poder de Luiz XIV. declina , pois que os seus meios diminuem ; mas ainda conserva huma grande superioridade , e por conseguinte ainda será altivo , e atrevido : e antes de ser abatido pelas desgraças , terá grandes successos felices.

O Capitulo seguinte o representará embaraçado com a Corte de Roma , e perseguindo os Calvinistas de França ; materia curiosa , que tem correlação com os negocios geraes , e mais util do que tantas narrações uniformes de guerras , e negociações ; donde resultão consequencias práticas , não menos importantes para a felicidade dos Estados , do que para a dos particulares.

CAPITULO V.

Negocios do Jansenismo. --- Diferença de Luiz XIV. com Innocencio XI. --- Revogação do Edicto de Nantes.

OS negocios do Jansenismo agitavaõ a França des da menoridade, sem produzir aquellas violentas commoções, que o espirito de seita tinha occasionado nos seculos do fanatismo. Vários Theologos divididos a respeito das materias abstractas da graça, contendiaõ entre si escrevendo huns contra os outros. Censuravaõ-se asperamente, exhalavaõ hum odio reciproco, animavaõ o zelo, bem ou mal entendido, de huma plebe ignorante, teimavaõ huns por preocupação, outros por interesse de partido, muitos por sentimento de Religiaõ, e embaraçavaõ algumas vezes a Corte, que ignorava qual era o meio verdadeiro de desvanecer estas contendas. Mas o vigor do governo, ainda que pouco illuminado a respeito de objectos taõ delicados, tolhia que a fermentação não abrisse volções no Reino.

Como os Jansenistas receavaõ romper com a Igreja Romana, cujos dogmas de-

Disputas Theologicas sem effeitos violentos.

O ponto das cinco proposições de Jansenio.

fendiaõ contra os Protestantes , tomáraõ o parecer de dizer que as cinco proposições condemnadas por Innocencio X., e Clemente VII., não eraõ obra de Janfenio, e que sendo assim, não devia o author ser condemnado. Este subterfugio enojou os Jesuitas, e seus seguidores; os quaes exclamáraõ que a authoridade da Santa Sé era insultada por huns rebeldes, e em vez de desfazer as dúvidas de hum modo muito simples, indicando as paginas onde estas proposições se achavaõ, quizeraõ forçar á sobmissaõ. O Congresso do Cléro ordenou em 1661 a assignatura de hum formulario, que continha o facto de Janfenio. Foi o Rei em pessoa ao Parlamento, a fim de converter este formulario em Lei de Estado. As Religiosas de Porto-Real não quizeraõ assignallo, (e que importava a sua assignatura?) e por isso são desterradas para fóra do seu Convento. Appareceo novo formulario de Alexandre VII. em 1665, muito mais forte, que o do Cléro, para condemnar as proposições *no proprio sentido do author*. Todos os Ecclesiasticos, Seculares, ou Regulares, assim os Prelados, como os outros, com as proprias Religiosas, são obrigados a subscrevello, e até o Rei manda registrar na sua presença huma declaração a respeito deste ponto.

Formula-
rio estabe-
lecido pe-
lo mesmo
Rei.

Outro for-
mulario
mais forte.

Imaginavaõ alguns animos melancolicos estar vendo outra vez o tempo deploravel, em que os Gregos perturbavaõ o mundo com suas subtilezas, em que os formularios irritavaõ os partidos, e soblevavaõ as consciencias; os Imperadores dominando as opiniões, e castigando os indoceis enthusiastados, arriscavaõ a fé; e igualmente o Imperio. Por felicidade tinha a viveza Franceza outras materias; em que exercitar-se; o fanatismo tinha diminuido muito; o Cléro de nenhuma cousa tinha menos que de sedicioso, e o potente Monarca só tinha que recear rumores, que pouco cuidado lhe davaõ.

Felizmente os tempos estavam mudados.

Com tudo a perseguição anima sempre os homens perseguidos. Quatro Bispos valerosos, e inflexiveis resistirão contra a Corte. O Doutor Arnaldo, irmão de hum destes Bispos, não cessou de escrever, e enfureceo-se especialmente contra a Moral dos Jesuitas, considerados como authores destes tumultos. Hum a quebra de quatrocentos e cincoenta mil ducados, que os mesmos Jesuitas tinham tido em Sevilha em 1640, dava novas côres ao horrendo retrato, que havia muito tempo se fazia da sua Sociedade.

Opposições.

Arnaldo contra os Jesuitas.

Já nove Commissarios, nomeados por Alexandre VII., hiaõ sentenciar os quatro Prelados, que reprovavaõ o formulario:

Falsa paz da Igreja.

rio, e que se dividiaõ a respeito da distincção do *facto*, e do *direito*. Dezanove Bispos mais se declaraõ repentinamente a favor dos ultimos. Duvidosa a Corte deseja hum ajuste. Muda Roma de parecer, e Clemente IX. (Rospigliosi) tolera a distincção do *direito*, e do *facto*; pretende que se assigne *sinceramente* o formulario, sem exigir que o assignem *puramente*, e *simplesmente*; o que soblevava os teimosos. Parece entãõ que tudo socega. Cessaõ os rigores; o célebre Arnaldo he apresentado a Luiz XIV., e até se celebrou a *paz da Igreja* com hum medalha. (1669.)

Os Jesuitas
tinhaõ
grãde crédito.

Podia por ventura alguém lisonjear-se de que huns Theologos irritados, inconciliaveis nas suas opiniões, competidores na reputação, e interesse, contemplando-se huns aos outros como Hereges, ou corruptores; e tendo a infeliz facilidade de fuscitar a discordia, já com escritos, já com intrigas; sacrificariaõ ao bem da paz o seu odio, e as suas preocupações? Os Jesuitas se hiaõ constituindo muito poderosos, para deixar os seus inimigos em descanso, mórmente depois de ter soffrido da parte delles tantas, e taõ amargas reprehensões. Elles governavaõ a consciencia dos mais grados do Estado, e tinhaõ arte para firmar-se n'hum Corte voluptuosa, onde o austéro Jansenismo só era pro-

proprio para inspirar temor. Alguns homens grandes havia , e particularmente Bourdaloue , que tiravaõ a nodoa impressa na sua Doutrina ; e os Sermões deste respeitavel Orador eraõ a melhor resposta , que se podia dar ás *Cartas Provinciaes*. Finalmente o Padre Chaife , Confessor do Rei des de 1675 até 1709 , adquirio hum Imperio quasi absoluto sobre o Cléro , dispoz dos beneficios , conservou sempre industriosamente o seu valimento , e constituiu dominante a sua sociedade.

Bourdaloue.

Padre Chaife.

Este o motivo , porque as disputas tinham de continuar todo o tempo , quanto Luiz XIV. , em meio do labyrintho da Corte , ou da guerra , privado de estudos , julgando ter só de ordenar tudo o que se lhe suggeria , estava muito remoto dos melhores principios do governo a respeito de objectos desta natureza.

Tinhaõ ainda de durar as disputas.

As suas differenças com Roma , a respeito da Regalia , e Isenções , serviraõ ao menos para tirar do seio do esquecimento o que chamamos *liberdades da Igreja Gallicana*. Os Reis de França , em virtude do antigo direito da *Regalia* , administraõ os rendimentos dos Bispados vagos , e nomeaõ para os beneficios , que delles dependem. Algumas Igrejas , da parte dos Alpes , e dos Pyreneos , pretendiaõ ser isentas deste direito. Hum Decreto de 1673

Causa da Regalia.

declarou que aquelle direito se estendia por todo o Reino. Todos os Bispos se sujeitárao, excepto os de Alet, e Pamiers, que se distinguiao pelas suas virtudes, e erao célebres pela sua opposiçaõ ao formulario. O primeiro morreo em breve tempo, e o segundo nem por isso ficou menos inflexivel.

Defende
Innocencio
XI. os des-
obedien-
tes.

Attrevi-
mento de
hum Reli-
giõso.

Innocencio XI. (Odescalchi) eleito Papa em 1676, homem virtuoso, mas obstinado, mais atrevido, e mais constante do que as circumstancias o permitiao, naõ gostando nem de Luiz XIV., nem dos Jesuitas, declarou-se a favor dos adversarios da Regalias, posto que accusados de Jansenismo, e expedio Breves proprios para os animar. Hum Religioso, nomeado Vigario Geral pelo Capitulo de Pamiers depois da morte do Bispo, chegou ao ultimo ponto da insolencia. Condemnado este Religioso a ser executado em effigie pelo Parlamento de Tolosa, e arrastado sobre huma grade, naõ deixou de fulminar excommunhões, e annular assim os decretos do Parlamento, como as sentenças do Metropolitano.

Congresso
do Cléro.

O Cléro, assim como os Grandes, era geralmente muito sobmisso. Bem se podia fiar no seu zelo, e pareceo muito importante ter o seu voto. Hum Congresso extraordinario, convocado para este effeito,

reconheceo o direito da Regalia a respeito de todas as Igrejas, e escreveu ao Papa huma Carta muito respeitosa, na qual se lê a seguinte maxima, muito raras vezes praticada: *Mais vale sacrificar alguma coisa dos proprios direitos, do que estorvar a paz.* Attento o Cléro, como era, aos seus privilegios, tinha-se havido como quem fazia huma concessão ao Soberano.

Apparecêrao então as quatro famosas proposições deste Congresso, onde se estabeleceo: 1. Que os Principes, quanto ao temporal, não estão sujeitos ao poder Ecclesiastico: 2. Que o Concilio geral he superior ao Papa, conforme os decretos immudaveis do Concilio de Constança: 3. Que as régras, e os usos da Igreja Gallicana devem ser conservados: 4. Que a sentença do Papa em materia de Fé só he infallivel, depois do consentimento da Igreja. O Rei passou hum decreto para mandar registrar, e ensinar por todo o seu Reino estes quatro artigos. (1682.)

Os seus
quatro Ar-
tigos.

Respondeo Innocencio aos Bispos com aquelle modo ativo, que os antigos Papas sustentavao por meio de excommuniões. Lamentou-se primeiramente, dizendo com o profeta: *Os filhos de minha Mãe se levantáráo contra mim, e me declaráráo guerra;* e depois reprehende-lhes a sua cobardia, por não ter combatido,

O Papa
tudo an-
nula.

Os Bispos
arguidos
por Inno-
cencio XI.

conforme o exemplo dos seus predecessores, a favor dos direitos, e liberdade da Igreja. Representa os fundamentos da disciplina, e jerarchia destruidos, a Regalia acomettendo a propria Fé: o que se mostra claramente, no seu entender, pelos termos de que o Rei se serve, attribuindo a si o direito de conferir os beneficios, não como concessão da Igreja, mas como direito da Coroa. Accusa-os de terem cedido hum direito inalienavel, depois delles mesmos terem reconhecido que a Regalia he huma especie de escravidão: hora pôdem elles por ventura submeter as Igrejas ao jugo do poder secular, elles que deverião expor-se á escravidão a fim de conservar a sua liberdade? Finalmente, pela authoridade que o Papa recebeo do Omnipotente, cassa, e annulla tudo quanto fez o Congresso.

As liberdades Gallicanas em contra grandes obstaculos no Reino.

Ainda estavaõ os homens muito longe do tempo, em que os Breves, e as Bullas de Roma, a respeito das antigas pretenções, apenas desaslocegariaõ a credulidade popular. A doutrina, que o Cléro de França estabelecia, pareceo totalmente nova á grande multidão dos Theologos; tão escurecidos pozeraõ as antigas preocupações os principios das primeiras idades. Vários Doutores da Sorbona preferiraõ antes ser desterrados, do que sujeitar-

tar-se aos quatro Artigos. Quarenta e cinco vezes se ajuntou a Faculdade de Theologia, para censurar humia proposição, que reservava para o Papa o privilegio de julgar das materias de dogma. Finalmente hum grande número de Bispos só obtinhaõ, andando o tempo, as suas Bullas, desapprovando o Congresso de 1682. Deste modo, as liberdades da Igreja Gallicana, que hoje em dia vaõ sendo as das outras Igrejas, com tanta facilidade, achavaõ em França infinitos obstaculos, e contradicções.

Quanto mais vigor mostrava Luiz XIV., O Papa
continua
sempre a
disputa. tanto mais o Papa se obstinava em resistir-lhe; e a pesar de revogação do Edicto de Nantes, da qual brevemente tratarei, cada vez se ateou mais o fogo da disputa.

As isenções dos Embaixadores em Roma eraõ tão ampliadas, que não só os seus Palacios, mas tambem os seus bairros, eraõ isentos das perseguições da Justiça. Queria Innocencio XI. reformar este abuso, e todas as Coroas, excepto a da França, deraõ o seu consentimento. Pouco persuadio o exemplo dos outros ao Rei: o qual dizia, que elle era o que devia servir de exemplo. O Papa todavia abolio por meio de hum Bulla as isenções dos bairros, com pena de excom-
mu-

munhaõ para todo aquelle , que intentasse conservallas. (1687.)

O Embaixador de França ameaça a Innocencio XI.

Este procedimento produzio o effeito, que se devia esperar. Irritado Luiz dá mostras assignaladas do seu resentimento, e manda com huma embaixada o Marquez de Lavardin , o qual entra em Roma como hum triunfante , acompanhado de sette ou oitocentos militares. Depois do Embaixador tomar posse do seu bairro, manda-o rondar , e ameaça ao Soberano Pontifice, que o excommunga , e põe interdicto á Igreja Franceza de S. Luiz , em que elle foi recebido. Vinga-se Innocencio como pôde , e não se inquieta das factaes consequencias , que podem seguir-se da sua vingança.

Ao que se expunha o Papa.

Por todo o Reino se queixavaõ da falta de Bispos , em que se achavaõ trinta e cinco Igrejas ; porque o Pontifice negava havia muito tempo as Bullas para os que o Rei tinha nomeado : não era por ventura para temer que não o privassem do direito de instituir os Bispos , e receber as annatas , estabelecido por huma enfiada de abusos antigos ? Todos se queixavaõ de Bullas , censuras , e negativas , contrarias ao bem da Igreja , e do Estado : e não era para temer que não se vencessem as difficuldades , cessando de reconhecer huma jurisdicção estranha , e

re-

reduzindo a primazia da Santa Sé ao que ella era nos primeiros tempos ? Huma appellação para o Concilio Geral , da Bulla contra as isenções ; a proposta feita em pleno Parlamento de requerer hum Concilio nacional , e pôr novamente em vigor a pragmatica de Carlos VII. ; o descontentamento da Corte , e o do Episcopado ; tudo podia encaminhar ás ultimas extremidades. França , com hum Patriarca , teria mostrado em pouco tempo , como não necessitava da Corte de Roma.

Se Luiz XIV. o intentasse , nada lhe podia servir de obstaculo ; mas tão altivo , e tão vivo era a respeito do temporal , quanto circumspecto , e recatado a respeito de tudo o que parecia pertencer ao espirital. Contentou-se de assenborear-se de Avinhão em 1688 ; e em 1693 teve fim a discordia , quando Innocencio XII. concedeo Bullas aos Bispos nomeados , depois de cada hum d'elles testemunhar por carta a sua dôr , e huma desapprovação formal de tudo quanto o famoso Congresso tinha feito a respeito da authoridade do Papa.

Estar em guerra com o Papa , e querer anniquilar huma feita inimiga da dignidade de Papa , era huma especie de contradicção politica , e religiosa , que concordava com o altivo caracter do Monarca.

Como este negocio se terminou em 1693.

Projecto de destruir o Calvinismo.

Mui-

Muito tempo havia que o Clero, e os Jesuitas se lisonjeavaõ de extinguir o Calvinismo sempre tolerado, mas sem forças perigosas, e tão tranquillo, quanto o tinhaõ visto turbulento antes da tomada da Rochella. Os Calvinistas, ainda entre os proprios tumultos da Critica, tinhaõ-se conservado em socego; e nelle os podia deixar o governo, pois se aproveitava da sua industria, e serviços, nenhum motivo tinha para os temer, nem havia cousa mais facil do que enfreallos no que deviaõ, pois que nisto achavaõ elles a sua propria utilidade.

Os missionarios se-
guidos de
rigores.

Mandou-lhes a Corte ao principio missionarios, e espalhou dinheiro para fazer profelytos. Exagerou-se, segundo o uso, os fructos que produziaõ estes dous meios. Julgou-se que acareando huns, era necessario opprimir os outros. Tirou-se-lhes a pouco, e pouco huma parte da liberdade, de que gozavaõ, e em várias occasiões se mostrou huma parcialidade, que inquieta. Passou-se huma declaração em 1681, para admittir no número dos convertidos os mininos de sete annos. Entrarão então a desertar algumas familias Protestantes; o que deo motivo a vários rigores, que fizeraõ mais contagioso o mal. Houve alguns movimentos populares, e dous Prégadores célebres, Chamier, e Cho-

Chomel , foraõ rodados vivos : e des d'entaõ , a idéa do martyrio inflammou o enthusiasmo.

Tinha Colbert protegido os Calvinistas como homem de Estado , convencido de que elles eraõ Cidadãos taõ uteis , como os outros , e que a perseguiçaõ só podia produzir infellicidades. A sua mórte os entregou , por assim dizer , ao Chancellor Tellier , e ao Marquez de Louvois , filho do Chancellor , dous homens cujo primeiro principio era que tudo devia ceder , ou tremer ao nome do Rei. Em 1684 , mandáraõ-se trópas aos Cantões povoados de Protestantes. Louvois escreveu: *Sua Magestade quer que se use dos ultimos rigores com todos aquelles , que não quizerem abraçar a sua religião.* Esta ordem motivou tantas violencias , que a feita pintou sempre a nova perseguiçaõ , como huma imagem das perseguições dos antigos tyrannos do Christianismo. Não ha cousa mais horrorosa para hum Rei , do que attrahir a si deste modo o odio , quando póde conciliar o amor , e o respeito do seu Povo. Quantas maldições não cahirão sobre Luiz XIV. por causa da *furia insupportavel* ! Que pintura não fazia d'elle o célebre Ministro Saurin , até no proprio pulpito , onde prégava o Evangelho !

Violencias
depois da
mórte de
Colbert ;
furia insupportavel.

1685
Revoga-
ção do Edi-
cto de Nan-
tes.

O Monarca, depois de ter assim usado da sua authoridade, revoga o Edicto de Nantes, promulgado por Henrique IV. em 1598, e confirmado por Luiz XIII. A liberdade de consciencia he abolida: todos os templos dos Huguenotes são destruidos; as declarações, e determinações do Conselho succedem rapidamente humas ás outras, a fim de aggravar a sua desesperação; ordena-se que se lhes tirem os proprios filhos, e os entreguem a parentes Catholicos; desterraõ-se os Ministros, e prohibe-se aos outros sob graves penas o deixar a Pátria.

Fugida
dos Hu-
guenotes,
perdas do
Reino.

Os Huguenotes porém já não olhavaõ para a Pátria sem horror. O odio, e fanatismo os arrastavaõ. A pezar dos ameaços, e penas, e por mais precauções que houvesse, mais de quinhentos mil Huguenotes fugirão, levando comsigo riquezas innumeraveis além da industria, e manufacturas, que enriqueciaõ o Reino. O Nórte da Alemanha, Hollanda, e Inglaterra, estendêraõ os braços para huns homens tão uteis. Todos espalháraõ pela Europa os seus sentimentos contra o Rei; e aquelles que não leváraõ nem artes, nem talentos para as terras Estrangeiras, leváraõ hum valor, huma sede de vingança, de que tiveraõ demasiada occasião para dar assignaladas mostras nos combates. A

per-

perda dos homens foi talvez menor, do que a do Commercio: porque huma parte das fazendas, que se vinha comprar a França, fabricou-se des d'então em diversos Paizes pelos Francezes refugiados, cuja industria se perpetuará nelles.

Estes os effeitos principaes da revogação do Edicto de Nantes. Com panegyristas a celebráção, como huma das acções mais admiráveis de Luiz XIV.: os panegyristas não são historiadores, nem olhão para os objectos sennão de hum só lado. Suppozeraõ destruida a heresia, e o número dos Calvinistas he ainda muito grande. Por outra parte, a experiencia mostrou que a Rainha Christina discorria bem, escrevendo de Roma: *Considero hoje em dia a França como hum enfermo, a quem cortão braços, e pernas, a fim de o curar de hum mal, que inteiramente se teria curado com huma pouca de paciencia, e suavidade.* Esta Princeza condemnava todavia os quatro Artigos do Cléro, defendia a infallibilidade do Papa, e consequentemente não pode ser suspeita de ter ajudado mais como philosopha, que como Catholica.

Pareceres
a este ref-
peito.

O Duque de Saboya, Viçtor Amadeo, abraçando o exemplo de Luiz, prohibio aos Protestantes o exercicio público da sua Religião, sob pena de morte. Sobleváraõ-

Rigores
semelhâtes
contra os
Valdenses.

se os Valdenfes. Tres mil d'entre elles foram mortos, dez mil prifioneiros, os demais fe salvárao. Não tardou muito tempo, que o Duque não os tornaffe a chamar, e entregando-lhes todos os feus privilegios, fe julgou feliz de vêllos outra vez no feo Reino. Por ventura erao eftes pobres montanhezes equivalentes aos negociantes, aos obreiros, aos officiaes, e aos homens illuminados, que a França perdeo fem remedio?

Pelo mefmo tempo hum zelo cego de Religiao preparava em Inglaterra o catastrophe dos Stuarts, a que feeguir-fe-ha em breve tempo huma guerra geral contra Luiz XIV. Agora he razao que fitemos principalmente as noffas attenções na Inglaterra, que nos convida a iffo, apresentando-nos aquellas grandes fcenas, em que fe mostra toda a energia do caracter nacional.

CAPITULO VI.

Fim do Reinado de Carlos II. em Inglaterra. --- Falsa conspiração Papista. --- Annulla Carlos vários Parlammentos, e constitue-se absoluto até á sua morte.

SENDO Carlos II. obrigado, como temos visto, a concluir a paz com Hollanda em 1674, as suas allianças com a França, os seus projectos de governo absoluto, a sua inclinação aos Catholicos, e o catholicismo de seu irmão o Duque de York, herdeiro presumptivo da Coroa, causavaõ sempre huma perigosa fermentação. O Conde de Shaftesbury, Chancel-ler, author principal das pessimas idéas, que Carlos abraçou, tinha-se posto pelo partido dos descontentes, des que vio afrouxar o Rei, e apartar-se hum pouco do systema da *cabala*. Esta perfidia foi funestissima, porque o pérfido além de ter grandes talentos, tinha muita politica, e muita maldade.

Houve quem quizesse que Carlos se unisse com os confederados contra o poder formidavel de Luiz XIV. Assim o pedia o interesse do Reino, e o Parlamento

1674 até
1685.
Descontê-
tamento, e
intrigas em
Inglaterra.

Carlos II.
de intelli-
gência com
Luiz XIV.

of-

offereceo abundantes subsidios. Ficáraõ todos enganados por algumas demonstrações de zelo , que o Rei deo. A sua indolencia , e delicias foraõ o seu obstaculo. As promessas da França fizeraõ o seu effeito ordinario ; e Luiz coroou os seus triumphos por meio do Tratado de Nimegue. O dissabor, que isto devia causar , não era o unico motivo de murmurações , e animosidade. O Duque de Lauderdale governava tyrannicamente a Escocia , cometia escandalosas injustiças , a ninguem respeitava , e perseguia especialmente os Presbyterianos. Todas as noticias deste Reino, e os clamores dos Escossezes eraõ muito capazes de amotinar a Inglaterra, onde os animos se inquietavaõ por causa da desconfiança.

Escocia
tyrannisa-
da.

Prevenções
contra os
Catholico-
cos.

O impossí-
vel Oates.

Em hum estado de fermentação , e crisis , aproveita-se anciosamente o Povo crédulo das quiméras , que se unem , e concordão com as suas preocupações. Huma fantástica *conspiração papista* produzio tumultos quasi incriveis. O mais vil impostor fez passar por certo aquillo mesmo , que o bom discurso devia reprovar por absurdo. Este homem infame , por nome Oates , accusado de perjuro na sua mocidade , tinha-se feito Catholico , e entrado na Religião dos Jesuitas de Sant'Omer, que em breve tempo o expulsáraõ. A cólera,

a miseria, a maldade, lhe inspiráraõ huma resolução digna delle. Deo-se a conhecer por accusador, declarando que a sua mudança de Religião fora fingimento; que seu intento fora descobrir os segredos dos Papistas, e dos Jesuitas, e que o tinha conseguido. A respeito do que revelou o extraordinario mysterio, do qual se póde julgar por huma simples exposição.

Pretendia o Papa ser Soberano de Inglaterra, e confiou aos Jesuitas o exercicio da sua Soberania. O seu Geral em consequencia disto dispoz dos principaes empregos, por meio de patentes selladas com o seu sello. Cincoenta Jesuitas deliberáraõ unanimemente em Londres mandar assassinar o Rei: o Padre Chaife, Confessor de Luiz XIV., consignou déz mil libras esterlinas para o regicidio; e elles devem offerecer a Coroa ao Duque de York; mas se este a não receber como dadiva do Papa, está certa tambem a sua móрте. Estes Religiosos são os authores do grande incendio de Londres em 1666; no qual adquiriráõ quantias immensas de dinheiro, á força de roubos, e agora meditaõ novo incendio, huma cruel, e horrorosa mortandade, cujo plano tem já formado. Todos elles, para reinar e estabelecer o papismo, se preparáõ para destruir tudo.

Suas deposições a respeito da conspiraçã papista.

Coleman
prezo.

À vista destas deposições de Oates, affenhorea-se da nação o espirito de vertigem. Coleman, Secretario da Duqueza de York, he prezo: achão-se entre os seus papeis huma correspondencia muito indiscreta com o Padre Chaife, e com hum Nuncio do Papa, e della se vêem projectos obscuros, e expressões ambiguas, faceis de envenenar-se. Posto que as suas cartas provaõ só hum zelo imprudente de Catholico, parecem ser próva certa do conloio. O assassínio do Juiz de paz, que tinha recebido a deposição do accusador, avigora as preocupações, e augmenta os temores. Extendem-se as cadeias em Londres, como se estivessem em grande perigo. Toda a Cidade se acha inquieta com os mais sinistros movimentos. (1678.)

Tumulto
em Lon-
dres.

A causa
denuncia-
da ao Par-
lamento.

Tinha Carlos grande juizo para não vêr a falsidade desta conspiração; mas não podia dissipar o erro, nem resistir á torrente. Danby, seu principal Ministro, denuncia a causa ao proprio Parlamento; e este dentro em breve tempo, depois de ter ouvido a Oates, declara que os Papistas tramaõ huma conspiração infernal contra a Religião, e o Estado. Dá-se ao impostor huma habitação no Palacio de Whitehall, com huma tença de mil e duascentas libras esterlinas. Outro malvado, a fim de merecer igual recompensa, apre-

sen-

lenta-se fazendo o mesmo personagem, e accrescenta novos absurdos ás deposições do primeiro. Todos dão crédito a ambas estas falsas testemunhas, como se fossem huns oráculos.

Já o Parlamento não attende a nada; e estabelece hum *test* (hum juramento) no qual o papismo he notado de idolatria. Causa bem singular he vêr que as Leis de huma Nação Christã põe os Catholicos na ordem dos Pagãos! Todo aquelle, que não se sujeitar ao *test*, será excluido do Parlamento. O Duque de York chorando, e protestando conservar a sua Religião secreta, apenas obtem pela pluralidade de dous votos huma excepção a seu favor. Depois disso Danby he accusado por ter vendido a paz á França. Huma das suas cartas, escrita no tempo das negociações de Nimégue, assim o parecia provar. Mas o Rei tinha escrito nella estas palavras com seu proprio punho: *Esta carta he escrita por ordem minha*. Os segredos do Ministerio teriaõ exercitado a inquietação attrevida dos Communs, se Carlos não tivesse em fim annullado hum Parlamento, do qual recebêra n'outro tempo tantos serviços: era este o Parlamento de 1661.

Outro Parlamento, convocado em 1679, segue as pizadas do primeiro. Renova-se a accusação contra o Ministro; **Outro Parlamento persegue o Ministro,**

posto que munido de hum perdão geral do Rei. Defende-se que o perdão da Coroa não pode já mais livrar de huma accusação dos Communs, e se declara que se o accusado não comparecer, será havido por culpado. Comparece Danby, e o mandaõ prender. Isto ainda não he senão hum preludio das emprezas do Parlamento.

Bil para
excluir da
Coroa o
Duque de
York.

Debalde o Rei, para diminuir o odio, que excitavaõ o caracter, e a Religião de seu irmão, o obrigou a ausentar-se do Reino; debalde introduzio no seu Conselho os principaes do partido popular, a fim de adquirir novamente a confiança do Povo: Shaftesbury, eleito Presidente deste Conselho, não deixa de ser menos colerico, e apaixonado contra a Casa Real. Vendo Carlos, que se pretende excluir da Coroa o Duque de York, empenha-se em anteparar o golpe, e offerece limitar muito a prerogativa, de modo que a Religião deste Principe não possa causar desconfiança alguma. Os seus offerecimentos, e instancias não impedem ser o Duque declarado, por hum bil dos Communs, excluso da successão. Se Carlos tivera tido para com a Rainha Catharina de Portugal os sentimentos, que devia a huma esposa virtuosa; se tivera tido filhos da mesma Rainha, teria evitado tão terriveis tumultos.

O famoso Auto do *Habeas corpus*, contra as prisões arbitrárias, he parto deste Parlamento. Todo o preso deve ser produzido, a seu proprio requerimento, perante hum Tribunal de justiça; deve ser accusado, e julgado, no termo prescrito pela Lei; e se os Juizes lhe derem a liberdade, não póde mais ser prezo pela mesma causa. Passou o bil: e he este hum dos fundamentos da liberdade Inglesa.

Auto do
Habeas corpus.

Naõ podendo Carlos suspender os se-
diciosos procedimentos do Parlamento, toma o partido de o dissolver, e nem por isso fica mais tranquillo. Os Presbyterianos de Escocia tinhaõ asassinado o Arcebispo primaz de Santo André. Novos rigores os soblevaõ, e contribuem para que elles se armem. O Duque de Montmouth, filho natural do Rei, mandado a reduzirlos, facilmente o consegue, porque estes fanaticos não tinhaõ por Generaes, senão os seus mesmos sacerdotes. Anima-se porém novamente a fermentação em Inglaterra. Os *Torys*, e os *Whigs*, nomes célebres des d'aquelle tempo, dividem toda a Nação. Estes, oppostos á Corte, pedem que se convoque quanto antes hum Parlamento; aquelles mostraõ hum profundo respeito á vontade do Soberano. Vencem os *Whigs*, e obtem a

Parlamento annullado.

Novos tumultos.

Torys, e *Whigs*.

Terceiro
Parlamen-
to.

convocação de terceiro Parlamento, o qual principia por violencias contra os Torys, sem respeitar nem se quer o Auto do *Habeas corpus*. Sempre, com falso zelo de liberdade, grande he o gosto que ha de fazer se oppressor. (1680.)

Execuções
por causa
da conspi-
ração papis-
ta.

Coleman, e seis Jesuitas foraõ condemnados a mórte, e executados, por causa da conspiração papista, a respeito da qual ninguem queria soffrer dúvidas. Cinco Pares Catholicos accusados do mesmo crime, esperavaõ na prisão a sua sentença. O mais velho, o Visconde de Strafford, velho irreprehensivel, e virtuoso, succumbio aos golpes da injustiça. Posto que os seus accusadores fossem indignos de credito, e absurdas as suas deposições, a propria Camera alta o condemnou. Morreo o Visconde como Heróe, protestando sempre a sua innocencia; e o Povo ficou taõ enternecido da sua mórte, que quasi se desvanecio repentinamente a illusão: pelo menos cessáraõ procedimentos taõ odiosos. Convencido Oates de impostor no Reinado de Jacques II., foi condemnado a ser exposto á vergonha no pelourinho, e a prisão perpetua. Mas o Rei Guilherme o recompensou depois.

Quarto
Parlamen-
to tambem
anpullado.

Conservavaõ os Communs sempre a sua arrogancia, porque a necessidade de dinheiro constituia a Carlos muito flexivel.

Que-

Queriaõ elles que o bill de exclusão, promulgado contra o Duque de York, passasse como Lei do Reino : e declaráraõ que de outro modo não concederiaõ subsidio algum. Foi entaõ necessario cassar o Parlamento. Convoca Carlos para Oxford o quarto Parlamento, esperando que o genio sedicioso de Londres não dominaria nelle ; mas vê frustradas as suas esperanças. Teima-se sobre o bill de exclusão, e até se reprova hum expediente, que os mais furiosos deviaõ achar do seu gosto : era este o desterrar para sempre o Duque de York, o qual poderia vir a ter o titulo de Rei ; mas sem o menor poder, e o herdeiro mais proximo teria Reinado com o titulo de Regente. Este tremendo Parlamento dissolveo-se finalmente do mesmo modo que os outros. (1681.)

Resoluto entaõ Carlos a não expôr-se já mais ás emprezas parlamentarias, abraça o systema de Isabel, systema de economia tão util á Coroa : diminue consideravelmente a sua despesa, e augmenta por este principio os seus meios. Constitue respeitavel a sua authoridade, á proporção que diminuem as suas necessidades : n'humas palavras, chega a ser absoluto nos tres Reinos. A sua mansidão, e os seus merecimentos naturaes o podiaõ
fa-

O Rei por
meio da
economia
chega a ser
absoluto.

Abuso da
authorida-
de, pela
influencia
do Duque
de York.

fazer adorar. Mas por desgraça entrega-se á inclinação do despotismo, ou para melhor dizer, deixa-se governar pelo Duque de York, o qual espalha por toda a parte o terror. Londres he despojada dos seus privilegios: Escossia geme debaixo da tyrannia de huma cruel Inquisição: o irmão do Rei he mais senhor, e he mais bem servido do que o proprio Rei: o que deo motivo ao seguinte pensamento do poeta Waller: *Carlos, a pezar do Parlamento, que não quer que o Duque de York lhe succeda, resolveo fazello reinar d'ante mão.*

Conjura-
ção desco-
berta.

Huma conjuração, tramada pelo Conde de Shaftesbury, em que entravaõ o Duque de Montmouth, os Lords Russel, Grey, Howard, &c. teria podido destruir o Estado, se o impetuoso Shaftesbury, enojado de algumas demoras improvisas, não se tivesse retirado para Hollanda. Os outros foraõ trahidos. Accusando Howard os seus cumplices, comprou o seu perdaõ: Russel, o idolo do Povo, morreu em hum cadafalso com o maior valor: Sidney, que com seu vasto engenho, e principios de liberdade, tinha brillhado no tempo da República, teve a mesma infelicidade, que elle soffreo com igual constancia; de maneira que a si proprio deo o parabem de morrer por hu-

Supplicios
da Russel,
e Sidney.

humana causa, que sempre defendêra como a melhor. O Duque de Montmouth foi perdoado; mas como tivesse retractado a sua confissão, foi obrigado a sahir da Corte. (1683.)

Gozou o Rei de humana authoridade absoluta até a sua morte. O Duque de York, sem dar o juramento do Test, tornou a occupar o seu emprego de Almirante General. A doutrina da obediencia passiva, ou da irresistencia, pareceo estabelecida sobre as ruínas dos principios parlamentarios. A Universidade de Oxford condemnou tambem entre outras muitas as seguintes proposições: *Toda a authoridade civil se deriva originariamente do Povo. A conservação de si proprio he a Lei fundamental da natureza, e suspende a obrigação das outras Leis, quando ellas lhe são oppostas.* Até onde não se teria alargado o poder Monarquico, se passasse a outras mãos muito mais capazes, do que as de Carlos II. Este Principe amavel, dotado de grande juizo, porém imprudente, e corrompido por causa da frouxidão, morreu em 1685, de idade de quarenta e nove annos. Deo indícios de ter vivido como deista, e mostrou-se Catholico á hora da morte, recebendo os Sacramentos da Igreja Romana. Seu irmão foi reconhecido sem custo com o nome de Jacques II.

Principios da obediencia passiva.

Morte de Carlos II. em 1685.

CAPITULO VII.

Faz-se Jacques II. odioso aos Inglezes --- Guilherme, Principe de Orange, o privado do Throno. -- A constituição Inglesa estabelecida.

1685 até
1689.
Jacques
II. exposto
ao odio.

ERA Jacques II. dotado de virtudes, de corage, de muito menos juizo que seu irmão, mas de sufficiente capacidade. Bem podia ser hum dos maiores Reis da Europa, se tivera respeitado mais as Leis, e a religião da sua Pátria. Hum gosto infeliz de authoridade arbitraria, e hum zelo inconsiderado a favor da Igreja Romana, o expozerao ao odio nacional. Em vez de regular o seu estylo de proceder pela experiencia, deixou-se guiar pelos seus principios; e em quatro annos de Reinado cometteo tantos erros, que bem o podemos chamar o author dos seus infortunios.

Principios
admira-
veis, po-
rém mal
sustenta-
dos.

Os seus primeiros passos, os seus primeiros discursos davao annuncios de hum governo recto; tudo ao principio inspirava confiança, e jubilo. Como que os corações voavao para elle. Qualquer prudencia, por mediocre que fosse, teria des-

via-

viado os motivos de tumultos. Mas estas favoráveis prevenções em breve tempo se dissiparão. Posto que o Conselho fosse composto de Protestantes, foubesse que alguns Padres Catholicos, e especialmente Jesuitas, erão os Conselheiros occultos do Monarca. Qual influencia não devião ter nelle as suas suggestões!

Já elle assistia publicamente á Missa, em desprezo das Leis, já tinha levantado direitos sem auto parlamentario, quando o Parlamento foi convocado segundo o costume. Os Torys, ou Realistas dominavão no Parlamento, e consequentemente podia Jacques esperar tudo. Renovou este no seu discurso a promessa de seguir as Leis estabelecidas, e de conservar a Religião Protestante. Deo porém a entender, e máo indicio era este, que poderia passar muito bem sem o Parlamento, se tivesse muita economia com os subsidios. Fizerão-lhe certo o mesmo rendimento, que tinha Carlos II. de hum milhaõ e duzentas mil libras esterlinas.

Sobleva-se o Duque de Montmouth, filho natural de Carlos, contra o Rei seu Tio, a quem qualifica em hum manifesto, de tyranno, e usurpador papista: e o Parlamento declara o Duque criminoso de alta trahição, e concede ao Rei quarenta mil libras esterlinas para affogar

Parlamente
to favora-
vel.

Rebellião
do Duque
de Mont-
mouth.

Execuções
barbaras.

a rebelliaõ. A esta próva de zelo se seguiu a perda de Montmouth, que foi preso, e executado. Perdia Jacques bella occasiã de ser amado por meio da clemencia. O peor foi constituir-se elle odioso por via das barbaridades. Com o pretexto de castigar os culpados, hum Coronel feroz, e principalmente o Regedor da Justiça Jefferies, se banháraõ em sangue. Várias mulheres distinctas foraõ condemnadas ao supplicio, por ter recebido caritativamente alguns fugitivos; e Jefferies, carregado da abominação pública, chegou a ser Chancellor do Reino.

Tudo parece estar
sujcito.

Parece todavia estar tudo tranquillo, e sujeito. O Parlamento de Escossia mais respira escravidã; do que independencia. Os seus autos, reconhecendo o poder *absoluto* do Rei, sãõ confórmes com a vontade do mesmo Rei. O Parlamento de Inglaterra concede hum subsidio muito maior, do que se pedio, posto que o Rei tenha dispensado a todos do Test, estabelecido no ultimo Reinado contra a Religião Catholica. Mas esta dispensa, que os Commons não se atrevem a sujeitar ao seu exame, intentaõ os Pares examinar. Não pôde Jacques soffrer sombra alguma de opposição, e proroga o Parlamento.

Dispensa
do Test.

Grande
credito do
Padre Pe-
ters,

Renovaõ-se entãõ as inquietações contra o papismo, fundadas em próvas mui-
to

to persuasivas. O Padre Peters , Jesuita , confessor do Rei , e zeloso intrigante , era a alma do Conselho privado. Logo ao principio representou o Embaixador de Hespanha quão perigosa podia ser aquella excessiva confiança nos Padres , e perguntando-lhe Jacques , se o Rei de Hespanha não consultava o seu confessor , o Embaixador respondeo-lhe sinceramente : *Sim, e essa he a razão , por que os nossos negocios se dirigem tão mal.* Já se via o Duque de Ormond , e outros illustres Protestantes , perder o seu credito ; viaõ se vários Cavalleiros , e Ministros abraçar a Religião Romana , e o poder de dispensar Leis , considerado até entãõ como hum prerogativa Real , chegou a ser hum problema , depois de prohibir-se o seu exame. Os animos se agitavaõ a respeito de hum questão tão delicada. Eis aqui o tempo , em que a imprudencia do Rei já não conhece limites.

Motivos
de inquietude
para
a Nação.

Ao mesmo tempo que a revogação do Ediçto de Nantes , e os clamores dos Francezes refugiados irritaõ os inimigos implacaveis do Catholicismo , estabeleceo Jacques II. hum Tribunal arbitrario , semelhante á Suprema Commissão de Isabel , no qual o Bispo de Londres he suspenso , por ter respeitado hum Ministro , que pregava contra a Doutrina de Roma. Pre-

Grandes
erros do
Rei , por
zelo de Catholicismo

ten-

tendendo Jacques introduzir os Catholicos nas Universidades, quebranta os seus privilegios. Permite huma tolerancia universal, de que bem se vê que só os Catholicos são o verdadeiro objecto. Manda hum Embaixador extraordinario ao Papa; e toda a correspondencia com Roma era todavia prohibida, como crime de alta traição. Recebe em Londres hum Nuncio do Papa, o qual sagra Bispos, publica instrucções Pastoraes, e parece viver n'hum Paiz de obediencia. Finalmente os desvios deste Principe são tantos, e tão perigosos, que o mesmo Innocencio II. estranha o excesso do seu zelo, e a Corte de Roma antevê as suas funestas consequencias.

Processo
de seis Bis-
pos.

Seis Bispos não quizerão publicar a declaração da tolerancia, que elles achavam illegal, e por isso logo foram presos. Corre o Povo a fahir-lhes ao encontro, commovido entranhavelmente do respeito, e magoa; e os soldados, que os guião, mostraõ os mesmos sentimentos. Instrue-se o seu processo com equidade, a pezar da inclinação da Corte; de maneira que são absolvidos pelos Juizes, e o jubilo público se manifesta sem temor; signal evidente de huma fermentação prestes a abraçar o Reino, e que vários abusos do poder constituirão mais violenta. Vio-se nascer hum Principe de Galles, hum her-
dei-

Fermenta-
ção públi-
ca.

deiro da Coroa , e este successo servio sómente de occasionar calumniosos rumores contra a virtude da Rainha. (1687.)

Tinha Jacques duas filhas , Maria e Anna , a primeira casada com Guilherme, Principe de Orange , e a segunda com o Principe Jorge de Dinamarca. Huma revolução podia exaltar Guilherme ao Throno de Inglaterra. Este atilado , e ambicioso politico parecia occupado n'outro objecto ; não se embaraçando com os negocios de Jacques , testemunhando-lhe extremado apego , entregando-se demais disso ao intento de humilhar a Luiz XIV. , e excitando a célebre Liga de Ausburgo , de que brevemente trataremos. Guilherme porém nem por isso estava menos disposto a aproveitar-se do descontentamento dos Inglezes , os quaes já reclamavaõ o seu soccorro. O nascimento do Principe de Galles era mais hum motivo para romper com hum Sogro , a quem elle não amava. Desapprovava o seu procedimento ; perdia a esperança de succeder-lhe ; tudo o convidava para abraçar hum partido violento ; e com effeito o abraçou , e a sua prudencia lhe assegurou o feliz exito del-
le.

Politica
do Principe
de Orange,
genro de
Jacques.

Tinha-se o Rei constituido odioso a todos os partidos ; prôva certa de hum pessimo governo. Os Torys , e os Bispos
taõ

Todos os
partidos
contra o
Rei.

Guilherme
os lisonjea
a todos, e
arma oc-
cultamēte.

taõ devotos da Coroa, segundo os seus principios, quasi que pensavaõ como os Wighs. Os Anglicanos, e os Presbyteria- nos esqueciaõ-se das suas disputas religio- sas; para desejar o fim de huma oppres- saõ commum. Guilherme os lisonjeava a todos. Os seus emissarios lhe grangeavaõ infinitos seguidores, ao mesmo tempo que elle fazia immensos preparos de guer- ra. O que causa maior admiracão, he ter- se conservado inviolavelmente o segredo. O armamento do Stathouder parecia amea- çar a França, e era natural que o attri- buissem á Liga de Ausburgo.

Recusa
Jacques os
offereci-
mentos de
Luiz XIV.

Com tudo o Conde de Avaux, Em- baixador de Luiz XIV. na Haya, adivi- nha o mysterio, e avisa o seu Monarca. O qual prevenio o Rei de Inglaterra, of- fereceo-lhe huma esquadra, offereceo-lhe mandar fazer huma diversão nos Paizes Baixos; mas Jacques não deo crédito a nada, rejeita altivamente huns soccorros taõ necessarios, e fica socegado em meio do precipicio. Cegueira incomprehensivel, especialmente n'hum tempo, em que a Esquadra Ingleza estava amotinada, e o Exercito de terra disposto para a rebel- liaõ; pois as empresas contra as Leis, e contra a Religião hiaõ sempre continuando.

Chegaõ finalmente de Hollanda noticias certas, de que o Principe de Orange está prestes a fazer huma invasaõ. Interdicto entaõ o Rei, tremulo, e cobarde, retracta as suas ordenações, e empenha-se em reparar os seus erros; mas não era já tempo. Descreve Guilherme fortemente em hum manifesto todos os agravos dos Ingleses; annunciando que está disposto para vir com tropas, a fim de aguardar a Nação dos perniciosos Conselhos, que cercão o Rei, e vêr convocar hum Parlamento livre, que segure a conservação da liberdade, e examine a legitimidade do Principe de Galles. Este Manifesto, que procede com os desejos do público, he o signal de huma prompta revolução.

1688
Abre Jacques os olhos, mas muito tarde.

Manifesto de Guilherme.

Parte com effeito Guilherme com huma frota de quasi quinhentas vélas, e mais de quatorze mil combatentes, e apenas desembarca, em 15 de Novembro, correm a recebello infinitos Cavalleiros, e Officiaes Ingleses. Churchill, que depois foi Duque de Marlborough, valido de Jacques, e seu Tenente General, não duvida trahir o infeliz Rei. O Principe de Dinamarca, seu genro, a Princeza Anna, sua filha amada, o abandonão cruelmente. Perde Jacques o animo, desconfia do seu Exercito, temé o Parlamento, e foge, sem tentar pelo menos a fortuna.

Prompta revolução; fugida do Rei.

Pren-

Prendem-o : o Principe de Orange nega-lhe huma conferencia , e remette-o preso para Rochester perto do mar ; mas como hum preso semelhante não podia deixar de causar grande cuidado , facilita-lhe a fuga para França.

1689.
O Throno
declarado
por vago.

Debates
parlamen-
tarios.

Quanto mais offendia á natureza , e ao direito das gentes , esta empreza contra hum Soberano , contra hum Sogro , tanto maior foi o cuidado que Guilherme , bem que amator da liberdade , teve em dar traça para não ser arguido de usurpação. Convoca-se o Parlamento , e ajunta-se , simplesmente como *convenção* ; porque o nome de *Parlamento* suppõe huma convocação do Rei. Os Communs declarão que “ tendo-se Jacques II. empenha-
,, do em destruir a Constituição do Rei-
,, no , rompendo o *contrato original* entre
,, o Rei , e o Povo , tendo violado as Leis
,, fundamentaes , por conselho dos Jesui-
,, tas , e de outros espiritos perniciosos ,
,, e tendo fugido do Reino , abdicou o
,, governo , e por conseguinte o Throno
,, acha-se vago. ,, Depois de grandes , e
fórtes disputas na Camera alta sobre a realidade do contrato nacional , violação delle , e finalmente sobre a vacancia do Throno , foi inteiramente recebida a declaração dos Communs. Este Auto he hum dos mais memoraveis na Historia.

De-

Delibera-se depois disso, se ha de ser nomeado hum Rei, ou hum Regente; e entã he que o Principe de Orange descobre a sua ambição; pois declara a alguns Cavalleiros, que não se metterá mais nos negocios do Reino, ou se estabeleça huma regencia, ou se consigne a Coroa á Princeza Maria, sua Espôsa, filha primogenita de Jacques; n'humal palavra, senão tiver mais do que huma dignidade precaria, dependente de outra qualquer pessoa. Não podendo o Parlamento retroceder, e conformar-se as duas filhas de Jacques com o Principe Hollandez, determina-se que Guilherme, e Maria possuirão juntamente a Coroa; que Guilherme terá sómente a administração; e que a Princeza Anna succederá depois de sua morte, e a sua posteridade depois da posteridade de Maria.

A Coroa
dada a Gui-
lherme, e
a Maria
juntamen-
te.

Huma declaração, junta a este regulamento, estabelece os direitos da Nação; e restringe a prerogativa Real. Os Artigos essenciaes são os seguintes. O Rei não pôde suspender as Leis, nem a execução das Leis, sem approvação do Parlamento. Não pôde erigir Tribunal Ecclesiastico, nem outro algum Tribunal. Não pôde pôr imposto algum pecuniario, sem o consentimento do Parlamento, nem tirar dinheiro algum de outro qualquer modo ou por

Direitos
da Nação
regulados.

tempo mais dilatado, do que tiver sido concedido. Não pôde levantar, ou manter hum Exercito, sem o consentimento do Parlamento. Os vassallos tem direito de apresentar ao Rei petições, sem que por isso possaõ ser presos, nem perseguidos. Os vassallos Protestantes pôdem ter armas para sua defeza, do modo que pelas Leis he permittido. As eleições devem ser livres; e os discursos, ou os debates do Parlamento não devem ser examinados, senão no mesmo Parlamento. Não se deve nem exigir fianças excessivas, nem impôr condemnações exorbitantes, nem condemnar a penas muito cruéis. Os Jurados, nos processos de alta trahição, devem ser Membros das Communidades. Para remediar os abusos, he necessario convocar frequentemente os Parlamantos.

Novo juramento.

Aos antigos juramentos, substitue-se outro novo, o qual declara, que *nenhum Principe, Prelado, Estado, ou Soberano Estrangeiro, tem nem deve ter jurisdicção alguma, poder, superioridade, preeminencia, authoridade ecclesiastica, ou espirital no Reino*. He este hum divorcio eterno com o Summo Pontificado.

A prerogativa real
sêpre muito
ampliada.

Deste modo foi estabelecida a constituição Inglesa pela Junta nacional. Provavelmente teria sido mais coarctado o poder da Coroa, e talvez até ao ponto em
que

que o veremos na Suecia , se as tropas de Guilherme III. não tivessem causado algum temor , ou se a sua indúſtria não influíra nas deliberações. Hum Rei , ſenhor de convocar , prorogar , diſſolver o Parlamento ; negar o ſeu conſentimento aos Bills , que não tem força de Lei , ſe não depois do conſentimento dado ; hum Rei , ſenhor dos lugares do Conſelho , dos cargos maiores , e de todos os empregos principaes ; cujo rendimento importa em mais de tres milhões de libras eſterlinas , ſem comprehender o rendimento dos beneficios ; hum Rei , que por conſeguinte tem meios immenſos , para que os homens capazes de o ſervir ſigão ſempre o ſeu partido ; hum Rei , que eſtá de poſſe do direito , aſſim da guerra , como da paz , da adminiſtração da juſtiça , e da adminiſtração geral do Eſtado , ſem dar contas a peſſoa alguma ; por ventura o poder de hum Rei ſemelhante não deve cauſar deſconfiança a hum Povo tão zeloso de huma grande liberdade ?

Mas o poder real tinha huma grandíſſima oppoſição na neceſſidade de recorrer ao Parlamento por cauſa dos ſubſídios , naquelle eſpirito de liberdade attento ſempre ao proceder do governo , e ſempre prompto para o cenſurar com ouſadia ; no imperio das Leis , infinitamente amadas ,

O que limita neceſſariamente a prerogativa real.

e respeitadas por hum Povo altivo, o qual julga depender dellas a sua felicidade; na opiniaõ pública, capaz de pôr em movimento todas as partes do Estado, se houver a imprudencia de ir contra ella; na energia do caracter elevado, e profundo juizo destes insulares; e finalmente na propria lembrança das revoluções, que tantas vezes abalárao o Throno.

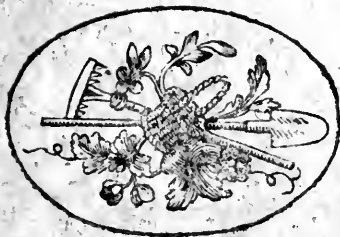
Guilherme
III. sempre
inquietado
pelos seus
vassallos.

Guilherme, que mais era Rei em Hollanda, do que em Inglaterra, experimentou todo o tempo do seu Reinado quaõ difficuloso era governar os Inglezes. Ao principio só lhe concedêrao a sua renda, por tempo limitado, e breve; estabeleceo-se a quantia destinada para a despeza da sua casa, e regulou-se que o resto dos dinheiros públicos estaria sujeito á inspecção do Parlamento: n'huma palavra, teve este Rei motivos para arrepender-se de ter desejado ancioso hum Coroa, que para elle era hum manancial de dissabores.

Jacques II.
se vilifica
em França.

Agora veremos como Luiz XIV., em guerra com toda a Europa, fez os maiores esforços para restabelecer a Jacques II.; mas este já não parece, senão hum Principe desprezado, sem corage, nem prudencia, e o devoto dos Jesuitas; a propria França, testemunha do seu abatimento, o julgará digno das suas infelici-

idades. Como Duque de York, parecia capaz de reinar; e como Rei, pareceo perder todo o merecimento de Duque de York. Tanto pôde o infortunio abater as almas, que não conheciaõ outro movel para obrar, senão o poder, ou as contradições! tão grandes são as luzes, que a piedade, tão propria para excitar ás obrigações, exige nos lugares superiores, para discernir as legitimas obrigações, das simples práticas de devoção!



É P O C A

D E L U I Z X I V .

L I V R O I I I .

*Des da guerra de 1688, até o congresso
de Uireque em 1712.*

C A P I T U L O I .

*Liga de Ausburgo contra Luiz XIV. ---
Sustenta este a guerra com feliz succes-
so contra a Europa quasi toda.*

O famoso
Principe de
Orange so-
blevava a
Europa cõ-
tra Luiz.

DE todos os inimigos de Luiz XIV., nenhum era mais para temer, em razão dos seus talentos, e implacavel odio, do que o famoso Principe de Orange, despresado entãõ levemente pelos Francezes, por não ter sido feliz na guerra. A força de exagerar a ambição de Luiz, de o descrever como aspirando á Monarquia Universal, de insistir a respeito das suas violentas emprezas, e de fazer temer as consequencias dellas, ateava este Príncipe,

pe, havia muito tempo, hum fogo, que não podia deixar de abraçar em breve tempo a Europa. Por meio da Liga de Ausburgo de 1686, confirmada em Veneza no anno seguinte, reunio os confederados da ultima guerra, para a conservação dos Tratados de Munster, e Nimegue. O Papa Innocencio XI. o favoreceo, sem ter correlação com hum Principe herege. As discordias entre França, e a Corte de Roma sempre se inflammavaõ cada vez mais.

Liga de Ausburgo.

Pretendia Luiz alcançar o Eleitorado de Colonia para o Cardeal de Furstenberg, Bispo de Strasburgo, inteiramente afferrado aos seus interesses. A pezar das protestações de muitos Conegos, conseguiu-se fazello eleger Coadjutor; mas o Papa Innocencio declarou nulla a eleição. Hum Principe de Baviera, de idade de dezasete annos, já Bispo de Ratisbona, provido por hum Breve de dispensa (porque a politica não he escrupulosa a respeito dos Canones), foi depois disso preferido ao Cardeal, com applauso de todo o Imperio. Além deste motivo de guerra, havia ainda outros dous. Reclamavaõ-se, mas debalde, certos direitos, ou legitimos, ou suppostos, da Duqueza de Orleans, Princeza Palatina, a respeito da successão do Eleitor Palatino, seu irmão, e o Imperio não

Vã tentativa para eleger hũ El-itor de Colonia, amigo da França.

Outros aggravos do Rei.

Rompe
Luiz a tre-
goa.

naõ tinha querido mudar a tregoa de Ratisbona em paz perpetua : tanto naõ era necessario para o Rei armar. Enojado este da Liga de Ausburgo , e impaciente por prevenir os seus intentos , rompeo a tregoa , e deo sobre a Alemanha.

Leopoldo
fazia aos
Turcos hu-
ma guerra
feliz.

Achava-se o Imperador Leopoldo em situaçaõ mais vantajosa , do que d'antes. Buda tinha sido tomada por assalto aos Turcos em 1686. Desbaratados estes em Mohacz no anno seguinte pelo Duque de Lorena , e pelo Eleitor de Baviera , tinham perdido a Esclavonia. Os Estados de Hungria pouco havia que tinham derogado a antiga Lei , que permittia depôr o Soberano no caso que elle violasse os privilegios ; e naõ havia muito que tinham constituido hereditaria a Coroa a favor dos filhos varões da Casa de Austria , e consentido em receber as guarnições Imperiaes. A razãõ disto era ter o Imperador confirmado os privilegios dos Hungaros , e incorporado a este Reino as conquistas feitas aos Turcos. Finalmente , José , seu filho primogenito , era já coroado Rei de Hungria. Cumpria porém continuar por esta parte : diversaõ favoravel á empreza de Luiz XIV. E ao mesmo tempo , que os Imperiaes forçavaõ Belgrado , e subjugavaõ a Servia , hum Exército de cem mil homens , capitaneados

Coroa de
Hungria
hereditaria.

1688
França ar-
ma.

pe.

pelo Delfim , atemorizou o Imperio todo.

Com defanove dias de sitio , senho- Tomada
de Philips-
burgo, &c.
rea-se o Delfim de Philipsburgo. Mogun-
cia , Manheim , Spire , Wormes , e Tre-
veris estão nas mãos dos Francezes. O
Palatinado he inhumanamente entregue ás Palatinado
saqueado.
chammas , em 1689 ; mais de quarenta

Cidades , e infinitas aldeas queimadas , to-
do este delicioso Paiz saqueado : que mo-
numento horroroso do que se chama di-
reito da guerra , ou para melhor dizer ,
da horrifica crueldade de Louvois ! pois
que elle fora quem movera o Monarca a
passar ordens tão crueis. Era logo impos-
sível por ventura que os inimigos entra-
sem algum dia no Reino ? E se entrassem
nelle , quantas represalias não se deviaõ
esperar ? A boa politica respeita a huma-
nidade.

Nesta occasião he que Jacques II. , fu- Procedi-
mento de
Jacques II.
em França.
gitivo sem ter combatido pela sua Coroa ,
procurava azylo em França ; onde mais
se mostrou Jesuita , do que Rei. Próva he
da pouca estimação , que elle inspirou , o
dito indecoroso de Tellier , Arcebispo de
Reims : *Bom homem he este , que abando-
nou tres Reinos por huma Missa !* A sua
religião o teria certamente constituido ad-
miravel , quando a ella tivesse unido as
qualidades de hum Principe , e de hum

He-

Heróe. Mostras assignaladas deo Luiz XIV. da sua magnificencia a favor delle, e taõ grande se deixou vêr, quaõ pequeno parecia Jacques.

Passa Jacques para Irlanda, onde se porta muito mal.

Sitio de Londonderry.

1690
Os Franceses, e nhores do mar.

Batalha do Boyna.

Huma fôrte esquadra Franceza transporta para Irlanda o Rei privado do Throno, e promptamente lhe chegaõ novos soccorros. Acha Jacques os Irlandezes dispostos a servillo, e he recebido em Dublin com grandes demonstrações de jubilo. Mas quanto maior he o zelo de que os Catholicos daõ mostras, tanto menos elle respeita os Protestantes. Londonderry, Cidade pouco consideravel, onde dominava a Religiaõ Protestante, e o Ministro Walker dava as ordens, e inspirava o enthusiasmo, he o primeiro escolho, onde elle vai precipitar-se. Levanta o sitio desta Praça, depois de ter perdido nelle nove mil homens. No seguinte anno (1690), alcança Tourville, Vice-Almirante de Luiz, huma victoria completa contra as frotas Ingleza, e Hollandeza, unidas na altura de Dieppe: victoria, que allegurou á França o Imperio do mar, perto de dous annos. Esta vantagem he inutil ao infeliz Principe, porque tudo quanto faz he cahir em erros.

Passa Guilherme á Irlanda, e Jacques quer expor-se aos riscos de huma batalha. Ambos os Exercitos, cada hum quasi de qua-

quarenta mil homens , estão á vista , passando por entre elles o rio de Boyna. Ao mesmo tempo que Guilherme examina o terreno , huma bala desflora lhe a espada. Os inimigos o julgaõ morto , e triumphão ; mas elle depois de socegar as suas tropas , e examinar as linhas a cavallo , ordena o combate para o seguinte dia. A acção foi decisiva. Elle passou o rio por entre os maiores perigos. O Marechal de Schomberg , que combatia a seu favor com os Francezes refugiados , perdeu a vida , sem que esta infelicidade tivesse as consequencias que se podiaõ recear. Os Irlandezes , quasi sempre vencidos facilmente no seu Paiz , fugirão logo : só os Francezes combatêraõ com valor , e se retiraraõ em boa ordem ; mas não appareceo Jacques , n'huma occasião , em que lhe era muito importante dar exemplo. Brevemente o tornou a vêr França , menos digno do que nunca dos sacrificios , que lhe fazia.

Jacques
vencido.

Em duas campanhas ficou Irlanda totalmente sobjugada pelos Generaes de Guilherme. Posto que Luiz tivesse mandado tres mil homens , e provimentos immensos para Limerik , esta Praça essencial capitulou. Hum perdaõ geral , concedido aos Irlandezes com a liberdade de consciencia , era o meio de os fazer seguir o

Irlanda
sobjugada
por Gui-
lherme.

par-

partido do novo governo. Com tudo doze mil Irlandezes se aproveitavaõ da licença, que lhes davaõ para retirar-se, e França veio a ser a sua Pátria; mas não traziaõ consigo para ella, nem a industria, nem as riquezas, perdidas pela emigração dos Protestantes.

Inimigos
de Luiz
XIV.

Já Luiz XIV. tinha contra si Inglaterra, Hollanda, Hespanha, o Duque de Saboya, e quasi toda a Italia, ligadas com o Imperador, e com a maior parte do Imperio. Taes eraõ ainda os seus recursos, e o vigor do governo, que elle conservou nesta guerra a superioridade das suas armas. Examinemos sómente neste lugar os successos mais memoraveis.

Sitios de
Bonn, e
de Mo-
guncia.

Carlos V., Duque de Lorena, e o Eleitor de Baviera, tomaõ outra vez em 1689 Brun, e Moguncia. Estas Cidades mal fortificadas foraõ admiravelmente defendidas, a primeira, pelo Barão de Asfeld, que ficou mortalmente ferido n'hum assalto geral; a segunda, pelo Marquez (depois Marechal) de Uxelles, o qual depois de vinte e huma fortidas, se rendeo por falta de polvora. Quando o Marquez de Uxelles voltou, deraõ-lhe grandes apupadas em Pariz, estando no Theatro. Os Francezes, muito acostumados á victoria, ajuizavaõ pela sua presumpção.

O Principe de Waldeck venceo , e derrotou no mesmo anno o Marechal de Humieres em Valcour nos Paizes Baixos. Mas este Principe foi desbaratado em Fleurus em 1690 , pelo Marechal de Luxemburgo , aborrecido por Louvois , e eleito todavia pelo Monarca. O combate de Leuze , em 1691 , em que vinte e oito esquadrões desbaratárao setenta e cinco ; a sanguinolenta batalha de Steinkerque em 1692 , e a de Nerwinde em 1693 , na qual o Rei Guilherme ficou vencido ; coroárao a gloria de Luxemburgo , digno discipulo do grande Condé. Nestas ultimas acções , alguns Principes de sangue ainda moços combatêrao com valor heroico. O filho do famoso Turenne , seguindo o seu exemplo , perdeu a vida : o Rei tomou em pessoa Mons , e Namur , e Guilherme , na frente de hum grande Exercito , não pode soccorrer esta ultima Praça.

Campa-
nhas do
Marechal
de Luxem-
burgo.

Batalhas
de Steink-
erque, e
de Ner-
winde.

Por outra parte vio-se o Marechal de Catinat Philosopho guerreiro , sempre o mesmo em todos os grãos da fortuna , alcançar contra o Duque de Saboya , em Stafarde , huma victoria completa , a que se seguiu a tomada de Suzze , Villefranche , Montalban , Nice , Montmelian , &c. (1691.) Obrigado Catinat a ter-se em defenſa , por haver sido cha-

Campa-
nhas de Ca-
tinat.

Batalhas
de Stafar-
de , e de
Marsaille.

ma-

mada huma parte das suas trópas, ainda o viraõ acometter, e vencer o Duque em Marsaille, assim que teve forças sufficientes para o combater sem imprudencia. (1693.) Vingáraõ se entaõ os Francezes no Piemonte das affolações, que o Principe tinha feito no Delfinado.

Guerra em
Alemanha,
e Catalu-
nha.

Hum Exercito Francez, capitaneado pelo Marechal de Lorges, teve tambem felizes successos em Alemanha, onde a guerra não era tão viva. O Marechal de Noailles teve maiores successos em Catalunha: pois tomou Roses (1693), Palamoz, Gironne, &c. (1694), depois de ter vencido huma batalha nas margens do Ter. O Rei de Hespanha não tinha dinheiro para pagar trópas, e vio-se reduzido a cercear a terça parte dos ordenados dos seus officiaes, ainda militares; a vender os Vice-Reinados do Mexico, e Peru; e a pedir emprestado a quinze por cento. O credito ficou arruinado com os erarios, e muito tempo havia já que Hespanha exauria de ouro o novo mundo, em beneficio dos outros Póvos. Era esta Monarquia semelhante a hum colosso, que cahe desfeito em pó.

O Rei de
Hespanha
sem dinhei-
ro.

Exhauri-
do Luiz
por causa
das suas
victorias,
offerece a
paz.

Victoriosa porém a França sem adquirir outra cousa senaõ gloria, arruinava-se tambem com vãos triunfos: o que Luiz XIV. não pode deixar de conhecer, pois que

que em 1694 offereceo a paz, e a restituição das suas conquistas. Os inimigos, ou fosse por desconfiança, ou por ambição, ou por odio, rejeitáráo entã o mesmo, que em Riswick virão a acceitar em 1697. Eraõ fallecidos Louvois, e Luxemburgo; perdas difficultosas de reparar-se, des que a guerra não acabava. O primeiro, muito cruel, e amigo da violencia, excedia ainda assim em muitas partes do Ministerio: o segundo, a pezar da invéja, que o perseguia, substituiu gloriosamente os Condés, e os Turennes.

Guilherme III. vencido, e derrotado muitas vezes, e por esta razão muito pouco estimado em França, bem que foubes-se admiravelmente exaltar-se depois de qualquer vencimento, provou muito bem que o successo das armas nem sempre decide da capacidade do General. Tinhaõ todos considerado, como hum portento, a tomada de Namur por Luiz XIV., á vista de hum Exercito de oitenta mil homens, capitaneados por Guilherme, o qual foi ridiculizado por não ter podido salvar a Praça. Elle todavia tomou outra vez Namur, a pezar dos maiores obstaculos. O Marechal de Boufflers, tão bom General, como virtuoso Cidadão, tinha dado sobre ella com sete regimentos, e a guarnição era numerosa. O Marechal de Ville-

1695
Toma Guilherme novamente Namur, do mesmo modo que Luiz a tinha tomado.

leroi achava-se nas margens do Mehaigne, na frente de mais de oitenta mil homens, e não fez nada. A defeza foi forte, e dilatada; mas Guilherme triunfou. O Parlamento de Inglaterra, que o desgostava, e todavia era prodigo em conceder tudo por causa do odio, que tinha á França, havia dado para esta campanha mais de quatro milhões e setecentas mil libras esterlinas. Os subsidios foram enormes neste Reinado: não se podia sustentar a guerra sem exhaurir-se.

Combate
de Hogue
em 1692.

As esperanças do Rei Jacques se desvanecêrão quasi inteiramente des do anno de 1692, depois da famosa batalha de Hogue. Duas grandes Esquadras Francezas devião unir-se para hum desembarque em Inglaterra; mas o vento contrario impedio a união. Tourville, fô com quarenta e quatro náos, foi acomettido pelos inimigos, que tinhaõ perto de cem, e todavia defendeo-se antes de succumbir, por espaço de dez horas. Perseguidos os Francezes por espaço de dous dias, perdêrão quatorze náos grandes, e o imperio do mar. *Salvou-se Tourville* ? perguntou o Rei quando teve esta noticia: *quanto ás náos pôdem-se achar outras; mas não se acharia facilmente hum Official como elle.* Saber honrar o merecimento, e inflammam o zelo dos que o serviaõ, era

Perda da
França.

era huma das melhores qualidades de Luiz XIV.

Dieppe, Havre de Graça, S. Maló, Calais, e Dunkerque, foraõ bombeadas pelos Inglezes. Que lucro se tinha tirado de inventar as galeotas de bomba? A sua *máquina infernal*, muito mais terrivel, se o seu exito fora feliz, por felicidade ficou frustrada. Bem que distante, o seu impulso quebrou todas as vidraças de São Maló, arruinou infinitos telhados, e abalou a terra até tres legoas de distancia. Bruxellas, pertencente á Hespanha, foi a victima das vinganças destes bombardeios; e deste modo a guerra no seculo da polidez conservava ainda as suas atrocidades.

Bombar-
deios; *má-
quina in-
fernal.*

Estendia-se esta até ás extremidades do mundo; porque onde os Europeos introduziaõ a sua admiravel indústria, tambem introduziaõ as suas destruidoras animosidades. Os Hollandezes tomáraõ Pondicheri á França; os Inglezes affoláraõ São Domingos; os Francezes saqueáraõ a Jamaica. Pointis, Chêfe da Esquadra, unido com os aventureiros, sorpresou Carthagena, onde os Hespanhoes experimentáraõ huma perda consideravel, avaliada em vinte milhoes. Duguai-Frouin, e João Bart, dous Corsarios dignos dos primeiros grãos militares, arruináraõ o Commer-

Expedi-
ções para
Asia, Ame-
rica, &c.

cio dos inimigos , que arruinavaõ o da França.

Creacão
do Eleito-
rado de
Hannover.

Tinha-se levantado no Imperio huma grande divisaõ , a respeito de hum nono Eleitorado , creado por Leopoldo des do anno de 1692 , a favor do Duque de Brunswick-Lunebourg-Hannover. O Imperador tinha-lhe dado a investidura , os Principes tinhaõ protestado , e formado tambem huma Liga em Ratisbona. Se Leopoldo não suspendêra em 1693 os effeitos da investidura , huma grande parte da Alemanha , em vez de combater contra a França , teria provavelmente voltado as armas contra elle. Este nono Eleitorado foi hum motivo de tumultos , até o Reinado de José , em que os Estados o approváraõ em 1708. Se a guerra se fez nesta parte com toda a brandura , nenhuma admiracão deve causar. Os Alemães obra-vaõ pouco , e Luiz trazia por outras partes as suas maiores forças.

Tumultos
a este res-
peito.

CAPITULO II.

*Paz de Ríswick , necessaria a Luiz XIV. ;
posto que vencer. --- Paz de Car-
lowitz , em que os Turcos rece-
bem Leis.*

ESTA guerra , sem necessidade , cujo principio era o odio , que Luiz XIV. tinha attrahido a si , inspirando demasiado terror , e que elle teria evitado limitando-se a ser o arbitro da Europa ; esta guerra , que não se deve attribuir tanto ás suas paixões pessoases , quanto ao genio despotico , e conselhos violentos do seu Ministro Louvois , causava males infinitos ao Reino , e opprimia hum Povo coroado ainda pela victoria. Não se sustentava esta guerra , senão a poder de impostos , ou de expedientes prejudiciaes ao Estado. A obstinação dos inimigos arredava a paz , que elles mesmos deviaõ desejar com maior ardor. Era necessario desannexar da sua confederação algum dos seus membros ; dividir os que se achavaõ inflexiveis , estando unidos. A politica flexivel , e ambiciosa de Victor Amadeo , Duque de Saboya , conformou-se por interesse com as idéas da Corte de França.

A guerra
arruinava a
França vi-
ciolosa.

Obstina-
ção dos
inimigos.

1696
El-Rei at-
trahe o Du-
que de Sa-
boya, ao
seu parti-
do;

Para o
que contri-
bue Inno-
cencio XII.

Trouxe-o Luiz XIV. ao seu partido concedendo-lhe o que elle mais podia de-
sejar; a restituicão dos seus Estados, Pi-
nheirol, (posto que arrazada), as hon-
ras das testas coroadas, quatro milhões,
e o casamento de sua filha com o Duque
de Borgonha, filho do Delfim. Catinat
concluiu o tratado. Innocencio XII. (Pi-
gnatelli (tão favoravel á França quaõ con-
trario lhe foi Innocencio XI.) não con-
tribuio pouco para resolver o Duque de
Saboya. O que o Papa mais desejava era
especialmente a tranquillidade da Italia:
motivo porque o seu maior desejo era que
esta ficasse natural. Não querendo os al-
liados consentir nisto Victor Amadeo unio
as suas armas ás de Luiz XIV.

1697
Negocia-
ções, e tra-
tado de
Rifwick.

A sua separação estorvou tanto mais a
grande alliança, quanto o vêr que Luiz
tinha ainda quatro exercitos prontos, e o
tomar o Duque de Vendome Barcelona,
depois de ter vencido, e derrotado os
Hespanhoes. Negociava-se em Rifwick,
junto a Haya, e a Suecia era a Media-
neira. A mediação do Papa, já inutilmen-
te offerecida para a paz de Nimegue,
não tinha sido acceita, e a Corte de Ro-
ma não podia deixar de perder toda a in-
fluencia nos negocios da Europa. Qua-
tro tratados, concluidos pelos fins do an-
no de 1697, seguráraõ a paz geral, cu-
jas

jas condições parecem humildes para Luiz, bem que elle mesmo as tivesse proposto victorioso, e conquistador.

Este Principe restitue á Hespanha tudo quanto ella tinha perdido durante a guerra, Luxemburgo, Mons, Ath, Courtray, Barcellona, &c. com tudo quanto as Cameras de Metz, e Brisac tinhaõ unido ao dominio. Este o fructo destas uniões violentas ! Reconhece Rei de Inglaterra aquelle mesmo Guilherme, seu inimigo pessoal, que era tratado em França de perfido usurpador, e cuja ambição causára guerras tão funestas. Quanto á Hollanda esteve Luiz pelós Tratados de Munster, e Nimegue. Restitue ao Imperio Kehl, e Philipsburgo ; e ao Imperador, Friburgo, e Brisac. Consente que sejaõ arrasados os fôrtes edificadoss além do Rhin, abandona as reuniões feitas fóra da Alsacia, exigindo todavia que nos lugares, que forão unidos ao Dominio da Coroa, ficará a Religião Catholica no mesmo estado, em que se achar. Nisto os Protestantes tiveraõ muita difficuldade em consentir.

França cedeu muito, como se fora vencida.

Finalmente restabelece Luiz o Duque de Lorena Leopoldo, filho de Carlos V., desmantelando porém as suas Praças. Leopoldo, que tão pequeno era, se olhamos sómente para o poder, he hum grande

Leopoldo, Duque de Lorena, grande Principe.

de Príncipe nos olhos da humanidade, sabedoria, e prudencia. Roubando-lhe todos os cuidados a felicidade dos seus vassallos, fez com que estes se esquecessen das infelicidades da guerra, das infelicidades causadas pela ausencia do Soberano. Procurou-lhe a commodidade, as artes, as luzes, todos os bens da natureza, e de huma sociedade docil, e pacifica. A sua illustre casa, depois de setecentos annos de soberania, e gloria, não tinha produzido personagem algum tão digno de elogios. Estas bellas palavras, que d'elle se citaõ, *Eu abandonaria a manhã o meu Principado, senão podesse fazer bem*, eraõ a expressão dos seus sentimentos, que deveria inspirar o poder supremo a todo aquelle, que d'elle se acha revestido.

A necessidade obrigou Luiz XIV. a fazer a paz.

A paz de Riswick, comparada com a paz de Nimegue, em que Luiz tinha dado Leis, excitou as murmurações de huma Nação soberba com tantas victorias, e indignada de vêr todo o fructo dos seus triunfos sacrificado aos vencidos. Alguns exaltáraõ o moderação do Monarca; outros imagináraõ falsamente que a sua politica abria-lhe por este meio caminho para a successão de Hespanha. Mas hoje se sabe que defenganado Luiz das quimeras do orgulho sacrificou a necessidade legitima dos seus vassallos, e do seu Estado.

De-

Depois do triste costume que elle tinha tomado de manter Exercitos muito mais numerosos, do que antigamente, as despesas da guerra eraõ enormes. E que se lucrava com este costume? Arruinar-se a si proprio, obrigando os inimigos a arruinar-se; porque estes augmentavaõ necessariamente o número das suas tropas, á proporção das de França. As primeiras cinco campanhas tinhaõ custado mais de duzentos milhões de despesa extraordinaria; razão porque os erarios recahiaõ no antigo cáhos. Com receio de excitar hum descontentamento geral, augmentando os impostos, com que o Povo se via opprimido, recorreo se aos empréstimos, as creações de officios, a esses expedientes passageiros, que produzem infallivelmente hum mal permanente, pois que augmentaõ a divida pública. Des de 1689 se tinha augmentado tres libras de mais ao valor do marco do dinheiro amoedado, e esta operação causou damno consideravel ao Commercio. As rendas do Rei diminuiaõ visivelmente, ao mesmo tempo que o Reino empobrecia. Em 1695 se estabeleceo hum tributo por cabeça, imposto de nova especie: e ainda que deste tributo se tirassem vinte hum milhões, os rendimentos deste anno não passáraõ em mais de dez milhões aos rendimentos do

Despesas
enormes
da guerra.

Opera-
ções de
erario.

O tribu-
to estabe-
cido por
cabeça.

Ainda se edificava.

anno precedente. Fica logo claro que a guerra, com todos os seus felices successos expunha a França ás ultimas infellicidades. Não deixava Luiz de despendar ainda muitos milhões em obras: tanto resistem os habitos, especialmente nos Principes, ás lições da experiencia!

O Principe de Conti, eleito Rei de Polonia.

Por morte de João Sobieski, que faleceo em 1696, achava-se o Throno de Polonia vago, quando se negociava em Riswick. O Abbade (depois Cardeal) de Polignac, célebre hoje em dia pela sua Anti-Lucrecia, Embaixador então na Polonia, conseguiu ser eleito o Principe de Conti, cujo valor se mostrára nas batalhas de Steinkerque, e de Nerwinde. Duas horas depois, outro partido aclamou a Frederico Augusto, Eleitor de Saxonia, o qual tinha a vantagem da proximidade, e do dinheiro. Não estando certamente Luiz XIV. nos termos de fazer guerra em semelhante Paiz, deo ao Principe de Conti alguns fracos soccorros, com que

O Eleitor de Saxonia he preferido por causa do seu dinheiro.

elle nem em Dantzick pode entrar. Os Polonezes se reunirão a favor do Principe Alemão, que lhes pagou bem a Coroa.

Superioridade do Imperador a respeito dos Turcos,

A paz de Carlowitz com os Turcos em 1699 he huma época digna de observação, já por causa do abatimento dos inimigos mortaes do nome Christão, já

pe-

pela tranquillidade restituída a toda a Europa. Depois do sitio de Viena , o Imperador Leopoldo , com o soccorro dos Polonezes , Russos , e especialmente dos Venezianos , tinha alcançado huma superioridade constante a respeito dos Turcos. O Principe Eugenio de Saboya , que temos de vêr tão formidavel para a França , tinha-os desbaratado em 1695 na batalha de Zentha , em que elles perdêrão mais de vinte homens. Era o Exercito commandado pelo Sultão Mustafá II. , que foi deposto algum tempo depois do Tratado de Carlowitz , o qual lhe grangeou o odio , e desprezo do seu Povo.

Batalha de
Zentha.

Por meio deste Tratado , cede a Porta ao Imperador a Transilvania , que era hum Principado reconhecido por independente , posto que debaixo da protecção do Turco. Não se podia logo , conforme o Abade de Mably , nem cedella , nem adquiririlla por este modo. “ Mas depois ,
 „ como elle observá , a Corte de Vien-
 „ na adquirio os direitos mais legitimos
 „ a respeito da Transilvania. Esta Provin-
 „ cia ama o governo , debaixo do qual
 „ vive , e tem dado a seus Soberanos
 „ provas não equivocac dos seus senti-
 „ mentos. „ (*Droit public de l'Europe.*)
 Os limites de ambas as Potencias estão determinados , e concorda-se em que ne-
 nhu-

Paz de
Carlowitz.
A Transil-
vania cedi-
da á Aus-
tria.

nhuma dará azylo aos vassallos descontentes da outra: o que tirá aos Hungaros o refugio no caso de rebelliao. Ajusta-se mais, que nem os Hungaros, nem os Transilvanos refugiados durante a ultima guerra, poderão entrar novamente na sua Pátria.

Cessaõ á
Polonia.

A respeito da Polonia, o Turco lhe entrega Caminieck, e renuncia a todas as suas pretensões a respeito da Podolia, e da Ukrania. O Niester, entre a Moldavia e a Podolia, será o limite de ambos os Estados.

A Morea
á Veneza.

O mesmo Turco cede á Veneza toda a Morea (o Peloponezo), e algumas Ilhas. Veneza perdeu a Morea pela paz de Passarowitz em 1718; e a Corte de Viena adquirio nella o Bannato de Themafwar, e huma parte da Valaquia.

Azou ao
Czar Pe-
dro.

O Czar Pedro I. não faz em Cárlowitz mais do que huma tregoa de dous annos. Com tudo cedem-lhe Azou junto ao lago Meotis, hoje em dia o mar de Zabache, Praça importante, que lhe podia alcançar o Imperio do mar Negro. Este Principe, e Carlos XII. seu competidor, principiáraõ em 1700 huma guerra de desoito annos, digna da nossa attenção. As individuações, em que tenho de entrar a respeito de dous homens tão extraordinarios, interromperiaõ aqui o fio das nossas idéas,

idéas, fazendo-nos perder de vista o Sul da Europa ; e por isso as reservo para outro lugar mais conveniente.

C A P I T U L O III.

Tratado de divisaõ para a successão de Hespanha. --- Testamento , e mórte de Carlos II. --- Philippe V. succede-lhe , e a guerra principia em Italia.

A SUCCESSÃO de Carlos II. , Rei de Hespanha , Principe igualmente fraco de corpo , e de juizo , e a ponto de morrer sem filhos , era hum grande objecto de inquietações , e intrigas politicas. Esta successão , confórme os direitos do sangue , não podia pertencer , senão ou á Casa Imperial , ou á de França. O systema de equilibrio , que se avigorava cada vez mais , oppunha-se muito ao engrandecimento excessivo de huma Potencia , para que fosse possivel reunir tantos Estados em huma mesma cabeça , que já estava de posse de outras Coroas. Mas como se haviaõ precaver os tumultos , e guerras que se anteviaõ ?

A successão de Hespanha, grã de objecto de politica.

O infeliz Carlos , confórme a idéa de Voltaire , era semelhante a hum velho rico ,

Triste situação de Carlos II.

co, que morre sem filhos. “ Sua mulher,
 „ seus parentes, — Padres, e officiaes no-
 „ meados para receber as ultimas vonta-
 „ des dos moribundos, cercaõ-o de to-
 „ das as partes, a fim de tirar-lhe algu-
 „ ma palavra favoravel: alguns herdei-
 „ ros consentem em dividir os seus espo-
 „ lios; outros se preparaõ para disputal-
 „ los. „ Hum facto, que este Historia-
 dor não refere, e que se acha nas Me-
 morias do Marquez de S. Filippe, dará
 muito melhor a conhecer a triste situa-
 ção do Rei enfermo. Para apartar de Car-
 los II. certas pessoas, que viviaõ na pos-
 se da sua confiança, persuadiraõ-lhe que
 estava enfeitiçado, e que daqui procediaõ
 as suas enfermidades, e desgrças; e que
 acharia o remedio nos exorcismos da Igre-
 ja. O Padre Dias, Dominico, seu Con-
 fessor, foi a alma desta intriga, e o Car-
 deal Portocarrero, e o Inquisidor Geral o
 favorecêraõ. Senhoreando-se estes do ani-
 mo de Carlos, o mandáraõ exorcismar;
 e huma cerimonia tão terrivel lhe debili-
 tou mais a cabeça. O Confessor cahio de-
 pois em desgrça; mas Portocarrero foi
 primeiro Ministro. Deste modo he que se
 regiaõ os negocios em Hespanha.

Intriga
 palmosa a
 fim de se
 assenbore-
 ar em do
 seu animo.

Primeiro
 Tratado de
 divisaõ.

Guilherme todavia em Inglaterra, at-
 tento sempre á balança da Europa, tinha
 imaginado, ou adoptado hum projecto dos
 mais

mais extraordinarios , para manter o equilibrio , de que era tão zeloso. A divisaõ da Monarquia Hespanhola , feita sem o mesmo Monarca o saber , foi o meio que se empregou. Luiz XIV. concluiu com Inglaterra , e Hollanda hum Tratado em 1698 , por meio do qual se concedia com toda a segurança ao Principe Eleitoral de Baviera , ainda minino , a Hespanha com tudo quanto possuia na America ; ao Delfim , o Reino das duas Sicilias , a Provincia de Quiposcoa , Final , e outras Cidades ; e ao Archiduque Carlos , filho segundo do Imperador , o Ducado de Milão. Luiz renunciava a successão , mas adquirindo Estados consideraveis.

Indignou-se a Corte de Madrid , e devia indignar-se , de hum Tratado tão contrario aos seus direitos , e á ordem natural das cousas. Receava ella especialmente hum desmembramento da Monarquia. Não se atrevendo o Rei a nomear por seu herdeiro hum Principe da sua Casa , fez o seu testamento a favor do Principe de Baviera , seu sobrinho , o qual morreo quasi ao mesmo tempo em Bruxellas. Renascem as inquietações , e as intrigas , hum novo Tratado de divisaõ he o seu fructo.

Por meio deste Tratado , concluido entre as mesmas Potencias , que o primei-

Indignado
Carlos faz
o seu testa-
mento.

1700
Segundo
Tratado de
divisaõ.

ro ,

to, se consigna ao Archiduque Carlos a Hespanha, e as Indias Occidentaes, concedidas ao Bavaro; dá-se o Milanez ao Duque de Lorena; e accrecenta-se a Lorena á repartição do Delfim. Segunda vez se dispõe da successão de hum Monarca vivo. Porque razão não se tinha regulado em Riswick hum ponto tão essencial, de que dependia a solidez da paz, senão porque segundo as apparencias se percebêraõ entãõ algumas difficuldades quasi insuperaveis; ou porque com a impaciencia de concluir, se desprezou o futuro pelo presente; erro muito commum, ainda na propria politica?

A Corte
de Vienna
desgosta os
Hespan-
hoses.

Se o Imperador quizerá consentir neste Tratado, seu filho teria sido Rei de Hespanha. Lisonjeando-se elle de obter toda a successão, recusou; e isto será parte para perder tudo. Certo que Carlos II., enojado por extremo da nova divisão, fixa a sua escolha no Archiduque; mas a Corte de Vienna, que não o podia sufficientemente respeitar, causa-lhe mil desgostos. Pede Carlos II. dez mil homens, que o Imperador não concede. O Archiduque falla dos Hespanhoses em termos injuriosos, que elles vieraõ a saber. Pelo contrario, o Marquez de Harcourt, Embaixador de França em Madrid, faz-se amar, desvanescem as prevenções con-
tra

O Mar-
quez de
Harcourt
faz-se amar
pelos Hes-
panhoses.

tra os Francezes , e dirige com tanta capacidade as cousas , que a idéa de ter hum Rei desta Nação não atemorisa já huma Nação competidora.

Reconcilia-se todavia o fraco Carlos II. com Leopoldo , que mandára retirar o seu Embaixador. El-Rei Luiz da sua parte manda recolher o Marquez de Harcourt , e envia tropas para as fronteiras de Hespanha. Proxima estava a guerra. O Cardeal Portocarrero he de parecer, com o Conselho de Estado , que se preferisse a Casa de França á Casa de Austria , e consultados os Jurisconsultos , e os Theologos , a respeito deste grande ponto , pensão que não se dá cousa mais justa. O mesmo Papa Innocencio XII. , sendo consultado , respondeo a Carlos que as Leis de Hespanha , e o bem da Christandade o obrigavaõ a abraçar este partido. Faz entãõ o moribundo Monarca hum testamento , por meio do qual deixa toda a Monarquia ao Duque de Anjou , filho segundo do Delfim ; e não havendo filhos segundos de França , ao Archiduque Carlos , filho segundo do Imperador , com condiçaõ porém de que nunca o Imperio se poderá unir á Coroa de Hespanha ; finalmente na falta destes Principes , ao Duque de Saboya. Morreo Carlos II. alguns mezes depois , de idade de trinta e nove annos.

O Confe-
lho de Hes-
panha a fa-
vor da Frã-
ça.

Testamen-
to, e mór-
te de Car-
los II.

He

Direitos
certos da
Casa de
França.

He certo que a Casa de França tinha á Hespanha os direitos do sangue. Luiz XIV., parente no mesmo gráo que Leopoldo, era o filho de huma primogenita; e o Delfim era neto de Filippe IV., do qual não descendiaõ os filhos de Leopoldo. Demais disso he certo, que a renunciação de Maria Thereza, mulher de Luiz XIV., tendo especialmente por objecto a reuniação de ambas as Coroas, perdia toda a força, des que o testamento obviava esta reuniação. Tambem parece certo que os votos dos Hespanhoes deviaõ servir de algum fundamento, posto que fossem pouco respeitadas. Finalmente, he absolutamente falso ter o Marquez de Harcourt inspirado o testamento, pois havia seis mezes que partira de Hespanha, e quando partio, todas as apparencias eraõ contrarias.

Sucesso,
que se te-
ria julgado
impossivel.

Que hum Principe da Casa de Austria, daquella Casa quasi sempre em guerra com a França, havia duzentos annos, fizesse passar a Monarquia Hespanhol para os Bourbons; que várias causas de pouca ponderação, o genio, os enredos domesticos, e as intrigas de Corte, dispozessem hum successo tão grande; que a ultima vontade de Carlos II., quasi nulla em sua vida, produzisse semelhante effeito, apezar de innumeraveis obstaculos; he isto hum

hum phenomeno singular, o qual mostra a incerteza de todos os systemas politicos.

Põe-se por questão, se Luiz XIV. devia estar pelo ultimo Tratado de divisaõ, ou acceitar o testamento do Rei de Hespanha. No primeiro caso, unia elle a sua Coroa as duas Sicilias, a Lorena, &c.; e parecia dever esperar os soccorros de Inglaterra, e Hollanda, contra o Imperador. No segundo, expunha-se a huma guerra geral, para o estabelecimento de seu neto. Convocou hum Conselho extraordinario, em que se examinou a questão: e como o seu caracter o inclinava para as empresas esplendidas, acceitou o testamento.

Qual partido devia Luiz XIV. abraçar.

Defende o Abbade de Mably que este era o peor partido, bem que os Hespanhoes chamassẽm o Duque de Anjou, não quizessem partilha, e a Regencia tivesse ordenado offerecer a successão ao Archiduque, se França a não acceitasse toda inteira. O Marquez de Torci, grande Estadista, e Secretario de Estado, defende o outro parecer nas suas Memorias. Ha pro, e contra probabilidades fortes, que deixão suspenso o juizo. A guerra era inevitavel, ou se cumprisse o Tratado, ou o testamento. Assenta-se em que nem Inglaterra, nem Hollanda teriaõ já mais cum-

Difficuldades inevitaveis por huma, e outra parte.

prido a favor da França a obrigação de verdadeiros alliados. Por ventura não he tambem provavel, que Hollanda, e Inglaterra brevemente se teriaõ tornado inimigas da França? Não se teriaõ aproveitado da occasião para romper este Tratado de divisaõ, que era causa das suas murmurações contra Guilherme? A França com effeito adquiria neste Tratado hum augmento de poder demasiadamente grande, segundo as idéas communs da politica; pois a meu vêr a acquisição de hum Reino na Italia seria para a Monarquia Franceza causa verdadeira de diminuição de forças. Finalmente, sem embargo de se fazer todo o possível a este respeito, eraõ inevitaveis as violentas opposições; e expondo-se o Monarca aos maiores perigos abraçava pelo menos huma causa justa.

Filippe V.
quasi ge-
ralmente
reconheci-
do.

A admiração da Europa, á vista de hum Bourbon herdeiro do Dominio Hespanhol, foi tal que excepto o Imperador, tudo pareceo ao principio tranquillo. O Duque de Anjou, com o nome de Philippe V., foi tomar posse da sua Coroa. *Já não ha Pyreneos*, disse-lhe seu avô ao despedir-se delle. O Papa, o Duque de Saboya, Veneza, as Potencias do Norte, o mesmo Portugal, Inglaterra, e Hollanda o reconhecerão. Bem se podiaõ fiar no
Elci-

Eleitor de Baviera, Governador dos Paizes Baixos; e no Eleitor de Colonia, seu irmão. Devia-se haver como amigo o Duque de Saboya, de quem Filippe V. viria a ser genro, assim como já o era o Duque de Borgonha. O Duque de Mantua recebeo guarnição Franceza, e Luiz XIV. gozava de huma satisfação lisonjeira. Activo sempre por causa do seu poder, ainda não tinha conhecimento sufficiente dos terriveis contratempos da fortuna.

Allegava o Imperador Leopoldo, contra o testamento de Carlos II., pactos feitos entre Carlos V., e o Imperador Fernando I., seu irmão, a fim de segurar aos dous ramos de Austria huma reciproca successão; allegava o testamento de Filippe IV., que substituia a Carlos os filhos de Leopoldo: como se huns pactos de familia, ou a vontade arbitraria de hum Principe, houvessem de aniquilar as Leis de huma Nação! As Leis de Hespanha chamavaõ para a successão as mulheres com preferencia aos varões collateraes. Além do que o mesmo direito, que Filippe IV. tinha para testar, o tinha sem dúvida Carlos II.; e o seu testamento era conforme com as Leis do Reino. Por ventura o consentimento dos Hespanhoes não lhe punha hum sello inviolavel?

Preten-
ções mal
fundadas
do Impera-
dor.

Liga por
causa da
Italia.

1701.
Eugenio
em Italia.

Catinat
substituido
por Ville-
roi.

Combate
de Chiari.

Como os Estados da Hespanha em Italia podião ser considerados debaixo de outro aspecto, Inglaterra, e Hollanda se ligárao com o Imperador a fim de os desanexar da herança principal. Veremos como os alliados estendem mais as suas idéas, á proporção da felicidade das suas armas.

Antes de se declararem estas maritimas potencias, principia a guerra em Italia. O Exercito Imperial composto de trinta mil homens he commandado pelo Principe Eugenio. O qual, posto que Veneza seja neutral, entra por Trentino; e Catinat, opprimido pelas ordens da Corte, não se oppondo a esta passagem, mal obedecido de alguns officiaes Generaes, retrocede á vista do inimigo para traz do rio Oglio; e o Milanez fica em perigo. Mandaõ para substituir a Catinat o Marechal de Villeroi, que em vez de General era hum cortezaõ. Este General offende com sua altivez o Duque de Saboya, disposto já talvez a ser trahidor á França. Acomettendo imprudentemente a Eugenio em Chiari, fica vencido, a pezar dos esforços do Duque, que se expunha a todos os perigos; e dos de Catinat, que procurava a morte na acção, cujas consequencias tinha antevisto. Estas tem de ser tão funestas, como era de pessimo agouro esta primeira campanha.

Def.

Desse modo principiaõ as desgraças , ^{Quem era o Príncipe Eugenio.} que o Príncipe Eugenio devia causar á França , sua Pátria. Era elle filho do Conde de Sôissons (da Casa de Saboya) ; Governador de Champanha , e de huma Mancini , sobrinha do Cardeal Mazarino. Sendo muito despresado na Corte em sua mocidade , foi servir ao Imperador contra os Turcos , e abandonou a França para sempre. O Rei como que despresou entaõ a Eugenio , de quem os cortezãos falláraõ com o maior despreso. ^{Eugenio despresado em França.} Quão frivolos , e perigosos não são os juizos precipitados , especialmente nas Cortes ! Mostrou Eugenio ser hum dos maiores homens do mundo ; humilhou , e abateo Luiz XIV. , por premio de suas oufanias , e fez tremer a França. Teremos amiudadas occasiões de fallar deste Príncipe.

Com mais perspicacia , e reflexaõ , ter-se-hiaõ descoberto em seu espirito aquellas ^{Quão respeitado deve ser o merecimento.} luzes , e na sua alma aquelle genio vigoroso , que exaltaõ qualquer homem acima dos seus semelhantes : ter-se-hia antevisto que em o alienando , o constituiriaõ perigoso ; ao mesmo tempo que o constituiriaõ fiel , e zeloso , se o respeitassem : finalmente ter-se-hia julgado que , quanto mais raro chegava a ser o merecimento superior , tanto mais effencial era attrahir a si o amor de todo aquelle , que não

tivesse mais que a semente delle. O merecimento, ainda o modesto, tem certos brios, porque conhece as suas forças; e qual vantagem não pôde este ter, quando se offerece occasião, a respeito d'aquelles, de quem tem recebido offensas?

C A P I T U L O IV.

Concede Luiz XIV. o titulo de Rei ao filho de Jacques II. --- O Rei Guilherme arma Inglaterra, e Hollanda. --- Morte de Guilherme III. --- Guerra geral. --- Rebelião das Cevennas.

A PENAS se via sentelhar a guerra, quando Luiz XIV. offereceo aos alliados do Imperador hum pretexto para atear, e fazer geral o incendio della. Tendo falecido Jacques II. em S. Germano, concedeo Luiz o titulo de Rei de Inglaterra a seu filho, depois de ter ajustado com o Conselho de não proceder a huma tão perigosa eleição. A viuva de Jacques, e Mad. de Maintenon, com quem Luiz se tinha recebido occultamente em 1686, obtiverão d'elle, lisonjeando a sua magnanimidade natural, o mesmo que a prudencia parecia condemnar. Pessimo signal he

VÊE

1701
Dá Luiz o
titulo de
Rei de In-
glaterra ao
filho de
Jacques II.

vêr duas mulheres , huma cheia de paixão , outra devota , que inspira a devoção ao Monarca , destruir repentinamente huma deliberação unanime do Conselho de Estado.

Os Inglezes , ainda sem este motivo , teriaõ podido tomar armas ; mas a sua animosidade fora menos forte , e menos obstinada ; provavelmente teriaõ feito menos esforços , e sacrificado menos os seus verdadeiros interesses a hum odio furioso. Era Guilherme contrariado , era inquietado pelos Inglezes , que des daquelle instante só se mostráão anciosos de o servir. Debalde protestou o Rei de França , que estaria fielmente pelo Tratado de Riswick : julgando-se a Nação insultada , clamava alta , e poderosamente , e Guilherme aproveitava-se muito bem das conjuncturas. Os Communs empenhaõ-se , e obrigaõ-se a manter quarenta mil homens , e pedem que se não dê fim á guerra , senão depois de huma reparação manifesta do ultraje. Publicação contra o pretendente , Jacques III. hum bill de proscricção , que o entrega ao supplicio.

Enfermo Guilherme , tudo animava , fazia immensos preparos , e dispunha-se para mandar em pessoa. Huma queda de cavallo lhe causou a febre , de que morreo , na idade de cincoenta e dous annos. Churchill

Este procedimento irrita os Inglezes.

1702
Morte de
Guilherme
III.

chil, que então era Conde, e depois foi Duque de Marlborough, e que tinha sido enviado para Hollanda, como General, e Negociador, homem superior em ambos estes generos, honrará a sua eleição, participando com o Príncipe Eugenio da glória de opprimir a França.

Sua authoridade em Hollanda.

Antes de seguir as operações militares, convém considerar algumas circumstancias do Reinado de Guilherme III. Com muita razão foi Guilherme chamado Rei dos Hollandezes, e Stathouder dos Inglezes. Tanto o constituiaõ senhor da sua República o amor, e a confiança dos primeiros, quanto a antipathia, e a desconfiança dos segundos lhe opprimiaõ a authoridade no Reino. Hollanda tinha adiantado sete milhões de florins para a sua expedição de Inglaterra, e Inglaterra oppoz-se ordinariamente aos seus desejos, quando estes não interessavaõ o odio nacional contra a França. Eis aqui huns factos dignos de observação, os quaes interessaõ o governo Inglez.

Quão opprimido estava Guilherme em Inglaterra.

Não se contentáraõ de sujeitar ao exame dos Communs, como já fica observado, o emprego de huma grande parte das quantias, que lhe eraõ concedidas; precaução util em tal fórma de governo: impediraõ o de estabelecer huma tolerancia, que não podia deixar de ser util; a

naturalisação dos protestantes estrangeiros também foi rejeitada, por elles serem *naõ conformistas*, e só terá lugar no Reinado seguinte. Para obter alguns subsidios em 1694, subscreveo hum bill, que constituiu o Parlamento triennial. Julgou-se necessario para a liberdade o limitar deste modo a duração do Parlamento; porque a corrupção chegava a ser tão horrorosa, que a Corte comprava os votos. E quantas cousas não podia a Corte fazer, se o Parlamento lhe era afeiçoado, e ella o podia prolongar todo o tempo, que lhe parecesse?

Parlamen-
to trien-
nal.

Em 1696 se descubrio huma conspiração contra o Rei. Boas mostras se deraõ do maior zelo pela sua pessoa: as duas Cameras até fizeraõ hum sociedade para o defender, e sustentar o seu governo. Mas em 1697, depois do Tratado de Rishwick, apenas lhe deixáraõ déz mil homens do exercito, que elle pretendia fazer subsistente. Este número foi reduzido em 1699 a sete mil; e finalmente vio-se o Rei obrigado a despedir a sua guarda Hollandeza; o que o magoou entranhavelmente. As invectivas contra os seus famosos Tratados de divisaõ, e as accusações intentadas contra seus Ministros, envenenáraõ também o fim dos seus dias. A generosa imprudencia de Luiz XIV., a respei-

Desgostos
que Guilherme te-
ve no seu
Reino.

peito do pretendente, foi a que dissipou só tão perigosos tumultos. Finalmente, se Guilherme não fora tão fleugmatico, e habilidoso, senão tivera tanto respeito á liberdade, e ás leis da Nação, pôde ser que não lhe fosse possível sustentar-se no Throno.

A Rainha
Anna.

Não tinha filhos: a Rainha Maria era fallecida: e Anna Stuart, irmã de Maria, mulher do Principe de Dinamarca, foi reconhecida com júbilo, segundo a ordem de successão estabelecida pelo Parlamento. Tendo de idade trinta e sete annos, e sendo virtuosa, prudente, e amante das Leis, e da Patria, mostrou-se digna do amor, e veneração do seu Povo. Debalde se lisonjeavaõ em França de que a morte do formidavel Guilherme mudaria o systema politico. Tudo ficou do mesmo modo, não houve mudança alguma. Marlborough avigorou os Hollandezes na Liga formada contra Luiz XIV.; a guerra se declarou contra este Monarca sob diversos pretextos; e o successo excedeo em breve tempo aos desejos dos alliados.

Tudo em
Frãça pro-
gностicava
infelicida-
des.

Quanto maior era a confiança, que Luiz tinha nas suas forças, e luzes, tanto mais exposto estava aos contratempos, da fortuna. Os seus desordenados erarios se achavaõ nas mãos de Chamillard, antigo Con-
felheiro do Parlamento, homem honrado
mas

mas sem talentos, o qual chegou tambem a ser Ministro de guerra. Chamillard era Mad. de Maintenon ; Chamillard. creatura de Mad. de Maintenon. Esta mulher de juizo, com intenções rectas, seguia muito a inclinação das preocupações. O Rei, encerrado com ella na idade decadente, já não inspirava a actividade, e o ardor, de que procedêrao tantos, e tão admiraveis prodigios. Queria elle regular tudo no seu gabinete, e os Generaes devião antes obedecer ás suas ordens, do que aconselhar-se ou com o seu genio, ou com as circumstancias. A disciplina militar, de que Louvois era a alma, affrouxando depois da sua morte, se enervou de dia em dia. A mocidade brilhava na frente dos regimentos, que se deveriao confiar a huns homens capazes de capitaneallos. Finalmente, nem o Governo, nem o Ministerio, nem as trópas, nem o Estado da Nação, correspondiaõ aos bellos annos deste Reinado. Huma vez que chegaõ a affracar os principaes principios de hum Estado, tudo se perde, tudo declina.

Pelo contrario, os inimigos tinhaõ na sua frente os dous grandes Generaes, Eugenio, e Marlborough. Eugenio, e Marlborough, não menos grandes politicos, senhores das operações da campanha, governando o Conselho dos seus Soberanos, dispondo dos thesouros de

de Inglaterra, e Hollanda, e o que sobre tudo he mais de notar, obrando com perfeita harmonia. Necessitar-se-hia contra estes Generaes dos Turennes, e Condés, homens que não estivessem sujeitos ás idéas escassas de hum Chamillard.

1702
Villeroi
forprehen-
dido em
Cremona.

Em Italia, já Eugenio se acha perto de Cremona, onde o Marechal de Villeroi nada receava: manda entrar tropas nesta Cidade por hum cano, no mez de Fevereiro, com o favor da noite, e em breve tempo entra nella. Desperta então Villeroi ao estrondo da mosquetaria, sahe de sua casa, e fica prisioneiro. Se hum Regimento Francez não estivesse por casualidade em armas para passar mostra, succumbia infallivelmente Cremona; que tão bem tomadas estavam as medidas de Eugenio. Este Regimento resiste, dá tempo á guarnição para se reconhecer, e o inimigo vem finalmente a retirar-se.

Villeroi
substituido
por Vendome.

Foi Villeroi substituido pelo Duque de Vendome, neto de Henrique IV. Cheio de valor, e capacidade, admiravel em qualquer acção, tendo por outra parte muito pouca régra de proceder, desprezando especialmente a disciplina, adorado porém dos soldados, que debaixo das suas ordens se julgavam invenciveis, combateo Vendome muitas vezes com maior gloria, do que utilidade. A sanguinolenta

ta batalha de Luzara fez cantar o *Te Deum* a ambos os partidos. Affáz he observar em geral com Voltaire, que Vendome era vencedor todas as vezes que não combatia contra o Principe Eugenio.

O Duque de Borgonha ainda moço, dirigido pelo Marechal de Boufflers, não teve feliz exito em Flandes. Marlborough, discipulo de Turenne na arte da guerra, que tinha a mesma fleugma, e a capacidade deste Heróe, avançou sempre sem arriscar batalha. Tomou Vanló, Ruremunda, e Liege. Já se vê declinar a reputação das armas Francezas.

O Duque
de Borgo-
nha em
Flandes.

Esta reputação se sustenta ao menos em Alemanha, no principio. Tinha Leopoldo mettido na alliança os Circulos de Austria, Suevia, Franconia do alto, e baixo Rhin, e acareado principalmente a Frederico, Eleitor de Brandeburgo, a favor do qual tinha erigido em Reino o Ducado de Prussia. O Principe de Bade, célebre pelas suas proezas contra os Turcos, capitaneava o Exercito Imperial. Apoderado já de Landau, estava Alsacia em grande perigo. Achava-se então lá Catinat, que não se julgou em termos de acomettello. O Marquez de Villars, Thennente General, mais affouto, grande homem de guerra, pessimo politico, resolutu a ser recompensado a poder de ac-

Alliados
de Leopoldo
em Ale-
manha.

Primei-
ro Rei de
Prussia.

Villars
vencedor
em Fridlin-
gen.

ções.

ções pafmosas, obteve licença para combater contra os Imperiaes: Villars os venceu em Fridlingen, foi lhes no alcance, e recebeu o baftão de Marechal.

1703
Batalhas
de Hochftt,
e de Espira.

Tendo-fe unido, no anno feguinte, com o Eleitor de Baviera, obrigou-o de algum modo a acometter em Hochftt junto a Donawerte, hum Exercito de vinte mil homens, que hia reforçar o Principe de Bade. Os Imperiaes forão desbaratados, e o Eleitor tomou Ausburgo. Viena vio-fe em perigo: o Marechal de Tallard alcançou tambem huma victoria em Espira contra o Principe de Hefte, a quem algum dia veremos Rei de Suecia, e escreveu a Luiz XIV. nestes termos: *O voffo Exercito tomou mais eftandartes, e bandeiras do que os fimples soldados, que perdeu.* Tomou tambem Landau ao inimigo.

Separação
do Duque
de Saboya;

Mas os felizes fuccellos da França virão totalmente a ter fim. Descotente o Duque de Saboya, e intereffado, muda repentinamente de partido, como na ultima guerra. Abandona a causa de ambos os genros, e entrega-se todo ao Imperador, o qual lhe promette Monferrato, Alexandria, Valença, &c. Ao mefmo tempo que elle fazia este ajufte, descobrio-se a trahição, e o Duque de Vendome teve tempo de defarmar cinco mil homens das fuas tropas, unidos ainda ao Exerci-

to Francez. Pouca attenção tinhaõ guardado ao Duque: e de mais disso a que não se exporia elle a fim de se engrandecer?

D. Pedro II., Rei de Portugal, irmão de Affonso VI., privado do Throno havia muito tempo, foi do mesmo modo trahidor ao Rei de Hespanha, a fim de obter hum desmembramento daquelle Reino, que se lhe promettia antes de ter lá posto os pés. O Imperador, e seu filho primogenito José, Rei dos Romanos, tinhaõ cedido ultimamente ao Archiduke Carlos os seus direitos a respeito da Monarquia Hespanhol., e Carlos passou á Inglaterra, e Hollanda, onde se faziaõ os armamentos.

E do Rei de Portugal.

Ser o Marechal de Villars chamado á Corte foi outra origem de infortunios. Offendendo ao Eleitor de Baviera os seus brios, o seu genio livre e inimigo de dobleza, este Principe pediu imprudentemente outro General, posto que não podesse esperar outro como elle. Villars, que nascêra para grandes expedições, teve ordem para ir combater os fanaticos das Cevennas, pobres montanhezes, que causavaõ grande inquietação.

Villars imprudentemente chamado.

Se o fanatismo mostrou novamente o seu antigo furor, e produziu a rebelliao, era consequencia procedida da revogação do

Fanatismo, e rebelliao nas Cevennas.

do Edicto de Nantes. Alguns Ministros refugiados vieraõ outra vez atear o zelo destes miseravejs, entre os quaes se levantáraõ profetas, e profetizas (este o modo como eraõ qualificados), cujas extravagancias pozeraõ fogo a tudo. Livrar-se da tyrannia, ou adquirir a palma do martyrio, era o que queraõ os rebeldes, conhecidos com o nome de Camisardos. A sua vozeria marcial era: *Impostos nenhuns, e liberdade de consciencia*. Quanto maior era o número daquelles, a que tiravaõ a vida com supplicios, tanto maior era a raiva, que os outros mostravaõ. Os soccorros, que os Camisardos esperavaõ dos alliados, especialmente da Saboya, mantinhaõ a sua audacia. As horrorosas montanhas, donde elles se precipitavaõ como animaes ferozes, eraõ hum azylo, onde mal podiaõ ser acomettidos; ao mesmo tempo que os inimigos exteriores davaõ que fazer ás trópas. Debalde lhes tinha ido no alcance o Marechal de Montrevel, e o Marechal de Villars julgou obrar melhor, tratando com hum dos seus cabeças, que era hum rapaz pádeiro, a quem se passou huma patente de Coronel, e que em breve tempo passou para o serviço dos Inglezes. Com tudo os sediciosos não cederaõ. Quando Villars foi novamente mandado capitanear os Exercitos, o Ma-

Marchaes de França, que fazem a guerra a estes montanhezes.

rechal de Berwick os reduzio, porque exterminou o seu maior número. Quantas vezes não teve Luiz XIV. lugar de conhecer que inspirando tanto odio a hum parte dos seus vassallos por meio de hum zelo perseguidor, tinha feito muito mal a si mesmo, sem fazer á religião grande bem!

C A P I T U L O V.

Infellicidades da França, e Hespanha, desde 1704 até 1710. --- As esperanças quasi inteiramente perdidas.

OS differentes Theatros da guerra, sem exceptuar a propria Italia, onde Vendome ainda continuará a ter alguns successos felices, mudarão em breve tempo de figura. As prosperidades mais brilhantes se seguirão as maiores infellicidades. De todas as lições que a Historia dá aos Principes ambiciosos; nenhuma he tão propria, como esta, para desvanecer a vaidade da fortuna.

Já todos se julgavaõ chegados ao momento de desthronizar o Imperador. O Eleitor de Baviera estava já senhor de Passau. Os Bavaros, e os France-

Perigos do
Imperador
Leopoldo,

Marlbo-
rough, e
Eugenio
em Alema-
nha.

zes victoriosos, podião facilmente formar o sitio de Vienna; principalmente tendo Leopoldo de combater os Hungaros, que queixando-se de novas oppressões, tinhaõ-se soblevado debaixo do mando do Principe Ragotzi. Villars porém fazia grande falta em Alemanha, e Marlborough, que estava já senhor de Bonn, de Huy, e de Limburgo, parte velozmente a soccorrer o Imperador. Solto Villeroi da prisaõ, capitaneava o Exercito de Flandes, e seguindo o mesmo Villeroi ao principio a Marlborough, brevemente o perde de vista. O Inglez acomete várias trincheiras perto de Donawert, toma esta Cidade, e passa o Danubio. Ajunta-se com elle o Principe Eugenio, e o seu Exercito constava de quasi cincoenta e dous mil homens, contra sessenta mil.

1704
Batalha de
Hochstet,
ou de Bleinheim.

Na mesma planicie, em que Villars tinha vencido, e derrotado os Imperiaes em 1703, deo-se a famosa batalha de Hochstet, ou de Bleinheim, á qual se seguirão os desastres mais funestos. Os Marechaes de Tallard, e Marfin commandavam com o Eleitor de Baviera. Póde-se examinar nas Memorias de Feuquieres rigido censor dos Generaes, os doze erros capitães, com que elle lhes dá de rosto. Estes Marechaes cometerão sem dúvida, gran-

grandes erros , pois que Villars , com a noticia das suas disposições , do interior das Cevennas prognosticou o successo. Se a superioridade dos Generaes inimigos era hum agouro muito máo.

Rompe Marlborough a ala de Tallard, que sendo muito falto de vista , entra por hum esquadrão inimigo , e fica prisioneiro. Arrasa então tudo do outro lado o Principe Eugenio , que por tres vezes tinha sido rechassado. O Eleitor , e Marfin retiram-se , sem se lembrar de hum corpo de doze mil homens , das melhores tropas de França , encerrado na Villa de Bleinheim. Este pequeno exercito vio-se reduzido por causa da sua posição a render-se sem combate. O Danubio , e o campo da batalha ficam cobertos de cadaveres. Apenas se ajuntão outra vez vinte mil homens depois da derrota : perdem-se repentinamente quasi cem legoas de terra : a Baviera vê-se exposta a ser victima dos Austriacos , ao mesmo tempo que o Eleitor se salva em Bruxellas. A Alsacia he acometida , os Imperiaes tomão Landau , e Trarbach , e Marlborough se assenhorea de Treveris.

Derrota
horrorosa,
a que se se-
guirão grã-
des perdas.

Em meio destes triunfos , morreo em 1705 o Imperador Leopoldo , Principe frouxo de genio , sempre governado , e que queria parecer absoluto. Os seus Mi-

Môrte de
Leopoldo.

nistros o tinhaõ quasi constituido senhor das forças do Imperio, representando por toda a parte a Luiz XIV., como hum inimigo odioso, e tremendo. Daqui procedeo a affociação dos Circulos, e elles exercitos de mais de sessenta mil homens, que se víraõ nas margens do Rhin. José I., filho primogenito, e successor de Leopoldo, aproveitou-se melhor desta vantagem, pois era dotado de hum genio atrevido, e capaz de obrar tudo independente de conselhos. Proscreevo ao principio os dous Eleitores despojados, de Baviera, e de Colonia, e deo hum Principado do Imperio a Marlborough, com quem a Rainha Anna, e o Parlamento de Inglaterra prodigalisavaõ recompensas mais lisonjeiras.

José I.,
seu successor.

Estado crítico de Filipe V.

A Princeza das Ursinas.

Já Filipe V. vacillava no Throno de Hespanha. Posto que elle tivesse a seu favor o grosso da Nação, havia nas Provincias muitos traidores, e sediciosos. Várias intrigas agitavaõ a sua Corte. O Cardinal Portocarrero, e Arias, Membros principaes do Conselho particular, estavaõ malquistos. A Princeza das Ursinas (a Tremoille por nascimento) era bem vista, e alguns Francezes. Esta Princeza mudava o Ministerio á sua satisfação. Luiz XIV., depois de a ter chamado para a sua Corte, restituiu-a ás instancias de Filipe, que pare-

recia não poder viver sem ella. Esta mulher caprichosa teve longo tempo demasiada influencia nos negocios de Estado; e os Hespanhoes tiveram motivo para queixar-se disso. Mas o Rei era bom, e virtuoso.

Inglaterra, e Hollanda, resolutas a destituir o Archi-Duque, fizeram incriveis esforços a favor do Archi-Duque, que por motejo foi chamado, *Carlos, pela graça dos Heres, Rei Catholico*. O odio da heresia era tão violento em Portugal, e Hespanha, que semelhantes protectores não podião deixar de constituir odioso o partido, que defendiaõ. Com tudo pouco faltou, para que elles não o fizessem triumphar. Os Inglezes se distinguirão especialmente nesta empreza.

Empenhos pelo Archi-Duque Carlos.

Depois de terem trazido o Archi-Duque para Portugal (1704), tomão Gibraltar, cuja Praça não foi possível tornar-lhe a tomar. No anno seguinte, submettem a Provincia de Valença, e a Catalunha. Duas tentativas inuteis da França, huma contra Gibraltar, e a outra contra Barcelona, arruináraõ quasi de todo aquella formidavel marinha estabelecida por Luiz XIV. Conservavaõ-se ainda algumas esperanças, que todavia se desvanecerão em breve tempo.

Côquistas em Hespanha pelos Inglezes.

1706
Villeroi
vencido, e
derrotado
por Marl-
borough em
Ramillies.

Villeroi, honrado sempre com a confiança de seu Soberano, de que elle era crédor por outro qualquer titulo, que não fosse o de General, lisonjeou-se de tirar em Flandres as nodoas da sua reputação com hum exercito de oitenta mil homens. Contra o parecer dos Officiaes Generaes, quiz aventurar huma batalha. Fez as disposições para ella contra os principios da sciencia militar; e esta batalha de Ramillies, junto a Mehaigne, foi hum derrota vergonhosa para os Francezes. Marlborough os desbaratou em meia hora. Além de vinte mil homens, perdeu-se quasi toda a Flandes Hespanhola. He sem dúvida Luiz digno de ser admirado em não ter arguido a Villeroi; *Senhor Marechal*, lhe disse Luiz XIV. assim que o vio, *as felicidades não são para a nossa idade*. Mas a Nação nem por isso gemia menos com os desastres occasionados pelas más eleições do valimento. Multiplicando-se os erros, augmentárao-se os desastres.

Vendome
victorioso
em Italia.

Dever-se-hia ter deixado Vendome em Italia, pois que nella fazia gloriosamente hum guerra difficilissima. Tinha elle rechassado o Principe Eugenio, na batalha de Cassano, junto ao Adda (1705.), e ultimamente acabava de alcançar hum victoria completa em Cassinato contra ou-

tro

tro General. Em fim tinha forçado Eugénio a retirar-se até o Trentino, a fim de esperar alli soccorros. Dispunhaõ-se as cousas para dar o ultimo golpe ao Duque de Saboya, por meio da tomada da Capital do Piemonte. Por este tempo he Vendome destinado para substituir a Villeroi nos Paizes Baixos, e o Duque da Feuillade, genro do Ministro Chamillard, que o queria exaltar ás maiores honras, estava encarregado de fazer o sitio de Turim: nova eleição de valimento, nova origem de infellicidades.

Vendome
destinado
para a Flá-
des.

O Author do seculo de Luiz XIV. dá huma relação curiosa dos preparos: “ Cem
„ batalhões, e quarenta e seis esquadões,
„ cento e quarenta peças de artilharia,
„ cento e déz mil balas, vinte e huma
„ mil bombas, quasi vinte oito mil grana-
„ das, &c. He certo que os gastos
„ de todos estes preparos de destruição
„ seriaõ sufficientes para fundar, e fazer
„ florecer a colonia mais numerosa. To-
„ do o sitio de Cidade grande requer es-
„ tes immensos gastos; e quando he ne-
„ cessario reparar no proprio Paiz qual-
„ quer aldêa arruinada, tudo saõ descui-
„ dos. „ Tomára copiar muitas vezes des-
tas reflexões; bem que dellas não resul-
tasse outra cousa, senão hum sentimento
de compaixão, pela sorte dos Póvos.

Preparos
para o sitio
de Turim.

Erros co-
mettidos
pelo Du-
que da
Feuillade
neste sitio.

Para julgarmos do Duque da Feuillade, basta saber que tendo-lhe o Marechal de Vauban offerecido vir dirigir, como engenheiro, as operações do sitio, o Duque rejeitou com desprezo este offerecimento. Esta a razão, porque á vista do modo, como elle acometteo Turim, deo a entender que não a queriaõ tomar; e este rumor tão incrível se espalhou muito. O sitio não se adiantava, depois de huns ataques mal combinados. O Duque de Saboya sahio da Cidade, e fugio; e Eugenio vinha em seu soccorro, e teve tempo para vencer todos os obstaculos.

Adianta-
va-se Eu-
genio, e
une se com
o Duque
de Saboya.

Na presença do mesmo Vendome nomeado já para a campanha de Flandes, e talvez mais negligente, do que de ordinario, pois devia partir; passa Eugenio o Adigé, o Canal branco; e finalmente o Pó. O Duque de Orleans, a quem Vendome deixa o mando do Exercito, vai unir-se com o Duque da Feuillade á vista de Turim, não tendo podido impedir a união dos Imperiaes com o Duque de Saboya junto a Asti. Se o Duque de Orleans fora o arbitro, ter-se-hia marchado para os inimigos, antes do que esperallos nas linhas. Huma ordem da Corte, de que estava encarregado o Marechal de Marsin, contra o seu proprio sentimento, foi a causa de não se seguir o parecer do Prin-
ci-

eipe. Para obedecer á ordem da Corte , se expozeraõ ás ultimas infellicidades.

Em duas horas saõ as linhas forçadas, e os Francezes dispersos. Bagagens , munições , caixa militar , tudo fica no poder do inimigo. Morre Marfin de huma ferida. O Duque de Orleans , ferido tambem , retira-se para Pinheirol. Perdêraõ-se sómente dous mil mórtos : e assim mesmo tudo se perdeu em Italia , o Piemonte , o Milanez , os Estados de Modena , de Mantua , e o proprio Reino de Napolles. Fazendo-se a retirada para Casal , ter-se-hia tido algum recurso. O Conde de Medavi , dous dias depois da derrota de Turin , alcançou huma victoria completa em Castilhõne contra o Principe de Hesse. Victoria inutil. Fez-se a capitulaçaõ para salvar aquellas tropas victoriosas , e todo o Paiz foi abandonado ao Imperador. Todas estas perdas procedêraõ de hum primeiro erro.

Derrota
de Turim.

Naõ estavaõ menos perdidas , como parecia as esperanças quanto aos negocios da Hespanha. O sitio de Barcelona , em que achou Filippe V. , se assignalou com circumstancias infelices , do mesmo modo que o sitio de Turim. Já a Praça estava quasi a render-se , quando o Conde de Tolosa , filho natural de Luiz XIV. , e Almirante General , que bloqueava o por-

Do mes-
mo modo
levanta-se
o sitio de
Barcelona.

to , se retirou á vista de huma esquadra Ingleza. Sobreveio hum eclipse de Sol , com que os Hespanhoes se atemorisáraõ , como succedida nos seculos da ignorancia. O Marechal de Tessé levantou promptamente o sitio , ficando para os Inglezes immensos provimentos , e o terror lavrou pelas Provincias. Entráraõ estes até Madrid onde fizeraõ aclamar o Archi-Duque. Houve quem julgasse em França que Philippe V. não podia deixar de ir estabelecer-se na America. Este projecto foi do famoso Vauban ; mas que se teria feito sem marinha ?

O Archi-Duque acclamado em Madrid.

Fidelidade, e zelo dos Castelhanos.

Hum recurso havia ainda na virtude dos Castelhanos. Fiéis ao seu Rei , indignados de que os pretendessem sujeitar à pezar seu a outro Principe , e gostosos de vêr o valor , e o merecimento da Rainha , ostentáraõ todo o zelo de hum Povo intrepido , animado pela desesperação. Bispos , Clérigos , Monges , Camponezes , mulheres , os proprios mininos , se entregaaõ ao enthusiasmo patriotico , e distinguindo-se por meio de acções attrevidas , brevemente se vê libertada a Capital. Entra novamente Philippe em Madrid , onde he recebido com grandes demonstrações de júbilo , e todos se daõ pressa em prodigalisar com elle os soccorros. O Marechal de Berwick , filho natural de Jacques II. , des-

ba-

barata os inimigos em Almanza, na fronteira de Valença. (1707.) Era seu General o Conde de Ruvigni, Francez, que chegou a ser Par de Inglaterra, com o nome de Milord Galway. Vendo este Milord os esforços que os Castelhanos fazião, escreveu a Londres dizendo, que todas as Potencias da Europa não seriaõ bastantes para privar do Throno hum Principe tão amado dos seus vassallos. O Duque de Orleans vinha mandar as trópas em Hespanha, e aproveitou-se da victoria de Almanza, para reduzir Valença, e Aragaõ, tomou Lerida em Catalunha, que o grande Condé não podéra n'outro tempo tomar.

1707
Alcança
Berwick a
victoria de
Almanza
a que se
seguirão
outros suc-
cessos.

Estes acontecimentos animavaõ de novo, e davaõ alguma esperanza. O Marechal de Villars não deixava tambem de ser bem succedido em Alemanha, onde pôz em contribuição a Franconia, e a Suevia. Estar a França ainda intacta, depois dos desastres os mais terriveis, era huma especie de prodigio; porém o Duque de Saboya, e o Principe Eugenio entráram finalmente nella pelo Estreito de Tende. Ao mesmo tempo que huma frota Inglesa bombeava Toulon, achava-se esta assediada por elles. Se viesse a ser tomada, provavelmente cahiaõ a Provença, e o Delfinado nas mãos do inimigo. A penuria, as mo-

Sitio de
Toulon.

les.

lestias, e soccorros chegados a tempo, fizeram levantar o sitio, e desvanecêrão os temores daquelle lado.

1788.
Tentativa
a respeito
da Escóssia.

Campanha
de Flandes.

O Duque
de Borgo-
nha, e
Vendome
não se
unem.

Novas infelicidades todavia ameaçavam os Póvos. Huma tentativa a respeito da Escóssia, a favor do pretendente, não teve successo algum feliz. O Cavalleiro de Forbin salvou a fróta, e nisto fez muito, a pezar dos Inglezes, e dos ventos contrarios. El-Rei Luiz tinha maiores esperanças na campanha de Flandes. Seu neto, o Duque de Borgonha, célebre pelas virtudes, que Fenelon lhe inspirára, commandava em Flandes hum Exercito de cem mil homens; e Vendome servia ás ordens deste Principe. A tomada de Gand, e Ipres, conquista tanto mais facil, pois se conservavaõ suas communicações em ambas estas Praças, parecia estar prognosticando grandes, e felices successos. Por desgraça não se uniaõ com o General, que não era devoto, o Principe pio, e os seus cortezãos: a differença do caracter, e principios rompeo a uniaõ, de que necessitavaõ para o bom exito. Não era o essencial pensar bem, mas sim fazer bem a sua obrigação, servindo o Estado. O Principe Eugenio, e Marlborough, estreitamente unidos assim na acção, como no conselho, aproveitáraõ-se dos erros, que deviaõ proceder daquella falta de intelligen-

gencia. Estes Generaes derrotáraõ o Exercito Francez em Oudenarde, e sitiáraõ Lilla: empreza temeraria na apparencia, e justificada pelo successo. A defeza admiravel do Marechal de Boufflers, quasi por espaço de quatro mezes, servio sómente de augmentar a gloria dos vencedores, que se asenhoreáraõ depois de Gand, e Bruges. Pariz tremia, e com razão; porque alguns officiaes alistados no serviço de Hollanda, a maior parte Francezes refugiados, tinhaõ-se adiantado até Versalhes, onde tomando o Estribeiro-Mór pelo Delfim, o prendêraõ.

Batalha de Oudenarde; tomada de Lilla, &c.

Terror em Pariz.

Augmentáraõ-se muito mais as calamidades em 1709. Clemente XI. (Albani), favoravel á Casa de França, vêdo o Estado Ecclesiastico ameaçado pelos Imperiaes, foi obrigado a reconhecer o Archiduque como Rei de Hespanha. Era o seu voto importante na oppinião de huns Póvos supersticiosos, que aborreciaõ os hereges, de quem emanava toda a força daquelle Principe. Os Inglezes tomáraõ a Sardenha á Hespanha, e o deraõ ao Imperador. No anno precedente tinhaõ tomado Porto-Mahon, e os Mouros se asenhoreáraõ de Oran, situada nas cóstas de Africa. Por toda a parte hia a Monarquia cahindo em ruina.

1709
Perde Filipe V. cada vez mais as suas forças.

Requer
Luiz a paz,
mas inutil-
mente.

Torci na
Haya; pro-
posições
dos inimi-
gos.

A tantas perdas se ajuntavaõ os flagellos da natureza. Hum inverno rigoroso nenhuma esperança deixa de colheita. Exhausta a França parece incapaz de novos esforços. Nas Provincias não se ouve outra cousa, senão murmurações. Requer Luiz a paz, sem se lisonjear de obter condições supportaveis; e o que procura unicamente he convencer os seus Póvos de que continúa a guerra a seu pezar. Com effeito, o Marquez de Torci, Ministro principal do Rei, o qual parte a tratar em pessoa, soffre na Haya a altiveza de Heinsio, primeiro Ministro das Provincias Unidas, o qual unido com Marlborough, e com o Principe Eugenio, intentava opprimir a França. As suas proposições são intoleraveis; pois pretendem que o Rei faça alliança com elles, a fim de tirar o Throno a seu neto; que renuncie a Soberania de Alsacia; que ceda dez Cidades de Flandes aos Hollandezes, &c. Estas odiosas proposições tiveraõ bom effeito para Luiz XIV., o qual expoz aos olhos do público, por huma carta circular, assim a injustiça cruel dos inimigos, como a necessidade de defender-se contra elles. A indignação, e a honra suspendêraõ o sentimento das infelicidades, que se padeciaõ.

Villars, e
Boufflers e
Flandes.

Estava em Flandes hum exercito de quasi setenta mil homens, e Villars tinha

o mando delle. O Marechal de Bloufflers, posto que mais antigo do que Villars, tinha requerido, e alcançado o servir ás suas ordens: generosidade mais gloriosa sem dúvida, do que o mando em chefe. Pouco havia que se perdêra Tournay. O Principe Eugenio, e Marlborough, hiaõ formar o sitio de Mons com quasi oitenta mil homens. Estes Generaes acomettem os Francezes, os quaes querem oppôr-se ao seu intento.

Esta batalha de Malplaquete excede a todas as demais, assim pela obstinação dos combatentes, como pelo sangue que se derramou. Na vespera tinha faltado o pão aos soldados Francezes: os quaes lançaõ fóra huma parte do que ultimamente lhes tinhaõ distribuido, e se esquecem das suas necessidades, a fim de entregar-se ao seu ardor marcial. A ala esquerda dos inimigos, que se compunha de Hollandezes, ficou derrotada. Marlborough porém ganha terreno, e Villars foi ferido quando corria a oppôr-se aos seus progressos. Perde-se o campo de batalha, e a retirada faz-se em boa ordem por Boufflers. A perda da França consistia só em quasi oito mil homens, e a dos alliados montava a mais de vinte mil. Com tudo elles tomáraõ Mons. Algumas vezes influe prodigiosamente a opiniaõ nos successos da guerra. Hum cam-

Batalha
de Malpla-
quete.

po de batalha perdido era sufficiente para abater a confiança dos que ficavaõ com maior poder.

Projecto
mallogra-
do dos ini-
migos a
respeito da
Borgonha.

Da outra parte do Reino tambem se tinhaõ visto ameaçados de huma invasaõ. O Duque de Saboya tinha passado os Alpes, e tomado Anneci, e devia adiantar-se até Borgonha, onde os Imperiaes esperavaõ unir-se com elle, depois de terem entrado pelo Franco-Condado. Esta atrevida empreza, ajustada com prudencia, se mallogrou por causa da derrota do Conde de Mercí em Rurnersheim. O Conde de Bourg, depois Marechal de França, teve a gloria de o vencer, e de quietar em parte o Reino. Mas se a guerra não acabasse, que cousas que se deviaõ esperar? Não póde Luiz deixar de humilhar-se novamente sob o peso do infortunio.

CAPITULO VI.

Continuação da guerra. --- Morte do Imperador Josê. --- Intrigas em Londres. --- Desgraça de Marlborough, e preliminares da paz.

ESTE Conquistador terrível, que em 1672 subjugára quasi toda a Hollanda, e recusando aos vencidos várias condições toleraveis, lhes inspirára o valor da deseseparação, vê-se reduzido a pedir aos mesmos Hollandezes huma paz humilde, persuadido de não a poder obter, senão por meio delles. Offerecia-lhes hum limite, em que erão comprehendidas Tournay, e Lille; offerecia restituir Strasburgo, e Brisac, entulhar o porto de Dunkerque, reconhecer Rei de Hespanha o Archi-Duque, não dar soccorro algum a Filippe V., &c. Destes offercimentos pôde cada hum julgar qual era a grande necessidade, em que a Nação se achava, e a horrorosa situação do Reino.

Offereci-
mentos hu-
mildes de
Luiz.

Se o bem geral prevalecesse ás paixões particulares, não havia sem dúvida que vacillar. Por ventura não padeciaõ tambem os alliados? Não consumiaõ elles as suas

Naõ se
podiaõ re-
jeitar os
offereci-
mêtos sem
imprudên-
cia.

suas forças ? Tinhaõ alguma certeza de vencer sempre ? Não podia huma desgraça fazellos perder as grandes utilidades que sólidamente lhes dava huma pennada ? Mas por huma parte , a ambição de Eugenio , e Marlborough queria prolongar a guerra ; e por outra , a oufania de Heinsio , primeiro Ministro das Provincias Unidas gostava de destruir , e arruinar a Luiz XIV. A Hollanda estava sem Stathouder, depois da mórte de Guilherme III. , e ainda assim Heinsio , menos ambicioso que Guilherme , seguia á respeito da França o mesmo systema de politica , e deixava-se levar dos movimentos , que lhe imprimiaõ os dous Generaes.

Pretende-se não obstante que o mesmo Luiz XIV. prive do Throno a seu neto.

Os Embaixadores Francezes , recebidos como por favor na pequena Villa de Gertruydembergue (pois não se dignáraõ de os admittir ás conferencias com os mais Plenipotenciarios), vendo as suas proposições reprovadas com certo tom de desprezo , humilháraõ-se até prometter socorros pecuniarios contra Filippe V. A barbaridade dos inimigos chegou a tal excessso , que elles exigiráõ que o Rei voltasse contra Filippe , e que se obrigasse só a privallo do Throno , no espaço de dous mezes. Sem esta condição , não queriaõ entrar em Tratado algum : o que era o mesmo que fazer a paz impossivel , e

conf-

constituir-se no conceito do Genero Humano , culpado de todas as atrocidades de huma guerra injusta.

Para maior infelicidade , a fortuna servia de nutrir a arrogancia dos alliados , que tomárao Duay , Bethuna , S. Venancio , e Aire. Os limites da França hiaõ cahindo hum atraz d'outro. A miseria pública inspirava por toda a parte a desesperação. Hum novo Edicto a favor da fazenda real impoz a decima dos rendimentos ; e este imposto , que por desgraça era necessario , foi regiltrado sem obstaculo. Em Hespanha succedia o mesmo , que em França ; quasi que se vio chegar o fatal instante , em que perdida estava toda a esperança.

Novas infelicidades da França.

Depois da batalha de Almanza em 1707 , a qual se seguiu em 1709 outra victoria alcançada pelo Marquez de Bay em Gudina , na Estremadura , Philippe V. ainda se achou a ponto de ser expulsado do seu Reino. Luiz XIV. tinha mandado recolher as suas tropas , para defender-se a si mesmo , e os Hespanhoes duas vezes vencidos em Catalunha , tornão a ser desbaratados em Saragoça por Stahrenberg , célebre General Alemão. Abandonna Philippe novamente a sua capital , e o Archiduque entra segunda vez em Madrid , onde faz que o tornem a aclamar.

Abandona Philippe V. outra vez Madrid.

Mas a tristeza pintada no semblante dos Castelhanos , dá annuncios da sua fidelidade ao legitimo Rei.

Vendome
em Hespá-
nha.

Tinhaõ pedido hum unico homem á Corte de França , o famoso Duque de Vendome , que já não servia depois da triste campanha de Lille. Nunca General algum soube melhor , que Vendome , inspirar o enthusiasmo militar. Chega elle , e todos julgaõ ter achado hum salvador. Os Grandes de Hespanha deliberaõ a respeito do posto , que lhe haõ de dar : *Todo o posto he bom para mim* , disse aquelle Heróe ; *eu não venho disputar-vos a preferencia ; venho somente salvar o vosso Rei.* Brevemente se vê Vendome com hum Exercito , e com dinheiro ; e como que o zelo da Naçaõ obra hum impossivel. O Archi-Duque sahe de Madrid , e Vendome , depois de ter reconduzido a esta Cidade o Rei , corre para os inimigos attonitos , cerca em Brihuega o General Inglez Stanhope , a quem faz prisioneiro com cinco mil homens , e alcança no dia seguinte em Villa-Viçosa humna victoria decisiva contra Stahrenberg. Neste dia appareceo gloriosamente Philippe , que tinha sido arguido , do mesmo modo que o Archiduque , por não animar as trópas com a sua presença. Dizia o Conde de Peterborough , depois da batalha de Almanza :

Sitio de
Brihuega ;
batalha de
Villa-Vi-
çosa.

za : *Muito bons somos em combater por elles !*

O Imperador José I. , cuja felicidade se tinha constantemente sustentado , que tinha desmembrado em beneficio seu huma parte da Monarquia Hespanhola ; que tinha disposto arbitrariamente dos Estados do Eleitor de Baviera ; que triunfava com o abatimento do Rei de França , e tinha domado ultimamente os rebeldes de Hungria , morreo de idade de trinta e tres annos , entre as humanas prosperidades. Carlos VI. seu irmão , que todos se empenhavaõ por exaltar ao Throno de Hespanha , era seu herdeiro , e foi eleito Imperador depois de hum interregno de seis mezes. A paz devia ser o fructo deste imprevisto successo.

Môrte do
feliz Impe-
rador José.

Carlos VI.
Successor
de José I.

Já na Inglaterra se tratava da paz , havia algum tempo. Várias intrigas occultas de Corte servirão nella á humanidade. He esta huma circumstancia muito digna de observação para deixar de fixar a attenção. Couza nenhuma prôva melhor quanto influem algumas vezes na sôrte dos Povos , e dos Imperios , o capricho , a fantazia , e as cousas pequenas.

Intrigas
occultas
para a paz
em Ingla-
terra.

Havia sempre entre os Whigs , e os Torys huma opposição tanto mais sôrte , quanto á politica se unia a religião a fim de os dividir ; porque os primeiros con-

Os Whigs
domina-
vão em
Londres.

fer-

Credito,
e vícios de
Malbo-
rough.

fervavaõ principios de Presbyterianos, e os outros eraõ zelosos do Episcopato. Tendo-se Marlborough declarado a favor dos Whigs, este partido, além de dominar, perseguia. Como inimigo da paz, tinha as mesmas idéas que o General, o qual fundava na guerra o seu credito, e a sua immensa fortuna. A sede do ouro, paixão indigna de taõ grande homem, não contribuia menos do que a sede das honras, para o constituir inimigo irreconciliavel dos Bourbons. A Rainha Anna era governada por sua mulher; Godolphin, The-soureiro Geral, era da sua amisade, e sogro de huma de suas filhas; o Conde de Sunderland, Secretario de Estado, não lhe era menos devoto. Deste modo podia dispôr de tudo, em quanto a Corte não mudasse.

Sua mu-
lher abusa
do valimẽ-
to.

Mas a Duqueza de Marlborough, taõ activa que passava a ser insolente, esqueceo-se de que o valimento deve conservar-se com industria, a fim de se abrigar das desgraças. Esta Duqueza deo a conhecer muito bem á Rainha o Imperio, que exercia em sua alma, e causou-lhe tantos desgostos, que em 1708 outra valida, Milady Masham, sua parente, e creatura sua, já era huma compedidora prestes a substitui-la. Formárao-se logo intrigas contra o Duque. Os Torys

se animárao novamente , e Harley , depois Conde de Oxford , Secretario de Estado , e o famoso Saint-Jean , depois Conde de Bolingbroke , formárao o plano de huma revolução.

Harley, e
Bolingbro-
ke.

Nos Paizes , em que o Povo tem influencia , he de necessidade pôllo em movimento , segundo os fins onde se leva a mira , por meios analogos ao seu modo de pensar , ou sentir ; e os principios da religião são quasi sempre os mais efficazes.

Servem-se
os Torys
da reli-
gião.

O Doutor Sacheverel , hum daquelles fervorosos entusiastados , que sem instrução pôdem dirigir a plebe , prégou ; e imprimio as suas declamações a favor da obediencia passiva , a favor da intolerancia religiosa , n'huma palavra contra os principios , e contra o governo dos Whigs. Foi acusado pela Camera dos Communs em 1709. O seu processo deo que entender a todos. O clero , e o Povo declararaõ-se seus seguidores com tanto fervor , que se receou alguma sedição. A Rainha assistio ás sessões como espectadora. Não se ignorava que ella approvava huma doutrina favoravel á Realeza. Muitos dos principaes Torys confessárao que os Sermões do Doutor eraõ absurdos ; mas sustentárao que não havia materia de condemnação. Foi Sacheverel julgado por culpavel , só pela pluralidade de dezasete vo-

Sacheve-
rel.

tos ,

Os seus Sermões são queimados por ordem do Parlamento. tos, e o Parlamento mandou queimar os seus Sermões, e prohibio o pulpito por tres annos. Esperava-se huma sentença mais rigorosa: e os Torys julgando-se triumphantes, augmentárao mais as suas intrigas.

Desgracia da Duqueza de Marlborough. Tal era a fraqueza da Rainha para com a Duqueza de Marlborough, que moderando esta o seu altivo genio, teria podendo conservar-se ainda muito tempo. Ella se constituiu em fim insupportavel por causa da sua altiveza, e actividade. A nova valida, insultada pela mesma Duqueza de Marlborough, aproveitou-se das occasiões de vingança. Offendida Anna ao vivo quebrou a sua amizade, e em breve tempo foraõ despedidos da Corte Godolphin, e os outros principaes do partido Whig. O Ministerio mudou de face, e era necessario mudar tambem o Parlamento. Fizeraõ apparecer de novo em scena o Doutor Sacheverel: deraõ-lhe hum beneficio; o Cléro, e o Povo se entregáraõ a huma especie de enthusiasmo, que dirigio quasi todas as eleições a respeito dos Torys. Sem este pequeno meio, talvez que a revolução não tivesse effeito. Por toda a parte he o Povo o mesmo.

Pequenos meios causão grãdes mudanças.

Furia dos Torys contra o Duque de Marlborough. Assim que os Torys se viraõ os mais poderosos, se fizeraõ como os Whigs, insolentes, e perseguidores. Os Torys se en-

enfurecêrao contra os antigos Ministros ; e contra o Duque de Marlborough. As grandes acções, e os grandes serviços deste General ; se deslumbraão com o odio do partido. Não se fallava, senão da sua infaciavel cubiça ; imputavao-lhe as coufas mais odiosas ; insultavao os seus talentos ; até o seu valor punhaõ em problema. A inconstancia , e a ingraticidaõ dos Athenienses pareciaõ imperar no genio Inglez : ou para melhor dizer os Ingleses na effervescencia das facções , mostravaõ ser os mesmos, que sempre foraõ em taes circumstancias , menos rasoaveis , mais colericos ; e mais injustos.

Com tudo a Corte não se atrevia a tirar a Marlborough o mando do exercito. Em quanto a guerra durasse , estava elle quasi certo de conservar muito poder ; e qualquer que fosse a disposição da Rainha a respeito da paz , as preocupações da Nação contra a França , e o orgulho da victoria , oppunhaõ-lhe poderosos obstaculos.

Mas por mórté do Imperador José I., herdando o Archi-Duque Carlos todos os seus Estados , devia Inglaterra seguir outro systema differente. Ella sopportava o pezo da guerra , e Hollanda , e a Casa de Austria recolhiaõ as suas utilidades. Se o equilibrio da Europa tinha dado motivo

Obstaculos para a paz.

Depois da mórté de José I., não subsistiaõ mais os motivos de guerra.

pa-

para que todos tomassem armas ; se havia receio que a Casa de França , estabelecida no Throno de Hespanha , não fizesse pender a balança para a sua parte , era por ventura necessario que huma mesma cabeça cingisse todas as Coroas , que antigamente tinham constituido a Casa de Austria muito tremenda ? Por ventura não era já tempo de terem fim as calamidades da Europa ? Não era esta a cousa mais gloriosa , que Inglaterra podia executar ?

Tratados
ocultos e
Versalhes.

Os encargos contrahidos com os allia-
dos opprimiaõ a Rainha Anna , e os seus
Ministros. Já se tinha dado principio com
a Corte de Versalhes a huma negociação
secreta , por meio de hum Padre desco-
nhecido , por nome Gaultier , o qual cer-
tificou ao Ministro de Luiz XIV. , que se
quizessem a paz , ella se podia fazer sem
a intercessão da Hollanda. *Isto era o mes-
mo* , como diz expressamente Torci nas
suas Memorias , *que perguntar a hum en-
fermo , acometido de huma dilatada , e pe-
rigosa enfermidade , se quer curar-se della.*
O Poeta Prior foi empregado nesta nego-
ciação ; e o que he cousa rara , de huma
e outra parte obravaõ com igual sincerida-
dade.

Com tudo a guerra continuava. Marl-
borough ainda fez tremer a França : aco-
metteo as linhas do Marechal de Villars ,
que

1711
Marlbo-
rough to-
ma Bujan.

que se extendiaõ des de Montreuil até Valenciana. Tentou o sitio de Bujan, empreza attrevida, e teve o mesmo successo. Quasi que não tinha mais obstaculos, que encontrar até París.

Felizmente as pacificas idéas da Corte de Londres prendêraõ a ambição daquelle General. Apezar do Imperador, e dos Estados Geraes, assignáraõ-se em fim os preliminares da paz, por meio dos quaes se assegurava hum limite aos alliados, a demolição de Dunkerque, &c. Marlborough foi despojado dos seus empregos, mas conservou as riquezas, que tinha adquirido no tempo da guerra. Accusado de roubo de dinheiro público, talvez teria sido victima dos Torys, se a Rainha, por meio de huma moderação prudente, não tivesse prolongado este odiosissimo processo.

Preliminares da paz.

Perde Marlborough os seus empregos.

Em vão chegou o Principe Eugenio a Londres, na esperança de oppôr-se ás idéas do Ministerio. Foi recebido nesta Corte com grandes honras, e perdeu a sua esperança. Ao menos este Principe manifestou a grande estimação, que fazia do Heróe desgraçado. Jantando hum dia com o Conde de Oxford (Harley), author da revolução, e dizendo-lhe este Ministro que elle se congratulava de ter em sua casa o maior General da Europa: *Se eu o sou,* ref-

Eugenio em Londres.

respondeo Eugenio , *a vós he que o devo.* Não podia Marlborough ser mais bem louvado , nem melhor vingado dos insultos dos seus inimigos.

Os Hol-
landezes
obrigados
a consen-
tir nas cô-
ferencias.

Sé os Holandezes víraõ Inglaterra a ponto de abandonallos , foi este hum justo castigo da sua arrogancia. Declarou-se-lhes , em nome da Rainha , que se differissem concorrer para os preliminares , esta demora seria reputada por huma negativa. Consentirão elles entaõ em abrir conferencias em Utreque , onde veremos nascer huma paz , que todas as Nações devião desejar com grande ancia.



É P O C A

D E L U I Z X I V .

L I V R O I V .

O qual contém o fim do Reinado de Luiz XIV., e a historia do Czar Pedro I., e de Carlos XII.

C A P I T U L O I .

*Tratados de Utreque. --- Victórias da França.
--- Fim da guerra em 1714.*

ABRIO SE o Congresso de Utreque em Janeiro de 1712, e não correspondeo no principio ás esperanças de Luiz XIV. Por muito grande que fosse o desejo, que a Rainha Anna tinha da paz, queria quanto fosse possível, satisfazer aos seus alliados, cujos sentimentos de nada tinham menos, que de pacíficos. O Imperador Carlos VI. oppunha-se a todo o desmembramento da Monarquia Hespanhol, e os Hollandezes não cingião as suas

1712
O Impe-
rador, e a
Hollanda
opostos á
paz.

suas pretenções ao limite, que exigiaõ. Sempre os viraõ negociar com má fé, expondo mil difficuldades, naõ se explicando a respeito do objecto dos seus requerimentos, reservando-se para requerer conforme as conjuncturas, e querendo que a França estivesse quasi sujeita á sua discreção.

Difficul-
dades dos
Plenipo-
tenciarios
Inglezes.

Por outra parte, os Plenipotenciarios Inglezes, circunspectos, e timidos, com o receio das mudanças taõ communs em Inglaterra, receio tanto mais bem fundado, quanto se antevia hum novo reinado; “Estes Plenipotenciarios, diz Torci, em
„ vez de se communicarem com os de
„ França, fallavaõ ainda como inimigos;
„ executavaõ á risca as ordens, que ti-
„ nhaõ recebido; as suas instrucções eraõ
„ os fiadores do seu proceder. He peri-
„ gozo proceder de outro modo n’hum
„ Paiz inconstante, onde conforme a su-
„ perioridade dos partidos, cada hum
„ he julgado digno, ou de recompensa,
„ ou de castigo: incerteza infeliz, que
„ os Plenipotenciarios de França naõ ti-
„ nhaõ que recear, obedecendo unica-
„ mente ao Rei, a quem só deviaõ agra-
„ dar, e certos de o conseguir execu-
„ tando com a pontualidade as ordens
„ claras, e exactas, que Sua Magestade
„ lhes dava sem reserva de segredo.” Este

te facto dá huma idéa muito justa da differença dos governos. Torci devia sem dúvida preferir o governo de Versalhes.

A tantas demoras se seguiu hum obstaculo improviso, cujo principio era horroroso para Luiz XIV. O Delfim, seu filho unico, tinha morrido em 1711, e o Duque de Borgonha, segundo Delfim, morreo tambem, de idade de trinta annos, Principe digno de toda a saudade, pois que nelle se esperava o reinado de hum sábio. A Delfina, sua mulher, Princeza completa, tinha acabado a vida seis dias antes. Poucos dias depois, expirou o Duque de Bretanha, seu filho primogenito. O Duque de Anjou (Luiz XV.) estava sem esperanza alguma de vida, e por conseguinte o direito de Successão á Coroa podia passar em breve tempo ao Rei de Hespanha, filho segundo do primeiro Delfim; e por meio desta enfiada de infelicidades, a uniaõ das duas Coroas, objecto dos temores da Europa, já não era contraria á verisimilhança.

Esta a razão, porque a Rainha Anna pediu, como condição essencial da paz, que Philippe V. renunciasse pura, e simplesmente a Coroa de França, e transmittisse os seus direitos ao Duque de Berri, seu ultimo irmão. No Conselho de Versalhes se julgou que esta renuncia-

Novo obstaculo por causa da morte dos Principes de França.

Requer-se huma renunciação de Philipps V.

Esta re-
nunciação
seria nulla,
segundo a
Corte de
Versalhes.

ção seria nulla pelas Leis fundamentaes do Reino. Em declarallo assim se procedeo com boa fé; e Torci sustentou este parecer com huma passagem de Jeronymo Bignon, o qual suppõe que a Lei fundamental, de que se trata he, no conceito da Nação, obra do mesmo Deos, e que só Deos tem o poder de abolilla. Podia-se discorrer melhor, do que Jeronimo Bignon neste ponto sem prejudicar os incontestaveis direitos da familia reinante. Muito importa, especialmente em materias de ponderação, allegar sómente razões sólidas.

Resposta
de Bolin-
gbroke.

Bolingbroke, Secretario de Estado da Rainha, respondeo com sabedoria, e prudencia: "Convimos que em França es-
,, tais capacitado de que só Deos he quem
,, póde abolir a Lei, em que está funda-
,, do o vosso direito de Successão. Mas
,, haveis de permittir-nos tambem crêr
,, em Inglaterra, que hum Principe póde
,, desistir dos seus direitos por meio de
,, huma cessão voluntaria, e que aquel-
,, le, a favor de quem elle tivesse renun-
,, ciado, poderia ser defendido com justi-
,, ça nas suas pretensões pelas Poten-
,, cias, fiadoras do seu Tratado. ,,

Alternati-
va proposta
ao Rei de
Hespanha.

A necessidade, mais poderosa que os discursos, persuade em breve tempo a Luiz XIV., o qual exhorta seu neto para es-

te indispensavel passo. Para facilitar a paz, propõe ainda huma alternativa : ou que Filippe V. faça a renunciação requerida, ou que ceda Hespanha ao Duque de Saboya, de quem haverá em troca os Estados, com Monferrato, com os Estados de Mantua, e Reinos de Napoles, e Sicilia; de modo que se chegar a obter a Coroa de França, ou elle ou algum dos seus descendentes, esta poderá unir-se com todos aquelles Estados, excepto a Sicilia, que passará á Casa de Austria. Preferia Luiz este ultimo expediente. “Te-
 „ rei pela maior felicidade de minha vi-
 „ da, escreveo elle ao Rei de Hespanha,
 „ o tomardes a resolução de seguir o meu
 „ parecer, e conservar huns direitos, de
 „ que algum dia inutilmente vos arre-
 „ pendereis, se os abandonardes. „ Mas
 Filippe preferio a Hespanha, allegando tu-
 do o que elle devia á sua gloria, e ao
 zelo dos seus vassallos. Consentio na re-
 nunciação, e se assentou n’huma suspensão
 de armas. Os Inglezes pretendêraõ que
 se lhes entregasse Dunkerque até a con-
 clusão da paz, e assim se fez; porque en-
 tre as duas Cortes reinava huma mutua
 confiança, e a conclusão não admittia de-
 mora alguma.

Consente
Filippe na
renuncia-
ção, con-
tra os de-
sejos de
Luiz XIV.

A Hollanda todavia tinha redobrado
os seus esforços para a primeira campa-
 TOM. IX. I nha.

Os Ingle-
zes sepa-
raõ-se dos
aliados,

na. Eugenio tomou Quésnoy, e propoz ao Duque de Ormond, General do Exército Inglez, o dar huma batalha. Nesta occasião he que se declarou huma suspensão de armas entre França, e Inglaterra. Retirou-se o Duque; mas a maior parte das tropas Estrangeiras, empregadas no serviço da Rainha, não o quizerão seguir. Achando-se ainda assim Eugenio superior em número, formou o sitio de Landreci. A França estava reduzida ás ultimas extremidades. Deliberou-se se o Rei se ausentaria de Versalhes, e este se mostrou resolute, no caso de nova infelicidade, a convocar toda a Nobreza, guialla para o inimigo, e morrer combatendo. Este Monarca, maior na adversidade, do que na ostentação dos seus triunfos, interessa os corações sensiveis, depois de ter offuscado os olhos muito tempo.

Landreci
sitiada por
Eugenio.

Animo do
Rei.

Projecto
de aconiet-
ter os ini-
migos.

Já era tempo dos inimigos exprimentarem tambem quaõ cégos são todos aquelles, que confiaõ na fortuna. Hum Cura, e hum Magistrado de Duay foraõ os primeiros, que imagináraõ ser facil acometter dous póstos essenciaes do Principe Eugenio, cujas linhas se estendiaõ muito, e cujo campo se achava muito remoto. Grandes intentos póde produzir huma idéa concebida por a caso. Confórme o aviso, que disto tiveraõ os Marechaes de Villars,

e Montesquiou, se traçou o plano de humma expedição, que salvou a França. Que cousas não se deviaõ temer, quando fosse infeliz o exito desta expedição?

Finge Villars querer acometter o campo de Eugenio, a quem entretém, e vai acometter Denain, onde estava entrincheirado o Duque de Albemarle. Força as trincheiras, cativa os Generaes, e todo o restante das trópas. Toma arrebatadamente os differentes postos situados ao longo de Scarpa: dá sobre Marchiennes, deposito dos armazens do inimigo, e assenhorea-se d'ella dentro em tres dias. Levanta Eugenio o sitio de Landreci. Tornaõ a tomar-lhe Santo Amando, Duay, Quesnoy, e Bujan; e elle se retira depois de ter perdido, sem dar batalha humma grande parte do seu Exercito, ficando prisioneiros quarenta dos seus batalhões. Fica entaõ superior a França, e os inimigos da paz castigados da sua imprudente, e cruel ambição.

Faz-se entaõ solemnemente a renunciação de Philippe V. A Corte de Londres tinha requerido que esta renunciação fosse ratificada pelos Estados Geraes de França.

Renunciação de Philippe; como foi publicada em França.

“ Mas, diz Torci nas suas Memorias, sendo desconhecida em França a authoridade attribuida pelos Estrangeiros aos Estados, mudou o Rei esta clausula, e

„ prometteo acceitar sómente a renun-
 „ ciação do Rei , seu neto , que seria de-
 „ pois publicada por sua ordem , e regis-
 „ tada em todos os Parlametos do Rei.
 „ no do modo mais solemne. „ Com ef-
 feito , des do anno de 1614 já não havia
 mais conhecimento de Junta nacional , se-
 não pela Historia. O Duque de Berri , ir-
 maõ de Filippe , renunciou do mesmo
 modo á Coroa de Hespanha no caso que
 chegasse a alcançar a de França ; e o mes-
 mo fez o Duque de Orleans. O melhor
 fiador destas renunciações era sem dúvi-
 vida a inquietação da Europa a favor do
 equilibrio.

As Cortes
 mudão a
 ordem da
 successão
 em Hespa-
 nha.

As Cortes , antigamente tão poderosas
 em Hespanha , e hoje em dia annulladas do
 mesmo modo que em França os Estados
 Geraes , confirmáraõ a renunciação de Fi-
 lippe. Ainda fizeraõ mais : mudáraõ a or-
 dem da successão a favor dos filhos varões.
 Como as filhas eraõ herdeiras da Monar-
 quia Hespanhol , com preferencia aos Prin-
 cipes mais affastados do que ellas , deter-
 minou-se que os varões teriaõ dalli ao
 diante a preferencia. Sem isto poderiaõ os
 descendentes de Filippe V. ter visto a Co-
 roa passar algum dia a mãos estrangeiras ,
 por meio de casamentos ; e a renunciação re-
 dundaria em prejuizo seu. Hum objecto tão
 importante era digno da Junta das Cortes.
 Ven-

Vencido todo o obstaculo da parte da Corte de Londres, mudáraõ os Hollandezes de tom; pois requerêraõ humildemente que queriaõ renovar as conferencias, que com elles se tinhaõ interrompido. O Abbade de Polinhac, segundo Plenipotenciario de Luiz XIV., escreveo nestes termos: “Nós fazemos a mesma figura que os Hollandezes faziaõ em Gertruydenbergue, e elles fazem a nossa. He esta huma completa vingança. O Conde de Sinzendorf, Ministro do Imperador, sente bẽm ao vivo a sua decadencia.” Consternados com a ultima campanha, era necessario que os Estados Geraes seguissem os movimentos de Inglaterra; por muito que a Corte de Viena se empenhasse em demorallos.

Hollanda
tambem se
abate a fim
de obter a
paz.

Finalmente assignou-se a paz em Utreque, confôrme os preliminares, em que Luiz tinha convindo. Indiquemos os Artigos principaes dos Tratados.

1713
Tratado
de Utre-
que.

1. Obriga-se França a não consentir nas suas terras o Pretendente, e a não reconhecer os direitos dos Stuarts. Fica por fiadora da ordem de successão estabelecida a favor da Casa de Hannover. O Parlamento de Inglaterra tinha declarado que, se a Rainha Anna morresse sem filhos, passaria a Coroa para a Princeza Sophia, filha do Eleitor Palatino Frederico V., ne-

Artigos a
favor de
Inglaterra.

ta de Jacques I., e Mãe de Jorge de Brunswick, Eleitor de Hannover, o qual reinou em virtude deste Auto, Contárao-se quarenta e cinco pessoas, que em virtude do direito do nascimento deviaõ preferir a Jorge de Brunswick. Mas os Inglezes tinhaõ só consultado o seu odio para com a Liga Catholica. A bahia de Hudson, as Ilhas de S. Christovão, e de Terra-Nova, Acadia, ou a nova Escossia, foraõ cedidas á Inglaterra; aquisições importantes na America. Entulhar-se-ha o porto, e serãõ demolidas as fortificações de Dunkerque, com promessa de nunca já mais as reparar. Hespanha cede aos Inglezes Gibraltar, a Ilha de Minorca, e o *assiento*, ou o commercio dos negros por trinta annos.

Limite da
Hollanda.

2. Obriga-se França a entregar os Paizes Baixos Hespanhoes aos Estados Geraes, a favor da Casa de Austria, que os possuirá com toda a Soberania. Nenhuma Praça destas Provincias poderá pertencer já mais áquella Coroa, nem tão pouco a Principe algum de sangue. Terãõ os Holandezes guarnição nas Praças destinadas para o seu limite, confôrme hum Tratado, que elles tinhaõ concluido com Inglaterra. Ajuntaõ-se ás Praças, de que se trata, Tournay, Ipres, Menin, &c. Mas restituem-se em troca a Luiz

XIV.,

XIV. , Lila , Aires , Bethuna , e S. Venancio.

3. O Duque de Saboya he reconhecido por herdeiro da Monarquia Hespanhol, não havendo posteridade de Filippe V. O cume dos Alpes servirá de limite entre a França , e os seus Estados. Cedem-lhe Exilla , Fenestrelle , Castello-Delfim , &c. Hespanha cedê-lhe o Reino de Sicilia , com a clausula de reversão , não havendo herdeiros varões. Victor Amadeo adquiria muito por causa da sua separação do partido.

O Duque de Saboya, Rei de Sicilia , &c.

4. O Eleitor de Baviera conservará Luxemburgo , e o Condado de Namur , até que esteja indemnizado das suas perdas. Filippe V. tinha-lhe dado a Soberania dos Paizes Baixos Hespanhoes , de que elle conservava só huma parte. Tambem lhe concedem o Reino de Sardenha. O restabelecimento deste Principe , e do Eleitor de Colonia , seu irmão , sempre foi hum dos objectos principaes da generosidade do Rei de França.

Casa de Baviera.

5. Além dos Paizes Baixos , deixa-se á Casa de Austria o Reino de Napoles , e os Estados de Milão. Luiz abandona ao Imperio Landau , Kehl , e Brisac. O Eleitor de Brandeburgo he reconhecido Rei de Prussia , e cedem-lhe a Gueldre Hespanhol.

Casa de Austria ; o Imperio.

Por-

Portugal ;
Hespanha.

6. Portugal foi comprehendido na paz geral. Todas as Potencias contrahentes reconhecerão a Filippe V., o qual perdeu somente huns Estados, cuja posse era talvez mais funesta, do que util para a Hespanha, por estarem muito separados della.

Carlos
VI., casti-
gado por
não ter fei-
to a paz.

Approvando, e consentindo o Imperador Carlos VI. na paz de Utreque teria adquirido certas utilidades, e terminado felizmente huma guerra, que ensanguentava a Europa havia treze annos. Lisonjeou-se este Imperador de alcançar por meios violentos novas concessões, sem o soccorro de Inglaterra, e Hollanda: esperanza temeraria, de que elle teve motivo para arrepender-se. Villars tomou Landau, passou o Rhin, desbaratou o General Vau-bonne, assenhoreou-se de Friburgo, obrigou deste modo o Imperador a fazer a paz, e teve a gloria de a concluir em Rastadt com o Principe Eugenio.

1714
Tratado de
Rastadt.

Em virtude deste Tratado, conservou França Landau, e as fronteiras foraõ precisamente as mesmas que depois da paz de Riswick. Carlos VI. obteve da Monarquia Hespanhol o mesmo, que lhe tinhaõ cedido em Utreque. Restabelecco os Eleitores de Baviera, e Colonia aos seus Estados. Nem elle, nem o Imperio reconhecerão o Rei de Hespanha, o qual pela sua

par-

parte não reconheceo tambem o Imperador. Mas nem por isso deixavaõ os seus direitos de ser menos fixos. O Tratado com o Imperio foi assignado em Bade.

Quão sujeita está a politica ambiciosa a enganar-se nos seus calculos! França, A politica ambiciosa, enganada. que se julgava despojada de muitas Provincias, perdeu sómente na Europa algumas das Praças conquistadas. Lembremos dos offerecimentos de Luiz nas Conferencias de Gertruydenbergue; e viremos no conhecimento de que independente dos interesses da humanidade, recusar a paz, quando esta se póde fazer utilmente, he huma loucura. E que julgaremos nós das conquistas de Luiz XIV., compradas á custa de tantas guerras tão prejudiciaes, como sanguinolentas?

Já não restava mais para sujeitar ao Rei de Hespanha, senão a Catalunha obstinadamente rebelde ás suas Leis. Privada Sujeita-se finalmente a Catalunha. esta de todo o soccorro, ainda se atreveo a entregar-se ao enthusiasmo da liberdade. Luiz XIV. mandou tropas, e huma esquadra; Barcelona, sitiada por mar, e terra, defendeo-se com furor. Os Clérigos, e os Monges excitavaõ a isto o valor por meio do fanatismo. Conta-se que mais de quinhentos Monges, e Clerigos morrerão com as armas na mão. Finalmente o Marechal de Berwick obrigou esta grande

de Cidade a capitular : foraõ castigados os mais culpados , e os privilegios da Provincia abolidos.

Segundo
matrimo-
nio de Fi-
lippe V.,
com Isabel
Farneze.

Estando Filippe V. tranquillo possuidor do seu Reino , conservava sempre humma especie de sujeição cega á Princeza de Ursins , sua valida , que tinha governado o animo da Rainha , Maria Luiza de Saboya. Pouco havia que a Rainha fallecêra. Espalha-se a noticia de que a Princeza de Ursins lhe succederia : e todavia esta Princeza , por causa das enganosas relações de Alberoni , Ecclesiastico natural de Placencia , e de humilde nascimento , determinou o Rei a casar segunda vez com Isabel Farneze , herdeira de Parma , Placencia , e Toscana , que este Italiano descrevia como humma alma frouxa , espirito simples , e por conseguinte facil de deixar-se dominar. Nada era mais falso , do que semelhante descripção. Apenas Isabel poz os pés em Hespanha , tendo a valida algumas conversações imprudentes , fez com que a expulsassem , e mudou todo o Ministerio. Foi ordenado que voltasse para França Orri , cujo zelo em restabelecer os erarios soblevava os Hespanhoes , e especialmente a Inquisição ; por se metter nas immunidades da Igreja. Entrou logo Alberoni a governar ; que sendo de engenho vasto , e atrevido , formou projectos

Revolu-
ção da Cor-
te.

ctos immensos, dos quaes, como em outro lugar veremos, se originou a sua ruina.

C A P I T U L O II.

Morte da Rainha Anna, e negocios de Inglaterra. --- Fim de Luiz XIV.

SE as facções não soffocassem os sentimentos da natureza, e não offuscassem as luzes da razão, ter-se-hia celebrado por toda a parte a Rainha Anna, como bem-feitora do Genero Humano. Tinha ella terminado huma guerra horrorosa, em que os parentes estavam armados contra os parentes; o particular interesse de alguns Principes entregava ao ferro, e ás chamas as mais bellas Comarcas da Europa; e a ambição de alguns Generaes sacrificava sem necessidade o sangue, e a fortuna dos Póvos. Tinha dado mostras de todo o respeito possível para com os seus alliados, se bem que estes negando-lhe o que lhe tocava teimassem contra as suas rectas, e justas idéas. Tinha desonerado gloriosamente o seu Reino do peso de huma guerra prejudicial, que só interessava a Potencia Austriaca. Obteve a approva-

Quão gloriosa era a paz para a Rainha Anna.

ção

ção do Parlamento, onde os Commons até se queixárao de que a divida do Estado cresceria durante esta guerra a dez-anove milhões de libras esterlinas. Finalmente só devia ser applaudida a grande obra, que coroava a gloria do seu reinado.

Declárao-
se todavia
os Whigs
contra ella.

Clamárao todavia os Whigs contra a paz com furiosa liberdade. As sátiras, e os libellos inundárao toda a Nação. Espalhárao-se os rumores mais proprios para inflamar os animos colericos. A Rainha, diziao alguns, pretende assentar no Throno o pretendente seu irmão; o papismo reinará, as Leis estão ameaçadas, e a constituição em perigo. Estes sediciosos rumores movêrao o Parlamento; e a pezar das sábias, e prudentes representações da Rainha, publicou-se huma promessa de cinco mil libras esterlinas para todo aquelle, que prendesse o Pretendente, quando este intentasse algum desembarque no Reino. O Pretendente tinha-se retirado para Lorena.

1714
Morre
Anna.

Consummida de desgostos, que lhe augmentavao as suas enfermidades, morreo Anna aos cincoenta annos da sua idade: boa Princeza de mediocre espirito, caracter frouxo, amadora todavia do seu Povo, e praticando a virtude. O seu reinado foi huma serie continuada de prof-

pe-

peridades, de que ella foi devedora aos seus Generaes, e Ministros.

Esta Rainha executou em 1706 hum projecto inutilmente tentado por Guilherme III., a reuniaõ de Inglaterra, e Escóssia em hum só Reino da *Grã Bretanha*. A

Reuniaõ
de Ingle-
terra, e de
Escóssia é
hum Rei-
no.

indocilidade dos Escossezes, a mutua antipathia de ambos os Póvos, e os continuados tumultos, que incessantemente renasciaõ destes principios, faziaõ o projecto muito util, e ao mesmo tempo multiplicavaõ os obstaculos. Finalmente concluiu-se o Tratado, cujos artigos principaes são os seguintes. 1. Todos os vassallos da Grã-Bretanha gozarão dos mesmos privilegios, e terãõ as mesmas Leis. 2. O Reino será representado por hum unico Parlamento, no qual entrarão dezaes Pares de Escóssia, e quarenta e cinco Deputados Escossezes na Camera dos Communs. 3. Todos os Pares de Escóssia participarão das mesmas prerogativas, que participão os Pares de Inglaterra, excepto do direito da precedencia no Parlamento. Esta excepção foi acomettida, como contraria ás Leis fundamentaes, e aos direitos essenciaes da dignidade de Par. A Igreja presbyteriana de Escóssia ainda dava assumpto para as disputas; porque a antipathia da Seita não estava extincta. Exageravaõ-se os inconvenientes, attenua-
vaõ-

vão-se as utilidades. Mas dissipada hoje a fermentação, o que então parecia hum monstro, já não he nada. A experiencia faz desapparecer cedo, ou tarde as quimeras; e quão raro he fazer hum grande bem público sem algum inconveniente particular!

Propriedade que se requer para entrar no Parlamento.

Corrupção muito comum.

Hum Estrangeiro preferido aos Stuarts pelos Inglezes.

Declára huma Lei deste reinado, que o Procurador de qualquer Condado no Parlamento deve ter seiscentas libras esterlinas de renda em bens de raiz, e o Procurador de qualquer Villa, a metade. Esta Lei era para excluir os simples negociantes, de huma Junta, em que os possuidores de terras parecem mais dignos de representar a Nação. Tinha Guilherme introduzido a indigna prática de corromper assim os Eleitores, como os Membros eleitos. O mal era de natureza que hia sempre a mais; e augmentar-se-ha no reinado de huma Casa Estrangeira, que necessitará deste principio para manter a sua authoridade.

Taes eraõ as prevenções causadas pelo zelo imprudente do ultimo Stuart, que com o receio de vêr hum Catholico no Throno, estimavaõ mais o dominio de hum Estrangeiro, que o de hum Principe da Casa Real, o de hum Inglez. Por morte da Princeza Sophia, o Eleitor de Hannover, seu filho, foi reconhecido sem dif-

difficuldade com o nome de Jorge I. Que o Rei de Inglaterra tivesse, como Principe de Alemanha, interesses mais que indifferentes ao seu Reino, era hum inconveniente enorme. Mas em nenhuma outra cousa se cuidava senão em desapresarse de huma Casa Catholica, e em deterrar para sempre a idéa do papismo.

Com cincoenta e quatro annos de idade, distincto pelo seu merecimento pessoal, a meu vêr mais devia Jorge sustentar o equilibrio entre os Whigs, e os Torys, do que fomentar a facção, declarando-se a favor de hums contra os outros. Ou porque elle julgasse ser a cousa impossivel, ou porque a sua inclinação ou o seu interesse o arrastasse para a parte a mais contraria aos Stuarts, tiveram os Whigs ao principio a sua confiança. Marlborough foi restabelecido ao mando militar: Bolingbroke perdeu o lugar de Ministro: hum Parlamento, composto á satisfação da Corte, que não despresou os meios de corrupção, depois de ter determinado setecentas mil libras esterlinas para o rendimento ordinario da Coroa, se mostrou logo perseguidor dos Torys. Os Duques de Ormond, Bolingbroke, e Oxford, foram accusados de alta trahição. Refugiados os dous primeiros em França, e não comparecendo, proferio-se contra

Declara-se Jorge I. muito a favor dos whigs.

Tudo mudou na Corte.

el-

Rigores
injustos.

elles o bill de *convictos*. Oxford, que a Rainha Anna tinha excluido da sua graça, havia pouco tempo, ficou dous annos preso antes de ser absolvido: e até foi exceptuado de hum perdaõ geral, que tardou muito tempo.

Movimẽ-
tos dos Ja-
cobitas.

Era impossivel que os rigores do novo governo deixassem de excitar grandes tumultos. Os Jacobitas, ou o partido do Pretendente, dispunhaõ-se para a rebelião. Via-se o Ministerio exposto ás mesmas tempestades, cujas victimas eraõ tantos Cidadãos illustres. Isto o que inspirou hum projecto attrevido, perigoso para a constituição, porém muito util para a authoridade Real, e que Jorge vio ter hum feliz existo além das suas esperanças. Como o Parlamento actual era favoravel, propoz-se ampliar a sua duração até sete annos. Os pretextos especiosos excedêraõ a todas as boas razões. O bill teve força de Lei, e deste modo o triennio parlamentar, obstaculo opposto no reinado de Guilherme III. ás empresas da Coroa, ficou destruido pela influencia da Corte. Alguns esforços se fizeram depois para o restabelecer; e talvez se farão ainda sem feliz successo.

O Parla-
mento se-
tenal.

Trabalhos
de Mardi-
que.

Sobreviveo Luiz XIV. pouco tempo á Rainha Anna, e com tudo experimentou novamente a altiveza dos Inglezes. De-
pois

pois de ter demolido Dunkerque, como se tinha obrigado, fazia em Mardick hum porto comparavel ao que se perdia: disto se queixou com altiveza o Embaixador de Inglaterra; e para evitar algum rompimento, se levantou mão desta obra.

Novas disputas Theologicas, suscitadas pelo confessor do Rei, envenenárao o fim do seu reinado. O Padre Tellier, Tellier, confessor perigoso. homem violento, Theologo obstinado, cruel, e orgulhoso, mudava á sua satisfação a consciencia do velho Monarca, mais susceptivel do que nunca das impressões do falso zelo. As *reflexões* do Padre Quesnel, da Congregação do Oratorio, a respeito do novo Testamento, tinhaõ alguma doutrina do Jansenismo. Livro do Padre Quesnel. Facil era reconhecer nestas reflexões, com olhos attentos, o espirito de Porto Real, tão suspeito, e desacreditado naquelle tempo. Mas não era menos facil antever, que perseguindo-se o Author, os Leitores, e Seguidores da Obra, seria o mal infinitamente maior, do que aquelle, que podiaõ fazer algumas proposições espalhadas em quatro volumes de piedade. Nisto nunca pensárao os que pretendiaõ subjugar as opiniões humanas.

Cento e huma proposições de Quesnel, a quem Tellier pretendia aniquillar, Bulla Unigenitus de Clemente foraõ condemnadas em 1713 pela famosa XI.

Bulla *Unigenitus* de Clemente XI. Melhor talvez teria sido diminuir o seu número, e não expôr-se a ser arguido de incluir nella verdades respeitaveis. *O temor de huma excommunhão injusta não deve impedir de fazer cada qual a sua obrigação*: era esta huma das proposições. Por muito máo sentido, que a ella se annexasse, dava materia para as disputas, e invectivas. A acceitação, e registro desta Bulla chegáráo a ser hum negocio de Estado. O Confessor do Rei, encontrando obstaculos innumeraveis, posto que tivesse entre as mãos a folha dos beneficios, valeo-se das intrigas mais odiosas, soblevou a maior parte do público, attrahio hum odio irreconciliavel á sua Sociedade, e envenenou os ultimos annos do seu Soberano para erigir como Lei da Igreja, e do Reino a Constituição do Papa.

Excessos
do Padre
Tellier,
origem de
tumultos.

Edicto a
favor dos
Principes
legitima-
dos.

O Rei, por hum Edicto registrado em 1714, chamava á Coroa os Principes legitimados, não os havendo do sangue, com os quaes os punha em igual parallelles: Edicto revogado em 1717. O seu testamento, pelo qual estabelecia hum Conselho de Regencia, não teve mais força por sua morte. O Duque de Orleans o mandou annullar por huma sentença.

Se Luiz XIV. tinha comettido grandes erros durante hum reinado de setenta

e dous annos , confessou parte delles , quando disse a seu Successor estas memoraveis palavras : *Procurai conservar a paz com os vossos visinhos. Grande paixão tive pela guerra ; não me imiteis neste ponto . nem nas excessivas despesas , que eu fiz. Tomai conselho em tudo , e procurai conhecer o melhor para o seguir sempre. Aliviai os vossos Póvos o mais cedo que poderdes , e fazei o que eu mesmo tive a infelicidade de não poder fazer.* Exhorta-o sobre tudo a que não se esqueça já mais de tudo o que deve a Deos : motivo poderoso para inspirar aos Soberanos o que devem aos homens.

1715
Confessa
Luiz os
seus defei-
tos.

Conservou Luiz XIV. até o fim da sua vida aquelle valor de espirito , que caracteriza huma alma forte. *Porque chorais , disse elle aos seus criados ; julgaveis por ventura que eu era immortal ?* Falefcoo no primeiro de Setembro de 1715 , aos setenta e oito annos da sua idade , deixando o Estado empenhado em dous milhares de dividas. As infelicidades , que havia muito tempo se padeciaõ , os impostos , a miseria pública , e a fermentação causada pela Bulla , fizeraõ esquecer entaõ os bellos annos do seu reinado , e os sentimentos , que por muitos titulos elle merecia. “Ha quem pretenda que a Rainha Mãi lhe dissesse hum dia na pri-

Sua morte : que causa júbilo por elle não ser semelhante a Henrique IV.

„ meira mocidade: *Meu filho, fazei por*
 „ *ser semelhante a vosso avô, e não a vos-*
 „ *so Pai.* E perguntando-lhe o Rei a ra-
 „ zão: *He, respondeo a Rainha, porque*
 „ *na morte de Henrique IV. todos chorá-*
 „ *rão, e todos rirão na morte de Luiz*
 „ *XIII.* „ (Voltaire.)

Com tu-
do deve-se-
lhe muito.

A morte de Luiz XIV. causou geral-
mente maior alegria, que tristeza. Mas
as Artes, Letras, e Sciencias, a urbani-
dade, os agrados da vida, as Leis civis,
a boa ordem, a tranquillidade interior,
a perfeição em vários generos, e final-
mente huma parte das vantagens, que a
França goza, devem immortalisar a sua
Memoria.

C A P I T U L O III.

*Principios do Czar Pedro, o Grande, até
a guerra com Carlos XII.*

O Norte
deve fixar
a attenção
nos Rei-
nados do
Czar Pedro
I., e de
Carlos XII.

TEMOS perdido de vista, ha muito
tempo, as Potencias do Norte, por não
entrarem na guerra da successão de Hes-
panha. Com tudo Carlos XII., Rei de
Suecia, e especialmente o Czar Pedro I.,
seu competidor, faziaõ-se célebres pelo
seu valor, e emprezas. Façamos neste lu-
gar

gar hum compendio da sua historia, que he muito interessante para ser ignorada, além de unir-se tambem necessariamente com a da Europa Meridional. Pedro, o Grande, o primeiro que se apresenta, foi de algum modo o portento do seu seculo. A Ruffia, ou Moscovia, quasi desconhecida antes de Pedro, o Grande, chegou a ser pelos seus desvêlos digna da nossa attenção: bem se pôde dizer que Pedro I. creou, e desenvolveo a semente de tudo quanto se executou, e se executará ainda na Ruffia, digno de ser admirado.

Este Imperio, no seu comprimento do Oriente para o Occidente, incluye huma extensão de quasi mil e novecentas legoas, das quaes mil quatrocentas e setenta pertencem á Siberia, e quasi setecentas na sua principal largura. O Imperio Romano nunca foi tão dilatado. Mas sem artes, commercio, policia, instrucções, nem politica, huma immensidade de terras quasi desertas fórma sómente huma Potencia obscura, incerta, e sujeita a mil revoluções. O mesmo, que contribue para a gloria dos Estados, deve contribuir tambem para a sua força.

O Imperio da Ruffia, immenso, e desconhecido.

O Christianismo tinha sido introduzido na Ruffia, quasi no fim do decimo seculo, pelo zelo de huma Princeza; do mesmo modo que foi introduzido em Fran-

Christianismo dos Ruffos.

ça, Inglaterra, Polonia, Hungria, &c. onde as mulheres tiverão tanta parte na conversão dos Principes, cuja consequencia foi a conversão dos Póvos. A Igreja Russa, sujeita no principio ao Patriarca de Constantinopla, teve no fim do seculo decimo sexto o seu Patriarca independente. Demais disse o Christianismo desta Nação, segundo o exemplo dos antigos Barbaros, consistia sómente em superstições absurdas, de que o Patriarca se aproveitava para sujeitar o Soberano.

João Basi-
lowitz, &c.

Temos fallado em seu lugar do Czar João Basilowitz, que libertou os Russos do jugo dos Tartaros, ampliou as suas conquistas até o mar Caspio, e unio ás suas Provincias Casan, e Astracan. Temos visto a Russia destruida, e assolada depois da sua morte, e os falsos Demetrios pôr

Miguel
Romanow.

nella fogo a tudo. Miguel Romanow, filho de hum Arcebispo, que elle fez Patriarca, foi collocado no Throno pelos mais grados d'entre os Boyardos, em 1613, em meio de tumultos civis, e ruinas da Casa Real. Reinou Miguel pacificamente, depois de ter cedido Smolensko á Polonia, e a Ingria á Suecia. Alexis Michaelowitz, seu filho, que lhe succedeo em 1645, tomou novamente Smolensko, e fez outras conquistas aos Polonezes. Disputou a propria Coroa de Po-

Alexis
Michaelowitz.

lo-

lonia , offerecendo unir-lhe a sua. Publicou o primeiro código , que os Russos tiveram , estabeleceu algumas manufacturas , povoou alguns desertos , e finalmente foi Pai de Pedro o Grande.

Fedor Alexiowitz , filho primogenito , e Successor de Alexis , trabalhava como seu Pai em civilizar a Russia. Fedor porém morreu moço , em 1682 , sem deixar successão. Conhecendo elle a incapacidade de João , seu irmão do primeiro matrimonio , tinha nomeado para seu herdeiro a Pedro , filho do segundo matrimonio , Principe de dez annos , cujas qualidades superiores principiavaõ a manifestar-se. A Princeza Sophia , irmã de ambos estes Principes , cometteo horrorosos excessos a fim de assentar a João no Throno , ou para melhor dizer a fim de ahenhorear-se do governo. Excitou o furor dos Strelitz , milicia composta de quasi trinta mil homens , semelhante aos Janizeros de Turquia ; conseguiu fazer aclamar ambos os irmãos , aos quaes se affociou como Co-Regente ; e deste modo reinou alguns annos com Bazilio Galitzin , seu valido. Huma conspiração contra a vida de Pedro , tramada provavelmente pela mesma Princeza , foi a causa da sua propria ruina. Ajuntou Pedro várias tropas , castigou os sediciosos , mandou re-

Pedro ,
Successor
de Fedor.

Empreza-
da Princes
za Sophia

colher Sophia n'hum mosteiro, não deixou a João mais que hum titulo vaõ, e fez-se senhor do Estado em 1689.

Projecto
de refor-
mar o Im-
perio

Este Principe, educado na ignorancia por huma irmã ambiciosa, dado ao viinho, e aos vicios desordenados, de temperamento inclinado a toda a qualidade de excessos, mas dotado de hum engenho capaz das maiores cousas, formava já o intento de reformar o seu Imperio. Queria indroduzir-lhe as Artes, as Sciencias, a disciplina militar, as vantagens da marinha, e tudo quanto constituia florentes outros Estados da Europa. Queria crear, por assim dizer, huma nova Nação. Se pensarmos que os Russos tinhaõ todas as preocupações da barbaridade, que era hum crime entre elles sahir do seu Paiz, e que olhavaõ com olhos de averção para os Estrangeiros, haveremos como quimerico este projecto. Se reflectirmos na força da authoridade, e sobre tudo na do exemplo de hum Soberano absoluto; na inclinação do seu genio, defendido por huma constancia invencivel de caracter; e nos meios, que podiaõ dar os conhecimentos espalhados por outras partes; admiraremos o projecto, e esperaremos pelo successo a fim de julgar com prudencia, e sabedoria.

Este gran-
de projec-
to não he
quimerico.

Algumas vezes huma pequena instrução guia os grandes homens a successos incriveis. De nenhuma outra cousa carecia o Czar, senão de idéas. Deo-lhas o Fôrte, Genebrino, homem benemerito, e de nascimento, e foi o principal instrumento da revolução mais maravilhosa. Era este hum mancebo, a quem a viveza da idade, e o desejo de adiantar-se tinham levado até Moscou. Conheceo-o Pedro, e concedeo-lhe a sua amisade. Os prazeres formárao talvez os laços desta uniao tão solida. Mas nos mesmos prazeres a sociedade de Fôrte era hum principio de grandes intentos. Tinha elle visto muito; e sem ter profundado cousa alguma pelo estudo, o seu engenho perspicaz tinha de illuminar, e dirigir o do Czar.

Em dous objectos principaes fitou ao principio os olhos este Principe, nas tropas, e na Marinha. Resoluto a anullar algum dia os Strelitz, cujas sedições terriveis abalavao o Throno, intenta formar officiaes, e soldados, e sujeitallos a huma disciplina desconhecida. Principia o Fôrte por huma companhia, que chega a ser hum Regimento de doze mil homens. Para dar aos Boyardos hum exemplo da subordinação, quer Pedro servir em qualidade de tambor; quer passar lentamente de hum a outro gráo militar; elle seguirá

O Fôrte
unido com
o Czar.

Primeiros
ensaios pa-
ra com as
tropas, e
marinha.

rá o seu plano com admiravel fervor , e a força da sua constancia o fará chegar ao fim intentado. Abraça as mesmas idéas para com a Marinha , manda construir por vários Estrangeiros alguns navios , e exercita-se na manobra delles. Tendo apenas huma sombra de fróta , nomea a Fôrte para Almirante , e vai dilatando sempre os seus intentos na gloriosa carreira , que principiou.

Tratado
de paz cõ
os Chinas.

Em 1689 concluiu hum Tratado com Camhi , Imperador da China , a respeito de alguns fôrtes , sobre que se argumentava para a parte do rio Âmur. Sete Embaixadores Chinas se transportáraõ para aquelles sitios , onde foraõ regulados os limites. Nunca a China tinha mandado Embaixada , nem feito Tratado com outra alguma Potencia. “ Esta Nação , diz
„ Voltaire , tão famosa pela sua Moral ,
„ ignorava o que nós chamamos *direito*
„ *das gentes* ; isto he , as régras incertas
„ da guerra , e da paz , os direitos dos
„ Ministros públicos , os formularios de
„ Tratados , as obrigações que delles re-
„ sultaõ , as disputas a respeito da prefe-
„ rencia , e do pondonor. „ Dous Mis-
sionarios Jesuitas vencêraõ as difficuldades de huma negociação inaudita , entre dous Póvos cujas linguas eraõ totalmente diversas. Reduzíraõ o Tratado em latim ,

o qual foi esculpido em duas pedras grandes de marmore, destinadas para servir de limites. *O Senhor Soberano de todas as cousas* he invocado neste Tratado contra os perjuros. Parece que de huma, e outra parte rendem homenagem ao mesmo Deos.

O Imperador Leopoldo, Polonia, e Veneza estavam entao em guerra com o Turco. A Russia já tinha feito huma diversao em seu favor. Querendo Pedro acostumar as suas tropas á guerra, e aproveitar-se das conjuncturas favoraveis, empredeu o sitio de Azow. Esta Praça, situada na embocadura do Don (o antigo Tanais), domina o mar de Zabache, do qual se passa para o mar Negro. Tinha logo o Imperio Ottomano o maior interesse em a conservar, assim como o Imperio Russo em a conquistar. O primeiro sitio de 1695 não teve feliz exito. No seguinte anno, pôz o mesmo Czar segundo sitio á Praça de Azow, e conseguiu apossenhorear-se della. A sua pequena frota desbaratou os Saiques (*) de Constantinopla: vantagem propria para augmentar a sua confiança. Huma entrada triumphal, que elle fez em Moscou, mar-

Guerra
com os
Turcos.

Tomada
de Azow.

Triunfo
em
Moscou.

(*) Especie de navios proprios para o Mediterraneo.

marchando em seguimento dos Generaes, entre hum sem número de Officiaes, não era menos propria para excitar assim o valor, como a obediencia militar.

Pedro pretende viajar a fim de se instruir.

Sem os Estrangeiros, que Pedro o Grande tinha alistados no seu serviço, embaraçado se veria sempre o seu engenho. Que exemplares se poderiaõ achar na Russia? Que meios para a execução? Quanto mais elle aprendia daquelles Estrangeiros, tanto maior era a necessidade, que sentia de instruir-se. A paixão, que tinha por tudo o que era grande, lhe inspirou o gosto de ir elle mesmo á fonte dos conhecimentos, e instrucções. Julgou que devia apartar-se por certo tempo dos seus Estados, a fim de viajar, não como Monarca, mas como hum particular, e procurar no extremo da Europa o que podia ser util ao seu Imperio. Nomeou tres Embaixadores, o Fôrte, e dous Russos, destinados para visitar as Potencias, com que elle mantinha alliança; e depois de ter sábia, e prudentemente provido ás necessidades, e negocios públicos, partio traz da Embaixada.

Sua derrota.

Principia a sua viagem pela Livonia, Provincia a mais fertil do Nôrte, sujeita á Coroa de Suecia. Negando lhe o Governador de Riga, o gosto de vêr as forti-

tificações, enojou sem dúvida aquella alma altiva, já occupada em projectos contra o joven Carlos XII. Da Livonia passa á Alemanha, onde os excessos da meza eraõ muito confórmes com os costumes do Czar. Esquentado do vinho em hum banquete, puxou pela espada contra o Fôrte; mas o arrependimento, que o penetrou, e o perdaõ que pedio, desvanecêraõ este lance arrebatado. Menos desculpavel foi Alexandre, homicida de Clito, pois que violando as obrigações da natureza, e amifade, affogava os principios de huma excellente educação.

Cólera
contra o
Fôrte.

Em Hollanda he que Pedro se faz admirar, disfarçado em trajos de artifice, e com o nome de *Mestre Pedro* (Peterbas), aprendendo tudo quanto respeita a construcção dos navios, vivendo, e trabalhando com os officiaes; estudando de mais disso a Anatomia, a Historia natural, e as Artes uteis; fazendo consistir a sua grandeza em praticar o mesmo, que quer estabelecer nos seus Estados. Foi aperfeiçoar-se em Inglaterra, onde aprendeo as proporções mathematicas dos navios; e construiu hum, que foi havido como hum modelo. Finalmente tendo acareado ao seu serviço homens escolhidos de todas as classes, officiaes de marinha, pilotos, cirurgiões, artilheiros,

O Czar
em Hol-
landa, e
Inglaterra.

Sua tor-
nada.

ma-

marinheiros, &c. Volta por Vienna, ou fosse para examinar a disciplina Alemã, ou para tratar de politica com o Imperador Leopoldo, seu alliado contra os Turcos. Tinha elle partido de Moscou em Abril de 1697, e entrou nesta Cidade em Setembro de 1698. A sua presença se tinha feito necessaria.

Descontentamen-
to dos Russos; rebel-
liaõ dos
Strelitz.

Hum Povo barbaro, e ignorante se irrita muito mais, do que outro qualquer com as novidades, que offendem os seus costumes, e usos. Via-se huma multidão de Estrangeiros introduzir usos desconhecidos: indignavaõ-se por se ausentar o Soberano a fim de adquirir conhecimentos, e instrucções; e por mandar viajar os seus subditos para constituillos sujeitos habeis. Taxava-se de impiedade a permissaõ, que elle tinha dado aos Inglezes de vender tabaco na Russia; porque os sacerdotes prohibiaõ o tabaco como hum peccado. Este ultimo motivo excitou especialmente os sediciosos; os quaes resolvêraõ collocar no Throno a Princeza Sophia. Ajuntãõ-se entaõ os Strelitz, dispersos pela Lithuania, soblevaõ-se, e marchaõ para Moscou. As novas trópas regulares, mandadas pelo Prussiano, Shein, e pelo Escoccez, Gordon, alcançaõ contra os Strelitz huma victoria, que contribue para os Estrangeiros serem mais aborrecidos.

Por

Por felicidade apparece o Czar, quando menos o esperaõ. O seu caracter o inclinava para a crueldade, que elle julgava necessaria em taes circumstancias, e ordena os supplicios. Dous mil Strelitz são sacrificados, e os outros desterrados pela maior parte para os extremos do Imperio. Os que ficaõ, formaõ alguns Regimentos, dos quaes não se receiaõ já perigosas emprezas. “Osman, Sultaõ dos „Turcos, diz Voltaire, foi deposto no „mesmo seculo, e degollado, só por ter „dado suspeitas aos Janizeros de que queria diminuir o seu número. Dispondo „Pedro melhor os seus intentos, foi „muito mais feliz. „Que cousas não pôde fazer hum governo vigoroso, quando dispõe com prudencia a execução dos seus designios?

Esta perigosa milicia cassada.

Começa entaõ huma Refórma geral, não só no militar, mas tambem na administração, nos costumes, e usos, e na propria Igreja. Para intentar esta Refórma era necessario hum Principe absoluto. Mostrou o Czar nella todo o seu despotismo; ao menos por este meio lançou os fundamentos da verdadeira grandeza do seu Imperio; e podemos ajuntar, da felicidade dos Russos, se os Póvos com civilisar-se vem a ser verdadeiramente felices, sem ser livres. Pouco havia que fal-

Chega a reforma a ser geral.

le-

Barba, e
vestidos
compridos,
proibidos
e cortados.

lecera o Fôrte , e esta perda não causa mudança alguma nos systemas da Reforma. Como a averção aos Estrangeiros era hum dos grandes obstaculos para os intentos do Czar , julgou este dever abolir os signaes exteriores , que os distinguiaõ dos seus vassallos , a barba crescida , e o vestido comprido. O seu exemplo era sufficiente para a Corte ; mas o Povo se obstinou tanto , que foi necessario usar de violencia. Poz-se hum tributo contra os transgressores ; cortavaõ-se as barbas , e o vestido a todos aquelles , que não queriaõ pagar ; e conforme o Historiador do Czar , tudo se executava alegremente , de maneira que esta alegria precavia as sedições. Havia , sem dúvida , materia para excitar as sedições. O temor obrou provavelmente mais do que huma alegria pouco natural. Quanto mais que o Povo em geral ainda conserva o trajo antigo.

Patriarca
abolido.

Tinha Pedro o Grande experiencia de quaõ perigosos se fazem algumas vezes por causa das suas preocupações , e intrigas , os Ministros da Religiaõ , quando he excessivo o seu poder. Por mórte do Patriarca supprimio Pedro esta grande dignidade , unio os seus bens á Coroa , deo Leis á Igreja , e teve-a sempre na obediencia. Querendo diminuir o número dos Monges , o qual julgava tanto mais

Lei para
diminuir o
número
dos Monges.

no.

nocivo quanta era a falta de povoação, que havia no Imperio, prohibio que ninguém entrasse em clausura antes da idade de cincoenta annos. Se esta Lei subsistira, teria infallivelmente destruido o Estado monastico, sustentado sempre por zelosos defensores.

A entrada do anno, estabelecida no primeiro de Janeiro em lugar do primeiro de Setembro: o uso do papel, ordenado para a escrita, e o costume de se casarem sem se terem visto abolido fábria, e prudentemente, são tambem reformas do Czar. O espirito de sociedade se espalhou com novos conhecimentos, e só o tempo he que podia apperfeiçoallo.

Quando este Principe trabalhava nos estaleiros de Sardam, em Hollanda, na construção e manobra dos navios, sem dúvida que sua tenção era estabelecer humã poderosa Marinha, a qual o podesse fazer respeitavel na Europa, e attrahir o Commercio aos seus Estados. Mas o porto de Archangel, no mar Branco, do qual he necessario rodear a Laponia, e a Noruega, era pouco conveniente aos seus intentos, pois que he impraticavel fete mezes no anno. O mar de Azow, e o mar Cáspio convinhaõ muito menos na distancia, posto que uteis a outros respeito. O essencial era estender-se para a par-

Outras reformas.

Projectos de se ampliar para o mar Báltico.

te do mar Baltico. Se a ambição inspirou o desejo de tomar á Suecia o que ella possuia no mar Baltico, foi ambição de hum engenho vasto, que não se alimenta com quimeras.

Tratado
de Carlowitz.

Pelo Tratado de Carlowitz com o Turco, em 1699, conservava Pedro a importante conquista de Azow. Mas não tinha elle obtido, senão huma tregoa de dous annos, e conseguindo prolongalla até vinte annos, entregou-se inteiramente aos seus projectos de extensão para a parte da Europa. Agora o veremos a braços com outro Alexandre.

C A P I T U L O IV.

Principios de Carlos XII., Rei de Suecia. --- Triunfa Carlos de todos os seus inimigos, e priva do Throno a Augusto, Rei de Polonia.

Mocidade
de Carlos
XII.

QUANDO Carlos XI. Rei de Suecia morreo em 1697, seu filho Carlos XII. não tinha mais de quinze annos, e parecia incapaz de adquirir reputação no Throno. Alguns lances da sua mocidade annunciavaõ com tudo qualidades heroicas. Sendo elle obstinado, inimigo do es-
tu-

tudo, como o levasssem pela emulação da gloria, fazia-o superar as suas repugnancias. Gostava especialmente de lêr Quinto Curcio. Perguntando-lhe hum dia o seu Mestre o que julgava de Alexandre, respondeu: *Fulgo que me quizerá parecer com elle. --- Mas Alexandre viveo só trinta e dous annos*, continuou o Mestre. --- *E não he bastante, quando se tem conquistado Reinos*? Este repente do joven Principe motivou seu Pai a dizer que elle excederia ao grande Gustavo. Todas as esperanças se desvanecêrao, quando o vírao, depois de chegar a ser Rei, e livre da Regencia de sua Mãi, dar mostras sómente de falta de applicação, muito fogo, e altiveza. O perigo descobrirá de repente o seu caracter, e genio. Tres poderosos inimigos se unem a fim de opprimillo, e esta a occasião, em que vem a ser hum grande homem. Remontemos a origem de huma guerra de dezoito annos, que assolou o Norte, ao mesmo tempo que ao Meio-Dia da Europa tudo ardia por causa da Successão de Hespanha.

Indícios
da sua in-
clinação á
guerra.

Inimigos
de que
Carlos
XII. se vê
ameaçado.

Milhares de exemplos atestaão que o despotismo he contrario aos verdadeiros interesses dos Soberanos. Eis-aqui hum dos mais dignos de observação. Da parte d'aquem do golfo de Finlandia, tinha Suecia adquirido a Estonia, e a Livonia; aqui-

Carlos XI.
tinha vio-
lado os pri-
vilegios
dos Livo-
nienfes.

Patkul ex-
cita tres
soberanos
contra
Suecia.

fição avigorada pelo Tratado de Oliva. Tinha ella deixado aos Livonienfes os seus privilegios; porque ao principio sempre se respeitão os novos vassallos. Mas Carlos XI., segundo o costume dos despoticos, violou aquelles privilegios, quando julgou ter niffo interesse. Tendo Patkul, á frente de huma Deputação da Provincia, reclamado os direitos da sua Pátria com valerosa liberdade, foi condemnado á morte, de que se salvou, respirando indignação, e vingança. Depois da morte do Monarca, persuadiu facilmente ao Rei de Polonia, Augusto Eleitor de Saxonia, e depois ao Czar Pedro, que a fraqueza do joven Carlos XII. offerecia bella occasião para tomar novamente á Suecia as Provincias, que antigamente se tinhaõ perdido.

Motivo
da guerra
com Dinamarca.

Frederico IV, Rei de Dinamarca não estava menos disposto a aproveitar-se das circumstancias. A antiga convenção de Christiano III. com seu irmão Adolfo, a respeito dos Ducados de Holstein-Gottorp, e de Sleswick, que o Rei de Dinamarca, e o ramo de Holstein deviaõ possuir em commum, era huma origem inexaurivel de contendas entre ambas as familias. Acomettido por Frederico o Duque de Holstein, cunhado de Carlos, tinha passado para Stokholmo; e já as armas Dinamarquezas ameaçavaõ a Suecia.

De-

Deliberou-se no Conselho a respeito dos meios de arredar tantos perigos. Opinando alguns a favor dos meios da negociação, o Rei fallou nesta substancia: *Estou resolutos a não fazer já mais guerra alguma, que injusta seja, nem a acabarei sem ruína dos meus inimigos, como seja legitimamente intentada. Eu mesmo irei acometter o primeiro, que se declarar; e como o chegar a vencer, espero causar terror aos outros. Dá logo as ordens necessarias para a guerra: muda de maneira de viver; reduz-se ao vestuario mais simples; á meza mais frugal, e ordinaria; renuncia a tudo o que he prazer, e consagra-se para sempre ás fadigas, e combates.*

O Ducado de Holstein foi acomettido pelo Rei de Dinamarca, a Livonia pelo Rei de Polonia, e a Ingria, Provincia vizinha, que pertencia tambem a Suecia, pelos Russos. Embarca-se Carlos XII., chega á Ilha de Seelandia, onde Copenhague se acha situada, e faz tremer esta Capital. Frederico dá-se pressa em concluir a paz, reparando todo o damno ao Duque de Holstein, e em seis semanas se terminou esta primeira guerra. Ouvindo Carlos pela primeira vez os allovios das balas, que lhe atiravaõ, disse: *Esta será d'hora em diante a minha musica; e acostumou-se a ella em extremo. E assim*

Resolução
admiravel
de Carlos
XII.

1700
Frederico
IV. obrigado a fazer a paz.

se vê nascer a inclinação invencível de hum guerreiro, a quem cousa nenhuma poderá desfamar

Batalha de Narva, contra os Russos, vencida pelos Suecos.

Já Augusto, Rei de Polonia, tinha levantado o sitio de Riga, Capital da Livonia. Impaciente Carlos por vingar-se do Czar, que elle justamente accusára de ter violado huns Tratados de paz, havia tão pouco tempo concluidos, vòu á Ingria no mez de Setembro á frente de quasi nove mil homens. O Exercito Russo, que constava de sessenta mil homens com pouca differença, tinha Narva assediada, e Carlos dá sobre elles com o favor de huma grossa neve, que o vento arremessa contra elles, e força as suas trincheiras. Afalta-os hum terror panico em meio da confusão causada especialmente pela falta de disciplina; de maneira que trinta mil homens se rendem prisioneiros a hum pequeno número de Suecos. A artilharia, que constava de quarenta e cinco peças, o campo, as bagagens, tudo fica em poder do vencedor. Esta a primeira campanha de hum Rei de desasete annos.

O Czar não se desanima.

Ao mesmo tempo que os Russos fazião as suas deprecações a S. Nicoláo, seu padroeiro, e lhe rezavaõ huma oração extravagante composta por hum Bispo, na qual se descreviaõ os Suecos como execrandos feiticeiros, trabalhava o Czar em

reparar a sua infelicidade. O Czar , em vez de defanimar, conhecia que a excellente disciplina dos seus inimigos; e as suas proprias victorias serviriaõ para formar as suas trópas. *Longo tempo seraõ elles superiores*, dizia o Czar; *mas ensinar-nos-haõ por fim a vencellos*. Prepara-se logo Pedro novamente: os sinos de Moscova se mudáraõ em peças de artelharia: os Lagos Peipus, e Ladoga se cobríraõ de meias galés, para combater os navios Suecos, e o Principe he quem dirige todas estas obras, e colhe pouco a pouco o fructo dellas. As campanhas de 1701, e de 1702 foraõ misturadas de perdas, e successos felices, assim em terra como nos Lagos. A victoria alcançada pelo General Sheremetow seguiu-se a tomada de Marienburgo, pequena Cidade situada nos confins da Livonia, e da Ingria. Nesta Cidade he onde se aprisionou huma moça Livonienſe, chamada Catherina, que algum dia passará do cativoiro para o Throno, succederá ao Czar, e o substituirá dignamente.

Os seus preparos, aos quaes se seguem successos felices.

Catherina prisioneira.

Noteburgo, hoje em dia Schlusſelburgo (Cidade da Clef), Praça forte, edificada n'huma Ilha do Lago de Ladoga, e que se póde chamar a chave da Ingria, e Finlândia, não pode resistir ás forças dos Russos, que subiaõ ao assalto por tres bre-

Conquista importante dos Russos.

brechas. Apenas havia cem Suecos , que estivessem em estado de servir. Os Suecos todavia não capitulárao , fenaõ depois de ter obtido licença para verificar que já não podiaõ defender-se. A sua antiga disciplina obrava sempre milagres. Mentzikow , aprendiz de pasteleiro na sua mocidade , válido entaõ do Czar , condecorado com o titulo de Principe , digno de todo o favor pelos seus talentos , e serviços , foi Governador da nova conquista. A sua fortuna devia inspirar tanta emulação como ciume ; e importava especialmente exaltar os homens nascidos para grandes cousas.

Disciplina Sueca.
O Principe Mentzikow.

Fundação de Petersburgo , no tempo das victorias de Carlos.

Com tudo o Rei de Suecia , sempre vencedor , tinha sujeitado a Courlandia , atravessado a Lithuania , e entrado até o coração da Polonia. Hia elle com intento de tirar a Augusto do Throno , e dar depois disso sobre a Russia com todas as suas forças. O fervor de Pedro em executar os seus intentos cada vez he maior. Fazendo a guerra , e mandando soccorros ao seu alliado , funda a Cidade de Petersburgo , no fim do golfo de Finlândia , n'hum terreno paudoso , junto ao rio Narva , que desagua no Lago de Ladoga. Vencem-se infinitos obstaculos para esta empreza ; de maneira que hum navio Holandez vem negociar a Petersburgo no fim

fim de cinco mezes. De duas unicas casas feitas de ladrilho, e de algumas cabanas se compunha esta Cidade. (1703.) A fortaleza de Kronslot poz brevemente em seguro a nova Cidade.

Narva he sitiada, e tomada de assalto em 1704, pelo Czar em pessoa. Deste modo desvanece elle a infamia da famosa derrota das suas tropas por Carlos XII.; e o que lhe dá maior honra, empenha-se em atalhar o furor brutal dos soldados, tão difficultosos de soffrear depois de hum assalto entre os excessos da victoria. Mata dous soldados desobedientes ás suas ordens, e pondo depois a espada sobre a meza da Casa da Camera: *Esta espada*, diz elle aos vencidos, *está tinta no sangue dos meus soldados, que derramei para vos salvar a vida.* Sendo elle demasiadas vezes cruel, rende nesta occasião homenagem á humanidade. Toda a Ingria ficou sobjugada. O Principe Mentzikow obteve o seu governo: e pouco tempo havia que Pedro tinha servido de Tenente de bombardeiros ás suas ordens.

Digamos de passagem alguma cousa ácerca do Heróe da Suecia, o qual dá Leis na Polonia, tira a Augusto do Throno, faz eleger outro Rei, e parece que só combate para humilhar os seus inimigos, sem querer aproveitar-se das suas victorias.

N'hum

Tomada
de Narva,
conquista
da Ingria
pelos Rus-
sos.

Descri-
pção da
Polonia ,
infeliz por
causa do
seu gover-
no.

N'hum Estado tão mal constituido co-
mo a Polonia , onde o Povo he escravo , e cruelmente opprimido ; onde as Provincias , posto que fertilissimas , são pobrissimas ; onde a nobreza , independente , se sujeita a poucas obrigações ; onde as deliberações das Diétas se interrompem pela opposição de hum só fidalgo ; onde o alfange decide muitas vezes os grandes negocios , e algumas confederações sediciosas põe em lastimoso estado a República , pretendendo defender as Leis ; onde a authoridade de hum Rei electivo causa sempre mais desconfiança á licença do que á liberdade dos nobres ; onde os descontentes sempre tem que oppôr-lhe o *pacta conventa* , cuja observancia jura o Rei na sua sagração , dispensando os seus vassallos da obediencia , se elle algum dia se attrever a violallos ; onde o Paiz he aberto por se temer que as Praças fortes não sirvaõ de o sujeitar ; onde a disciplina militar não he menos ignorada que a boa ordem civil ; e finalmente onde subsistem todos os abusos do antigo governo Tudesco ; com a differença porém , que o Corpo da Nação de nada vale , e que a nobreza estragada vende ordinariamente os seus votos : nesta República tão infeliz , e que a natureza parece destinar para fazer hum Estado tão florecente , era qua-

quasi impossivel que Augusto se podesse defender contra Carlos XII.

Acostumado na Saxonia ao governo absoluto, tinha Augusto introduzido em Polonia certos principios, e idéas pouco conformes com o genio nacional. Os Polonezes não approvavaõ o seu projecto de conquistar a Livonia, antevendo que esta conquista o constituiria para elles mesmos mais tremendo. Clamáraõ contra huma guerra intentada sem o seu consentimento. Já o partido, que ao principio se tinha opposto á sua eleição, formava cabalas. O Cardeal Radjouski, Arcebispo de Gnesne, Primaz do Reino, que tudo podia em razão da sua dignidade, e igualmente perigoso pelos seus artificios, meditava occultamente huma revolução. Os Generaes, e Officiaes maiores da Coroa, posto que devedores ao Rei dos seus empregos, pouco, ou nada dependem d'elle, porque os nomea sem poder destituil-os. Augusto, que só estava seguro nos seus Saxonios, perseguido por hum vencedor terrivel, e obstinado, vio-se reduzido ás mais crueis extremidades. Na historia de Carlos XII. se devem lêr pelo menor as interessantes narrações, que eu supprimo.

Em 1702, toma Carlos a Varsovia, e declara que não concederá a paz, sem

Estava o
Rei Au-
gusto ex-
posto na
Polonia ás
intrigas.

Augusto
perseguido
por Carlos
XII.

Carlos
XII. faz-se
arbitro da
Polonia.

elegerem outro Rei. Estava Augusto em Cracovia, e tomando a resolução de dar batalha, fica vencido em Clissaw, com exercito dobrado do que tinhaõ os inimigos. Cracovia foi tomada, e hum General Saxonio vencido no seguinte anno. Dantzick, Thorn, e Elbing, Cidades livres pelos seus privilegios, debaixo do dominio da Polonia, foraõ resgatadas por ter feito alguma resistencia. O Primaz, até então disfarçado com a mascara de fidelidade, declara-se contra o Rei n'huma Junta de Varsovia, em que se decide estar o Throno vago (1704.); e não querendo o Principe Alexandre Sobieski, hum dos filhos do famoso Rei daquelle nome acceitar a Coroa, faz Carlos eleger a Estanisláo Leczinski, Palatino de Pofnania, e Thesoureiro da Coroa, Cavalleiro moço, em quem elle achava muitos visos do seu proprio caracter.

Eleição de
Estanisláo
Leczinski.

Os Russos,
e os Saxonios
derrotados
pelos Suecos.

Naõ abandonou o Czar a Augusto. N'huma conferencia, que ambos tiveraõ em Grodno no Lithuania, fez-se hum novo plano de operações. Sessenta mil Russos, dispersos pela Polonia, serviraõ sómente de assolar o Paiz. Os Suecos os venciaõ, e derrotavaõ por toda a parte continuamente. Shullenbourg, habilidoso General Saxonio, ficou vencido, e derrotado na batalha de Franstadt em 1706, pelo Ge-

General Renschild, que lhe era muito inferior no número das tropas. Mais obrou o terror, do que as armas: quasi que tudo se decidio n'hum instante. Carlos XII. dá logo sobre a Saxônia, requer nella grandes contribuições, mas conserva a disciplina rigorosa, a origem principal dos seus triunfos.

Vêndo-se então Augusto, sem esperança, pede-lhe occultamente a paz. O vencedor prescreve por condições, que renuncie á sua Coroa, que reconheça a Estanisláo, e finalmente que entregue Patkul. Este Livonienſe estava empregado no serviço da Rússia, e o Czar o tinha enviado para o Rei de Polonia com o emprego de General, e Embaixador. Em quanto se tratava esta negociação, o Principe Mentzikow, a quem Augusto occultava tudo com cuidado, obriga-o quasi a acometter hum General Sueco em Kalisk. O General he acomettido, e os Russos alcançaõ a victoria: nunca estes tinham podido vencer até então os Suecos em batalha formal. Augusto porém sujeita-se ignominiosamente ás Leis de Carlos: assigna o Tratado, sem poder obter outras condições diversas, senão as primeiras. De maneira que até se vê obrigado a escrever huma carta de cumprimento a Estanisláo. Estando já Patkul preso injustamente por

Augusto
negocea
occulta-
mente.

Augusto
sujeta-se a
tudo de-
pois de
huma vi-
ctoria.

Suplicio
de Patkul,

huma leve suspeita , foi entregue ao Rei de Suecia , que a pesar das queixas do Czar manda tirar a vida com o supplicio da roda áquelle Ministro de hum tão grande Principe. A sentença qualificava a Carlos por hum Principe clementissimo. *Que clemencia !* disse Patkul ; que ouvindo que o condemnavaõ como trahidor á Pátria : *Ah !* continuou , *ninguem a servio melhor do que eu.* Aqui se vê até onde pôde chegar a injustiça do despotismo , ainda n'hum alma grande.

Embaixada a Carlos XII.

Concluida esta paz no campo de Altrénstát junto a Leipzick , acabou de coroar a fama de Carlos XII. , que recebeu no seu campo infinitos Embaixadores. A guerra ateadá contra França , e Hespanha punha em desaffocego todos os Estados. Cada hum desejava a sua alliança , e todos o julgavaõ disposto a unir-se com Luiz XIV. , posto que em 1700 tivesse promettido a neutralidade. O Duque de Marlborough , tão grande negociador , como Capitaõ , veio sondallo , e descobrindo brevemente o seu intento de ir fazer guerra á Russia , não lhe fez proposição alguma. O Imperador José , altivo , e feliz , cedeo a muitos pontos , que o Rei de Suecia exigio antes de ausentar-se de Alemanha , especialmente a favor dos Protestantes da Silezia.

Em

Em 1707 ficou a Saxonia liberta dos Suecos, que partirão ricos com os seus despojos. O seu Heróe, que mofava de toda a especie de perigo, concebe a fantezia de visitar a Augusto na passagem. Passa á vista do Exercito, com alguns Officiaes Generaes, apresenta-se com nome supposto á porta de Dresde; entra em botas no quarto do mesmo Rei, que ultimamente tinha reduzido ao seu Eleitorado; almoça com elle, visita as fortificações, e torna-se a ajuntar por fim com as suas tropas, que estavam muito inquietas. *Fiei-me*, dizia elle, *na minha boa fortuna.*

Visita, que elle fez a Augusto privado do Throno.

C A P I T U L O V.

Carlos XII. vencido em Pultawa, fugitivo em Turquia. --- Campanha de Pruth, funesta para o Czar. --- Sua paz com os Turcos. --- Continuação da guerra do Norte.

POUCO faltou, para que o Czar não fizesse eleger terceiro Rei de Polonia. Cuidou-se neste ponto n'huma Dieta de Lublin: foraõ propostos alguns Palatinos; e isto teria sido para esta República devastada nova origem de destruição, e hor-

Obstinação de Carlos XII. contra o Czar,

rores. Com tudo o Ministro de França em Saxonia tentava reconciliar o Sueco, e o Russo. Disse Carlos sem reboço que trataria em Moscou com o Czar, e a sua presumpção deo motivo a estas admiraveis palavras de Pedro, o Grande: *Meu irmão Carlos quer ser qual outro Alexandre, mas não achará em mim outro Dario.* Esta a época dos revezes para hum Heróe mais digno de reprehensão pelos seus erros, e obstinação, do que de admiração pelo seu heroísmo.

1708
Carlos entra imprudentemête pela Ukrania.

Passa Carlos XII., na frente de quarenta e cinco mil homens, á Lithuania, onde estava o Czar; toma-lhe Grodno; parte até o Dnieper (o Boristhenes), e vence em Holozin hum grande corpo de Russos, vantajosamente entrincheirado por detraz de huma torrente, e huma lagoa. Acha-se no caminho de Moscou; mas em vez de o seguir, depois de ter passado o Dnieper, volta para o Meio-Dia, e entra pela Ukrania, região dos Cosacos; na esperança de a sujeitar em pouco tempo, e de acometter depois a Capital da Russia. Esta fatal resolução tinha inspirado ao Rei de Suecia, o velho Mazeppa, Chêfe dos Cosacos, que trahia ao Czar, seu Soverano. Promettia-lhe que se ajuntaria com elle na frente de hum exercito, e que lhe forneceria viveres, e dinheiro: promessas que

que deveriaõ ser levadas á balança da prudencia , e em que descançaraõ sem exame.

Marchaõ por entre muitos perigos , para o Desna , que vai defaguar no Dnieper. Este o lugar , onde Mazeppa tinha de ajuntar-se com Carlos. Mas debalde se esforçava elle por mover os Cosacos á rebelião. Ainda não era chegado , e os viveres já faltavaõ. O General Levenhaupt trazia com tudo de Livonia dezaseis mil homens , e todo o genero de provimentos. Desvaneeceo-se tamanho recurso ; porque Pedro seguiu este General além do Dnieper , atacou-o tres dias seguidos , e por fim o venceo. O Suecos perdêraõ mais de oito mil homens , com a sua artilharia , e comboy. Vendo o Czar retroceder as suas tropas , no calor da acção , tinha passado ordem que atirassem aos fugitivos , e a elle mesmo , se se retirasse.

Instruido da perfidia de Mazeppa , manda Mentzikou para a Ukrania. Bathurin a Capital , he tomada , assim como os armazens , e os thesouros do Hetman , que foi enforcado em estatua. Todas as suas promessas não tiveraõ outro fim mais , do que unir-se a Carlos com dous ou tres mil homens , tendo recusado os mais Cosacos de o seguir.

Naõ pode Mazeppa fazer sob-levar os Cosacos.

Levenhaupt vido, e derrotado por Pedro.

Vinga-se Pedro de Mazeppa.

Carlos cõ-
tinúa a sua
derrota.

A pezar do desbarato de Levenhaupt, que só trouxe comfigo as reliquias do seu exercito; a pezar do excessivo frio, que n'hum só marcha, matou quasi dous mil Suecos; teima o Rei de Suecia em continuar a sua rota, sem provimentos, por hum Paiz desconhecido, e exposto continuamente aos ataques do inimigo. Atravessa toda a Ukrania, na força do Inverno de 1709: chega á vista de Pultawa, e põe cerco a esta Cidade, donde espera tomar o caminho de Moscou, a fim de arrazar o Throno do Czar.

Batalha de
Pultawa,
em que
Carlos he
vencido
pelo Czar.

A famosa batalha de Pultawa lhe tirou em fim as esperanças. Ambos os Monarcas assignaláraõ igualmente nesta acção os seus talentos, e valor. Ferido Carlos depois de alguns dias, mandou que o levassem n'hum liteira, que hum peça de artilharia fez em pedaços. Achava-se Pedro, como elle, no maior calor do combate. Nove mil Suecos perdêraõ a vida em duas horas, e quatorze mil se rendêraõ prisioneiros. Deste número foraõ o Conde Piper, primeiro Ministro, cujos sabios, e prudentes conselhos nem sempre tinhaõ sido seguidos, Renshild, Levenhaupt, e outros Generaes. Os Russos perdêraõ sómente quasi mil e trezentos homens. “O
„ que he mais importante nesta batalha,
„ diz o célebre Historiador do Czar, he
„ que

„ que de todas as que já mais ensanguen-
 „ táraõ a terra , esta he a única , que em
 „ vez de produzir sómente a destruição ,
 „ servio para a felicidade do Genero Hu-
 „ mano , pois que deo ao Czar a liber-
 „ dade de estabelecer hum bom governo
 „ n'hum grande parte do mundo. „ He
 certo ao menos que a grandeza da Russia
 dependia da cabeça de hum só homem :
 nós veremos se o governo da Russia foi
 bem estabelecido.

O terrivel Carlos XII., reduzido a pôr-
 fe em fuga , fugindo mesmo a cavallo , quan-
 do na acção não podéra montar , será da-
 qui em diante hum exemplo illustre das
 revoluções da fortuna , ou para melhor di-
 zer das infelicidades , que cada hum mo-
 tiva a si proprio , quando abusa da fortu-
 na. Exhausto de forças passa o Dnieper,
 depois o Bogh (antigamente o Hypanis) ;
 e procurando asylo na Turquia , não se
 digna de escrever ao Graõ-Visir. A sua in-
 domavel altiveza , e obstinação o impedi-
 raõ sempre de regular-se segundo as cir-
 cunstancias.

Sua fugi-
 da para
 Turquia.

Cuidava Pedro , sem comparaçãõ mais
 sabio e prudente , em aproveitar-se da vi-
 ctoria ; e tendo convidado para a sua me-
 za os principaes prisioneiros Suecos , dis-
 se-lhes : *Bebo á saude dos meus mestres na*
arte da guerra ; palavras , que não lhe fa-

Como se
 aproveita
 o Czar da
 victoria.

zem menos honra , do que aos mesmos Suecos. Continuou a mostrar que as suas lições o tinham feito digno de ser seu vencedor. Correndo para Polonia a fim de restabelecer o Rei Augusto , faz huma Liga com este Principe , com o Rei de Dinamarca , e com o Eleitor de Brandeburgo , primeiro Rei de Prussia. Depois de huma entrada triumphal em Moscova , onde elle não apparece senão como General Maior , (quanto deviaõ animar os Russos semelhantes ceremonias !) parte a tomar Wiburgo , Capital da Karelia em Finlandia , e assenhorea-se de Riga , Capital da Livonia. Ambas estas Provincias ficam debaixo do seu dominio.

1710
Conquista
da Karelia,
e da Livonia.

Acção de-
potica de
Carlos.

Hum General Sueco tinha ainda onze mil homens na Pomerania. A Regencia de Estokolmo , não sabendo se o Rei era morto , ou vivo , assignou huma neutralidade a respeito d'aquellas tropas ; e assim que Carlos XII. teve esta noticia , escreveu ao Senado dizendo que *mandaria huma das suas botas para o governar*. Julgava Carlos que mandava a escravos.

Intrigas
em Constantinopla
a seu favor.

Achava-se com a sua comitiva de mil e oitocentos homens , acampado perto de Bender. A Corte de Constantinopla o tratava generosamente ; mas elle pretendia que esta Corte armasse a seu favor ; e os seus agentes procediaõ em Constan-

tinopla com tanta industria nas suas intrigas, quanta era a altiveza, com que elle se havia. Hum Graõ-Visir, pouco favoravel aos seus intentos, foi desterrado, e pouco tempo depois outro, o qual julgava que não havia causa alguma legitima de guerra, por motivos pouco conhecidos. O terceiro em fim determinou o Sultão, Achmet III., a tomar armas. O Kaõ dos Tartaros de Crimea influio muito nesta resolução; porque como visinho de Azou, tinha tudo para temer dos Russos, e como vassallo da Pórtá, os seus interesses eraõ communs com ella.

Assim que se resolveo a guerra, logo o Divan, Conselho do Graõ-Senhor, mandou prender o Embaixador do Czar. Este o uso odioso dos Turcos, fundado no desprezo, em que tem os Christãos. O direito das gentes a este respeito he para elles cousa tanto mais indifferente, porque não tem Embaixador ordinario nas Cortes. O que ha para estranhar he que o Czar tinha recebido havia pouco tempo a mesma affronta em Londres em plena paz. O seu Embaixador foi preso em Londres por dividas, a requerimento de hum Mercador. Como as Leis Inglezas não ordenaõ pena de mórté por hum attentado de semelhante natureza, difficiloso de antever-se, toda a satisfação que

O Embaixador do Czar, preso em Constantino-
noplá.

Igual affronta em
Londres.

o Czar pode obter , foi que se declarassem culpados os Authores da violencia , que o Parlamento confirmasse os privilegios dos Ministros Estrangeiros , e que a Rainha Anna se desculpassse solemnemente. Quanto ao Turco , ou era necessario vencello , ou os seus ultrajes não ficavaõ castigados.

Catherina , nova esposa de Pedro.

Preparou-se Pedro com toda pressa. Antes de principiar a guerra , deo tam-bem hum singular exemplo da fortaleza d'alma , que o exaltava sobre todas as preocupações. A joven cativa Livonienſe , de cuja fortuna já fallamos , tinha chegado a agradar-lhe , e a grangear a sua confiança , por meio de hum merecimento que raras vezes se encontra nas mais sublimes qualidades. Tinha elle repudiado em 1696 a sua primeira mulher , que nascera vassalla sua. He uso na Russia ajuntar o Czar certo número de mulheres formosas do seu Imperio , e eleger entre ellas huma esposa , sem que a Nobreza seja titulo de preferencia. Por muito maravilhoso que seja aos nossos olhos semelhante uso , muito antigo no Oriente , pôde-se duvidar se he muito melhor o uso dos Principes da Europa ; especialmente quando vêmos tantas guerras , e tantas revoluções produzidas pelos seus casamentos com Princezas estrangeiras. Em fim

Uso dos Czars , de se receberem com huma das suas vassallas.

tinha-se recebido occultamente com Catherina em 1707, e no mesmo dia, em que marchou contra os Turcos, declarou o seu casamento. Acompanhava-o Catherina por toda a parte, desprezava com elle as fadigas, e perigos, suavizava os seus trabalhos, moderava as suas furias. Outro serviço lhe fará ella mais effencial.

No mesmo erro, que cahira Carlos XII. fiando-se dos Cosacos, cahio Pedro tambem fiando-se em huma rebelliao, que não teve effeito. Cantemir, Vaivode de Moldavia, dá-lhe enganosas esperanças. Esta Provincia, e a Valaquia, dependentes dos Turcos, antigamente conhecidas com o nome de Dacia, eraõ governadas por pequenos Principes, ou Vaivodes Christãos, nomeados pelo Graõ-Senhor. Tanto he verdade, como já temos observado, que huma tolerancia politica entra no systema do mahometismo. A pezar do odio mutuo dos Turcos, e dos Christãos, deviaõ estes recear de soblevar-se, sem estarem certos, e seguros do feliz exito. As intrigas de Cantemir, para persuadir o outro Vaivode, produziraõ sómente huma breve agitação. Ambas as Provincias ficáraõ sujeitas; e o Czar, que julgando achar nellas viveres, e tropas, tinha se temerariamente avançado, achou-se na mais perigosa posição.

1711
O Vaivo-
de Cante-
mir enga-
na por
meio de
falsas es-
peranças.

Câmpa-
nha do
Pruth.

Grande
perigo dos
Rusſos.

Tinha elle paſſado o Nieſter , rio á beira do qual Bender eſtá ſituada : tinha entrado na Moldavia até Jaffi , ás margens do Pruth , ribeiro que vai ter ao Danubio. O exercito Ottomano , que fazem ſer quaſi de duzentos cincoenta mil homens , comprehendidos os Tartaros , paſſa o Pruth , cerca o Czar , e corta a communicacão a hum reforço conſideravel , que eſte eſperava. Não tem o Czar mais de quarenta mil homens , para reſiſtir a eſta horroroſa multidaõ. A disciplina dos Rusſos já era tal , que a ſua retaguarda ſuſtentou hum combate de tres horas contra os Turcos , e os rechaffou , depois de matar-lhes ſete mil homens. Mas a penuria de viveres , ou a ſuperioridade do inimigo , parecia annunciar hum deſaſtre irremediavel.

Catherina
obriga o
Czar a tra-
tar.

Conſummido de inquietações , que tambem lhe cauſavaõ ſuas convulſões , prohibio que ninguem lhe entraſſe na barraca. Por felicidade teve Catherina o valor de ir contra as ſuas ordens , a qual lhe aconselhou , e perſuadio que negociaſſe com o Graõ-Viſir : ajuntou tudo quanto pode , para os presentes , que ſempre ſe coſtumaõ fazer aos Orientaes antes de tratar dos negocios : elegeo o Enviado , e fez as diſpoſições convenientes. Em quanto ſe eſperava a reſpoſta , declaráraõ os

Ge-

Generaes, e os Ministros, que mais eraõ de parecer que se rompesse por entre o inimigo, do que largar as armas.

Quer fosse averção á guerra, quer fraqueza, ou prudencia, pois o vituperio de corrupção parece mal fundado na bocca dos Suecos, o Visir concedeo a paz, com a condição de que o Czar restituiria Azou, demoliria o porto de Tangarok no mar de Zabaque, com os fôrtes edificados daquelle lado; e não inquietaria o Rei de Suecia, se voltasse para o seu Reino.

Tratado de Falksen com o Graõ-Visir.

Furioso Carlos XII., com a noticia do Tratado, foi ter com o Graõ-Visir, arguiu o sem piedade, e rasgou com a sua propria espora o vestido deste General Ministro; formou mais intrigas, que nunca, por meio dos seus agentes em Constantino-
noplá; alcançou huma ordem para partir da Turquia, posto que o Visir fosse desfavorecido; desprezou a ordem; e no seu pequeno acampamento de Bender, se atreveo a defender hum sitio contra hum exercito em 1713: empreza, que se tomaria por huma aventura de D. Quichote, se fosse possível duvidar della.

Procedimento do Rei de Suecia irritado.

O fructo da sua obstinação foi a perda dos seus Estados de Alemanha. Mandava sempre para Suecia ordem de combater, e de não ceder nada. O Reino es-

Perde Carlos XII. os seus Estados de Alemanha.

ta-

tava exaurido de homens, e dinheiro. Mas ninguem se atrevia a desobedecer; tudo se sacrificava, tudo se soffria, seguindo o exemplo de hum Heróe, cuja cruel situação, e paciencia eraõ notorias. O General Steenbock, que tinha vencido os Dinamarquezes depois do desbarato de Pultawa, alcançou ainda huma victoria na Pomerania, em 1712: reduzio Altena a cinzas, e com tudo vio se obrigado em breve tempo a render-se prisioneiro de guerra com o seu pequeno exercito. Sem demorar-nos em individuações, observe-mos sómente que em 1713, Bremen, Verden, Stetin, e huma parte da Pomerania, estavaõ em poder do inimigo; e que o Czar se assenhoreava da costa de Finlandia. Querendo Estanisláo, renunciar a Coroa de Polonia para facilitar a paz, tinha passado para Turquia, na idéa de moderar a obstinação de Carlos. Ambos eraõ prisioneiros dos Turcos. A Suecia já não podia defender-se; e o Czar, o Rei Augusto, o Rei de Dinamarca, o Eleitor de Hannover, alliados juntamente, levavaõ-lhe as antigas conquistas de Gustavo Adolfo.

Estanisláo
em Tur-
quia.

1714
Successos
felices do
Czar no
mar Balti-
co.

Se Pedro o Grande sentia a perda de Azou, e do Imperio do mar Negro, que ultimamente tinha cedido pelo Tratado de Falksen com os Turcos, este damno fi-
cou

cou bem compensado com os seus felices successos no mar Baltico, onde lhe importava principalmente fazer-se respeitavel. Toma a Ilha de Aland, vizinha da Suecia: ganha huma batalha naval contra os Suecos, e faz prisioneiro o seu Almirante Renschild: fica senhor da Finlandia, e coberto de gloria mais que nunca, dá huma entrada triumphal em Petersburgo, entre os monumentos dos seus trabalhos: e acabada a cerimonia faz hum discurso memoravel, cuja substancia refere Voltaire nestes termos.

“ Meus irmãos, algum d'entre vós,
 „ pensaria, ha vinte annos, que havia
 „ de combater comigo no mar Baltico,
 „ em náos construidas por vós mesmos,
 „ e que nos teriamos estabelecido nestes
 „ Paizes conquistados pelas nossas fadi-
 „ gas, e valor? Todos põe na Gre-
 „ cia o antigo assento das sciencias, que
 „ se estabelecêraõ na Italia, donde se es-
 „ palháraõ por toda a Europa. Chegou-
 „ nos agora a nossa vez, se quizerdes fa-
 „ vorecer os meus intentos, unindo o es-
 „ tudo á obediencia. As artes circulaõ
 „ no mundo, como o sangue no corpo
 „ humano; e talvez estabeleceráõ o seu
 „ Imperio entre nós, *a fim de voltar pa-
 „ ra a Grecia*, sua antiga Pátria. Espero
 „ que por meio dos nossos trabalhos, e
 „ glo-

Discurso
 que Pedro
 Grande faz
 em Peters-
 burgo.

„ gloria sólida , deixaremos algum dia en-
 „ vergonhadas as Nações mais civilisa-
 „ das. „ Este discurso he digno do enge-
 nho creador , que dispunha tamanha re-
 volução. Dizendo , *a fim de voltar para a*
Grecia , julgava elle por ventura que os
 Russos feriaõ os que haviaõ de introdu-
 zir novamente na Russia as artes , e as
 sciencias ? Por muito attrevido que fosse
 o prognostico , poderia absolutamente ta-
 xar-se de quimerico ?

Ordem de
 Santa Ca-
 therina.

A Ordem de Santa Catherina foi ins-
 tituida pelo Czar , em honra de sua es-
 posa , que elle fizera reconhecer solem-
 nemente : nova próva da gratidaõ , de que
 se via penetrado por causa dos seus ser-
 viços.

C A P I T U L O VI.

Volta Carlos XII. para os seus Estados. ---

Intrigas do Barão de Gortz. --- Mór-

te do Rei , e revolução no governo

de Suecia. --- Paz do Nórtie.

Volta o
 Rei de
 Suecia pa-
 ra os seus
 Estados.

NO combate de Bender , respeitáraõ
 os Turcos a Carlos XII., a quem podiaõ
 facilmente matar , e que matou muitos
 delles por sua propria mão. Carlos esta-

va

va em custodia em Demotica , junto de Andrinopla , e não esperando armar mais o Imperio Ottomano por sua causa particular , requereo em fim a sua partida. Hum novo Graõ-Visir (pois as revoluções do Serralho nunca tinhaõ fim) quiz que elle estabelecesse o dia da partida. Carlos , que era sempre extremado no seu proceder , mandou huma pomposa Embaixada para despedir-se : bem que semelhante despeza não se podesse fazer senão por meio de humildes empréstimos. Partio na entrada de Outubro de 1714 , depois de ter estado na Turquia mais de cinco annos. Affim que chegou ás fronteiras , despedio logo a sua escolta Turca , separou-se da sua gente , disfarçou-se , e com dous Officiaes deo hum giro á Alemanha quasi toda , correndo á posta ou a cavallo , ou em carreta , sem se demorar. A 2 de Novembro chegou a Stralsund na Pomerania , Cidade importante no mar Baltico , que os seus inimigos queriaõ conquistar.

No anno seguinte cercaõ-o em Stralsund os Dinamarquezes , os Prussianos , e os Saxonios , e elle obra , segundo o seu costume , prodigios de valor. Bombear-se a Cidade : huma bomba rompe-lhe o telhado da casa , e rebenta perto do seu quarto , estando elle a dictar huma carta. E cahindo a penna da mão ao se-

1715
Carlos fi-
tiado em
Stralsund.

cre-

cretario : *Continuai* , disse-lhe elle com todo o socego ; *que tem a bomba com a carta , que vos dicto ?* Daõ os inimigos o affalto á obra cornea ; e duas vezes saõ por elle rechassados , combattendo entre os seus granadeiros ; mas a obra foi tomada. Cedendo finalmente ás instancias dos Officiaes Generaes , retirou-se em humma pequena barca , onde a artelharia de humma bateria Dinamarqueza lhe matou dous homens. Rendeo-se Stralsfund no dia seguinte , e pouco tempo depois succumbio Vismar. Em fim já Carlos não possue nada em Alemanha.

Sua retirada.

Novos preparos de guerra.

Exacções.

Passa este o Inverno em Carlescroon , sem querer apparecer na sua Capital , depois de quinze annos de ausencia : ordena novos preparos de guerra : alista-se a mocidade , e acaba-se de arruinar o Estado por meio de todos os impostos , que

imaginar-se pôdem. “ Opprimido o Povo
 „ com tantas , e taõ grandes exacções ,
 „ diz Voltaire , ter-se-hia soblevado no
 „ Reinado de outro qualquer Rei ; mas
 „ o camponez sabia que a vida , que o
 „ seu Soberano vivia , era muito mais dura , e moderada do que a sua. Deste
 „ modo tudo se sujeitava sem murmuracão a huns rigores , que o Rei era quem
 „ primeiro padecia. „ Que seria logo , se não houvesse motivos para imputar-lhe

tan-

tantas infelicidades ? O Reino estava em perigo , e assim mesmo intenta Carlos conquistar Noruega á Dinamarca , onde entra com vinte mil homens , sem ter provido a sua subsistencia. A penuria de viveres o obriga a retroceder.

Com tudo o Barão de Gortz , natural de Franconia , depois de chegar a ser seu primeiro Ministro , e governando aquelle genio até então tão indomito , tramava várias intrigas , que parecião dever produzir huma grande revolução. Este Ministro dotado de hum engenho vasto , activo , astuto , insinuante , atrevido , e capaz de abraçar todas as formas , e todos os meios , punha a mira em concluir a paz , e huma alliança com o Czar , e opprimir depois os mais inimigos da Suecia. Os seus intentos se dirigiaõ especialmente contra Jorge I. , Rei de Inglaterra , Eleitor de Hannover , o qual tinha comprado ao Rei de Dinamarca as Cidades de Bremen , Verden , e as suas dependencias. Intentava não só tomar-lhe estas Provincias , mas tambem estabelecer o pretendente no Throno de Inglaterra. O Cardeal Alberoni , Ministro de Hespanha , de caracter semelhante ao de Gortz , abraçou as suas idéas , e o Czar , a quem se devia abandonar tudo quanto tinha conquistado , abraçou do mesmo modo as idéas de Gortz , con-

Intrigas
do Barão
de Gortz.

Abraça
Alberoni
as suas
idéas.

tinuou brandamente a guerra , e partio para França.

1717.
Dous Mi-
nistros de
Suecia pre-
fos.

O Conde de Gyllenburgh , Ministro de Suecia em Londres , conspirava a favor do Pretendente. Estava Gortz em Hollanda , munido de pleno poder por seu Soberano. Várias Cartas , que foraõ apanhadas , descobríraõ a conjuraçaõ , e ambos os Ministros foraõ presos , e inquiridos : a sua prisaõ , que aturou seis mezes , irritou a paixãõ de Carlos XII. Tanto que o Baraõ de Gortz se vio solto , correo para o Czar , e lisonjeou a sua ambiçaõ com hum estabelecimento em Alemanha , por meio do qual , depois de chegar a ser Membro do Imperio , poderia este Principe aspirar á Coroa Imperial. Finalmente nomeou Pedro a Ilha de Aland para as conferencias.

Moeda de
cobre por
prata.

Depois do Ministro voltar para Suecia , na grande necessidade de dinheiro , em que se achava , deo o valor da prata a huma moeda de cobre ; de fórma que huma peça de cobre , que valia meo soldo , correo por quarenta soldos com o cunho do Monarca. Esta moeda , que foi necessario multiplicar sobre maneira , por que a desconfiança fez augmentar prodigiosamente o preço a tudo , perdeu em breve tempo todo o credito , e excitou o odio público contra Gortz. O Cléro ,
de

Gortz
abomina-
do em
Suecia.

de quem este exigia hum imposto, accusou-o alta, e poderosamente de atheista. Cada hum o amaldiçoava, ou o temia; e Carlos, talvez por obstinação, se entregou cada vez mais aos seus conselhos, abandonou-lhe o governo, e o deixou arbitro das negociações com a Russia.

Estas negociações se encaminhavam todas ao seu fim, quando hum successo fatal rompeo todos os projectos. Tinha ultimamente passado o Rei de Suecia segunda vez para Noruega, cuja conquista desejava ambiciosamente, a fim de abater, e humilhar Frederico IV., Rei de Dinamarca, que se tinha enriquecido com os seus despojos. Sitiando Fredericshal em o mez de Dezembro, e desprezando o rigor do frio, que os seus proprios soldados quasi que não podiaõ sopportar, morreo de huma balla de colebrina, na idade de trinta e seis annos.

Com muita razão diz o seu Historiador Francez: "Chegou Carlos XII., na
 „ prática de todas as virtudes dos Herões
 „ até o excesso, em que ellas são tão
 „ perigosas, como os vícios oppostos. A
 „ sua constancia, tornada em obstinação,
 „ contribuiu para a sua infelicidade na
 „ Ukania, e o conservou cinco annos
 „ na Turquia; a sua liberalidade, degenerando em profusão, arruinou a Sue-
 TOM. IX. N cia;

1718
 Morte de
 Carlos
 XII.

Discurso
 de Voltaire
 re a respeito
 deste
 Heroe.

„ cia ; o seu valor , que passou a ser te-
 „ meridade foi causa da sua morte ; a sua
 „ justiça foi algumas vezes crueldade ; e
 „ nos ultimos annos , a conservação da
 „ sua authoridade tinha muito de tyran-
 „ nia. As suas grandes qualidades , das
 „ quaes huma só seria sufficiente para im-
 „ mortalisar outro qualquer Principe ,
 „ causáram a infelicidade do seu Paiz.....
 „ Duro para os outros , do mesmo modo
 „ que o era para si proprio , avaliando
 „ em pouco o trabalho , e a vida dos
 „ seus vassallos , assim como tambem a
 „ sua ; mais homem unico , que grande
 „ homem , antes admiravel , que para imi-
 „ tar : a sua vida deve ensinar aos Reis
 „ quão superior he a tanta gloria hum go-
 „ verno pacifico , e feliz. „ Na opiniaõ
 „ do mesmo Author , merecia Carlos XII.
 „ ser o primeiro soldado de Pedro o Gran-
 „ de.

A Coroa
 chegava a
 ser segun-
 da vez ele-
 ctiva.

He sem dúvida que a Suecia lucrou
 com a morte deste Heróe, que a tinha sa-
 crificado ás suas quimeras de gloria. Re-
 cuperou huma liberdade preciosa, e esta-
 beleceo nova fórma de governo , o qual
 julgou proprio para a fortificar , e cujos
 abusos não antevio. Esta interessante re-
 volução algumas individuações merece.
 Tendo o Rei morrido sem filhos, e fican-
 do suas duas irmãs casadas , huma com

o Duque de Holstein, cujos Estados occupava naquelle tempo o Rei de Dinamarca, e a outra com o Landgrave de Hesse-Cassel, ficava a Coroa segunda vez electiva, conforme huma Lei de 1604, renovada em várias Dietas, a qual diz: *A filha de hum Rei, ou de hum Principe, que for considerada como capaz para succeder á Coroa, deve-se conservar no celibato, e só deve casar com o consentimento, e approvação dos Estados do Reino.* Era logo esta a occasião de prover ao bem público.

Bem se via quantas infelicidades tinha produzido o excessivo poder, concedido a Carlos XI., particularmente no reinado de seu filho, a quem a Nação amava todavia, e venerava como hum grande homem. Não se queria expôr ao despotismo de outro Principe. Diziaõ todos: "Que
 „ fará hum Monarca vicioso, se o pro-
 „ prio Carlos XII. foi a nossa infelicida-
 „ de?" Sua irmã, Ulrica Leonor, esposa do Landgrave, collocada no Throno pela Dieta, na entrada do anno de 1719, condescendeo com os desejos, ou para melhor dizer com a vontade dos Suecos. Todos lhe agradecêraõ a justa, e razoavel aversão, que ella tinha mostrado a favor do poder arbitrario, e absoluto; e foi resolvido que semelhante poder fosse abolido, e regulou-se o governo.

O poder arbitrario, abolido.

Consentimento da Rainha Ulrica Leonor.

Fórma do
governo
Sueco.

Senado.

Dieta.

Affignatu-
ra pelo
Rei.

Juramen-
to, e pro-
messas do
Rei.

A fórma prescrita pelas Leis, que en-
tão se publicárao, e que em parte foi
renovada, he a seguinte: O Landgrave,
depois de chegar a ser Rei (Frederico I.)
pela recomendação de sua mulher, foi
obrigado a sujeitar-se a ella. O poder le-
gislativo reside na Dieta. O poder execu-
torio existe propriamente no Senado, com-
posto de defaseis pessoas, no qual presi-
de o Rei, e não tem mais do que voto
de maior authoridade em certos casos. ---
A Dieta he quem nomea os lugares dos
Senadores: apresenta tres sujeitos, dos
quaes o Rei elege hum. Quanto aos prin-
cipaes empregos, assim militares como
civís, o Senado os nomea depois de se-
rem apresentados pelo Rei. --- A Dieta
deve convocar-se de tres em tres annos,
no mez de Janeiro. Se a convocação não
se fizesse no tempo ordinario, entre tan-
to seria tudo nullo. Não se póde declarar
guerra sem o seu consentimento. Quan-
do a Dieta se acha junta, não se póde
tambem concluir nem paz, nem tregoa,
nem alliança, sem o seu consentimento.
--- Todas as Leis, e ordenações se publi-
cão em nome do Rei; mas se o Rei es-
tiver ausente, ou se differir muito tempo
o assignar, a assignatura do Senado su-
prirá á sua. --- O Rei, subindo ao Thro-
no, dá juramento á Dieta: he declara-
do

do inimigo do Estado, e precipitado do Throno no caso que proceda contra as *seguranças*, e promessas a que se obriga.

--- Além dos Deputados do Cléro, Nobreza, e Cidadãos da Junta geral, a classe dos camponezes tem tambem nella os seus Deputados: os Communs elegem hum desta classe em cada *territorio*; e he necessario que o Deputado não tenha pertencido a outra qualquer classe. Por conseguinte hum camponez Sueco he verdadeiramente Cidadão: ninguem o pode desprezar, e seria perigoso opprimillo: sabe quaes são os seus direitos, e delles goza.

Camponezes.

Desta Constituição procedêraõ Leis dignas de toda a observação. Estas Leis imprimem na alma dos Principes o sentimento de que mais necessitaõ: ensinão-lhes que elles não são mais do que homens, *iguales na fraqueza aos de mais*: cuidaõ na sua educação, e fazem permanentes os seus effeitos: querem que os Principes *entrem frequentemente nas cabanas dos camponezes*, para que elles mesmos vejaõ a situação dos pobres; que sejam tratados *mediocrementemente*, assim nos vestidos, como no alimento, a fim de que a sua propria economia sirva de exemplo aos vassallos; o que he utilissimo entre huma Nação pobre, mas livre. Condemnaõ como abuso a pompa, e a

Leis a respeito da educação dos Principes.

re-

Contra a pompa, e a represen-
tação ; e contra
o luxo,

representação, por meio das quaes *os vassallos contrahirão hum genio servil, e se acostumarão ao jugo*; proscrevem absolutamente o luxo, veneno mortal n'hum Estado sem opulencia, onde a liberdade he o fundamento da felicidade pública: finalmente estas mesmas Leis parecem ter livrado aquelle Povo bellicoso da funesta paixão das conquistas; mas esta utilidade tem sido muito alterada por causa das dissensões intestinas.

Vttagens
da Suecia.

A Suecia, com hum Rei hereditario, parecia aguardar-se dos tumultos, que as eleições produzem, dos flagellos, que o despotismo traz consigo, dos inconvenientes, que procedem de huma menoridade, ou da incapacidade, e vicios de hum Monarca. O equilibrio dos poderes parecia annunciar hum governo felicissimo; e para que o effeito correspondesse a estas apparencias, era necessario que os Suecos fossem isentos de corrupção; que o interesse particular não podesse prevalecer ao bem público, nem o enthusiasmo do partido soffocar a voz da Patria; que o Senado fosse affaz moderado, posto que tão poderoso, para não abusar do seu poder, e que a real prerogativa, tão coarctada, tivesse ao menos bastante influencia para soffrear os sediciosos, e formar hum centro de união entre as partes do Estado. Co-
mo

mo se póde esperar tanta virtude, sabedoria, e prudencia em o nosso Seculo (*)?

Affim que se estabuelece o novo governo, logo se desvaneece o systema de Gortz. Este Ministro pagou com a vida os máos conselhos, que tinha dado a Carlos

Paz com Hannover, cō a Prussia, e Dinamarca.

(*) A revolução ultimamente succedida em Suecia, executada por hum joven Rei, sem effusão de sangue, e com o applauso de todas as jerarquias, prôva com effeito que ninguem se dava bem com este governo. O brado nacional parece ter confirmado, não só as queixas do Soberano, mas também as esperanças, que elle deo de huma sorte mais feliz. Eis-aqui huns fragmentos memoraveis do seu Discurso aos Estados, em 21. de Agosto de 1772. « Deste modo he » que a liberdade, e o mais nobre direito da humanidade, se converteo n'hum despotismo aristocratico nas mãos do partido dominante, que em breve tempo foi destruido pelo partido opposto, o qual era também sobjugado por hum pequeno número de particulares. Tremia-se nas vespéras de qualquer Dieta.... O unico fim, em que levo a mira, he restabelecer a verdadeira liberdade; só esta póde, meus amados vassallos, fazer-vos felices.... Para alcançar esta ventura, he necessario que o Reino seja governado por huma Lei invariavel, cuja letra clara, e substancial não deixe lugar algum para fálhas interpretacões; que obrigue, não só o Rei, mas reciprocamente os Estados; que não possa ser nem abrogada, nem mudada, sem o livre consentimento do Rei, e dos Estados; que permitta a hum Rei zeloso da Patria consultar com os Estados, sem que estes possam tirar daqui motivo de espanto, e temor; que una finalmente o Rei, e os Estados em hum mesmo interesse, o bem cōmum do Reino, &c. »

los XII. Conhecia-se muito bem a necessidade da paz, que se concluiu em virtude de diferentes tratados; em primeiro lugar com o Rei de Inglaterra, como Eleitor de Hannover, cedendo-lhe o Ducado de Bremen, e o Principado de Verden, por hum milhaõ de rixdales (hum milhaõ setecentos e cincoenta mil cruzados); em segundo lugar com o Rei da Prussia, Frederico Guilherme, que restituindo Stralsunda, e a Ilha de Rugen, conservou Estettin, a Ilha de Usedom, e a de Wollin; finalmente, no mesmo anno de 1720, com o Rei de Dinamarca, que reservou para si a parte do Ducado de Salswik conquistada ao Duque de Holstein, e abandonou Wismar, com a condiçaõ de que as suas fortificações não poderião ser restabelecidas.

Impõe o
Czar con-
dições, e
conserva as
suas con-
quistas.

Continúa a guerra com a Russia. Jorge I, manda, como se se tivesse obrigado a isso, huma esquadra Ingleza em soccorro da Suecia. Mas esta esquadra Ingleza ou nada obra, ou obra pouco. Os Russos, pelo contrario, tomão várias fragatas aos Suecos, e queimão-lhes em hum desembarque quarenta Aldeias. Principiaõ-se novas negociações em Nystad na Finlândia. O Czar impõe as condições de paz; conserva as Provincias, que conquistou, a Livonia, a Estonia, a Ingria, a Karelia,

e huma parte da Finlandia. (1721.) Daõ-lhe entaõ os seus vassallos o titulo de *Imperador*: titulo, que as Potencias da Europa reconhecêraõ, muito inutil porêr á sua gloria.

Seu titulo de Imperador.

C A P I T U L O VII.

Fim de Pedro, o Grande. --- Seus estabelecimentos, e Leis. --- Estado da Russia, até o Reinado de Catharina II.

ESTE Conquistador legislante, cujas viagens, empresas, e successos excedem aos de Carlos Magno, ramatou a sua carreira com huma expedição para a parte da Persia. O Sophi Hussein era acomettido por huns rebeldes, que sorprendêraõ a Cidade de Shamachia, junto ao mar Caspio, na qual os Russos faziaõ consideravel Commercio. Tudo foi saqueado, e morto cruelmente nesta Cidade. Naõ podendo Pedro obter satisfação alguma, fez guerra a este Paiz. Seu intento era, naõ o de engrandecer-se nelle sem legitima utilidade, mas o de ter certo o Imperio do mar Caspio, a fim de fazer passar á Russia o Commercio da Persia, e de huma parte

Guerra do Czar com a Persia.

te do Indo. Em 1722 passou o monte Caucaso, tomou Derbent, e voltou triunfante para Moscou. No anno seguinte, o novo Sophi para obter a sua protecção contra o usurpador Mahmoud, homicida de Hussein, cedeo-lhe tres Provincias, que formavaõ huma grande parte do antigo Reino dos Medas. Estas Provincias foraõ depois abandonadas. Qualquer imperio de si mesmo já muito extenso, não pôde deixar de perder, estendendo-se mais.

Como seu
filho Alei-
xo se tinha
feito odio-
so.

O que faltou á felicidade de Pedro, foi o deixar hum herdeiro da sua Coroa. Aleixo Petrowitz, filho de sua primeira mulher, tinha morrido em 1718 do modo mais tragico. Neste lugar devemos referir mais circunstanciadamente o catastrofe deste desgraçado Principe, cujo processo fez tanto estrondo. Tinha-lhe sua Mãi transmittido huma superstição cega, que o motivava a abominar as innovações do Czar. Vários Sacerdotes, não menos supersticiosos, abusáraõ da sua confiança para manter as suas preocupações, a que elle unia os maiores, e os mais excessivos vicios. Brevemente fez morrer de paixão a Princeza de Brunswick, sua esposa, cunhada do Imperador Carlos VI. N'huma palavra, parecia Aleixo ter nascido para destruir algum dia as grandes obras de seu Pai.

De-

Debalde o reprehendeo Pedro , e ameaçou. *Naõ vos fieis no titulo de meu filho unico* , lhe escrevia elle ; *porque senão pou-* Reprehen-
sões , e pa-
receres do
Pai.
*po a minha propria vida em favor da Pá-
tria , e para salvação do meu Povo , como
poderei respeitar-vos ? Preferirei antes trans-
mittir os meus Estados a hum Estrangeiro , que
o mereça , do que a meu filho , o qual se faz
indigno delles.* Dizia-lhe n'outra carta :
*Emendai-vos , fazei vos digno da successão ,
ou mettei-vos Monge.* A isto respondeo o
Principe , que se queria metter Monge ; e
concedendo-lhe o Czar seis mezes para de-
liberar , partio com o intento de vêr a
França , onde podia achar ainda mais in-
strucções.

Chegado que seja á Copenhague , Fugida de
Aleixo.
sabe que seu filho só se visita com os
descontentes , e ordena-lhe que venha
ter com elle. Finge Aleixo obedecer , e
refugia-se na Corte de Vienna , em 1717 ;
mas em virtude de certas ordens terri-
veis , acompanhadas de promessas de per-
daõ , se determina a voltar para Rússia.
Chega a Moscou (1718) , e Pedro
que já lá estava , manda-o prender , des-
herda-o solemnemente , e declara por seu
Successor hum filho de Catherina , nas-
cido havia pouco tempo. Naõ satisfeito Seu pro-
cesso em
1718.
com este acto de severidade , quer que
Aleixo seja juridicamente inquirido , e

ordena-lhe que não occulte cousa alguma sob pena de morte. He Aleixo inquirido a respeito dos seus proprios pensamentos, dos seus occultos desejos ; daõ vários tractos ao seu confessor, acusado pelo mesmo Aleixo de não ter desapprovaado, que elle desejasse a morte de seu Pai. Estes procedimentos davaõ indicios de resoluções terriveis.

Confissão
do accusa-
do.

A ultima confissão assignada pelo joven Principe, declara : “ que elle fora
„ hum hypocrita na sua mocidade ; que
„ frequentára os Clerigos, e os Monges,
„ bebera com elles, e recebera delles as
„ impressões, que lhe causáraõ horror ás
„ suas obrigações, e á propria pessoa de
„ seu Pai ; que elle queria conseguir a
„ Successão *por qualquer modo que fosse,*
„ *excepto pelo modo legitimo.* „

Decisão a
respeito do
poder ab-
soluta do
Czar.

Com tudo oito Bispos, e outros Mem-
bros do Cléro, consultados pelo Czar so-
bre este ponto, diziaõ n'hum escrito assi-
gnado pelo seu proprio punho : “ O po-
„ der absoluto, estabelecido no Imperio
„ da Russia, não he sujeito ao parecer
„ dos vassallos ; mas sim o Soberano tem
„ toda a authoridade nelle. „

Condem-
nação do
Principe
Aleixo.

Finalmente cento e quarenta e quatro
Juizes, reconhecendo tambem que a sen-
tença sobre hum negocio desta natureza
só pertencia de direito á vontade absolu-
ta

ta do Soberano, condemnáraõ unanimemente o Principe Aleixo á mórte. Hum Author Inglez escreveu que no Parlamento de Inglaterra, de cento e quarenta e quatro Juizes, nem hum só teria pronunciado a menor pena em semelhante caso. A razáo he porque o despotismo, e a liberdade olhaõ para tudo com olhos inteiramente differentes. O Czar, conforme Voltaire, podia mandar matar seu filho culpado de desobediencia, sem consultar pessoa alguma; e o Czarowitz era culpado para com toda a Nação de a querer sepultar novamente nas trevas, de que seu Pai a tinha tirado. Por ventura este mesmo processo não he huma próva sufficiente de que ainda os Russos estavaõ nas trévas?

Ouvindo Aleixo a Leitura da sua sentença entrou n'huma convulsaõ, e morreo no dia seguinte, depois de ter pedido públicamente perdaõ. Os rumores injuriosos, que se espalháraõ a respeito da sua mórte, especialmente contra a Czarina, são refutados pelo famoso Escritor, que nos deo todas as individuações desta historia. Pedro, e Catherina perdêraõ no seguinte anno (1719) o filho, para quem o Throno estava destinado.

Parece ser certo que a intenção do Czar era que sua esposa reinasse por sua mórte. Mandou-a coroar, e sagrar em 1724; ce-

Sua mórte violenta.

A Czarina exposta aos arrebatamentos de Pedro.

ceremonia desconhecida entre os Russos, e propria para fazer nelles a impressão, que antigamente fazia entre os Francezes. Com tudo não pode Catherina obter o perdão de huma dama, sua válida, convencida de ter recebido presentes, o que era severamente prohibido a toda a pessoa, que tivesse emprego. Enojado o Czar com as suas instancias, encolorifou-se de fôrma, que quebrou hum espelho de Veneza. *Vês, lhe disse o Czar, que basta huma pancada para reduzir este espelho ao pó, que d'antes era.* Socegou-o Catherina, respondendo com brandura: *Bem está, quebrastes o que era o ornato do vosso palacio; julgais que assim fica sendo mais vistoso?* Catherina porém obteve sómente que a dama, em lugar de onze açoutes de Knout, levasse cinco. O Knout he huma especie de flagelação sanguinolenta.

O Knout.

Môrte do Czar.

Morreo Pedro em 1724, de idade de cincoenta e tres annos, sem ter nomeado herdeiro, e podia a Coroa passar, ou a sua filha, Anna Petrowna, casada com o Duque de Holstein, a quem Pedro intentava restabelecer; ou a Pedro, seu neto, filho do infeliz Aleixo, cuja morte, e exclusão de herança temos visto. O Principe Mentzikow, apaixonado sempre pela Imperatriz, prevenio os partidos contrarios, segurou-se do Thesouro, e das guar-

guardas, e adquirio o beneplacito dos Bispos. Convocáraõ-se promptamente os Senadores, e os Officiaes Generaes: e tendo hum Prelado declarado que o Czar, na vespera da coroação de Catherina, tinha dito que queria fazella reinar, foi Catherina aclamada no mesmo dia, e nisto esteve a felicidade do Imperio.

Succede-
lhe Cathe-
rina.

Tornemos aos estabelecimentos de Pedro o Grande; porque pouco são os objectos, que o nosso seculo nos offerece tão dignos de huma curiosidade razoavel. Em 1718, ao voltar da sua viagem de França, onde adquirira mais idéas, he que trabalhou principalmente em aperfeiçoar a refórma. Hum Tribunal de policia, estabelecido em Pettersburgo, ampliou a sua vigilancia a respeito das Provincias. Alimpáraõ-se as Cidades daquelles mendigantes preguiçosos, que não são menos prejudiciaes, que incómodos. Deraõ-se providencias para a educação da mocidade, e subsistencia dos orfãos. Ajuntou-se em Pettersburgo, e Moscou tudo quanto he necessario para a limpeza, boa ordem, socego, e utilidade pública. As manufacturas, e fabricas chegáão a florescer. A uniformidade dos pesos, e medidas facilitou o Commercio. Trabalhou-se com igual successo, e intelligencia n'hum canal de communicação do mar Caspio com o Bal-

Estabele-
cimentos
de Pedro
o Grande.

Policia,
Commer-
cio, &c.

ti-

tico pelo rio Wolga. Houve vários Tratados de Commercio, até com a mesma China: já se contavaõ cada anno mais de duzentos navios estrangeiros, que vinhaõ negociar a Petersburgo. Esta Cidade, que em 1702 era huma lagoa inacessivel, contém hoje em dia quatrocentas mil almas.

Leis, Justiça, Senado.

Naõ podia a Legislação deixar de merecer a attenção de hum Principe tão attento aos verdadeiros objectos do governo. Publicou Pedro hum Codigo extrahido em parte das Leis da Suecia; anulou hum Tribunal de Boyardos, o qual sentenceava sem appellação, faltando-lhe a sciencia necessaria; estabeleceo hum Senado, e fez regulamentos, para que a justiça fosse prompta, e pouco dispendiosa; prohibio sob pena de morte, que nenhum dos Juizes se affastasse da Lei, nem lhe substituisse a sua opiniaõ particular; e ordenou que todo o Boyardo maculado pela justiça perdesse a sua Nobreza, e que todo o soldado, que chegasse a ser Official, seria Nobre. As suas Leis naõ podiaõ ser perfeitas, sem dúvida; mas devem-se considerar como a origem das melhores Leis, que vierem para o futuro.

Reforma ecclesiastica.

A refórma ecclesiastica naõ era menos difficultosa, que importante, n'hum Paiz barbaro, e cheio de superstições. As pre-

ven-

venções do Cléro , e dos Monges , suas intrigas , e imperio , que tinhaõ nos animos , punhaõ os maiores obstaculos ás mudanças , cuja necessidade era bem notoria ao Czar. Tinha Pedro supprimido o Patriarcado , a fim de tirar a este Corpo hum Chêfe poderosissimo , que a Religião mal entendida constituia perigoso. Hum Arcebispo de Nowogorod , instruido por meio das viagens , o favoreceo utilissimamente na execucao dos seus intentos. Estabeleceo-se hum Synodo perpetuo composto de doze membros , nomeados pelo Principe ; especie de Tribunal , a que se attribuiu a jurisdiccao do Patriarca. Muitas vezes presidio Pedro a elle , e dirigio sempre as suas ordenações.

Synodo
perpetuo.

Como o Estado Monastico , na Igreja Grega , he hum gráo necessario para o Bispado , restringio-se a prohibicao de tomar o habito de Monge antes da idade de cincoenta annos , e foi permittido tomallo aos trinta. Mas prohibio-se aos soldados , aos lavradores , e a todo aquelle , que estivesse empregado no serviço do Estado , de abraçar este partido sem licença expressa. O trabalho de mãos he ordenado aos Monges ; os quaes teraõ cuidado dos soldados invalidos , e de outros verdadeiros pobres , que se distribuirem pelos conventos. As Religiosas devem tra-

Regula-
mentos a
respeito
dos Mon-
ges , e das
Religiosas.

balhar do mesmo modo em obras uteis, e até a idade de cincoenta annos, em que recebem a tonsura, podem casar-se, para o que são exhortadas.

Motivos
da reforma
Monastica.

Os motivos da Ordenação do Czar a respeito da reforma dos Monges são dignos de observação. Vai Pedro buscar a instituição da sua Ordem, e observa os seus abusos, introduzidos pela relaxação. “Os Monges, prosegue o Czar, chegarão a ser o escandalo, e o desprezo das outras religiões, o opprobrio da nossa; e até são perigosos para o Estado, pois que a maior parte são huns preguiçosos inúteis, attrahidos para os claustros pelo amor da ociosidade, da qual, como he bem notorio, procedem as superstições, os scismas, e os mesmos tumultos..... Tinhaõ elles na sua aldea os tres encargos de contribuir para a subsistencia da sua casa, para o Estado, e para o Senhor, e desque são Monges, ignoraõ que cousa he necessidade: a sua subsistencia sempre está prompta. Se a caso trabalham no estado Monastico, trabalham unicamente para si mesmos. Mas dizem elles, nós oramos. E por ventura não oraõ todos? S. Bazilio destruiu esta vã desculpa. Qual he logo a utilidade, que a Sociedade tira dos Mosteiros? A isto só
„ se

„ se pôde responder com hum antigo
 „ proverbio : *Nenhuma , nem para Deos ,*
 „ *nem para os homens , &c. „* Este fra-
 gmento se acha todo por extenso na *Viagem*
da Siberia.

Quantos Monges mãos não deviaõ fo- Nem tin-
ta, nem pa-
pel, se con-
fente aos
Monges.
 blevar-se á vista de semelhantes sentimen-
 tos ! Os seus libellos contra o Czar já o
 tinhaõ determinado , em 1703 , a prohi-
 bir-lhes tinta , e papel. O Archimandrita ,
 ou Abbade era responsavel por todos aquel-
 les , a quem permittia o seu uso. Este re-
 gulamento subsistio.

Naõ pode Pedro dissipar a ignorancia , Seita per-
seguida na
Russia.
 nem apurar os costumes grosseiros do Clé-
 ro Russo ; porém glorificava-se de o ter
 obrigado á obediencia , e á paz , ao mes-
 mo tempo que Luiz XIV. , dizia o mesmo
 Pedro , se tinha deixado subjugar pelo
 Cléro de França. Enfreou a perseguição ,
 armada contra a Seita de Razholniki , a
 unica conhecida na Russia , cuja heresia
 consistia em não dizer mais que duas ve-
 zes *alleluia* , e em fazer o Signal da Cruz
 sómente com tres dedos. Os Seitarios vi-
 vem pacíficos entre si , sem communica-
 ção com os outros. Quando se vêm per-
 seguidos , he tal o seu fanatismo , que che-
 gaõ a deitar fogo a huma casa , onde se
 ajuntaõ , julgando-se felices de morrer en-
 tre as chammas pelo amor de Jesu Christo.

Certifica-se que nenhum destes fanaticos quizera mudar de opiniaõ, e que mais de cem mil familias se refugiáraõ entre os Tartaros, a fim de livrar-se da tyrannia dos perseguidores. Os rigores principiáraõ novamente depois da mórte de Pedro o Grande.

Despotismo contra-rio á felicidade dos Russos.

A Obra de Voltaire a respeito da Russia póde fazer com que qualquer, á primeira vista, julgue que esta Nação he hoje em dia muito mais feliz, do que não era antes do Reinado do Czar. Mas corresponde a verdade por ventura com as apparencias? Petersburgo, e Moscou, offerecem sem dúvida hum singular contraste com os antigos costumes. Nestas Cidades se vê nascerem os fructos do Commercio, das artes, e das luzes; achão-se nellas os agra-dos de huma sociedade, em que as mulheres, mais attendidas, e respeitadas, do que em todo o Imperio, inspiraõ aos homens mais brandura, e civilidade. Com tudo, se estivermos pelo que diz o Abba-de Chappe, da Academia das Sciencias, Author da *Viagem da Siberia em 1761*, o ferreo Sceptro do despotismo tudo destróe. Este Sceptro, nas mãos do Czar, era hum instrumento necessario para a execuçaõ dos seus intentos; e hum obstaculo tambem invencivel para os progressos da sua reforma, pois que hum Povo escravo sempre he hum Povo embrutecido.

Por

A Nobreza abatida, e escrava.

Por huma parte, a Nobreza se abate, e geme sob hum jugo terrivel. O capricho do Soberano pôde despojar a Nobreza; sujeitalla a infames supplicios; e o desterro da Siberia, pena tão commum para os Nobres, nos pareceria peor do que a mórte. Daqui procede hum terror, e huma desconfiança tal, que perguntados os Russos, diz o Abbade Chappe, a respeito daquellas mesmas cousas indifferentes para o governo, respondem: *Deos o sabe, e a Imperatriz.* (Tom. I. 237.)

O Povo escravo, e embrute-cido.

Por outra parte, o Povo escravo da Nobreza, pertencendo-lhe do mesmo modo que os gados pertencem a seu senhor, tratado com effeito como vís animaes, vive affogado n'hum desprezo, n'huma indolencia, n'huma horrorosa miseria. Este Povo, quasi sem costumes, nem fé, arrasta os ferros da superstição: com tanto que venere, e honre as suas imagens, e observe rigorosamente a Quaresma, não sabe o que sejam remorsos, dando-se aos crimes. Se conserva a barba comprida, e a manta, a pezar das antigas ordenações do despotico, facilmente se julga que a sua mudança não he grande a outros respeitos.

Banhos singulares.

Os banhos abaffadiços, que o Povo toma duas vezes na semana para transpirar,

Causas da
despovoação.

rar, acompanhados com asperas, e crueis flagellações, depois do que todos vão rolar-se pela neve; estes banhos, digo, são hum remedio indispensavel para os humores causados por huma vida sedentaria, que passaõ em cabanas defumadas. Porém as enfermidades venereas, para as quaes fenaõ applicaõ remedios, os desordenados vicios de toda a especie, e especialmente o vicio dos violentos licôres, destróem aquelles temperamentos de bronze, e augmentaõ a despovoação daquelle vasto Imperio.

O engenho muito comprimido neste Imperio.

Geralmente fallando não apparecem entre os Russos engenhos grandes. Nenhum se tem feito célebre nas Sciencias. Os Russos são huns méros imitadores nas artes, e quasi tudo devem aos Estrangeiros. Se o Governo todavia deixasse ás almas maior força, se as instruções não pozessem em perigo todos aquelles, que as quizessem adquirir, se a educação fosse melhor, e mais facil, e se hum sentimento de liberdade excitasse huma nobre ambição, neste caso ver-se-hiaõ talvez admiraveis mudanças. A Imperatriz reinante, Catherina II., trabalhá em apperfeiçoar a obra de Pedro, apenas delineada em muitos pontos essenciaes. Este grande homem não merece por isso menos gloria, não só por ter tentado o que outro qualquer

en:

engenho menor teria supposto impossivel, mas tambem por ter conseguido muitas vezes, e preparado os successos dos Principes, que se mostrarem dignos de o substituir.

A Russia tem tão grande força hoje em dia nos negocios da Europa, onde faz tanta figura, que importa ter alguma noção das suas forças, e meios. Conforme o Abbade Chappe, cujas indagações neste genero confirmão ordinariamente o testemunho de Voltaire, as rendas do Estado importaõ em treze milhões e quatrocentos mil rubles (vinte seis milhões e oitocentos mil cruzados, valendo cada ruble dous cruzados da nossa moeda). A marinha em 1756, se reduzia a vinte duas náos de linha, seis fragatas, e nove galéras. O Estado militar he composto de trezentos e trinta mil homens, e com tudo não faz mais gasto de seis milhões e quatrocentos mil rubles em tempo de paz; a razão he porque as Provincias para onde se mandaõ as trópas, fornecem os fructos para a sua subsistencia, e o soldo, que se dá em dinheiro, he muito diminuto. Huma grande parte destas trópas, chamadas o exercito *do governo*, sendo destinada para a guarda das fronteiras, o exercito do campo he composto sómente de quasi sessenta mil homens effectivos, que

Forças da
Russia.

Erarios.

Marinha.

Estado mi
litar.

Os Russos
taxados de
cobardia.

que são perfeitamente disciplinados. Os Russos porém tem huma grande aversão para o militar. O Academico viajante os descreve (quem o poderá crer?) faltos de valor, e pouco para temer, excepto em defeza, quando não tem lugar para fugir; neste caso, dizem, he necessario matallos a fim de ganhar o campo da batalha. A população avaliada por Voltaire em vinte e quatro milhões de almas, reduz este viajante a menos de dezanove, e pretende que em vez de augmentar, diminue cada vez mais. O Commercio, que se faz por terra, he pouco consideravel: o do mar he util por ser a exportação mais consideravel, do que a importação. Era necessario que elles o fizessem per si mesmo, e com liberdade,

Popula-
ção.

Commer-
cio.

Avaliação
do poder
da Russia.

Conclue o Abbade Chappe que o poder da Russia deve calcular-se, não em razão da extensão dos seus Estados, mas na razão inversa á mesma extensão; que a Russia não pôde mandar hum exercito para fóra do Imperio, sem que as suas mesmas victorias lhe sejam funestas; e que deveria ella pôr os habitantes do Norte da Siberia nos desertos da parte meridional: o unico inconveniente para temer, seria que os Tartaros não appren-dessem dos Russos a arte militar. Confes-so que estas idéas em parte me parecem

contradictórias aos successos da guerra contra os Turcos. Quaes esforços constantemente sustentados! quaes victorias! quaes recursos! Não julgemos precipitadamente. As consequencias de huma guerra brilhante são algumas vezes deploraveis.

Se o Throno de Pedro, o Grande, foi substituido por tres mulheres, e se adquirio hum novo esplendor, a pezar das revoluções do Palacio, he huma cousa esta muito singular. Catharina I. morreo em 1727. Pedro II., filho do infeliz Aleixo, reinou até 1730. Anna, Duqueza de Curlandia, viuva, filha do irmão primogenito de Pedro I., succedeo-lhe por huma intriga de Corte, e Biren, ou Biron, valido desta Princeza, governou tyrannicamente. Por morte de Anna em 1740, foi reconhecido João III., filho de sua sobrinha a Princeza de Brunswick. A Mãe do novo Imperador apoderou-se da regencia, mas Lestoc, Cirurgião estrangeiro, conspirou a favor de Isabel, filha de Pedro, o Grande, e conseguiu os seus intentos. João, e a Regente foraõ presos para sempre em 1741. Todos sabem que Isabel se distinguio pela sua clemencia, prometendo que ninguem seria castigado com pena de morte no seu Reinado, e substituindo a esta pena, raras vezes util, os tra-

Revolu-
ções do Pa-
lacio.

Pedro II.
Anna.

João III.

Isabel.

ba-

balhos públicos, os quaes pôdem supprir utilmente á mesma morte. Foi grande o desaforo, que reinou no Imperio: e todavia este Reinado se distinguio pelas conquistas, que se fizeraõ ao Rei da Prussia, durante a guerra de 1756.

Pedro III.

Morreo Isabel em 1762, e succedeo-lhe tranquillamente Pedro, Duque de Holstein, seu sobrinho, declarado Graõ-Duque da Russia. Posto que elle tivesse ao principio conciliado os corações da Nobreza, por meio de huma admiravel Ordenação, que lhe concedia a liberdade, constituiu-se em breve tempo desprezivel, e odioso pelo seu procedimento. O Cléro, principalmente, cujos bens quæria unir á Coroa, aborrecia-o como hum inimigo da Igreja. Huma revolução repentina collocou no Throno a Princeza de Anhalt-Zerbst, sua esposa, com a qual já elle não vivia.

Catharina II.

Esta he a Imperatriz Catharina II., cujas luzes, e talentos exaltaõ a gloria da Russia até ao mais alto grão. O Codigo annuciado por Catharina, se fôr bem executado, pode-a collocar na primeira ordem dos Legisladores.

Rea desta Corte até o actual Reinado.

As revoluções desta Corte até o presente foraõ semelhantes ás do Serralho de Constantinopla. A razão he manifesta. Quanto mais despotico he o Soberano, tanto mais dominaõ nos Palacios a intriga, e a

violencia. Quasi todos aquelles que fizeram a primeira figura na Ruffia , hum Mentzikou , hum Biren , hum Munich , hum Osterman , hum Lestoc , &c. foram successivamente precipitados do mais alto gráo da fortuna para o abyfmo da miseria.



NEGOCIOS GERAES

DA EUROPA.

Des da morte de Luiz XIV., até o Tratado de Aquisgran em 1748.

CAPITULO I.

Guerra do Imperador com os Turcos. --- Emprezas do Cardeal Alberoni. --- Regencia do Duque de Orleans.

Os Turcos não se aproveitaram das guerras, que assolavam a Europa.

SE os Turcos não se tivessem desanimado tanto com as ultimas victorias dos Imperiaes, ou se tivessem tido huma politica mais perspicaz, a guerra do Norte, e a do Meio-Dia da Europa, ateadas no principio do presente seculo, teriaõ sido para elles a occasião de recuperar todas as suas perdas. Ao mesmo tempo que o Imperador Carlos VI. exauria as suas forças contra a França, estiveraõ os Turcos tranquilos, e em descanso. Não atacáraõ os Russos, senão depois do desbarato de Carlos XII. em Pultawa. Elles fizeraõ a paz com o Czar, no mesmo instante em que parecia in-

infallivel destruiillo. Esperáraõ pela pacificação de Utreque , e Rastadt , para tomar a Morêa aos Venezianos , cuja posse assegurava á Veneza a paz de Carlowitz.

Tomaõ os
Turcos a
Morêa.

Tomou entaõ armas o Imperador , ou como fiador do Tratado de Carlowitz , ou como inimigo natural do Turco , e sahio triunfante. Tendo o Principe Eugenio passado o Danubio , desbaratou em Peterwaradin o Graõ-Visir de Achmet III. em 1716. A mórte deste Visir procedeo das feridas , que recebêra. Foi tomada a Praça de Temeswar , a unica da Hungria , que estava ainda no poder dos Ottomanos. No anno seguinte tomou Eugenio Belgrado , depois de ter sido investido no seu campo , e escapado ao maior perigo por meio de segunda victoria. Concluiu a paz em Passarowitz no anno de 1718. O direito senhoril de Temeswar , Belgrado , e o Reino de Servia augmentáraõ a Potencia Austriaca ; mas a Morêa não se entregou aos Venezianos.

Cãpanhas
do Principe
Eugenio
contra el-
les.

Paz de Passarowitz.

Já o Cardeal Alberoni , primeiro Ministro de Hespanha , formava as suas attrevidas empresas. Como fosse hum Varão assaz grande para restabelecer a boa ordem na admnistração , nos erarios , e no militar , e para animar de algum modo o Estado ; em vez de limitar-se a huma lida tão util , quiz transtornar a Europa , e pre-

Projectos
do Cardeal
Alberoni.

precipitou-se a si mesmo. Destronisar o Rei de Inglaterra a favor do pretendente, filho de Jacques II., tirar ao Imperador o que o Tratado de Utreque lhe concedia em Italia; fazer passar para Philippe V. a Regencia de França, que Philippe, Duque de Orleans exercia sem limites, tendo o Parlamento de París annullado o testamento de Luiz XIV., que a limitava: taes foram os intentos de Alberoni. Se o feliz successo os tivesse coroado, mereceria elle a reputação de hum Ximenes, ou de hum Richelieu. Temos tratado das suas infructuosas negociações com o Barão de Gortz, Ministro do Rei de Suecia. Jorge I., Rei de Inglaterra, ficou seguro com o descobrimento do conloio. Examinemos os acontecimentos, que se seguirão.

Sua indú-
tria, a fim
de obter o
chapeo de
Cardeal.

Não he inutil observar primeiro como a ambição pessoal de hum Ministro dirige os negocios de Estado. Para obter o chapeo de Cardeal, tinha Alberoni occultado com todo o cuidado os seus projectos a respeito da Italia; mandando esquadras contra os Turcos; os quaes a ameaçavaõ antes da paz de Passarowitz; e entregando ao Nuncio do Papa os papeis da Nunciatura, que se conservavaõ debaixo de chave. Assim que Clemente XI., victima dos seus artificios, exaltou Alberoni ao Cardinalato, logo os Hespanhoes conqui-
tá-

táraõ a Sardenha em 1717, e se disposêraõ para invadir a Sicilia.

Quadruplicada aliança contra Hespanha.

Conspiração contra o Duque de Orleans.

Os intéresses do Duque de Orleans não se uniaõ com as idéas do Ministerio Hespanhol; pois que a renunciação de Filippe V. o constituia herdeiro presumptivo do novo Rei Luiz XV., seu pupillo. Tinha se alliado com o Rei de Inglaterra, e com Hollanda, para manter o Tratado de Utreque. Entrando o Imperador em breve tempo nesta Liga, a quadruplicada alliança destruiu todo o systema de Alberoni. Debalde se conspiravaõ em França como em Inglaterra. O Embaixador de Hespanha, a Duqueza de Maine, o Cardeal Polignac, e outros muitos davaõ traças por tirar ao Regente o seu lugar. Huma mulher-prostituida, astuta, e sagaz apanhou os papeis a hum joven Abbade Hespanhol, Secretario da Embaixada. Descobrendo-se por este meio a conspiração, foi o Principe de Cellamare, Embaixador, preso com o Secretario. O fructo das suas intrigas foi huma declaração de guerra; e a França armou contra o neto de Luiz XIV., a quem tinha estabelecido, arruinando-se a si propria, no Throno de Carlos V.

Guerra por pouco tempo.

Por felicidade durou a guerra pouco tempo. Antes que ella se declarasse, a senhoreados já os Hespanhoes de huma grande parte da Sicilia, tinham perdido huma

ma

ma batalha naval contra o Almirante Inglez Byng, que lhes tomou vinte tres náos. (1718.) No anno seguinte, ficão vencidos pelos Imperiaes naquella mesma Ilha; a frota, que elles destinavaõ para hum desembarque em Inglaterra, espalha-se com os ventos; os Inglezes destróem o porto de Vigo; os Francezes capitaneados pelo Marechal de Berwick, cujo filho servia em Hespanha, tomaõ várias Praças, queimaõ alguns armazens, e dezaseis náos de guerra, que ultimamente se tinhaõ construido. Sacrifica entãõ Filippe V., naturalmente pusillanime, o Cardeal Alberoni, despede-o, e cuida só em livrar-se de cuidados.

Alberoni
sacrificado.

1720.
Paz entre
França, e
Hespanha.

Trata-se da paz: concorre Filippe para a quadruplicada alliança: evacuaõ-se a Sicilia, e a Sardenha: o Duque de Saboya cede a primeira ao Imperador em troca da segunda, e deste modo acabou huma guerra de dous annos.

Disputas
dignas de
observa-
ção em Si-
cilia com
o Papa.

Por ventura crer-se-hia que des do anno de 1711, havia em Sicilia, grandes disputas com o Papa, motivadas por huns poucos de grãos? Estes grãos pertenciaõ ao Bispo de Lipari, e vendiaõ-se por sua conta. Os Magistrados, ignorando que este fructo pertencia ao Bispo, impozeraõ certos direitos, que a Igreja nunca pagava. Debalde se desculparaõ elles depois disso ref-

restituindo o dinheiro , e pedindo perdaõ. Vendo-se excommungados sem misericordia , apelláraõ da excommunhaõ para o Tribunal da *Monarquia*, estabelecido , como temos visto , no tempo dos Principes Normandos , e corroborado por huma Concordata entre Pio V. , e Filippe II. Nelle foraõ absolvidos provisoriamente , segundo se praticava. Tendo o Bispo de Lipari avocado a causa para Roma , Clemente XI. declarou nulla esta absolviçaõ ; posto que o Juiz fosse hum Ecclesiastico , que exercia em nome do Rei os poderes attribuidos ao Legado. Outros dous Bispos receberaõ , e publicáraõ o Decreto do Papa , e Filippe V. , que reinava entaõ em Sicilia , quiz refrear huma empresa contraria aos direitos da sua Coroa. Resistiraõ-lhe os Bispos , e elle os desterrou como rebeldes.

Excommunga entaõ Clemente XI. o Juiz da *Monarquia* , e toma fogo a contenda a pezar dos pacificos procedimentos de Filippe. Huma Bulla ordena que tudo , quanto emanar da Santa Sé seja executado sem a licença do Monarca (o *exequatur regium*) , isto he , contra as Leis do Estado. Todos os mais privilegios saõ abolidos , naõ exceptuando os direitos incontestaveis da sociedade civil. A isto só se oppõe huma apellaçaõ para o Papa me-

Procedi-
mentos
violentos
de Cle-
mente XI.

lhor informado , huma prohibição para não se executar esta Bulla , e outros Decretos semelhantes. Quando o Rei de Sardenha tomou posse da Sicilia , depois do Tratado de Utreque , continuárao as disputas. Como póde a Corte de Roma lisonjear-se em o nosso seculo , não digo de dar novo vigor ás suas antigas pretensões , mas de tirar ás Coroas o que ella mesma reconheceo antigamente pertencer-lhes ? Bem acertado foi desistir de hum intento tão imprudente , e muito he não ter elle feito mais prejuizo ao Pontificado.

Negocios
Ecclesiásticos em
França.

Pouco cuidava o Duque de Orleans em materias Theologicas , nem considerava , senão como homem de Estado , o que Luiz XIV. tinha visto pelos olhos de seu confessor. O seu proceder ao principio foi inteiramente opposto ao deste Monarca. Tellier foi desterrado , em premio das suas perseguições. O pio Cardeal de Noailhes , Arcebispo de Pariz , que d'antes se vira exposto ao odio do Jesuita , veio a ser Presidente de hum novo Conselho de consciencia. A Bulla , que se erigio em Lei do Reino , passou repentinamente pelos mais violentos ataques. Infinitos Bispos , dos mesmos que a tinhaõ recebido , requereraõ ao Papa , para que elle mesmo desse as explicações proprias para dissipar as inquietudes.

quietações. Quatro Prelados, e depois o Cardeal de Noailhes, a Sorbonna, a Universidade, os Curas de Pariz, e innumera-
 ráveis Comunidades, apellárao da Bulla para o futuro Concilio, cuja época está provavelmente muito remota. Toda a França retinia com os clamores pro, ou contra a Bulla de Clemente XI. Os Theologos se desfaziao em argumentos, e in-
 vectivas, e faziao a questao cada vez mais escura. O Papa, condemnando os transgressores, augmentava o incendio; e o Regente, que tinha grande capacidade, não sabia qual partido devia abraçar.

Opposi-
 ções á Bul-
 la *Unigeni-
 tus.*

Porém o systema do erario, do qual brevemente trataremos, levou toda a attenção do público. Pela riqueza se desprezava a Bulla, quando novos interesses determinárao a Corte a abraçar novos projectos.

O Duque de Orléans, nos Tratados de paz com Hespanha, pedia que sua filha casasse com o Principe das Asturias, e que se desse a Infante ao novo Rei de França, Luiz XV. Para conseguir este intento, necessitou do Padre Daubenton, confessor de Filippe V., cujo credito era tanto mais consideravel, quanto mais devoto era este Monarca. Não perdeu o Jesuita a occasião de servir a sua sociedade, e ao Papa. Persuadio tudo quanto quiz ao seu penitente;

Intrigas
 do Padre
 Dauben-
 ton em
 Hespanha.

o Regente obteve tudo, com condição de mandar acceitar a Bulla, e favorecer novamente os Jesuitas; dous objectos, que devião ser inseparaveis.

Ajuste a
respeito da
Bulla.

Com effeito, fez-se hum ajuste, no qual se expoz a doutrina de modo que se conciliassem ambos os partidos, quanto fosse possivel. Este ajuste foi assignado por vários Bispos: o que faltava era registrar hum decreto, por meio do qual se ordenasse a acceitação da Bulla, e se condemnassem as apellações. O Parlamento, deterrado em Pontoesa por causa do systema de Law, era inflexivel nas conjuncturas actuaes. Dirigiraõ-se ao Conselho Superior, no qual se encontrou a mesma opposição. O Regente foi a elle em pessoa, acompanhado dos Principes, e dos Pares, e Marechaes de França, &c. (1720.), e mandou registrar a sua Lei, que o Parlamento registrou depois com as modificações ordinarias. O célebre Dubois, Arcebispo de Cambray, foi o principal motor desta causa, posto que nenhum homem parecesse menos digno de governar huma simples Igreja. A purpura Romana, com a qual o condecoráraõ, não encobrio as maculas da sua reputação; mas se elle tivesse conseguido aniquilar, ou extirpar as disputas, muito teria merecido á Pátria.

Affento
no regis-
tro.

Ao

Systema
de Law.

Ao mesmo tempo que se maltratavaõ huns aos outros por causa de algumas proposições de Quesnel, e da Bulla, que as condemnava, não sendo o sentido da Bulla, assim como o das proposições, já mais o mesmo para ambos os partidos, todo o Reino estava agitado de huma demencia mais perigosa. João Law, Escossez fugitivo, tinha imaginado pagar com papeis as enormes dividas do Estado. O Duque de Orleans, amator das novidades, e impaciente por livrar-se destas dividas, approvou o seu systema. Huma companhia de Commercio tinha de embolçar, sobre os lucros suppostos que faria na America, e outras partes, os dous milhares que Luiz XIV. ficou devendo por sua morte. O exito correspondeo no principio ás esperanças de Law. A sua companhia tomou a si todos os arrendamentos geraes em 1718, e foi tão grande o seu credito, que as acções augmentáraõ prodigiosamente em valor. Viaõ-se as rapidas fortunas, que nasciaõ de semelhante companhia. Huma cobiça infaciavel, e cega se despojava de dinheiro, para enriquecer-se com papeis; os quaes se multiplicáraõ por maneira, que se acháraõ em bilhetes por mais de oitenta vezes todas as especies, que circulavaõ. Este era o meio para os desacreditar em breve tempo,

Grandes
successos,
aos quaes
se seguíraõ
as maiores
infelicida-
des.

po, e arruinar os cabedaes n'hum instante.

Ruina dos
cabedaes.

Assim que principiou a desconfiança, ficando o banco real exaurido pelas quantias, que se sacavaõ sobre elle, e não podendo já pagar áquelles, que pretendiaõ affiançar os seus bilhetes, todo o crédito se dissipou: o dinheiro occultou-se, e os bilhetes se tornáraõ n'hum vão papel. Infinitas familias cahíraõ entaõ na indigencia. Huma lei injusta, por meio da qual era prohibido ter cada qual em sua casa mais de quinhentas libras, (oitenta mil réis) servio sómente de irritar mais a Nação. Todos víraõ o author de tantas infelicidades, depois de chegar a ser Ministro dos erarios, e Vedor da Fazenda Real, insultar com as suas riquezas a miseria pública: todos víraõ o Parlamento desterrado, por ter-se opposto a huns projectos tão funestos. Mas no mesmo anno de 1720, vio-se Law obrigado a fugir, levando apenas com que viver, e deixando hum nome, o qual será sempre aborrecido.

Liquida-
ção das di-
vidas.

Os rendeiros tinhaõ sido embolsados com bilhetes, e nem por isso estava melhor o Estado. Como era possível satisfazer como cumpria a infinitas pessoas, a quem aquelles bilhetes reaes davaõ direito para reclamar os bens, que tinhaõ perdido. Os senhores Pâris, quatro irmãos laborio-
sos,

fos, e zelosos, dirigirão esta vasta operação do erario, quasi impossivel. Quinhentos e onze mil crédores trouxérao os seus bilhetes a hum Tribunal creado para restabelecer a boa ordem nos cabedaes. Liquidárao-se as dividas em mais de mil e seiscentos milhões em dinheiro. Deste modo sopportou ainda o Estado hum grande pezo, e os particulares foraõ mediocremente indemnifados das suas perdas. Igual flagello a este, procedido do mesmo principio, assolou ao mesmo tempo a Inglaterra, e Hollanda.

Destes funestos systemas procedêrao infellicidades peiores, do que a ruina de muitos milhares de cabedaes. O dinheiro chegou a ser huma divindade, á qual se sacrificárao não só os principios, mas tambem as obrigações. As riquezas subitamente augmentadas, quando o crédito subsistia, inspirárao todas as loucuras do luxo, e todos os excessos da depravação. Os costumes, a Religiaõ, que em parte os defende, recebêrao mortaes chagas, que o tempo não pode curar. Se os apologistas do luxo provaõ que o luxo he necessario n'huma Monarquia opulenta (Leis excellentes, sem dúvida, provariaõ melhor o contrario), devem convir ao menos que o luxo he semelhante a huma peste annexa a certos climas. Apenas o sabio, no
Corrupção procedida dos systemas de erario.
feito

feito da mediocridade, seu asylo, se preservará do bafo empestado dos demais.

Houve
mais per-
feito co-
nhecimen-
to de com-
mercio.

Conforme Voltaire, o systema illuminou os entendimentos para o Commercio, do mesmo modo que as guerras civis agução os animos. Este todo o bem, que se póde dizer de semelhante systema. E ainda haverá quem ache os verdadeiros principios do Commercio naquella companhia das Indias, a qual pareceo tão florecente depois do systema, e cujos falsos successos, e empresas mal entendidas, se encaminhárao para hum fatal ruina?

Môrte do
Cardeal
Dubois, e
do Regen-
te.

A fortuna do Cardeal Dubois, filho de hum boticario do Limosin, foi tão extraordinaria, e mais sólida do que a fortuna de Law. Chegou Dubois a ser o primeiro Ministro do Regente, cujas paixões tinha lisonjeado muito, e que fazia d'elle hum ridiculo conceito. Depois da môrte de Dubois, o mesmo Duque de Orleans tomou o titulo de primeiro Ministro, porque o Rei já era maior. Pouco tempo depois morreo (1723), e succedeo-lhe no Ministerio o Duque de Bourbon Condé, que em breve tempo foi substituido pelo

O Cardeal
Fleuri.

Cardeal de Fleuri, de idade de sessenta e tres annos, estabelecido na Corte como Mestre do Rei, amavel, docil, pacifico, amante da economia, e da boa ordem; tal em fim como devia ser hum Minis-
tro

tro n'humas circumstancias, em que havia maior necessidade de alivio, que de esplendor.

C A P I T U L O II.

Abdicação de dous Reis, Filippe V., e Victor Amadeo. --- Guerra de 1734 contra o Imperador. --- Tratado de Viena. --- Inglaterra desavinda com Hespanha.

A PAZ, de que gozava a Europa, de pois do tratado de Utreque até 1734, perturbada sómente por hum breve rompimento entre França, e Hespanha, e por outra muito mais breve entre Hespanha, e Inglaterra; esta paz tão útil ás Nações, pouca materia dá para a historia. Quão felices não seríamos, se houvesse muitas vezes destes intervallos em os nossos Annos !

Paz dilatada.

Dous Reis, que abdicação a Coroa, foram hum espectáculo mais interessante, do que os triunfos de huma ambição sangüinaria. Determinou-se Filippe V. a renunciar a Coroa, por enfermo, devoto, e melancolico. Por pouco capaz de governar per si mesmo, e governado sempre por

Abdicação de Filippe V.

Filippe V.
outra vez
no Throno.

Cortes.

Fortuna
de Ripper-
da.

Tratado
que elle
concluiu
em Viena.

por outro, desonerou-se de hum pezo, entregando o Sceptro a Luiz, seu filho primogenito, Principe moço, e de grandes esperanças. (1724.) Morreo Luiz no mesmo anno, de bexigas, e Philippe vio-se obrigado pelas grandes instancias, que lhe faziaõ, a subir novamente ao Throno. Escusou-se disso por algum tempo, allegando o voto, que tinha feito, de perseverar na sua abdicacão. Declaráraõ os Theologos ser nullo o voto; mas o Rei cedeo sómente ao seu Confessor. Convocou as Cortes, para ser reconhecido por Principe das Asturias, isto he, por herdeiro da Coroa, o Infante D. Fernando. O poder antigo destas Juntas Nacionaes estava por outra parte aniquilado; e o Monarca tudo podia, se soubesse reinar.

Vio-se ainda hum estrangeiro intrigante, o Barão de Ripperda, Hollandez, encarregado do governo Hespanhol. Tinha elle vindo estabelecer, e dirigir várias manufacturas, e occupado no seu negocio, concebeo projectos mais vastos: emprehendeo pôr fim ás mutuas contendidas das Cortes de Madrid, e Viena. Depois de ter obtido commissão para este negocio, foi tratar occultamente com o Principe Eugenio, e concluiu hum Tratado, por meio do qual renunciava o Imperador por fim a Hespanha, e as Indias, do mesmo modo que

ue Filippe ao restante da successão de Carlos II. (1725.) Creado Ripperda, quando voltou, Duque, e Grande de Hespanha, teve todo o valimento, e exerceo toda a authoridade. A Guerra, a Marinha, e os Erarios passárao para as suas mãos. O seu engenho, muito diminuto para tal administração, succumbio logo a ella; de maneira, que descahido da graça, e preso, fugio da prizaõ para Marrocos, onde morreo na miseria, e desprezo.

Sua desgraça.

A abdicação do Duque de Saboya, Rei de Sardenha, foi nos effeitos muito diversa da abdicação de Filippe V. Esse famoso Victor Amadeo, cuja politica ambiciosa tinha enganado a França, e a Hespanha para ampliar os seus Estados, entregou em 1730 a Coroa a seu filho, Carlos Manoel III. A devoção, que o obrigou á renuncia, não prevenio o seu arrependimento. Logo no seguinte anno quiz mudar tudo. A sua concubina, depois de chegar a ser sua mulher, irritava sem dúvida a sede de mandar; tão difficilissima de extinguir-se; quando o costume tem feito della humma especie de necessidade. Formava Victor Amadeo intrigas a favor seu. Temiaõ-se as suas consequencias para o Estado; e o Conselho julgou necessaria para as sepultar a prisaõ do antigo Rei. A sabedoria, a prudencia, e as virtudes de

Renuncia Victor Amadeo, e arrepende-se.

de Carlos Manoel fizeraõ a melhor apologia deste procedimento : hum raro exemplo de governo offerece o seu Reinado.

Investidura de Parma, e Placencia, e da Toscana, para D. Carlos.

No centro da paz geral, diversos interesses politicos movêraõ os gabinetes da Europa. Isabel Farnese, Rainha de Hespanha, que governava o seu esposo, em nada se interessava tanto, como em estabelecer seu filho D. Carlos em Italia. Pretendia-se fazer-lhe certa a successão de Parma, e Placencia, do mesmo modo que a de Toscana; Estados, cujos Soberanos ainda viviaõ. Consideravaõ os Papas, havia muito tempo, os dous primeiros Ducados, como feudos da Igreja, porque a Igreja, muito tempo havia, que delles se tinha apossado. Porém os Imperadores reclamavaõ sempre os antigos direitos do Imperio; pois não ha dúvida que Parma, e Placencia dependiaõ antigamente da Coroa de Lombardia. Carlos VI. em 1722 passou hum Auto de investidura para D. Carlos, exigindo que fosse á Vienna dar juramento de fidelidade. A Corte de Madrid não quiz a investidura com semelhante condiçaõ, e em 1724 concedeo-a o Imperador qual a desejavaõ, ainda para a Toscana: esta investidura se estendia a todos os filhos do mesmo matrimonio de Filippe V., e sua posteridade masculina.

Pos-

Costo que a Toscana não se reconhecesse
 eudo do Imperio , estas investiduras po-
 lião servir para facilitar a aquisição. Con-
 forme Desormeaux , o Papa Innocencio
 XIII. não se descuidou em 1723 de con-
 ceder a investidura de Parma, e de Pla-
 cencia, a fim de conservar os seus direi-
 tos a respeito destes Ducados. Se a rece-
 bção , o que ignoro , eraõ muitas estas
 cautelas de todas as partes.

Muitos eraõ os interesses , que as Cor-
 tes de Vienna, e Madrid tinhaõ de dis-
 cutir , para que a boa intelligencia entre
 ellas fosse permanente. A segunda , unida
 em 1729 com Portugal, França, Ingla-
 terra, e Hollanda, não respeitou mais a
 primeira. Fez descahir huma companhia
 de Commercio , que o Imperador se ti-
 nha empenhado para estabelecer em Of-
 tende; e tendo-lhe os alliados affiançado
 os Estados , que ella pretendia ter em Ita-
 lia, confiou-se nas investiduras; de manei-
 ra que por morte de Antonio Farneze ,
 ultimo Duque de Parma , apparece D.
 Carlos com hum Exercito respeitavel , faz-
 se reconhecer em Florença por herdeiro do
 Graõ-Duque , e se estabelece em Parma ,
 na esperanza da outra successão. Carlos VI.
 lhe abandona humas pretensões , que elle
 não póde defender.

Discordia
 entre as
 Cortes de
 Vienna, e
 de Madrid.

D. Carlos
 estabeleci-
 do em Ita-
 lia.

Toma o
Governo
Hespanhol
alento.

Deste modo, a pezar do caracter frouxo do Rei de Hespanha, Isabel Farneze dava vigor ao governo. A Nação, antigamente entorpecida debaixo do dominio Austriaco, adquiria cada vez mais actividade, e vigor, bem que muito remota ainda daquelle ponto, a que podia chegar. Restaurou-se Oraõ, que os Mouros tinhaõ tomado durante a guerra de 1701. Os seus esforços para recuperar esta importante Praça, e a de Ceuta, serviraõ sómente de occasionar-lhes novas perdas.

Estanislão
eleito se-
gunda vez
Rei de Po-
lonia.

Donde menos se esperava, sobreveio huma tempestade, que ateou o fogo da guerra na Europa. Morre em 1733 Augusto II., Rei de Polonia, o mesmo que Carlos XII. privára do Throno, e Pedro o Grande restabelecêra a elle, e Estanislão, seu antigo competidor, he novamente eleito com toda a solemnidade. O Imperador Carlos VI. manda fazer segunda eleição a favor do Eleitor de Saxonia, filho do morto, casado com huma de suas sobrinhas. Arma então a Russia a favor deste Principe, e déz mil Russos, bem disciplinados, abatem o valor dos seguidores de Estanislão, dessa nobreza guerreira, sem disciplina, que he o ludibrio dos acontecimentos por causa de huma excessiva liberdade. Augusto III. triunfa do mesmo modo que seu Pai, e Estanislão

O Impera-
dor, e a
Russia cõ-
tribuem
para a no-
meação de
Augusto
III.

Sitio de
Dantzick.

lão he sitiado na Cidade de Dantzick. Por meio de huma fortuna tão singular, como todas as demais aventuras, tinha elle chegado a ser sogro do Rei de França, e consequentemente não podia deixar de esperar soccorros desta parte. O Cardeal Fleuri mandou sómente mil e quinhentos homens. Succumbio Dantzick: o Rei de Polonia fugio, disfarçado em trajo de marinheiro, por entre mil perigos, e o General Russo tinha promettido premios a quem lhe trouxesse a sua cabeça: barbaridade, que a Czarina Anna reparou muito bem, tratando os prisioneiros com a mais nobre generosidade.

Por muito amante que fosse da paz o Ministro de Luiz XV., a honra do Rei, e do Estado o punha, segundo a opiniaõ pública, na precisaõ de declarar guerra. Soube Fleuri fazella util; o que he raro. Não podendo este atacar os Russos, voltou as forças da França contra o Imperador, e a alliança feita com os Reis de Hespanha, e Sardenha, e a neutralidade de Inglaterra, e Hollanda, prometteraõ a felicidade dos successos: tão dissipados tinha a moderaçaõ do Ministerio Francez os antigos temores, que Luiz XIV. inspirava! tanto vale mais merecer a confiança, inspirando o respeito, do que espalhar o terror!

Declara
França
guerra ao
Imperador.

Em

Campanhas decisivas de Italia.

Em dous annos de guerra (1734 e 1735) vio-se o Imperador reduzido á ultima extremidade. As campanhas de Italia foraõ brilhantes, e decisivas. O Marechal de Villars, com oitenta e dous annos de idade, morreo em meio dellas no leito da honra, depois de ter tomado Milaõ. O Marechal de Coigni, que lhe succedeo, desbaratou os Imperiaes debaixo dos muros de Parma, onde morreo o Conde de Merci, seu General: Coigni ganhou segunda batalha em Guastalla. O Conde de Montemar, Hespanhol, vencedor em Bitonto, conquistou os Reinos de Napoles, e Sicilia. Foi lhe dado o titulo de Duque de Bitonto, monumento precioso da sua victoria. Em Alemanha, o Marechal de Berwick foi morto no sitio de Philipsburgo; mas nem por isso deixou esta Praça de ser tomada.

Tomada de Filipsburgo.

1736
Tratado de Viena.

D. Carlos
Rei das
duas Sicilias.

Despojado, e opprimido por todas as partes o Imperador, valeo-se da mediação das Potencias maritimas. Como o Ministro de França desejava sinceramente a paz, concluiu-se esta sem medianoiro. Hespanha obteve nella para D. Carlos o Reino das duas Sicilias, em troca dos Ducados de Parma, e Placencia, e da Toscana. O Rei de Sardenha ficou com Tortona, Novarra, e Langhes. Este Rei esperava ficar de posse de todo o Estado de Mi-

Milão, que a Corte de Turim nunca já mais perdeu de vista. Estanisláo renunciou segunda vez a Polonia, conservando o titulo, e as prerogativas de Rei. Abandonára-lhe Barrois, e a Lorena, para se unirem por sua morte á Coroa de França. O Duque de Lorena devia ter a Toscana em troca; e Luiz XV. fazia-lhe certo hum rendimento de tres milhões e quinhentas mil libras até a morte do Grao-Duque, João Gastaõ, ultimo Principe da Casa de Medicis. Era esta a segunda vez que se dispunha da Toscana, em vida deste Soberano. Estranha politica, praticada depois dos Tratados de divisaõ a respeito da Successão de Hespanha. Perguntava João Gastaõ com galantaria, *se acaso não lhe dariaõ ainda terceiro herdeiro, e qual filho lhe queriaõ dar o Imperio, e a França.* Morreo João Gastaõ no seguinte anno.

Dispõe-se da Toscana, em vida do Grao-Duque.

Finalmente affiançou França pelo Tratado de Viena a Pragmatica-Sanção de Carlos VI. a respeito da Successão da Casa de Austria: ponto tão melindroso, que executando-se os preliminares em 1736, o Tratado foi assignado em 1738. Esta Pragmatica, publicada havia doze annos, não tinha outro fim, senão o de fazer indivisivel a Successão Austriaca, no caso de não haver herdeiro varão, como brevemente succedeo. Muitos eraõ os Principes,

Pragmatica-Sanção de Carlos VI, affiançada pela França.

que , não tendo a Casa de Austria filhos varões , tinhaõ direitos , e pretensões. Carlos VI. , sem os consultar , nem tratar com elles , quer que huma Lei particular não só os prenda a todos , mas que os obrigue a sacrificar seus interesses. He este outro phenomeno da politica moderna , bem digno de observação. Entremos a vêr a Europa abrasada por causa desta grande Succesão.

Ateou-se no em tanto entre Hespanha , e Inglaterra huma guerra maritima , por huma causa da mais pouca entidade : o que prôva muito melhor que nos proprios séculos da philosophia se governaõ as Nações muito pouco pelos principios do direito natural. Digamos alguma cousa da origem destas desavenças , procedidas de huma pessima idéa de Commercio.

Qual tinha sido o governo de Jorge I. , Rei de Inglaterra.

Tinha Jorge I. falecido em 1727 , de nenhum modo amado dos Inglezes , por usurpar a sua liberdade. Sendo arbitro do Parlamento , extrahia delle os maiores subsídios , não para os interesses do Reino , mas para o do seu Eleitorado. Quasi no fim do seu Reinado , abandonáraõ-lhe o proprio emprego dos subsídios ; os Communs sacrificáraõ esta inspecção sobre os erarios , a qual julgavaõ antecedentemente tão necessaria para limitar o poder da Coroa. N'huma palavra , experimentáraõ-se

se muito mais ; do que no governo de Guilherme , dous perigosos inconvenientes ; o primeiro de ter hum Soberano Estrangeiro , cujos interêsses politicos podião ser muito differentes do interesse nacional ; e o segundo da corrupção , que causava á Corte tanta influencia nos actos parlamentarios.

Todavia sempre a paixão da liberdade fermentava até chegar a clamar contra huma ordem passada para edificar Lazaretos , e pôr hum cordão , a fim de aguardar o Reino da peste introduzida na Provença. Odiosas erão estas práticas , diziaõ alguns , imitadas do governo *arbitrario* de França , e contrarias á liberdade Inglesa.

Idéa de grande liberdade.

A Jorge I. succedeo seu filho , Jorge II. , a quem o mesmo Jorge I. tinha apartado do governo ; mas a Nação o julgou mais digno , do que elle , de reinar. O Cavalleiro Roberto Walpole , Ministro illustrado , e pacifico , conhecia do mesmo modo que o Cardeal Fleuri , quanto se devia desejar a paz n'huma occasião , em que todos os Póvos estavam exauridos por causa da guerra de 1701 ; motivo porque Inglaterra não se metteo com a guerra , que França declarou ao Imperador. O systema deste Ministro não foi seguido por causa do genio ambicioso da Nação.

Jorge II.

Walpole ,
Ministro
pacifico.

Ambição
dos Ingle-
zes, suas
disputas
cõ os Hes-
panhoes.

Ter certo, e seguro o imperio do mar, ampliar hum Commercio já immenso, e arruinar, ou enfraquecer o Commercio das outras Potencias maritimas, he o que os Inglezes pareciaõ intentar depois dos seus progressos na America. O governo Hespanhol, depois de fahir do longo lethargo, em que jazia, queixou-se, mas debalde, do contrabando que os Inglezes faziaõ em Hespanha, com desprezo dos seus direitos. Para atalhar o seu curso, multiplicou as guardas cóstas, e foraõ tomados alguns navios. Talvez que se excedesse algumas vezes aos limites da moderação, e justiça: inconveniente quasi inevitavel em semelhantes circumstancias. Seja qual fôr o motivo, ateáraõ-se as contendas. A que tinha principiado por causa de hum navio, alargou-se a outros objectos. Disputou-se a respeito dos limites da Florida, e da Carolina. Os Inglezes clamáraõ furiosos, e comettêraõ hostilidades; de maneira que o governo não pode resistir a este espirito de delirio, de que o Povo se arrebatava. Tinha-se ultimamente concluido hum Tratado com Hespanha, por meio do qual se obrigava Philippe V. a pagar noventa e cinco mil libras esterlinas á Inglaterra, para reparar o damno das perdas, de que esta se queixava com mão armada. Com tudo os clamores do Povo foraõ cada vez

Tratado
que os In-
glezes não
respeitaõ.

mais : continuárao as hostilidades ; e como esta era a razao , porque Philippe V. não pagava a quantia promettida , aproveitárao-se deste pretexto para declarar-he guerra em 1739. O Almirante Vernon depois de tomar , e arrazar Porto-Bello , procedeo arrebatadamente no sitio de Carthagena.

Quanto mais se examina a natureza do Commercio , que deveria unir as Nações , e que só floresce á sombra da paz , tanto menos se concebe o delirio daquellas guerras de Commercio , ateadas por hum cégo interesse. Qual he a utilidade , que pôde igualar ás despezas , que estas guerras trazem comsigo , e ás perdas que ellas causão ? He logo necessario que os Estados sejam as victimas da cubica dos Comerciantes ? Por ventura será necessario que a Europa se arruine , e despovoe , por alguns desertos da America , cuja cultura deve ser tão vagarosa , e os fructos tão incertos ? Que hajaão contendias de negocio , nenhuma admiração deve causar ; mas que em vez de as terminar amigavelmente , fação as Potencias de semelhantes contendias huns objectos de guerra , he o que será difficiloso conciliar com os principios da razao , humanidade , e verdadeira politica.

Reflexões
a respeito
das guer-
ras de Cõ-
mercio.

Carlos VI.
apertado
pelos Tur-
cos.

Debalde forcejou a Corte de França por precaver hum rompimento tão funesto. Melhor exito teve ella na sua mediação a favor de Carlos VI. apertado pelos Turcos. A Ruffia, como fica dito, tinha mandado marchar trópas para Polonia, a fim de estabelecer nella a Augusto III., e a Corte de Constantinopla, considerando este procedimento como transgressão dos Tratados, permittio aos Tartaros que tomassem armas. Brevemente houve hum guerra declarada, em que se vio mettido o Imperador, alliado da Ruffia. Ao mesmo tempo que os Russos alcançavaõ victorias, Carlos VI. perdeu as suas Conquistas. Belgrado foi sitiada, e o Imperador vio-se ameaçado de huma invasão. Não estando este em estado de rechassar os inimigos; aproveitou-se da mediação, que a França offerencia, e celebrou-se a paz no campo dos Turcos. Cederaõ-lhes Belgrado, a Servia, e a Valaquia Austriaca. (1739.) Hum mez depois se concluiu o Tratado da Ruffia, que se tinha assenhoreado de Azow. Deixáraõ-lhe esta Praça, mas com as fortificações demolidas, e sem a liberdade de ter náos no mar Negro. O Sultão obrigou-se a dar a esta Potencia o titulo de Imperador, titulo muito mais superior entre os Turcos, do que o de Rei. Ainda reinava a Czari-

Cede o
Imperador
aos Turcos
Belgrado,
&c.

Azow ce-
dida aos
Russos.

na Anna : o destino singular dos Russos era que a gloria do seu Imperio, estabelecida por hum grande homem , se augmentasse rapidamente no governo de mulheres.

C A P I T U L O III.

Môrte do Imperador Carlos VI. --- Direitos á sua Successão. --- O Rei de Prussia dá o signal da guerra. --- Toma França partido contra a Rainha de Hungria.

MORRE Carlos VI. em 1740, sem herdeiro varão : successo semelhante á môrte de Carlos II., Rei de Hespanha, e a que se devem seguir sanguinolentas consequencias. Deste modo se extinguiu a Casa de Austria ; huma Casa , cuja grandeza chega até Rodolfo de Habsburgo , Imperador em 1223 ; huma Casa , augmentada prodigiosamente por meio de casamentos , especialmente pelo de Maximiliano I. com a herdeira de Borgonha , de Filippe com a herdeira de Hespanha , de Fernando I. com a herdeira de Hungria , e de Bohemia ; huma Casa estabelecida no Throno Imperial , havia mais de trezentos annos ; governando a Alemanha , já com

1740
Môrte de
Carlos VI.

Como se
tinha au-
gmentado
a sua casa.

a altiveza de hum despotismo affectado ; já com a industria da politica ; huma Casa , cujo poder como que devia absorver tudo , ou pelo menos dar Leis a toda a Europa , se o Cardeal de Richelieu não tivesse reinado em França no tempo de Luiz XIII.

Os últimos Imperadores tinham armado o Imperio a favor dos seus interesses.

Podemos haver como huma especie de phenomeno ter a Casa de Austria , depois do seu abatimento , sabido dispôr das forças do Imperio por interesses muito estranhos ao mesmo Imperio. Effeito foi isto de huma prudencia singular em reger a opiniaõ. Sem embargo de o termos já observado , bom he que novamente digamos : que o terror do nome Francez obrou mais , do que a authoridade do Imperador. A Corte de Viena affectava temer continuamente huma Potencia enorme , ambiciosa , e prompta para destruir os outros Estados. Esta mesma Corte inspirando falsos temores , procurava soccorros , e mostrando fraqueza , obtinha forças. Este o fructo das guerras de Luiz XIV.

Direito público de Alemanha, no Reinado de Carlos VI.

De mais disso os Alemães forão sempre muito zelosos da liberdade do Corpo Germanico , firmada pela paz de Westphalia. A Capitulação de Carlos VI. , entre outros muitos artigos , declara : 1. Que nada emprenderá em prejuizo das tres Religioes. 2. Que não mandará marchar as suas

suas tropas pelo territorio dos Estados sem o seu consentimento. 3. Que conservará a jurisdicção da Camera Imperial, e não permitirá que os seus Ministros particulares se embaracem com o Conselho Aulico. 4. Que não arrogará a si a Successão daquelles, cujos bens forem confiscados pela sentença de desterro. 5. Que sem o consentimento dos Estados, convocados em Dieta, não mudará nada ás Leis; não fará guerra, nem allianças, nem paz do Imperio; não exigirá contribuição alguma; nem fará regulamentos relativos ao Commercio, ou á moeda. 6. Que não porá Estado algum feudatario do Imperio, senão com a approvação de todos. 7. Que não fará oppressão alguma aos Estados nas suas deliberações, nem lhes prescreverá as materias, que elles devem tratar com preferencia, &c. (*Veja-se Pfeffel.*) Tal he ainda o direito público de Alemanha, unico Paiz do mundo, onde a boa ordem tenha podido estabelecer-se em o regimen feudal.

Em virtude da Pragmatica-Sanção de Carlos VI., toda a herança da sua casa devia passar a Maria Thereza, sua filha primogenita, esposa de Francisco de Lorena, Graó-Duque de Toscana. Os Reinos de Hungria, e de Bohemia; a Silezia, a Suevia Austriaca, ou Austria anterior, ambas

A quem
deve pertencer a sua
successão.

as Austrias superior, e inferior, a Estiria, a Carinthia, a Carniola, as quatro Cidades Forestieras, o Burgau, o Brisgau, os Paizes Baixos, o Eriul, o Tirol, o Milanez, os Ducados de Parma, e Placencia, formavaõ esta grande successão. Quasi todas as Potencias tinhaõ affiançado a Pragmatica. Porém o Principe Eugenio, que fallecêra em 1736, dizia judiciosamente *que esta Pragmatica melhor seria affiançada por hum exercito de cem mil homens, do que por cem mil Tratados.* Com effeito, como se podia evitar a guerra, ao mesmo tempo que a ambição de muitos Principes tinha titulos, que defender?

Pretensões
de vários
Principes.

Carlos Alberto, Eleitor de Baviera, pretendia a successão de Bohemia, em virtude do testamento de Fernando I.; e Augusto III., Rei de Polonia, Eleitor de Saxonia, pretendia tudo, por causa dos direitos de sua mulher, filha primogenita do Imperador José, primogenito de Carlos VI. O Rei de Hespanha tinha pretensões semelhantes por causa da filha de Maximiliano II., esposa de Filippe II., da qual o mesmo Rei de Hespanha descendia por parte materna. O Rei de Sardenha tinha tambem as suas pretensões. O Rei de França podia tambem pretender a successão, como descendente, por parte da mulher de Luiz XIII., e da de Luiz XIV.,
do

do ramo primogenito de Austria. Porém o Rei de França, tanto por prudencia como por moderação, não pensava em engrandecer-se.

Depois que o regimen feudal espalhou as trévas, e a incerteza pela ordem das successões dos Estados, acha-se a Europa continuamente exposta a revoluções sanguinolentas por causa desta cruel incerteza. A quem deve pertencer hum Povo? He este muitas vezes hum ponto de litigio, o mais espinhoso de todos; de litigio, que principiando-se com a penna, só se decide com as armas. Séria por ventura impossivel, nos seculos de humanidade, e de razão, que os Soberanos cortassem de concerto a raiz destas infelicidades?

Direitos
na Europa,
muito in-
certos.

Tudo se mostrou tranquillo, e socego ao principio. Tendo Maria Theresa, Princeza virtuosa, prudente, e affavel, todas aquellas qualidades, que imprimem o amor, e respeito, tomou posse da grande herança, que seu Pai lhe tinha deixando, e ninguem se oppoz a isso. Deo aos Hungaros o antigo juramento, por meio do qual, no caso de serem violados os seus privilegios, lhes he permittido *defender-se, sem serem tratados de rebeldes*. Este procedimento a fez adorar por hum Povo, que os seus antepassados continuamente achárao rebelde, por motivo de o porem

Maria
Theresa a-
mada pelos
Hungaros.

na precisaõ de defender os seus privilegios.

Frederico
III., Rei
da Prussia.

O Rei da Prussia, Frederico III., de idade de vinte oito annos, Principe até entã pouco conhecido, foi o primeiro, e o unico, que principiou huma guerra, que devia em breve tempo abraçar a Europa, e seu Avô, condecorado com o titulo de Rei pelo Imperador Leopoldo, o sustentára só como soberbo dissipador. Seu Pai, que era muito differente, tinha povoado a Prussia, attrahindo os Estrangeiros, e fazendo florecer a agricultura; disciplinado hum exercito numeroso, ajuntado por meio da economia hum thesouro immenso, e preparado de algum modo os materiaes da grandeza de hum filho, que elle todavia tratou com crueldade. Este filho tinha-se formado entre as desgrças; escóla admiravel para os Soberanos. Além dos superiores talentos, de que era dotado, tinha Frederico III. o gosto da leitura, e reflexãõ; e sendo politico, guerreiro, poderoso, inimigo do luxo, tendo oitenta milhões nos seus cofres, e hum exercito de mais de cem mil homens, de que não era capaz, se se entregasse á ambição dos heróes, tão difficultosa de vencer-se em semelhantes circumstancias?

Suas for-
ças, e seus
talentos.

Arma Fre-
derico III.
repentina-

Pouco havia que Frederico fora exaltado ao Throno. O motivo, que teve pa-

ra

ra a guerra , forão várias pretensões sobre alguns Ducados da Silezia. Hum mez depois da morte do Imperador , entra nesta rica Provincia , á frente de trinta mil homens , atacando a Rainha de Hungria , e offerecendo-lhe juntamente defendella , em premio da Silezia inferior , que elle pedia. Por huma parte , acceitando Maria Theresia a proposição , teria mostrado huma fraqueza , que não podia deixar de attrahir novos inimigos. Por outra , o Rei de Prussia antevia muito bem que , se os seus offerecimentos fossem rejeitados , lhe grangearia alliados por causa do seu atrevido procedimento. A sua posição era tanto mais vantajosa , quanto maior a necessidade , que a herdeira de Carlos VI. tinha de dinheiro , e de tropas , sem embargo dos seus vastos Estados. Esta valerosa Princeza preferio defender-se. Na batalha de Molwitz se vio quaõ tremenda era a disciplina Prussiana. Acomettida , e desordenada a Cavallaria , pilhada a bagagem do Rei , o mesmo Rei exposto a ficar prisioneiro , a intrépida constancia , e o fogo perpetuo da infantaria restabelecêrão tudo : alcançou Frederico a victoria , presagio de maiores successos. (1741.)

Naõ se tinha enganado o Rei de Prussia nas suas conjecturas. As suas conquistas convidavaõ outras Potencias a tomar

mente , e toma bem as suas medidas.

Batalha de Molwitz.

França , a pesar do Cardeal de Fleuri , entra na guerra.

ar-

armas contra a Rainha de Hungria. O Cardeal de Fleuri, tão alheio da guerra por circunspecção de velhice, como por moderação de carácter, de idade de oitenta e cinco annos, pretendia acabar sem inquietação huma carreira sempre feliz; e tendo França affiançado a Pragmatica do Imperador, esta fiança, posto que pouco sólida, se fosse injusta, a firmava no seu systema de paz. Porém o Conde, depois Marechal Duque de Bella-Ilha, e o Cavalleiro de Bella-Ilha, seu irmão, ambos de grandes projectos, de genio activo, e atrevido, ao qual uniaõ o talento de persuadir, conseguirão por meio das suas intrigas, e discursos, inspirar huma resolução contraria ás idéas do Ministro. Ambos estes irmãos julgáram que enfraquecer a nova Casa de Austria Lorena, seria consummar a grande obra da politica do célebre Richelieu. Este foi o fundamento dos seus systemas.

Os Senhores de Bella-Ilha saõ a causa disso.

Projectos, e alianças, contra a Rainha de Hungria.

Formou-se por conseguinte o intento de alcançar para o Eleitor de Baviera a Coroa Imperial, e huma parte dos Estados de Carlos VI. Deviaõ-se unir com os Reis de Prussia, e Polonia, Eleitores de Brandeburgo, e Saxonia, interessados no desmembramento da Successão; e Maria Theresa devia ser espoliada de vários ramos desta herança, affiançada pelos Tra-

tados. O Conde de Bella-Illa , encarregado da negociação , correio toda a Alemanha , e tudo regulou. Infallivel parecia o successo , e as conjecturas para a execução estavam prudentemente combinadas. Porém quantas revoluções não lhes podiaõ servir de obstaculo !

C A P I T U L O IV.

O Eleitor de Baviera , o Imperador com o nome de Carlos VII. --- Seus successos , e desgrças. --- Batalha de Dettingen. --- D. Filippe , e o Principe de Conti em Italia.

O ELEITOR de Baviera , creado por huma patente Tenente-General de Luiz XV. , assenhorea-se logo de Passau , e entra pela Austria até Lintz. Julga-se Viena ameaçada de hum sitio , que mui difficiltoamente poderia sustentar. Apoderar-se da Capital teria sido huma acção decisiva. Em vez de tentallo , ou ir no alcance á Rainha , a qual se refugiára em Hungria ; em vez de aproveitar-se do momento effencial , dá o Eleitor sobre a Bohemia , impaciente por se fazer coroar nella. Praga , huma grande Cidade , foi tomada-

1741
Progreſſos
do Eleitor
de Baviera.

Eleitor de
Baviera
faz-se co-
roar Rei
de Bohe-
mia, e Im-
perador.

mada á escala; e o Eleitor, depois da ce-
remonia da coroação, parte para Francfór-
te a fim de receber a Coroa Imperial, e
vê-se á frente do Imperio, com o nome
de Carlos VII. O Rei de Prússia tinha con-
quistado a Moravia. Quasi que não se pô-
de imaginar situação alguma mais deplora-
vel, do que a de Maria Theresa.

Sentimen-
tos dos
Hungaros
para com a
sua Rai-
nha.

Porém o mesmo perigo lhe grangeou
grandes recursos. O discurso, que ella fez
em latim aos Hungaros, abandonando-se
ao seu zelo, os fez chorar lagrimas co-
piosas; de maneira que, com a espada na
mão, clamárao todos: *Morrámos pelo nos-
so Rei Maria Theresa*. Por nenhuma ou-
tra cousa suspiravao, senão pela defeza
desta Princeza, digna na verdade de ser
incluida no número dos grandes Reis. In-
glaterra, e Hollanda, não se attrevendo
ainda a declarar-se, posto que tivessem af-
fiçado a Pragmatica de Carlos VI.,
mandárao-lhe soccorros de dinheiro.

Generosi-
dade In-
gleza a seu
favor.

“Toda a Nação Ingleza se animou a
seu favor. Não he este Povo daquelles,
que esperao pela opiniao do seu Sobe-
rano para a ter..... A Duqueza de Marl-
borough convocou as damas principaes
de Londres, que se obrigárao a dar
cem mil libras esterlinas, e a Duque-
za depositou quarenta mil. A Rainha de
Hungria teve a grandeza d'alma de não

re-

„ receber este dinheiro offerecido pela generosidade das damas Inglezas , nem quiz mais do que aquelle , que ella esperava da Nação junta em Parlamento. „ (*Voltaire.*) Estes os lances de que Inglaterra pôde com justo titulo glorificar-se.

Os inimigos da Rainha fizeram-lhe muito melhores serviços por causa dos seus erros. Disconcordando estes entre si , e queixando-se uns dos outros , por conseguinte não se uniaõ. O Marechal de Bell-Ilha , que mettêra a França nesta guerra ; em que ella não tinha interesse algum , dirigia mal as suas operações. Affociáraõ-lhe o Marechal de Bröglio , mas sem utilidade , porque a má intelligencia foi sempre lavrando entre os dous Chêfes. Pouco numerosa era a cavallaria. O Principe Carlos , irmão do Graõ-Duque , com os seus Panduros , Talpachos , Croatos , e Huzares , cançava , e destruia as trópas ; flagello terrivel para humas trópas dispersas , faceis de sorprehender. Finalmente o exercito Francez , e Bavaro ficou quasi reduzido a nada , sem acção consideravel.

Erros multiplicados dos seus inimigos.

Desastre , sem grande effeito.

Destá parte tudo ficou perdido por causa de hum erro do Ministerio. O Cardeal de Fleuri , opprimido da velhice , tanto mais affectado de semelhantes des-

Mostra o Cardeal de Fleuri muita fraqueza.

astres, pois sempre tinha sido feliz, e a guerra se fazia a pezar seu, offerece a paz, não com o animo, e dignidade convenientes, mas como Ministro fraco, que se queixa do General negociador, cujos conselhos prevalecêrao aos seus proprios sentimentos. As suas cartas foraõ publicadas; e inspirando estas a maior confiança aos amigos da Rainha de Hungria, desgostárao aos alliados da França. Brevemente veremos cahir sobre este Reino o peso todo da guerra, do mesmo modo que no tempo de Luiz XIV., e da Successão de Hespanha.

Perdas do
Imperador,
e da
França.

Já Praga estava evacuada. O Marechal de Bella-Ilha só tinha tido a gloria de salvar, por meio de huma difficullosa retirada, quasi treze mil homens: reliquias de hum grande exercito victorioso. Do interior de Alemanha, onde se faziao conquistas, era necessario retroceder para o Rhin a fim de se defenderem alli. O Imperador Carlos VII. não podia conservar a propria Baviera, da qual foi expulso mais de huma vez: despojado do seu Eleitorado, errante, e vagabundo, experimentou quasi a mesma fórte que seu Pai.

Môrte do
Cardeal de
Fleuri.

Por môrte do Cardeal de Fleuri, que falleceo em Janeiro de 1743, muda a face do governo. O Rei toma conta dos
ne-

negocios, e dispõe-se para mandar os exercitos. O seu Ministro tinha desprezado inteiramente a Marinha, por muito que em tudo o mais fosse illustrado, e attento ao bem do Estado; e bem que pacífico, e económico, não chegou a estender a mira aſſaz longe. Porque não antevia elle a neceſſidade; que algum dia haveria de náos, e os perigos, a que todos ſe verião expoſtos por falta dellas? Porque não ſe aproveitava de huma dilatada paz, para dar ao Reino forças tão eſſenciaes, e aguardallo em fim dos perigos da guerra? Aproveitar-se hão os Inglezes deſte defeito da politica.

A Marinha desprezada.

Os Inglezes defendião a Rainha de Hungria como auxiliares, aſſim como França defendia o Imperador, e de ambas as partes chegáráo os auxiliares a ſer a parte principal. Todos os viraõ medir as ſuas forças na batalha de Dettingen, no Eleitorado de Moguncia. Jorge II. appareceo no exercito com o Duque de Cumberland, ſeu filho ſegundo. O Exercito era capitaneado pelo cavalleiro Stair, diſcipulo do famoso Marlborough. O Marechal de Noailles, na frente do Exercito Francez, tendo cortado a communicação dos viveres para os inimigos, deixou-os reduzidos á neceſſidade de fazer huma marcha perigosa, em que os podiaõ facilmen-

1743
Batalha de
Dettingen,
digna de
observa-
ção por
ſuas cir-
cunſtan-
cias.

te opprimir. Por meio de humas disposições tão excellentes, tinha o Marechal de Noailles, como certa, huma victoria completa; porém foi muito mal obedecido, e a demasiada precipitação, defeito tantas vezes funesto para a França, rompeo todas as suas medidas. Hum Tenente General abandona o posto favoravel em que tinha ordem para esperar. Acommettem-se os inimigos antes de os metter na filada; os mesmos Francezes se mettem em hum desfiladeiro; combatte-se com igual confusão, e valor; a guarda do Rei obra prodigios, e perde sem fructo infinitos Heróes. Finalmente, depois de trez horas de hum terrivel combate, em que o Duque de Cumberland ficou ferido ao lado do Rei seu Pai, e o Marechal de Noailles se retirou. Esta retirada foi a unica próva de ter-se perdido a batalha.

Erros cometidos de ambas as partes.

Algumas semanas depois, disse o General Inglez a Voltaire, que o refere. “Grande erro comettêrão os Francezes e nós comettemos dous: o vosso foi de não saber esperar; os nossos dous pôr-nos ao principio em hum perigo evidente de ficar perdidos, e depois de não ter sabido aproveitar-nos da victoria. (Voltaire.) Quantas vezes não se experimentou que a vivacidade Franceza, pouco capaz de *saber esperar*, corria para pre-

precipicio, fenaõ a enfreasse huma sevêra disciplina? Bem se pôde dizer das Nações, o mesmo que se diz dos individuos: o carácter arrasta; a experiencia raras vezes refrea, e os mesmos erros renovaõ as mesmas infelicidades.

Naõ podia Italia escapar ao incendio da guerra. Tendo o Rei de Hespanha, pretenções a respeito dos Estados de Milaõ depois da mórte do Imperador Carlos VI., e tendo de mais disso que reclamar a herança dos Farnezes para os seus filhos do segundo matrimonio, resolveo fazer de todos aquelles Estados hum estabelecimento para D. Filippe, irmão do Rei de Nápoles. Os Estados de Milaõ tambem eraõ para o Rei de Sardenha hum objecto de pretensões. Este Principe, sem renunciar a ellas, unio-se com a Rainha de Hungria, porque assim o pedia o seu interesse: reservando para si o abraçar outras idéas, quando assim julgasse conveniente. A politica he quem o determinava para esta alliança, e tinha a sinceridade de dizer que a politica a podia romper; couza que seu Pai não teria feito.

Italia, outro Theatro de guerra.

O Rei de Sardenha a favor dos Austriacos.

Des do fim de 1741, o Duque de Montemar, que vimos vencedor em Bitonto, passou para Italia com algumas tropas; onde não foi feliz, porque o Rei de Sardenha, unido com os Austriacos,

Neutralidades fingidas.

era

era o mais poderoso. Couza bem singular he a apparente neutralidade dos outros Soberanos de Italia. Todos se declaravaõ neutros por temor, posto que todos annexos a algum partido, excepto o Papa Benedicto XIV., Pontifice dotado de grande sabedoria, o qual obrava segundo os principios de Pai commun.

Como os
Inglezes
determina-
raõ o Rei
de Napo-
les a resol-
ver-se.

Quanto a D. Carlos, Rei de Napo-
les, os Inglezes o fizeraõ resolver-se.
Huma das esquadras destes ameaçou bom-
bear a sua Capital, se elle não promet-
tesse mandar retirar as suas tropas do Ex-
ercito de Hespanha: e só se concedia hu-
ma hora de deliberação. Não estando D.
Carlos em estado de defenfa, vio-se
obrigado a sopportar este insulto. Promet-
teo D. Carlos. Tal he a superioridade, que
resulta do Imperio do mar.

Batalha
naval de
Toulon.

Dominando as esquadras Inglezas o
Mediterraneo, não pode o Infante D.
Filippe chegar ao porto de Genova, e
voltando todos os seus esforços contra a
Saboya, assenhoreou-se della. Estava em
Toulon huma fróta Hespanhol, ou para o
transportar para Italia, ou para lhe dar
provimentos, e soccorros. O Almirante
Inglez, Matheus, a tinha de algum modo
cativeira no porto, onde depois de haver
exercitado por algum tempo os artilhei-
ros, tiveraõ a ousadia de combater for-
ças

ças superiores. Doze náos Hespanhoes, e quatorze Francezas combaterão contra quarenta e cinco Inglezas. A victoria ficou indeciza (Fevereiro 1744): o que era o mesmo, que têlla de algum modo alcançado. Mas nem por isso deixou Matheus de conservar do mesmo modo o Império do mar. Para tirallo aos Inglezes, seria necessaria huma marinha muito antes preparada de longe, e capaz de supportar grandes, e dilatados esforços.

Finalmente França, que até então só servia de auxiliar, declara guerra ao Rei Jorge, e a Maria Theresa. Tentaõ-se maiores empresas. D. Philippe, a quem o Rei de Sardenha tomára logo a Saboya, he defendido por hum Exercito Francez commandado pelo Principe de Conti. Ambos estes Principes passaõ o Var, e sujeitaõ o Condado de Niza. Oppõe-se aos seus progressos várias fortalezas, e terriveis trincheiras nos Alpes, e todavia desapparecem os obstaculos á vista do valor. Conti acomette, e vence o passo de Villa Franca, considerado como huma das melhores muralhas do Piemonte: chegaõ-se para Montalbano, por entre mil perigos, e os Francezes escaleão alto dia humas trincheiras assentadas sobre huma rocha, das quaes se apoderaõ, sem que obstasse a isso estar o Rei Carlos Manoel por de traz def-

1744
D. Philip-
pe, e o
Principe
de Conti
passaõ os
Alpes.

Villa-Fran-
ca, Mon-
talbano,
&c., aco-
mettidas.

deste posto , e animar com sua presença as tropas. Castello-Delfim foi tomado: entrao até Demonte , no valle de Sture : assenhoreaõ-se desta fortaleza , tremenda assim pela sua situaçaõ , como pelas suas obras. A planicie do Piemonte fica patente, e cercaõ Coni.

Batalha,
e sitio de
Coni.

Tantos perigos vencidos , tantos successos brilhantes inspiravaõ huma falsa confiança , que se augmentou por meio de huma victoria. O Rei de Sardenha atacou os sitiantes nas suas linhas, e a pezar da sabedoria , e prudencia das suas disposições , perdeu a batalha , e cinco mil homens pouco mais , ou menos. Com tudo os vencedores levantáraõ o sitio de Coni , vencidos elles mesmos pelos rigores da estaçaõ (era no mez de Outubro), pelas innundações , e difficuldades que constituem a guerra de Italia taõ perigosa , quando se tem por inimigo o Senhor dos Alpes : e não houve entaõ outro remedio, senaõ passar outra vez os montes.

Outras expedições
de Italia.

O Conde de Gages , por sobrenome Campo-Santo , nome de huma batalha indecisa , em que elle se distinguira , commandava o exercito , que tinha no principio o Duque de Montemar. Unido o Conde de Gages com o Duque de Modena , e sustentado depois pelo Rei de Napoles , tomou novamente a mesma su-

perioridade , que tinha perdido , e o General Lobkovitz cuidou não obstante em fazer prisioneiros em Velettri , assim o Rei de Napoles , como o Duque de Modena. Esta surpresa foi em tudo semelhante á de Cremona pelo Principe Eugenio ; os Austriacos foram expulsados. Deste modo havia sempre em Italia muitas esperanças. Vejamos o que por outras partes se passava.

C A P I T U L O V.

Campanhas de Luiz XV. --- Batalha de Fontenoi , e conquista de Flandres. --- D. Philippe Senhor de Milão , e de várias Provincias.

DEIXAMOS a Rainha de Hungria triunfante em Alemanha , e o Rei de Prússia já tinha contractado a paz com ella , assegurando-se da Silezia pelo Tratado de Breslaw. Livre Maria Thereza de hum inimigo tão tremendo , proseguia as suas vantagens com fervor. Carlos VII. , fugitivo em Francfôrte , não tinha mais que hum vão titulo de Imperador , que se lhe disputava ; porque a sua eleição se tinha declarado nulla em huma Memoria da Rai-

A Rainha de Hungria, triunfante em Alemanha.

Rainha; e esta Princeza pretendia pôr a Coroa Imperial na cabeça de seu esposo. As fronteiras da França para a parte do Rhin estavaõ ameaçadas, e até se convidavaõ as Provincias conquistadas por Luiz XIV. para entrar novamente debaixo do dominio Austriaco.

1744
Primeira
campanha
de Luiz
XV.

Na critica situação dos negocios, faz Luiz XV. a sua primeira campanha, e acomette os Paizes Baixos. O Conde de Argenfon, encarregado da repartição da guerra, merecia favorecer as idéas do Monarca: dispozeraõ-se os preparos para os successos, e Courtray, Menin, Ipres, Furnes, e Knoque foraõ em pouco tempo conquistadas. O Marechal de Saxonia, irmão natural do Rei de Polonia, cobria os sitios com hum Corpo de Exercito; e nada escapava á sua perspicacia, e vigilancia.

Passa Luiz
XV. a
Metz, a
fim de de-
fender as
suas Pro-
vincias.

Sabe-se porém repentinamente que o Principe Carlos de Lorena passou o Rhin; que está em Alsacia, onde faz progressos; que vários partidos inimigos entráõ até Lorena, e que Estanisláo, Rei de Polonia partio de Luneville, onde não se achava já seguro. Deixa Luiz entãõ o Theatro das suas conquistas, e parte a soccorrer as suas Provincias. Assim que chega a Metz, recebe a noticia da marcha do Rei de Prussia para invadir a Bohemia. Regula-

O Rei de
Prussia uni-
do segun-
da vez com
França.

la;

lava-se Frederico politicamente pelas conjuncturas, e tinha-se alliado novamente contra a Rainha de Hungria, por temer que chegando ella a ser muito poderosa, não lhe roubasse algum dia o fructo das suas victorias. Entrou pela Bohemia, acommetteo, e senhoreou-se de Praga dentro em dez dias, e a guarnição de quinze mil homens ficou prisioneira de guerra. Semelhante Heróe parecia invencivel.

O Principe Carlos tinha passado novamente o Rhin com grande diligencia, sem perda alguma, como hum grande General, a quem não ha quem sorpreze. Mas por muito rapida, que fosse a sua marcha, a conquista dos Prussianos foi mais prompta. Não podendo elle impedilla, teve a gloria de reparar a sua infelicidade, obrigando os inimigos a evacuar a Bohemia, passando o Elba á vista de Frederico, e adiantando-se até a Silezia. Não se via outra cousa, senão revoluções.

Depois de huma doença mortal, que affustou toda a França, e a fez gemer, tinha-se Luiz XV. ultimamente assenhoreado de Friburgo, cujo Governador não capitulou, senão no fim de dous mezes de trincheira aberta. O Imperador Carlos VII. tinha recuperado a Baviera; e receando todavia ainda ser expellido de Munich do mesmo modo que o Rei de Prussia

Obriga o
Principe
Carlos os
Prussianos
a evacuar
a Bohe-
mia.

1745
Sitio de
Friburgo.

Mórte do
Imperador
Carlos
VII.

sia o fora de Praga, succumbio às enfermidades, e paixões que o consumiaõ. Morreo, na idade de quarenta e sete annos, o mais infeliz d'entre os homens, unicamente por ter tido a ambição de se exaltar, e engrandecer, tendo d'antes sido feliz, e digno de o ser. (Janeiro 1745.) Seu filho, Maximiliano José, de idade de desafete annos, vio-se em breve tempo obrigado a desannexar-se da França.

Animosi-
dade dos
Inglezes.

Devia-se naturalmente esperar que por mórte do Imperador Bavarro, esta guerra acabaria per si mesma; mas ella se tornava n'humas guerra de paixão. Vendo-se os Inglezes ameaçados de hum desembarque a favor do Principe Duarte, filho do pretendente, entregavaõ-se ao odio do nome Francez, como no tempo de Luiz XIV. O seu dinheiro corria por toda a parte com profuzaõ, e todos os alliados pareciaõ estar a seu soldo. Davaõ quinhentas mil libras esterlinas á Rainha de Hungria, duzentas mil ao Rei de Sardenha, pagavaõ muito caro ao Rei de Polonia, por elles attrahido para a confederação, pagavaõ ao Eleitor de Moguncia, e até ao de Colonia, irmão de Carlos VII., para que podessem levantar tropas em seus Estados. Hollanda, depois de ter muito tempo duvidado, preparava-se tambem pa-

Suas des-
pezas para
esta guer-
ra.

para entrar na mesma contenda. Já a herdeira da Casa d'Austria, em vez de não querer ceder nada, julgava ter direito para pretender várias compensações. Finalmente a França, desejando sempre a paz, não abraçava os bons meios de obtella. Pretendia que os Hespanhoes respeitassem o Rei de Sardenha; e ella mesma respeitava da sua parte os Hollandezes. Os seus moderados procedimentos alimentavaõ a confiança dos inimigos, e avigoravaõ as pretensões que elles tinhaõ. O unico partido, que se devia tomar, era continuar a guerra com vigor, a fim de obrigar os outros a desejar aquella paz, cuja necessidade não se ignorava; para o que se tomaraõ consequentemente as medidas mais efficazes.

Moderação excessiva da França.

Tournay, Cidade principal dos limites Hollandezes, he sitiada. Determinaõ-se os inimigos a huma batalha. O seu Exercito, de cincoenta e cinco mil homens pelo menos, composto de Inglezes, Hanovrianos, Hollandezes, e quasi sem Austriacos, chega-se para Tournay. O Marechal de Saxonia, cuja ultima campanha era a melhor obra da sciencia militar, exaurido de forças por causa de huma molestia lenta, tinha partido de Pariz, dizendo: *Não se trata de viver, mas sim de partir.* O Rei apresenta-se no Exercito

Sítio de Tournay.

O Marechal de Saxonia.

to juntamente com o Delfim, e na vespéra da acção observou que depois da batalha de Poitiers nenhum Rei de França tivera alcançado victória distincta contra os Inglezes, ajuntando que elle esperava ser o primeiro. Não foi vã a sua esperança.

Batalha
de Fontenoi.

A famosa batalha de Fontenoi deo-se em 11 de Maio de 1745. O Author do seculo de Luiz XIV. a escreveo pelo menor de huma maneira, tão digna da sua penna, e tão interessante para a Nação, e assim indicarei sómente o essencial. Depois dos Hollandezes terem atacado duas vezes o posto de Antoin, não obrarão mais nada. Porém a intrepidez dos Inglezes, e Hanovrianos, pozerao a França em grande perigo. O Duque de Cumberland, filho de Jorge II., que os mandava, metteo-se n'hum terreno estreito, soffrendo hum fogo horrroso, com as suas tropas ferradas em columna firme. Esta columna passou pouco a pouco por entre obstaculos innumeraveis, e com o seu peso opprimia os corpos oppostos. Não atacando os Francezes ao mesmo tempo, erao rechassados por toda a parte. Julgou-se perdida a batalha, e muitas vezes mandou o General supplicar ao Rei que pozesse a sua pessoa em seguro. Não quiz Luiz abandonar o seu posto. Imaginou-se em fim apon-

Columna
Ingleza.

apontar quatro peças de artilharia contra a columna Inglesa, e mandar que fossem sobre ella a Guarda Real, e outras tropas, ao mesmo tempo que a columna fosse encetada pela artilharia. Este meio decidio a victoria. Os inimigos retiraraõ-se em boa ordem, com perda de nove mil homens. *Bem vedes de que dependem as batalhas*, disse para o Rei o Marechal de Saxonia. Mil exemplos provaõ com effeito que as batalhas dependem ou dos acaos, ou dos instantes.

Poucos dias depois venceu o Rei de Prussia huma batalha em Silezia, e escreveu a Luiz XV., dizendo: *Paguei em Friedbergue a letra de cambio, que sacastes sobre mim em Fontenoi*. Em meio das armas cultivava Frederico o juizo, e a capacidade, que o gosto da Literatura Fran-
 ceza lhe inspirava.

A moderação de Luiz era tal, que no mesmo dia da sua victoria mandou escrever ao seu Ministro em Hollanda, que estava prompto para sacrificar as suas conquistas pela pacificação da Europa. Porém nem Inglaterra, nem a Corte de Viena tinhaõ entaõ sentimentos pacificos. Bem de pressa se colheraõ todos os fructos da victoria. Rendeo-se Tournay: Gante, onde o inimigo tinha os seus armazens, recebeu os Francezes, depois do combate de Mes-

Batalha de Friedbergue ganha da pelo Rei de Prussia.

Offerece Luiz a paz, mas em vaõ.

Conquista da Flandres.

Mesla, célebre por causa das admiraveis acções de alguns Officiaes. Oudenarde, Bruges, e Dendermonde fizeram pouca resistencia. Finalmente Ostende, que se tinha defendido contra Spinola de hum sitio de mais de tres annos, foi forçada em quinze dias. Newport, e Ath ficaram rendidas depois da partida de Luiz XV. Todo o Condado de Flandres estava conquistado.

D. Filipe,
pe, senhor
em Italia.

Naõ foram menos rapidos em Italia os successos da campanha de 1745. Tendo Genova feito hum Tratado com Hespanha, livre era a passagem, que as tropas tinhaõ. O Exercito Hespanhol com o de França capitaneados pelo Marechal de Maillebois, e com o de Genova, se compunha de quasi oitenta mil homens. O Conde de Gages, depois de ter perseguido os Austriacos, des do Estado Ecclesiastico até Modena, veio unir-se com este grande Exercito. O Rei de Sardenha, entrincheirado entre Valença, e Alexandria, foi atacado, e obrigado a retroceder até Casal; e D. Filippe ficou logo senhor de Milão, Parma, Placencia, Monferrato; dos Estados de Tortona, &c. Pelo mesmo tempo, o Principe Duarte, que tinha desembarcado em Escossia com sete Officiaes, fazia-se aclamar Regente em Edimburgo. Em outro lugar tratare-

mos

mos desta expedição. Triunfava-se. Brevemente reinará a consternação.

C A P I T U L O VI.

Segunda paz do Rei de Prússia com a Rainha de Hungria. --- Eleição do Imperador Francisco I. --- Os Francezes, e os Hespanhoes expulsados da Italia em 1746.

POSTO que o Rei de Prússia ficasse então victorioso, e o Principe de Conti mandasse hum Exercito Francez da parte de Francfôrte, a Rainha de Hungria chegou ao fim, a que aspirára. Francisco de Lorena, seu esposo, foi eleito Imperador em Setembro de 1745. As tropas Austriacas, que defendiaõ Francfôrte, facilitáraõ a eleição, e o Rei de Prússia, e o Eleitor Palatino, cujos Embaixadores se tinhaõ retirado da Dieta Eleitoral, protestáraõ a nullidade; mas a eleição, por outra parte confôrme com as Leis do Imperio, nem por isso teve menos o seu effeito.

Francisco
de Lorena,
Imperador.

Já o Rei de Prússia, o mais habilitado de todos os Principes em aproveitar-se do instante favoravel ao interesse da sua Coroa, pretendia fazer huma paz vantajosa

O Rei de Prússia depois de invadir a Saxonia, faz segunda vez a paz.

Quanta
influencia
devia ter o
Rei de
Prussia.

sa para si. Pedia a mediação da Russia; mas o invadir a Saxonia foi para elle meio mais breve. Depois de huma batalha vencida contra os Austriacos, e Saxonios nas portas de Dresde, entra nesta Cidade em 18 de Dezembro, e no dia 25 assigna hum Tratado com a Imperatriz Rainha, e com o Eleitor de Saxonia, Rei de Polonia. Cedem-lhe tambem a Silezia: e tudo quanto elle concede he reconhecer o Imperador Francisco I. Com os talentos de General, de Ministro, de Negociador, dirigindo os seus Exercitos, governando os seus erarios, fazendo elle mesmo os seus Tratados, sabendo antever o futuro, e aproveitar-se do presente, sabendo esperar, ou apressar-se a tempo, proporcionando sempre suas empresas ás suas forças, e unindo huma profunda politica com o maior valor, tinha Frederico III. muito grande influencia nos negocios da Europa, para deixar de ter infelices consequencias a perda de semelhante alliado. Ao mesmo tempo que elle se entregava em Berlin aos cuidados, e estudos pacificos, recreações dos seus militares trabalhos, tudo mudou de figura em Italia

1746
Desastres
em Italia.

Assim que Maria Theresa deixou de temer o Rei de Prussia, mandou novas tropas para Italia. Segundo as ordens da Rainha de Hespanha, Isabel Farnese, tei-
mou-

mou-se imprudentemente em ficar nos Estados de Milão, a fim de tomar o castello desta Cidade. Tinha o Marechal de Maillebois prognosticado que esta resolução seria fatal; prognostico que muito se verificou. Por huma parte, dá o Rei de Sardenha subitamente sobre Asti, e faz prisioneiros sete mil Francezes. Por outra parte, o Conde de Brown, General Austriaco, toma Guastala, e Parma. Estas infellicidades se augmentáraõ com a batalha de Placencia, vencida pelo Principe de Lichsteinstein; na qual os Francezes, e os Hespanhoes perdem mais de oito mil homens entre mortos, e feridos, e quatro mil prisioneiros. Nesta não havia outro recurso senão o de huma prompta retirada. Fizeraõ-se todas as disposições para ella; de modo que a retirada fosse segunda batalha. O Rei de Sardenha, e os Austriacos atacáraõ fôrtemente, perto de Tidon; o Exercito das tres Coroas, pois havia nelle tambem trópas Napolitanas, sem o poder romper: pelo menos retiráraõ-se com gloria. No outro dia abrio Placencia as portas.

Batalha
de Placencia.

Retirada;
e batalha.

Quasi que só restavaõ desaseis mil homens de hum dos maiores Exercitos, que vio a Italia. Chegaõ á Genova: abandonão esta Cidade, para ir defender a Provença, e a Saboya. Consternada Genova

Genova
sujeita aos
Austriacos.

com a chegada dos Austriacos , mandando quatro Senadores receber as suas ordens e se sujeita ás condições mais crueis.

Invazão
na Proven-
ça.

Marchão em breve tempo os inimigos para Provença, e passaõ o Var. O Marechal de Maillebois não os podia atalhar porque pretendendo os Hespanhoes conservar a Saboya, que ainda possuiaõ, tinham-se separado d'elle. Huma parte da Provença esteve exposta ao inimigo. Mas o Marechal de Bella-Ilha conseguiu suspender os seus progressos, até que tendo hum Exercito consideravel, na entrada do anno de 1747, obrigou-os a retirar-se. A falta de viveres, causada pela revolução recente de Genova, devia necessariamente contribuir, para que a sua empreza não tivesse effeito algum.

Os Geno-
vezes op-
primidos
expulsaõ o
inimigo.

Foi Genova taxada pelos Austriacos em vinte quatro milhoes. Já elles tinham recebido desastres. O banco estava exaurido, e pedia-se algum favor; e os Austriacos, em vez de abrandar-se, exigiram mais que se pagasse para a conservação de nove mil homens, que estavaõ pelos arrabaldes, e aldeas. A estas ordens tão duras acrescentavaõ terriveis vexações. Tratavaõ o Povo como escravo, e fizeram com que elle cobrasse o valor de desempregado. Ao mesmo tempo que o obrigavaõ a trabalhar em tirar do arsenal pe-
ças

as de artilharia , sendo hum Genovez maltratado aspera , e cruelmente por hum Official , enfureceo-se o Povo , ajuntou-se , tomou armas , e em poucos dias se fez remendo aos seus oppressores , que o despresavaõ. O Marquez de Botta, Milanez, General dos Austriacos, em vez de soffocar a rebelliao por meio das armas , travava com o Senado. Este fingia condemnar o Povo ; mas não cuidava em armar as tropas contra elle , como se pedia. Finalmente em 9 de Dezembro de 1746 , tendo-se hum Principe Doria posto na frente daquella valerosa plebe , acometteo os Austriacos , e obrigou-os a fugir.

Não he de admirar que o Ministro da República na Corte de Viena desapprovasse esta empreza em nome do Senado ; mas sem que a Corte de Viena exigisse , em taes circumstancias , que se pagassem sem demora , além dos oito milhões , que ainda se deviaõ , trinta para a reparaçaõ das perdas. Julgava-se Viena segura da vingança ; mas animava de novo a desesperaçaõ. França , e Hespanha mandáraõ soccorros aos Genovezes. O Duque de Boufflers , e depois o Marechal de Richelieu , salváraõ aquella República exposta a huma ruina total.

Procedimento passivo da Corte de Viena.

Tinha Philippe V. morrido , de idade de sessenta e tres annos ; Principe digno ,

O que tinha produzido a morte de Philippe V.

pelas suas beneficicas virtudes , do amor dos seus vassallos. No seu reinado principiou Hespanha a renascer , e não cessou de adquirir forças , e de se apperfeiçoar no reinado dos seus filhos ; porém os males inveterados de qualquer Estado só se curão com muito vagar. Subio ao Throno Fernando VI. , Infante do primeiro matrimonio , e o Exercito de Italia recebeu esta noticia , depois da infeliz batalha de Placencia. Foi esta huma das principaes razões , que determináráo a retirada ; porque o perigo era urgente , e não se sabia que soccorros devia esperar D. Filippe do novo Rei , seu irmão.

As infelici-
dades
procedião
do Rei de
Prussia.

Se buscarmos a primeira origem das infelicidades , acharemos que foi o imprevisito Tratado do Rei de Prussia com Maria Theresa. Os esforços , que teria sido necessario fazer contra elle , os Imperiaes os fizeram na Italia. He o interesse o que fórma geralmente as allianças , e o mesmo interesse as dissolve. A politica deve calcular até que ponto podem esperar-se as utilidades dellas , e até que ponto se podem perder.

CAPITULO VII.

Campanhas de Luiz XV. em 1746, e 1747.

--- *A dignidade de Stadhouder hereditaria, restabelecida em Hollanda.* --- *Batalha da Assieta.* --- *Expedição do Principe Duarte.*

A O mesmo tempo que na Italia se soffriaõ irreparaveis contratempos, triunfava França nos Paizes Baixos do modo mais glorioso. Bruxellas, tomada no rigor do Inverno pelo Marechal de Saxonia; depois Anvers pelo Rei em pessoa; Mons, pelo Principe de Conti; Namur, pelo Principe de Clermonte, &c., outras muitas Praças vencidas rapidamente; e a batalha de Raucou, perto de Liege, vencida contra os inimigos, assignaláraõ a campanha de 1746. Os Austriacos vencião por outras partes. Os Inglezes, e os Hollandezes encarregados da defeza destas Provincias, não podéraõ suspender a torrente: já não tinhaõ Marlborough contra hum dos melhores Generaes, que a França teve. As guarnições ficáraõ prisioneiras de guerra.

Victorioso Luiz XV. não cessava de offerecer a paz, e de attender á Hollan-

Successos
esplendi-
dos da
França nos
Paizes Bai-
xos.

Ataca fi-
nalmente
Luiz a
Hollanda.

da, a qual esperava encaminhar por este modo ao seu fim de pacificação. Mas o unico meio de resolver os Hollandezes, era obrigarlos a que se receassem de algum mal ao seu Paiz. Várias conferencias tidas em Breda não produzirão effeito algum. Inglaterra, e Austria, ou por animosidade, ou por ambição, pretendiaõ prolongar a guerra. Hollanda, posto que muito abatida depois que outros Póvos faziaõ per si mesmo o Commercio, teimava por motivo de humã enfiada de preocupações occasionadas por Luiz XIV. contra a França. Finalmente entráráo pelas suas terras em 1747. A pesar dos socorros de toda a especie, que dava aos inimigos, conserva Hollanda hum neutralidade apparente. O Rei declarou que o seu intento não era romper com ella; que elle não reteria as suas Praças, senão como hum deposito; e que as restituiria logo que as Provincias Unidas não pozessem obstaculo á paz por meio de hum proceder tão parcial.

1747
Restabele-
ce-se a di-
gnidade de
Stadhou-
der.

Perdéraõ os Hollandezes hum parte da sua liberdade, por ter seguido hum pessimo systema, que chegou a ser favoravel ás pacificas intenções do Rei. O Povo, as Cidades, quando viraõ o Estado em perigo, pediraõ hum Stadhouder; de maneira que se viraõ obrigados a resta-
be-

belecer esta dignidade, abolida depois da morte de Guilherme III. Não só se creou Stadhouder Henrique Frison, Principe de Orange, da Casa de Nassau-Dietz; mas até esta dignidade foi constituida hereditaria, a favor das mesmas Princezas da sua Casa, não havendo varões. He necessario que as Princezas sejam casadas, com o consentimento dos Estados, com hum Principe da Religião protestante, que não seja nem Rei nem Eleitor. A Princeza hereditaria intitular-se-ha Governadora; e no caso de haver guerra, proporá hum General, que seja do agrado da República. Durante a menoridade, a Princeza Mãi exercitará o mesmo poder, debaixo do mesmo titulo, com condição de que não se casará segunda vez. Hollanda, por meio desta Lei, chegou a ser huma especie de Monarquia, em que o Principe, a certos respeito, goza de maior authoridade do que hum Rei de Inglaterra.

Constituem-a hereditaria, para as mesmas mulheres.

Se a paixão, e as preocupações tivessem tido menos influencia, hum Deputado dos Estados não se attreveria sem dúvida a dizer no seu discurso, no dia da posse do Stadhouder, que a República necessitava de hum Chéfe, contra hum visinho ambicioso, e perfido, o qual fazia ludibrio da fé dos Tratados. Fallar assim de Luiz

Invektiva de hum Hollandez contra Luiz.

Luiz XV. era unir o ultraje com a injustiça, e provocar a huma vingança manifesta, que por felicidade o seu coração despresava.

Toma Inglaterra
hum Exercito
Russo
a seu soldo.

Inglaterra, mais animada do que Hollanda, irritada especialmente com a invasão do Principe Duarte, respeitava hum Tratado com a Czarina Isabel, o qual se concluiu no mez de Junho. A Russia, sómente por cem mil libras esterlinas, quantia muito inferior a que importava anualmente o pagamento das tropas de Hannover, devia mandar hum Exercito até os Paizes Baixos. De que esforços não se tinha feito capaz este Imperio em tão pouco tempo! Mas o que vemos hoje em dia das froças Russas victoriosas no Mediterraneo, parece desvanecer todas as mais maravilhas.

Batalha de
Lawfeld.

Antes que estes novos inimigos podessem chegar de tão longe, podia o Marechal de Saxonia executar grandes projectos. Queria este tomar Maestrique, a fim de facilitar, e abrir o caminho de Nimegue; e sendo necessaria huma batalha para esta empreza, acometteo os alliados em Lewfeld. O Rei capitaneava o Exercito, e o Duque de Cumberland o dos inimigos, que forão vencidos, e se retiráráo para as visinhanças de Maestrique. A perda todavia foi quasi igual, de cinco mil

homens, pouco mais, ou menos de parte a parte. O General Ligonier, Francez, alistado no serviço de Inglaterra, sendo levado prisioneiro a Luiz XV.: *Naõ fora melhor*, lhe disse este Monarca, *cuidar seriamente na paz, do que fazer morrer tantos homens valerosos?* Com effeito, se o sangue humano fosse avaliado por alguma coisa nas disputas dos Soberanos, e das Nações, quem poderia deixar de gemer á vista de huma guerra prolongada por vãos motivos? Ao menos a humanidade se acha toda aqui em hum Rei vencedor.

Palavras
dignas de
hum Rei.

Como a victória não tinha sido tão completa, quanto seria necessario para a empreza intentada, formou-se outro projecto de maior importancia. Berg-op-Zoom foi sitiada. Esta Praça, em extremo forte, cercada de lagoas, communicando por hum canal com o Escalda na sua foz, era reputada por inconquistavel. O Conde de Lowendalh, Dinamarquez, tomou-a com tudo de assalto, depois de tres semanas de trincheira aberta. O valor Francez obrou de algum modo o impossivel. Achárao-se no porto defasete barcas grandes carregadas de munições, e refrescos. Os Hollandezes tinhaõ escrito em grandes caracteres sobre os fardos: *A invencivel guarnição de Berg-op-Zoom*. Tremêrao entaõ; mas ainda havia necessidade

Sitio de
Berg-op-
Zoom.

de

de de huma campanha para dar fim aos males da guerra.

Batalha da
Assieta.

Dous mezes antes da tomada desta Praça, veio a sanguinolenta batalha de Assieta coroar os desastres succedidos em Italia. Tratava-se de entrar novamente nella por Exilles, e pôr Genova em seguro. O Conde de Bella Ilha, irmão do Marechal, encarregou-se de huma expedição tão arriscada. As tropas do Rei de Sardenha estavam entrincheiradas no estreito da Assieta. Atacárao-se as suas trincheiras, que tinhaõ desoiço pés de alto, guarnecidas de estacadas, e de artilharia. Os Piemontezees não fizeraõ no espaço de duas horas outra cousa, senão matar. Perdérao-se quasi quatro mil homens, entre elles infinitos Officiaes, cujo valor assáz não podia ser chorado.

Acções de
valor.

A morte do Marquez de Brienne, Coronel, he memoravel. Tendo perdido hum braço; *tenho outro*, disse elle, *para o serviço do Rei*; e foi receber o golpe mortal. Bella Ilha, ferido em ambas as mãos, empenhando-se ainda para arrancar as estacadas, foi morto, como elle pretendia. A sua maxima era, que hum General não devia sobreviver ao seu desbarato. A Nação o condemna por ter tido, em vez da prudencia de hum General, a temeridade de hum soldado. Podemos

mos julgar da empreza pela perda dos inimigos, que não chegou a cem homens, a pesar do valor dos acomettedores.

He tempo de referir a expedição do Principe Duarte, mais attrevida em certo sentido, porém cujos successos primeiros foraõ tão prodigiosos, quaõ funesto chegou a ser o catastrophe. Este neto de Jacques II. formou o intento de tirar o Throno ao Rei Jorge. Em 1745 embarcou-se Duarte n'hum navio mercante com sete Officiaes, mil duzentas espingardas, e pouco dinheiro. Alguns principaes de *Clans* (de Tribus) entre os montanhezes da Escossia, o recebêraõ, e se declaráraõ a seu favor. Teve Duarte em breve tempo às suas ordens mil e quinhentos homens, pelos quaes distribuio armas. O seu valor, os seus exemplos, os trabalhos-que elle sopportava á frente delles, e a vida dura que vivia como elles, lhes augmentavaõ o enthusiasmo. O Rei de Inglaterra estava ausente do Reino; quasi todas as trópas serviaõ por outra parte. Assenhoreou se Duarte de Perth, marchou rapidamente para Edimburgo, onde foi acclamado Regente em lugar de Jacques III., seu Pai. Tinhaõ-se promettido trinta mil libras esterlinas a todo aquelle, que o entregasse, e elle, pelo contrario, prohibio nos seus manifestos, que ninguem attentasse con-

Expediçaõ
do Princi-
pe Duarte
em Escos-
sia.

He acla-
mado Re-
gente em
Edimbur-
go.

tra

tra a pessoa de Jorge II. Esta contrariedade podia grangear-lhe os corações.

Vence hum
ma bata-
lha.

Adianta-se hum General Inglez com mais de quatro mil homens, e o Principe voa para o combater. Os seus montanhezes, cujo número era menor, e sem disciplina, precipitando-se com a espada na mão depois de ter descarregado as espingardas, alcançaõ hum victoria completa. O Rei deo-se pressa a voltar para Inglaterra; mandava vir as suas tropas do continente, e receava-se de alguma revolução. Porém os soccorros, que Duarte recebeo da França, não eraõ sufficientes; faltava-lhe o dinheiro, e perdeo Edimburgo, cujo castello não podera acometer por falta de artilharia.

Ficou ven-
cido sem
remedio.

Depois de ter ficado duas vezes vencedor no mez de Janeiro de 1746, vio-se todavia obrigado a retirar-se para Inverness. O Duque de Cumberlanda lhe foi no alcance: deo-se batalha em Culloden, a 27 de Abril; ficou Duarte vencido, e o seu Exercito derrotado. Reduzido a occultar-se em lugares paudosos, em cavernas, e Ilhas desertas, corre todos os perigos, e soffre todos os horrores, que se pôdem imaginar, até que finalmente chega a hum costa, onde duas pequenas fragatas Francezas o esperavaõ. Embarca-se no fim de Setembro, e esca-

Sua fugi-
da.

Execu-
ções.

pa dos seus inimigos. Alguns Pares de Eſcoſſia, e hum grande número de outras peſſoas, foraõ executadas. O Cavalleiro Lovat, velho de oitenta annos, recitou no cadafalço aquelle verſo de Horacio: *Dulce & decorum eſt pro patria mori. Morrer pela Pátria he couſa ſuave, e decoroſa.* Debalde pedio hum eſtudente ainda moço com as mais fórtes inſtancias, que que-ria morrer em ſeu lugar.

Este o exito de huma empreza, que teria podido mudar a face de Inglaterra, ſe França, e Heſpanha ſe tivesſem achado em eſtado de a ſuſtentar com grandes forças navaes. A diverſaõ foi util para eſtas Coroas, porém envenenou o odio dos Inglezes, e a ſua paixãõ pela guerra.

CAPITULO VIII.

*Expedições maritimas. --- Anſon: La Bour-
donnaie: Du Pleix.*

QUANTO mais admiração merecem As colo-
nias Euro-
o Commercio, e os eſtabelecimen-
peas, ori-
gem de
tos dos Europeos, ou na America, ou
violencias,
nas Indias orientaes, por cauſa dos pro-
digios de industria que offerecem aos noſ-
ſos olhos, tanto maiores ſaõ as calami-
da-

dades , que attrahem ás Nações commerciantes , quando a guerra rompe os laços da humanidade , que o Commercio deve formar entre os homens. Não se cuida então em outra cousa senão em destruir , e arruinar , assim por terra como por mar : esta industria tão maravilhosa chega a ser hum instrumento de temores , roubos , e furor ; com que os mais fracos ficam opprimidos , e os mais poderosos padecem muito.

Superioridade dos Inglezes pela sua marinha.

Nestas circumstancias , cousa nenhuma pôde supprir á marinha. Tinhaõ por conseguinte os Inglezes huma vantagem infinita ; pois que a sua marinha constava de duzentas e sessenta e tres náos de guerra , contando as fragatas , as galeotas de bombas , e os brulotes. Se o número dos soldados correspondesse ao das náos , se fosse possível armar tantos navios juntamente , por ventura hum poder , como este , não destruiria todas as mais Potencias ? França não tinha mais que obra de trinta e cinco náos de Rei , e todavia tinha colonias para defender , hum Commercio maritimo para proteger , e por conseguinte muito que reccar.

Viagem de Anson.

Bastar-nos-ha indicar as empresas mais dignas de observação , notando que a sede do ouro , que he o seu principio , deve escurecer nos olhos dos sábios todo o

es.

esplendor, que ellas tem. O *Commodoro*, ou Chéfe da esquadra Anson, depois de ter reduzido a cinzas a Cidade de Paítan nas costas do Peru, (1741) dispõe-se para apresar o galeão, que todos os annos se manda do Mexico para a Ilha de Manilha nas Filippinas. Adianta-se a elle para o ir esperar pelo mar pacifico, não tendo mais que huma só náó; vai á China a fim de a calafetar, e concertar, descobre o galeão, acomette-o, toma-o; (1743) e com esta rica preza volta para Inglaterra pelo cabo de Boa Esperança. Chega em triumpho á capital, cheio de thesouros, os quaes fazem importar em déz milhões de libras tornezas, (1744.) (quatro milhões de cruzados.) A sua viagem á roda do globo durou tres annos, e meio. Della temos huma relação curiosa, na qual os Chinas são muito mal tratados.

Tomada
do galeão
Hespanhol.

Quem o creria? Hum simples corsario, o Capitaõ Talbot, fez elle só huma preza avaliada em vinte e seis milhões: eraõ dous navios Francezes, affretados pelos Hespanhoes antes da declaração de guerra entre Inglaterra, e França. Cada marinheiro teve pela sua parte do despojo oitocentos cincoenta guineos. Julgue cada qual do lucro dos Officiaes. Todos os que olharem para os objectos quanto ao moral, gemerão sem dúvida, vendo a

Preza feita pelo
corsario
Talbot.

insaciavel cobiça, que estes successos inspiraõ. Porém, depois que a avareza tinha arrastado os Europeos para as extremidades do mundo, era sempre este hum novo principio de grandes empresas, e infellicidades.

Tomaõ os
Inglezes
Luisbur-
go.

Já os Inglezes meditavaõ a conquista do Canada, e desejavaõ ardentemente tirar á França as suas possessões na America Septentrional. A sua propria colonia da nova Inglaterra fez á sua custa hum armamento contra a Ilha Real (Cabo Breton), vantajosamente situada para a pescaria do bacalhão. Quatro náos de guerra, que a Corte de Londres mandou, foraõ sufficientes com as forças da Colonia. Luisburgo, posto que desprovida de munições, defendeo-se perto de dous mezes, até que finalmente foi necessario render-se. Chegaõ a este porto, vários navios ricamente carregados sem duvidar, nem desconfiar do perigo, cahem nas mãos do inimigo: e eis-aqui outra perda de vinte cinco milhões. (1746.) N'hum unico encontro, se perderaõ em outra parte duas náos de guerra, e trinta navios mercantes.

Ganhaõ
duas bata-
lhas.

Anson, depois de chegar a ser Vice-Almirante, venceo a batalha naval de Finisterra. No mesmo anno de 1747, venceo outra o Almirante Hawke; e a mari-
nha

a França achou-se reduzida a humão. Nestas acções, se distinguirão sempre os Francezes pelo seu valor, mas contra huma superioridade de forças, que não podia deixar de os opprimir infallivelmente.

A companhia da India, que se julgava então mais util, do que na realidade era, tinha náos de guerra, e tropas. Esta companhia fez tambem a guerra, e teve successos tão felices ao principio, que se cegáraõ com elles. Mahé de la Bourdonnaie, Governador da Ilha de Borbon, empredeu o sitio de Madrás na Córta de Coromandel, que era o principal estabelecimento dos Inglezes. Tendo la Bourdonnaie vencido, e espalhado huma das suas esquadras, obrigou a Cidade a render-se. As ordens da Corte não permittiaõ conservar conquista alguma na India: la Bourdonnaie ajustou com os habitantes de Madrás, hum resgate avaliado em mais de nove milhões de libras torneas (1746.)

Expedição de la Bourdonnaie contra Madrás.

A competencia, e discordia envenenáraõ em todo o tempo as origens do bem público. Du-Pleix, Governador General de Pondichéri, desapprovou esta capitulação, violou-a, destruiu huma parte de Madrás, arruinou os Povos, e perdeu os fructos da conquista. Mandou assignar pelo Conselho de Pondichéri várias Me-

Perde Du-Pleix o fructo della, e persegue la Bourdonnaie.

morias violentas contra hum homem , que ultimamente tinha feito hum serviço essencial , e cumprido gloriosamente a sua obrigação. La Bourdonnaie volta para França , he preso na Bastilha , onde fica mais de tres annos , e sendo finalmente justificado , morre de huma enfermidade , que contrahio na prisaõ.

Salva por-
rém Pondi-
cheri.

Se Du-Pleix se constituiu odioso pelas suas injustiças para com hum competidor digno de toda a gratidão , por outra parte merecia a estimação da Nação pelos seus talentos , e trabalhos. Teve a gloria em 1748 de salvar Pondicheri , sitiada por mar , e por terra pelo Almirante Boscawen. Condecorado com o cordão vermelho , reinou de algum modo nesta parte da India. Metteo se nas guerras civis entre os *nababs* , vassallos do Graõ Mogol , tyrannos tão oppostos huns aos outros , como na Europa eraõ os vassallos dos Reis no tempo do governo feudal , e adquirio várias Provincias nestas guerras. Depois do Tratado de Aquisgran , do qual trataremos brevemente , defendeo huma guerra contra os Inglezes , inimigos do nabab , a quem elle protegia por politica. Porém tanto esplendor , e poder veio a ramatar n'huma desgraça. Huma empresa temeraria a respeito de Maduré o perdeu sem remedio. Vencido pe-

Empre-
zas de Du-
Pleix.

los

los Inglezes , e chamado para França , (1753) sustentou hum processo com a Companhia da India a respeito das reliquias da sua fortuna , e morreo de paixão.

Deste modo la Bourdonnaie, Du Pleix, e depois o famoso Conde de Lalli , degollado em 1766 , são grandes exemplos das infelicidades , que se vão procurar tão longe no Paiz dos diamantes , e do ouro. Os Francezes talvez estimarão muito pouco , do mesmo modo que os Hespanhoes , os thesouros , que as suas terras offerecem á sua industria. Desejemos ao menos , pois que para sustentar o luxo são necessarias fazendas da India , desejemos que este Commercio seja mais bem dirigido , mais livre ; e que huma nova Companhia , se já mais existir , não tenha que sustentar as despesas , e emprezas de soberannia , que trouxerao consigo a ruina da antiga. O exemplo das Companhias Ingleza , e Hollandeza nada decide a respeito da Companhia Franceza. Da differença dos governos resultaõ differenças essenciaes assim nesta parte , como em outras muitas.

Infelicidades dos Francezes na India.

CAPITULO IX.

Sítio de Maestrique, e Tratado de Aquisgran. --- Consequencias deste Tratado, até a paz de 1763.

Obstina-
ção dos
inimigos
da França.

A GUERRA da successão de Austria era des de 1741 hum flagello universal. As Nações exauriaõ-se, porque as Cortes tinhaõ armado. Hum subsidio de nove milhões, e trezentas e vinte mil libras esterlinas, concedido ao Rei de Inglaterra em 1747, mostra igualmente assim os prodigiosos soccorros dos Inglezes, como a grande divida, que o Estado contrahia. Com tudo tal he a obstinação do odio, ou das prevenções nacionaes: pretendia-se continuar a guerra. Luiz XV. offerecendo a paz a cada victoria, mostrava, mas de balde, huma moderação, que os inimigos tomavaõ por fraqueza, ou por fingimento. Não podia obter o fim de pacificar a Europa, senão por meio de acções, que obrigassem a Hollanda a tremer; e como bon politico, dizia o Marechal de Saxonia *A paz está em Maestrique.*

1748
Sítio de
Maestri-

Hum exercito de oitenta mil homens capitaneados pelo Duque de Cumberland

pu-

punha obstaculo ao sitio desta Cidade. Era necessario enganar o inimigo, e não foi contra cousa o que fez o General, manifestando todos os segredos da sciencia militar; sciencia que o mesmo General tinha aprofundado, assim como os Cesares, e os Turennes. Finalmente, foi a Praça investida a 5 de Abril de 1748. Trinta e cinco mil Russos marchavaõ para a soccorrer, e já estavaõ no coração da Alemanha; porém tinha Maestrique de succumbir, antes que o seu soccorro podesse ser util. Lavrou o terror pela Hollanda, e os inimigos pediraõ por fim a paz, tantas vezes por elles rejeitada. Assignáraõ-se os preliminares em Aquisgran a 30 de Abril; e o Tratado definitivo a 18 de Outubro. Eis-aqui tambem huma próva digna de observação das infelicidades da guerra.

que, que
traz comsi-
go a paz.

Tinha-se intentado destruir por toda a parte a successão Austriaca, e especialmente dar a D. Philippe hum estabelecimento consideravel na Italia. Este teve sómente Parma, Placencia, e Guastala; com a condição de que as proprias filhas da sua Casa não poderiaõ ser suas herdeiras. Maria Theresa conservou os Estados de Milão, a excepção de alguns desmembramentos cedidos ao Rei de Sardenha, e não perdeu em Alemanha mais do que a Silezia,

Tratado
de Aquis-
gran.

e o Condado de Glatz. N'huma palavra, esta Potencia, que se pretendia quasi destruir, foi levemente damnificada, e todas as mais affiançárao do modo mais solemne a Pragmatica de Carlos VI., isto he, a nova ordem de successão estabelecida para os seus descendentes. As fianças antecedentes não tinhaõ podido impedir a guerra: estas devem ser mais efficazes no caso de necessidade, ou nem os Tratados, nem a experiencia tem sólido effeito.

Abandona
França to-
das as suas
conquistas.

Fez Luiz XV. a paz, *não como Mercador, mas como Rei*; conforme o disse o Conde de S. Severino, seu Plenipotenciario, e abandonou todas as suas conquistas. O Duque de Modena, genro do célebre Duque de Orleans, e a República de Genova, seus alliados, recuperárao todos os seus direitos, e Estados. O Reino das Duas Sicilias ficou estabelecido, e seguro para D. Carlos. Affiançou-se novamente a ordem de successão para a Coroa de Inglaterra, a favor da Casa de Hannover. França obrigou-se, do mesmo modo que antigamente, a não consentir os Stuarts nas suas terras. Não querendo o Principe Duarte retirar-se, julgou-se que se devia usar de violencia; de maneira que o prendêrao, e mettêrao n'huma prisão. Triste exito dos seus successos! Os Inglezes restituírao as suas conquistas, e algumas utilidades para

Poucas
utilidades
para Ingla-
terra.

ra o seu commercio, foraõ todo o fructo das suas despezas, e obstinação.

He cousa incomprehensivel que acabando esta guerra com a experiencia de todas as consequencias funestas, que se seguem a huns tratados defeituosos, não se tenhaõ tomado as cautélas mais prudentes para obviar tão terribéis inconvenientes. Os politicos são algumas vezes semelhantes ao Povo, muito impacientes em livrar-se do mal actual, e cuidaõ muito pouco em precaver o mal futuro. Tudo se obrou com precipitação, desprezáraõ-se várias cousas essenciaes, lançáraõ-se de algum modo na paz as sementes da guerra. Poucos Tratados apparecêraõ tão dignos de critica.

Este tratado foi defeituoso.

Segundo a ordem de successão estabelecida para o Reino de Napoles, podia D. Carlos deixar a Coroa a hum dos seus filhos, no caso que chegasse a alcançar a de Hespanha. Suppoz-se não obstante nos preliminares, que em tal caso occuparia D. Filippe o Throno de Napoles. Para reparar esta falta, deo França nove milhões ao Rei de Sardenha, que a não ser isto devia haver a si Placencia, e huma parte dos seus Estados. D. Carlos (Carlos III.) succedeo em 1759 ao Rei de Hespanha, D. Fernando VI., seu irmão, e deixou as duas Sicilias a hum dos seus filhos, D.

Erro insignificante a respeito de Parma.

Fer-

Fernando IV. A que se acharia reduzido o Estado de Parma, sem a generosidade de Luiz XV.!

Maior erro a respeito da America.

Outro erro de maior consequencia nas negociações de Aquisgran, além de diversos pontos desprezados, foi abandonar ao acaso, ou para melhor dizer á discórdia, os direitos, e os Paizes da America, sobre que se argumentou. Não se ignoravaõ as pretensões dos Inglezes, possuidores da Acadia depois do Tratado de Utreque, e dispostos para alargar-se pelo Canadá. Conhecia-se o seu genio cobiçoso, e attrevido, e devia-se antever que se não houvesse limites bem estabelecidos, haveria mil pretextos de rompimento. Porém em vez de estabelecer limites, estipulou-se que *todas as cousas seriaõ pôstas no antigo estado em que estavaõ, ou deviaõ estar, antes da presente guerra.* Que utilidade podiaõ tirar destas palavras, *ou deviaõ estar*, aquelles, que pretendessem usurpar alguma cousa dos seus vizinhos! Os desertos da America septentrional, taõ pouco conhecidos na Europa, e na apparencia taõ pouco importantes, se tornavaõ por este meio n'humma origem de discórdias, e hostilidades.

Origem da guerra de 1755.

Effectivamente a Corte de França, logo no anno de 1749, se achou no caso de queixar-se á Corte de Londres das emprezas, que já os Inglezes faziaõ com maõ al-

alçada: porque deste modo he que elles querião pôr as cousas *no estado, em que devião estar*. Negociou-se muito tempo, porém inutilmente. Tanto desejava Luiz a paz, quanto a Nação Ingleza suspirava pela guerra. Antes que houvesse rompimento declarado, a Corte de Londres mandou acometter os navios Francezes para a parte do Canadá; e as violencias chegãõ a tal estado, que o Rei mais pacifico se vio obrigado a tomar armas. O Ministerio Inglez tinha mudado de systema. Em vez de exaurir-se no Continente da Europa por causa de contendas alheias, queria empregar as suas forças maritimas em fazer conquistas n'huns Paizes, que a indústria, e cultura podiaõ constituir muito florentes.

Esta a origem da guerra de 1755; daquella guerra, que produzio successos quasi incriveis. Vio-se a França passar da gloria para o abatimento; conquistar ao principio a Ilha de Minorca, e o Eleitorado de Hannover, e perder os seus estabelecimentos na America, Africa, e Asia; victoriosa nas primeiras batalhas, e vencida quando parecia dever confiar mais na victoria. Vio-se a alliança fatal do Rei de Prussia com Inglaterra extinguir a grande, e dilatada inimidade das Casas de França, e Austria, unillas tão estreita-

men.

Descri-
pção desta
guerra fu-
nesta, e in-
compre-
hensivel.

Sucessos
do Rei de
Prussia.

Pacto de
familia.

mente, quanto se tinhaõ cruelmente armado huma contra outra, havia dous seculos. Vio se aquelle indomavel Frederico prevenir, pela invasão da Saxonia, os intentos que contra si julgava formados; atear deste modo huma guerra, de que elle mesmo devia ser a victima, conforme todas as apparencias; ter por inimigos a França, Suecia, Russia, Austria, e huma grande parte do Imperio, e achando em si mesmo, nos seus talentos, valor, economia, e actividade, recursos que Potencia nenhuma tinha. Nós o vimos quasi para perder tudo, depois de huma derrota total em Praga, (1757) desbaratar no mesmo anno em Rosbake os Francezes, e Imperiaes, alcançar immediatamente depois a victoria de Lissa, e fazer-se tremendo no instante, em que mais esperava morrer com honra, do que sair vencedor. Vio-se o *pacto de familia* apertar os vinculos da natureza entre todos os ramos da Casa de Borbon; o novo Rei de Hespanha, Carlos III., abandonar o systema de neutralidade seguido por seu irmão Fernando VI.; e os Inglezes triunfar entãõ da Hespanha, do mesmo modo que triunfavaõ da França, tomalhe a Havana, e a Ilha de Cuba, no mar do Mexico; Manilha, e as Filipinas, nas Indias Orientaes, com as riquezas

zas immensas destas Colonias, que humaninha fraca não podia defender contra os dominantes dos mares.

Finalmente, depois de sete annos de destruição em todas as partes do mundo, vio-se acabar esta guerra em 1763, em virtude dos Tratados de Pariz, e Hubersburgo, do modo mais glorioso para os inimigos das Casas d'Austria, e França. Por huma parte, nada perdeu o Rei de Prussia dos seus dominios; e por outra, Inglaterra ganhou quasi duas mil legoas de terreno na America, des do rio S. Lourenço até o Mississipi. Foi necessario tambem desmantelar as obras de Dunkerque da parte do mar.

Tratados
de 1763.

Não se pôde duvidar que o Canadá, e as outras partes da America Septentrional, de que França, e Hespanha se aproveitavaõ tão pouco, não sejaõ para Inglaterra huma acquisição de grandissima consequencia. As suas Colonias prosperaõ nesta parte em meio da liberdade, e governando-se pelas suas leis, a si mesmas se impõe tributos: a agricultura multiplica continuamente os seus recursos; e posto que a Metropole opprimia o seu Commercio a certos respeitos, os estímulos, e os soccorros, que della recebem, formaõ huma compensação util, e vantajosa. A povoação das Colonias Inglezas pro-

Observa-
ção a res-
peito das
conquistas
dos Ingle-
zes na
America.

varia unicamente quanto estas são florescentes, e quanto podem ser tremendas. Parece que o Imperio da Grã Bretanha ameaça absorver toda a America. Mas não se tem visto sempre que hum extremo engrandecimento era presagio de decadencia? E se humas Colonias demasiadamente poderosas se desanexarem da Metropole, como he provavel, devem por ventura tantas conquistas lisonjear muito a ambição?

Infelici-
des da
guerra.

Acabo com as palavras de hum célebre historiador, o qual pode instruir se melhor, do que outro qualquer a respeito da Historia dos ultimos tempos. "O
 „ Estado (a França) perdeu no curso
 „ desta funesta guerra a mais florecente
 „ mocidade, mais da metade do dinheiro
 „ corrente, que circulava no Reino, a
 „ sua marinha, Commercio, e credito.
 „ Julgou-se que seria facil precaver tan-
 „ tas infellicidades, ajustando-se com os
 „ Inglezes a respeito de hum pequeno ter-
 „ reno litigioso no Canadá. Porém al-
 „ guns ambiciosos, com o fim de ter va-
 „ limento, e de fazer-se necessarios, pre-
 „ cipitáráo a França nesta guerra fatal. O
 „ mesmo succedeo em 1741. O amor pro-
 „ prio de duas, ou tres pessoas basta pa-
 „ ra affolar a Europa. A França tinha hu-
 „ ma necessidade tão urgente desta paz,
 „ que

„ que todos aquelles , que a concluirão
 „ foraõ por ella considerados como o,
 „ bemfeitores da Pátria. As dividas , de que
 „ o Estado ficava encarregado , eraõ mui-
 „ to maiores , do que as de Luiz XIV. Só
 „ a despeza do extraordinario das guer-
 „ ras tinha importado em hum anno qua-
 „ trocentos milhões. Julgue-se daqui o
 „ mais. Quando a mesma França tivesse
 „ sido victoriosa , teria perdido muito. ,,
 (*Précis du siecle de Louis XV.*)

Ao horroroso flagello da guerra , acresc-
 centemos os da natureza , os das discor-
 dias intestinas , e os dos vicios dominan-
 tes ; os terremotos que destróem Cidades
 opulentas , Lima em 1746 , Lisboa em
 1755 , &c. , a miseria que despova os
 campos , e impede a agricultura ; o luxo
 que enriquece frivolos talentos , e tira o
 paõ aos homens uteis ; a paixão desor-
 denada das riquezas , e das delicias , que
 affoga até os principios dos costumes na
 plebe , e que introduz ou a corrupção ,
 ou o desfalecimento até nas boas almas ;
 o furor de brilhar , que quasi não per-
 mitte já constituir-se cada hum verdadei-
 ramente estimavel ; as dissensões religio-
 sas , que enfraquecendo-se , deixaõ ainda
 certo fermento de animosidades civis ; os
 conflictos de authoridade , que espalhaõ
 huma desconfiança inquieta , e augmentaõ

Outras in-
 felicidades
 da socieda-
 de neste
 seculo.

as perigosas enfermidades do Corpo politico ; e a irreligiaõ , que tem chegado ao excesso de querer extinguir a idéa de Deos , e aniquillar os principios fundamentaes da virtude : á vista do que temos referido , julgar-se-ha que os progressos da razaõ , muito palpaveis em todo o genero , sãõ huma vantagem mediocre para a especie humana.

A razaõ
porém li-
vrou nos
de maio-
res infeli-
cidades.

Mas quem trazer á memoria as idades antigas , aquelles tempos em que os ferozes costumes apenas deixavaõ vestigios de humanidade ; em que a natureza feroz , e naõ obstante viciosa , se precipitava sem freio a todos os crimes ; em que se encontravaõ a cada passo tyrannos impios , e escravos embrutecidos ; em que o corpo inteiro das Nações era governado por monstruosas preoccupações ; em que huma anarquia sanguinaria fazia reinar a unica lei do mais forte ; em que a superstição , per si mesma taõ destruidora , atearva ainda o odio do fanatismo ; em que as guerras civis renasciaõ continuamente da cruel mortandade dos Cidadãos ; n'huma palavra aquelles tempos , em que tudo era quasi estupidez , cegueira , injustiça , barbaridade , oppressão , perfidias , e calamidades : entaõ conhecendo o valor das artes , sciencias , costumes sociaes , e leis beneficas , posto que imperfeitas , das quaes

quaes goza huma grande parte da Europa ; confessará que entre grandes abusos , e grandes vicios , a razão aperfeiçoada abre ao menos o caminho da sabedoria , e felicidade , e que ella ao menos suaviza as infellicidades da vida.

Talvez seria conveniente seguir neste lugar os passos do espirito humano no tempo da época de Luiz XIV. , e observar os seus progressos , especialmente na carreira da literatura , e sciencias. Mas para isto , seria necessario excéder aos limites da presente Obra , ou dar méramente humas noticias muito imperfeitas a respeito de objectos aliás muito conhecidos. Satisfazome com observar que a competencia de França , e Inglaterra não he menos forte neste genero , do que em tudo quanto pertence aos politicos interesses. Os Ingleses ostentárao ao principio nas sciencias a profundeza de engenho , que nunca se lhes disputará ; os Francezes descobrírao nas Bellas-Letras os talentos , ou agradaveis , ou sublimes , as graças , e o gosto , que os distinguem. Aquelles brilhárao depois pelos encantos da poesia , imaginação , elegancia , e verdadeira belleza unida com as fecundidades da razão : estes lutárao tambem contra elles , e com feliz successo , por meio de huma força de espirito capaz de penetrar tudo o que a intelligencia po-

Compe-
tencia de
França ; e
de Ingla-
terra nas
sciencias ;
e literatu-
ra.

de alcançar. Se os primeiros são superiores n'hum serie de idéas, e n'hum constancia de esforços, que favorece o caracter nacional, os segundos excedem talvez n'hum subtiliza de tacto, n'hum methodo justo, e estylo claro, que os seus mesmos competidores parecem reconhecer algumas vezes imitando-os. Finalmente atrevo-me a dizer, huns, e outros participão da glória de dar modelos á Europa, e de a illustrar a respeito das cousas mais dignas da humanidade.



D O E S T A D O ,

E DAS PRINCIPAES REVOLUÇÕES DA ASIA

Nos ultimos Seculos.

A HISTORIA da Asia moderna deve ser hum objecto de estudo unicamente para os sabios. A Historia da Europa , tão ampliada , e tão necessaria inclue todos os generos de instrucção ; e pôde-se ignorar sem mágoa tudo quanto nos interessa muito menos. Importa todavia ter alguma idéa geral daquellas Nações , as mais bem governadas antigamente : esta he huma parte effencial do conhecimento do Genero Humano. Procuremos incluir em poucas palavras os objectos de huma curiosidade verdadeiramente util.

CAPITULO I.

Da China.

Antigui-
dade do
Imperio da
China.

SE o Imperio da China foi , ou não formado , ha mais de quatro mil annos ; he hum problema historico sujeito a infinitas difficuldades , seja qual fôr o parecer , que se siga. Esta prodigiosa antiguidade , estabelecida , conforme illustres Eseritores , por observações astronomicas indubitaveis , he combatida por outros sabios , que parecem ter profundamente estudado a materia , ou ao menos julgar della sem prevenção. As fabulas espalhadas nos antigos Annaes da China affracão muito sem dúvida todas as provas , que se dão da certeza authentica de semelhantes Annaes. Quando domina a falsidade , como se pôde descobrir a verdade com certeza ? Não he menos certo que a China , muitos seculos antes da nossa éra , constituia hum Estado poderoso , civilisado , governado como hoje em dia , com boas leis , e especialmente com huma moral excellente. Confucio , esse filosofo legislador , tinha nascido quasi 550 annos antes de Jesus Christo , quasi pelo tempo , em que fal-

ceo Solon ; e o Imperio tinha já huma
 andeza , a que nada igualava no mun-

Contaõ-se vinte duas dynastias , que
 ináraõ successivamente na China. Por
 ventura não se deve concluir com Mon-
 tesquieu , que este governo he despotico ?
 verdadeira Monarquia , que he modera-
 a , está por ventura sujeita a tantas , e
 tão violentas revoluções ? Geralmente fal-
 ando , as dynastias principiáraõ bem , e aca-
 raõ mal. “ Era natural que huns Impe-
 radores educados nas fadigas da guerra,
 que chegavaõ a fazer descer do Thro-
 no huma familia sepultada nas delicias,
 conservassem a virtude , que tinhaõ ex-
 perimentado ser tão util , e temessem as
 sensualidades , que tinhaõ visto ser tão
 funestas. Porém depois daquelles tres ,
 ou quatro primeiros Principes , a cor-
 rupção , o luxo , a ociosidade , e as de-
 licias assenhoreáõ-se dos Successores : es-
 tes encerraõ-se nos Palacios , o seu ani-
 mo affrouxa , a sua vida se abbrevia , a
 familia declina , os Grandes exaltaõ-se ,
 os Eunucos se accreditaõ ; não se collo-
 caõ no Throno senão mininos ; o Pala-
 cio faz-se inimigo do Imperio , hum Po-
 vo ocioso , que habita no mesmo Pa-
 lacio , arruina o Povo , que trabalha ; o
 Imperador he morto , ou destruido por
 hum

Revolu-
 ções fre-
 quentes ;
 prova do
 despotismo
 conforme
 Montes-
 quieu.

„ hum usurpador , o qual funda huma fa-
 „ milia , de que o terceiro , ou o quarto
 „ Successor vai encerrar-se tambem no
 „ mesmo Palacio. „ (*Esprit des Loix* ,
 Liv. VII. Cap. VII.) Esta descripção he
 muito natural.

Opinião
 contraria á
 opinião de
 Montef-
 quieu.

Voltaire segue hum parecer totalmen-
 te contrario. Não vê cousa , que mais sa-
 bia , nem mais prudente seja , do que o
 governo China , onde os principaes Tribu-
 naes examinaõ , e regulaõ as causas ; on-
 de o Principe he obrigado a consultar ho-
 mens instruidos , e exaltados pelo seu me-
 recimento. N'huma palavra , a idéa do des-
 potismo , que Voltaire não admite na pro-
 pria Turquia , parece-lhe absurda a respei-
 to da China. A contrariedade de opiniões
 entre dous engenhos superiores , a res-
 peito de hum ponto de facto desta natu-
 reza , deve fazer palpaveis os limites do
 nossos conhecimentos. E ha quem preten-
 da illuminar as trévas da historia antiga
 E sobre algumas passagens escuras , e sol-
 tas he que se attrevem a estabelecer syste-
 mas ?

Verdadei-
 ro estado
 da questão.

Com tudo a disputa versa talvez mai-
 a respeito de palavras , do que de cousa
 essenciaes. O puro despotismo , por mei-
 do qual hum só homem seria senhor ab-
 soluto dos bens , e da vida de todos , não
 existe , sem dúvida , em parte alguma , nem se

; poderia exercer n'hum vasto Imperio, onde as leis, e os costumes lhe oppõe certo obstaculo permanente. Mas excede por ventura a vontade do Principe a toda authoridade das Leis? Por ventura o error, e a violencia, ou quando assim queiraõ, as ordens extravagantes da Corte, são o principio mais efficaz do governo? He este o ponto, a que a questão se deveria reduzir. Logo os factos conhecidos parecem ser sufficientes para a decidir. Temos os dos Missionarios Jesuitas, grandes admiradores de hum governo conforme com os seus principios de obediencia.

O respeito mais profundo á authoridade paterna he a sua base. O Imperador he venerado como o Pai commum do Imperio. Felices os vassallos, quando o Imperador sustenta dignamente hum titulo tão precioso! Mas este Pai adorado quasi como hum Deos, e cujas ordenações ninguem se atreve a examinar, faz-se por este meio naturalmente hum despotico. Quando o Imperador pretende alguma cousa, nada lhe resiste; tudo lhe he cedido, tudo se abatte. Validos, e eunucos, pôdem em seu nome annullar sentenças justas, cometer, e consagrar grandes injustiças. A obediencia dos Mandarinos, e do Povo, mais he regulada pelo

O temor
he o prin-
cipio do
governo
China.

lo temor, do que pelo amor filial. O Padre do Halde diz tudo em huma só palavra: *O bastão he quem governa a China.*

Obstaculo
aos ao dis-
potismo.

Se os Chinas conseguentemente não experimentão em geral os flagellos do despotismo, não he porque o interesse do Soberano lhes serve de defença? Não he porque os costumes, os usos, e as invariaveis ceremonias, que tem chegado a ser pela sua perpetuidade huma segunda natureza para aquelle grande Povo, constituem o exercicio da tyrannia difficiloso, e igualmente perigoso? Não he porque os principios, e a opiniaõ, muito arraigados em todo o Imperio, suspendem até certo ponto o poder mais absoluto? Motiyos ha para crer que os Chinas vivem contentes com a sua sorte. Tambem he provavel que o mesmo governo produziria por outras partes hum effeito contrario.

Tribunal
da Histo-
ria.

Por poucos que fossem os sentimentos, que qualquer Imperador tivesse, o Tribunal da Historia he especialmente proprio para moderar as suas paixões. Os Mandarinos, de que he composto este Tribunal, registraõ exactamente, cada hum em particular, tudo quanto o Imperador diz, e faz digno de observação, e interessante para o bem do Estado; fechaõ as suas folhas assignadas em huma es-

especie de cofre, o qual não se abre senão depois da extinção da Dynastia reinante. Estes são os materiaes da historia do reinado actual. Não ha cousa, que possa obrigar os Mandarinos encarregados de hum emprego tão nobre a ser trahidores á verdade. Admiravel instituicão, sem dúvida. Mas para que he necessario esperar pelo fim de huma Dynastia? A publicidade tardia he muito menos capaz de animar a virtude, e de atemorizar o vicio. Suspeitar-se-hia voluntariamente que o despotismo corrompeo este admiravel estabelecimento.

A famosa muralha de quinhentas legoas, de quarenta e cinco pés de altura, e de grossura de dezoito pés, edificada antes da nossa era para se livrarem da invasão dos Tartaros, não lhes servio de obstaculo para conquistar duas vezes a China; primeiramente no seculo decimo terceiro, no reinado de Genghiz-Kam, e de seus filhos; e depois no decimo septimo. Esta ultima revolução he a unica, de que devo tratar neste lugar.

Algumas violencias, cometidas contra os Tartaros Mant-cheoux, irritarão aquelle Povo livre, e bellicoso, que se vingou por meio das armas. Acostumados os Tartaros a todas as fadigas, não receando nada, e desprezando a morte, tinham

A China
duas vezes
conquistada.

Invasão
dos Tartaros
Mant-cheoux,

Rebellião
de hum
Mandari-
no.

Horrores
no palacio.

Estabele-
cem-se os
Tartaros
solidamen-
te.

nhaõ como guerreiros, tanta superioridade aos Chinas, quanta era a que estes tinhaõ aos Tartaros, como Naçaõ bem governada. Ao mesmo tempo, que hum Mandarino rebelde se assenhoreava das Provincias do Meio-Dia, foraõ conquistadas as Provincias Septentrionaes. Este Mandarino victorioso senhoreou-se em 1641 de Pekin, Capital do Imperio, Cidade immensa, onde se contaõ dous milhões de habitantes. A frouxidaõ, e cobardia do Imperador eraõ taes, que não cuidou em defender-se. A Imperatriz tinha-se enforcado: quarenta mulheres que o Imperador ainda tinha, se enforcáraõ por ordem sua, ao menos por seu convite: não querendo sua filha imitallas, o Imperador a matou com o seu alfange. Mas elle não se enforcou a si proprio, senaõ depois de ter esperado fóra da Cidade as ultimas noticias de huma perda inevitavel.

Tairfong, Chéfe dos Tartaros, varraõ affaz grande para os sujeitar ás leis, adiantou sempre as suas conquistas. Na menoridade de Chang-ti, seu sobrinho, que lhe succedeo, foi morto o Mandarino usurpador, e os conquistadores subjugarão quasi o Imperio todo. Finalmente a sua dominaçaõ se achou solidamente estabelecida no tempo de Kam-hi, ainda mui-

to moço, Successor de Chang-ti, seu Pai. Depois de quasi trinta annos de guerra, toda a China ficou sujeita a huns barbaros, mas tão prudentes, como terriveis, pois que adoptáraõ as suas leis, e os seus usos.

Vê-se como Kam-hi, cujo reinado principia em 1661, cultiva as sciencias, e favorece os Missionarios Jesuitas, os quaes se tinhaõ introduzido pela sua mediação no palacio Imperial. O Christianismo fez entaõ grandes progressos no Imperio. Porém as competencias, as disputas entre os Jesuitas, e os outros Missionarios; as acusações de idolatria, feitas em Roma a respeito dos ritos dos Chinas; o animo contencioso dos Europeos, que animava a discordia entre hum Povo tão pacifico; e especialmente o temor das suas ambiciosas emprezas, cobertas tantas vezes com o véo da Religião: todas estas differentes causas arruináraõ inteiramente a obra das suas prégações, e zelo.

Progressos dos Missionarios no reinado de Kam-hi.

Yontching, Successor de Kam-hi em 1722 abrogou as Leis de seu Pai a favor do Christianismo. Este Imperador mandou demolir as Igrejas, despedio sómente os Missionarios, e conservou os Mathematicos, os sábios, e os Artistas, cuja utilidade não ignorava. "Se eu mandasse pa-

O Christianismo proscrito em 1722.

„ ra o voffo Paiz , disse Yontching aos
 „ Jefuitas , huma companhia de Bonzes ,
 „ e de Lamas (Monges , e Padres da Chi-
 „ na) , como os receberieis vós ? Que-
 „ reis que todos os Chinas fejaõ Chris-
 „ tãos : a voffa Lei affim o pede , não
 „ o ignoro ; mas neste caso que vire-
 „ mos a fer , fenaõ huns vaffallos dos vof-
 „ fos Reis ? Os vossos discipulos fô a vós
 „ vos reconhecem. Em qualquer tempo
 „ de tumulto , nenhuma outra voz ouvi-
 „ riaõ , fenaõ a voffa. Sei que presente-
 „ mente nada ha que recear ; porém quan-
 „ do os navios chegarem aos milhares ,
 „ poderia haver grandes defordens. „ (V.
Letres édif. Tom. 17.) O que tinha suc-
 cedido no Japão , como brevemente ve-
 remos , dava valor a este difcurfo.

Zelo da
 Agricultura.

Ajuntemos aqui hum número peque-
 no de obfervações intereffantes. O Impe-
 rio da China , que contem quasi feiscen-
 tas legoas de longitude , e outras tantas
 de latitude , incluye huma povoação infini-
 ta ; razão porque a fua Agricultura fe
 acha no ultimo grão de perfeição. Em to-
 do o tempo o Principe fe impoz a fi pro-
 prio huma obrigação de animar , e hon-
 rar a Agricultura. Bem conhecida he a
 cerimonia annual , em que o mefmo Prin-
 cipe dá o exemplo da Agricultura. Os
 Mandarinos obfervão igualmente esta cere-
 mo-

monia pelas Provincias. Huma ordenação Imperial declara: *A maxima dos nossos antigos era, que se houvesse algum homem, que não lavrasse, ou alguma mulher, que não se occupasse em fiar, alguém havia que padecia ou frio, ou fome no Imperio.* O Author da ordenação funda-se nesta maxima, para destruir os Mosteiros dos Bonzes. Se este Author com effeito os destruiu, a superstição triumphou muito depois do Legislador.

Ordenação digna de observação.

Os Chinas não conservaõ mais, do que os animaes necessarios, porque para alimentar o Povo nada sobeja. Quando os Chinas viajaõ são conduzidos por homens: os canaes servem sómente para o transporte das fazendas. Tudo quanto pode servir de esterco para as terras, he conservado preciosamente, até as proprias urinas. Faz-se, conforme Mr. Poivre, nas Provincias meridionaes, tres colheitas de arroz por anno; e a terra, sem nunca descansar, produz cada vez mais de cento por hum. Os pobres na China vivem unicamente de arroz, trabalhaõ quasi nus, ou andaõ vestidos de algodão. Huma geira de terra produz talvez algodão para vestir quinhentas pessoas. Deste modo a passagem do pobre he facil a todos o respeito. A decima do producto das terras, mais ou menos consideravel,

Productos das terras.

Subsistência.

con-

A decima
unico im-
posto.

conforme a natureza do terreno, he o rendimento prodigioso do Imperador: imposto unico, pago em especie a huns magistrados, que o regem. Huma parte põe-se em armazens para as públicas necessidades. E com tudo, se acaso ha algum anno de penuria, o Povo morre aos milhares; que tão numeroso he. Que seria em hum governo, cuja administração fosse menos suave, e menos perspicaz? (Veja-se *Voyages d'un philosophe.*)

Velhacaria
dos Chi-
nas, expli-
cada por
Montes-
quieu.

Por muito extraordinaria que pareça a contrariedade entre a velhacaria dos Chinas, e a sua moral, pretende o Author de *l'Esprit des Loix* explicalla pelo essencial das proprias cousas. “ Quando
„ todos obedecem, e todos trabalham,
„ está o Estado n’humã feliz situação. A
„ necessidade, e talvez a natureza do cli-
„ ma he que deraõ a todos os Chinas hu-
„ ma cobiça incomprehensivel do lucro;
„ e as leis não cuidaraõ em atalhalla. Tu-
„ do se prohibio, quando se tratou de
„ adquirir por violencia; tudo se permi-
„ tio, quando se tratou de obter por ar-
„ tificio, ou por indústria. Não compare-
„ mos pois a moral dos Chinas com a
„ moral da Europa. Todos na China fo-
„ raõ attentos a tudo quanto lhes era util:
„ se o velhaco cuidou nos seus interesses,
„ aquelle que he victima devia pensar nos
„ seus.

„ seus. Em Lacedemonia era licito roubar ;
 „ na China he licito enganar. „ (*Liv. XIV. Cap. XX.*) Se a necessidade he quem inspira a vontade de enganar , facilmente se póde perceber ; mas se o engano concorda com a moral tão célebre dos Chinas , he hum ponto este muito pouco digno de crédito. Entre a legislação , que permite ou tolera , e a moral que approva , ha muitas vezes huma differença infinita. O exemplo de Lacedemonia he mal applicado.

Devemos concluir que a huma povoação excessiva se seguem inconvenientes notaveis. Os proprios Chinas se vêm obrigados por causa da povoação excessiva a engeitar os seus filhos , e a vender suas filhas. Esta mesma povoação introduz a desconfiança no commercio , pois que excita á velhacaria. Em que parte não se encontra o bem , e o mal confundidos juntamente ? A legislação consummada está em ter provido , neste vasto Imperio , a conservação da tranquillidade interior a pesar da multidão incrível dos habitantes , e a actividade do trabalho a pesar do calor de hum clima , que inspira frouxidão.

Povoação excessiva.

Grande arte da Legislação.

Sabida cousa he que a lingua , e a escriptura dos Chinas , cujo estudo absorve quasi toda a vida dos Letrados , são hum

Sciencia mediocre na China , porém muita moral.

ob-

obstaculo invencivel para o progresso dos conhecimentos , independente das prevenções nacionaes , e do Imperio absoluto , ou da opiniaõ , ou do uso. Mas os Chinas tiveraõ o bom discurso de applicar-se ao effencial , a huma moral sensata , benefica , que com poucos preceitos , e muita pratica , tolhe as desordens , une por mutuos respeitos todos os membros da sociedade , e perpetua no seio da paz a prosperidade do Estado. Hum Povo governado deste modo pelos costumes , por muitos defeitos que possa ter , será sempre mais feliz , do que outras Nações sublimadas pelo gosto , e dominadas pelas modas.

C A P I T U L O II.

Do Japão.

Caracter
dos Japo-
nezes.

VARIAS Ilhas fórmaõ o Imperio do Japão , situado ao Leste da China. Os Japonezes nunca foraõ subjugados. Sendo altivos , valerosos , indomaveis , de hum caracter mesmo atroz , por maneira que fazem do suicidio hum divertimento , obedecem todavia ás leis as mais tyrannicas , e por conseguinte as mais capazes de irritar

tar aquella atrocidade de costumes. Havia seiscentos e sessenta annos antes da era christã , que elles tinhaõ por Imperador hum Pontifice , chamado Dairi , ou Dairo. Pelos fins do seculo decimo sexto experimentou a mesma revolução , que experimentáraõ os Xerifes , Successores de Mahoma. O General das tropas assenhoreou-se do verdadeiro poder , e não lhe deixou mais que hum titulo pomposo , com várias mulheres , riquezas , e luxo , de que goza em Meaco. As ceremonias religiosas pouco inquietaõ o governo.

O governo Pontificio, destruido.

Huma cousa muito digna de notar-se no Japão , na China , e em quasi toda a Asia , he a tolerancia concedida aos diferentes cultos. Esta tolerancia facilitou o estabelecimento , e os progressos do Christianismo. Se só a verdadeira Religião se vio depois privada de huma vantagem , que tantas feitas absurdas possuem , os ambiciosos projectos dos Europeos , e os defeitos de muitos Missionarios são a verdadeira causa disso.

Tolerancia de Religião.

Os Portuguezes pelo meado do seculo decimo sexto descobríraõ o Japão , onde fizeraõ hum grande commercio. Várias minas de ouro , e prata , o chá , a porcelana , &c. os attrahíraõ a esta região , donde tiravaõ thesouros. S. Francisco Xavier, Jesuita da sua Nação , foi para lá guiado

Os Portuguezes no Japão , e o Christianismo.

do zelo Apostolico. Como era animoso, habil, incansavel, não respirando senão conversões, e não tendo outra ambição, mais do que a da coroa do martyrio, teve pasmosos successos, os quaes pôdem-se attribuir em parte ás correlações de huma moral austéra, e esperanças de huma vida bemaventurada, com a situação, e costumes dos Japonezes. Os Missionarios concorrêraõ, e a Fé Christã deitou raizes tão fôrtes como dilatadas.

Os Bonzes
desacredi-
tados.

Facil he julgar qual seria a raiva dos Bonzes. Kempfer, viajante Hollandez, de merecimento raro, os representa como fanaticos interessados, escravos da superstição, por meio da qual reinavaõ; affectando huma austeridade horrorosa, e accumulando riquezas; prégando a moral, os ultimos fins, concluindo porém sempre que o melhor meio para applacar os Deos he ornar os Templos, e enriquecer os Mosteiros; finalmente abusando da credulidade do Povo até chegar a vender-lhe o merecimento das suas boas obras, e dar-lhe pelo seu dinheiro letras de cambio para serem pagas no outro mundo. Estes numerosissimos Bonzes eraõ os inimigos mais tremendos de huma Religião, que descobria a sua impostura. Porém o desprezo, e o odio, que os mesmos Bonzes mereciaõ, não contribuirão pouco para mal-

multiplicar os seguidores da nova doutrina. Toda a superstição, cujos Ministros são desacreditados, tem grandes perigos.

Gregorio XIII. em 1585 recebeu huma Embaixada de tres Principes do Japão. A Igreja Romana, e os Jesuitas triunfárao. Com tudo o Imperador, quasi pelo mesmo tempo, inquieto com o progresso do Christianismo, e receando que os Christãos não motivassem ou commoções no Estado, ou alguma invasão de Estrangeiros, prohibio, sob pena de morte, o exercicio desta Religião. Des d'então principiárao os supplicios; todos concorrêrao para o martyrio. Os Missionarios chegárao a ser mais fervorosos, e mais numerosos os profelytos.

Embaixada do Japão para Roma.

Os Christãos perseguidos.

A perseguição durou muito tempo, affrouxou, e reanimou-se por intervallos. Os Portuguezes, e os Hespanhoes, sujeitos ao mesmo Rei depois de Filippe II., continuavao o seu commercio naquella Paiz, onde podia consequentemente chegar grande multidaõ de novos Prégadores. Porém a invêja dos Hollandezes arruinou todas as esperanças. Descobrírao estes ao Imperador do Japão, em 1637, huma conspiração dos Hespanhoes, e a provárao com cartas, que diziao ter apanhado em hum navio. Os Hespanhoes clamárao que isto era calúmnia; mas a rebelião dos Chris-

Conspiração annunciada pelos Hollandezes.

tãos Japonezes de Arima, os quaes tomáraõ armas quasi trinta mil, deixa poucas dúvidas a respeito da realidade desta empreza, que não deixava de conformar-se com os principios de tantas conquistas, ou para melhor dizer de usurpações praticadas n'hum, e outro hemisferio.

Edicto
contra os
Christãos.

Tal foi a causa do famoso Edicto, por meio do qual a entrada do Japão he absolutamente prohibida aos Estrangeiros, e aos proprios Chinas; com prohibição para que nenhum Japonez saha do Japão sob pena de morte. O mesmo Edicto condemna todos os Christãos á prisão, e promette huma quantia consideravel a todo aquelle, que descobrir hum Padre Christão.

Como os
Hollandezes
vão ao
Japão.

O unico favor, que os Hollandezes obtiveraõ, foi poder chegar a huma Ilha perto de Nangazaki, jurando que a sua Religião era diversa da Religião dos Portuguezes, e pisando segundo se diz para o provarem o Crucifixo. Para esta Ilha trazem os Hollandezes fazendas: os Japonezes põe-lhes o preço. Se elles são conduzidos á Corte com honra, isto mesmo he hum legitimo despeso; pois os guardas, que os acompanhaõ, nunca os perdem de vista, e obrigaõ-se debaixo de juramento a dar conta dos seus procedimentos. A cobiça do Commercio faz com que estes ricos Republicanos, os Soberanos

nos de Batavia, sopportem hum tratamento tão infame. Os Hollandezes tiraõ sem dúvida do Japaõ lucros consideraveis.

A pesar da multidaõ de Seitas estabelecidas entre os Japonezes, nunca entre elles ha, confôrme Kempfer, disputas de Religiaõ: o que he prova de que não se perseguiu, nem destruiu o Christianismo, senão pelo temor de huma revolução no Estado. Nunca o Japaõ, nem a China teriaõ tratado cruelmente os Christãos, senão fossem as disputas, as intrigas, e as idéas interesseiras, que se confundirão em breve tempo com a santidade do Evangelho. Para converter os Póvos he por ventura necessario perturbar, e atemorizar os governos? A sabedoria divina nos ensina o contrario. Deste mesmo modo acabáraõ por infelicidade todas as Missões.

Nenhumas disputas de Religiaõ neste Imperio.

A semelhança de muitas práticas religiosas do Japaõ com as nossas, he huma particularidade digna da Historia: ordem Jerarquica, especie de canonizações, procissões, e peregrinações; penitencias, e austeridades monasticas, alampadas, e cera nos templos, especie de contas para rezar, sino que toca a certas horas para a oração, &c., e o que parece especialmente extraordinario, usa-se no Japaõ o signal da Cruz, o qual se faz em

Práticas religiosas semelhantes às nossas.

fôr-

fórma de Cruz de Santo André , ou em aspa. Infinitos outros exemplos , em todas as partes do mundo , prôvaõ que entre as Nações mais remotas , e differentes nas cousas effenciaes , o acaso , ou para melhor dizer , a natureza do espirito humano produzio conformidades singulares , idéas , e usos , especialmente em materia de culto. Mas onde se achará , fóra do Christianismo , aquella idéa sublime , e persuasiva do Supremo Ser , aquella moral simples , e igualmente perfeita , que pôdem elevar o homem ordinario á mais suprema sabedoria ?

C A P I T U L O III.

Da Persia , e do Mogol.

A Persia
no tempo
de Shâ Ab-
bas.

NO tempo de Chardin , célebre viajante , que faleceo em 1713 , formava a Persia hum Imperio florecente ; ao menos se julgarmos pela magnificencia da Corte , e pela povoação das Cidades principaes , indicios algumas vezes enganosos. A Capital de Ispahan podia-se comparar com Londres. Tauris , e Cachan eraõ Cidades consideraveis , e commerciantes. Shâ Abbas , Principe cruel , mas

politico , e valeroso , tomando aos Turcos as conquistas feitas na Persia , expulsando os Portuguezes de Ormus , e abolindo huma milicia semelhante á dos Janiferos , e Strelitz , tinha constituido mais absoluta a sua authoridade. Por toda a parte se vê , conforme Voltaire , as tropas divididas em muitos corpos pequenos , firmar o Throno , e as tropas reunidas n'hum grande corpo dispôr do Throno , e destruillo. Este Principe morreo em 1629.

Os Sophis , ou Reis seus Successores , forão despoticos sem vigor , embrutecidos pela vida sensual do ferralho , governados por eunucos , e abandonando-lhes o Imperio. Daqui procedêrao , como sempre succede , as infelicidades , os tumultos , e as revoluções. Perdeo-se Bagdad , que os Turcos tomárao por assalto em 1638. Os Aguanos , Colonia Tartara , estabelecidos nas montanhas de Candahar para a parte do Mogol , soblevárao-se contra hum cobarde , e cruel governo. O mesmo fizerao as Provincias do Nôrte. O Sophi , sitiado na sua Capital em 1722 , sujeitando-se ao Chêfe dos rebeldes , concedeo-lhe sua filha em casamento.

Ao mesmo tempo que a Persia se via exposta ás barbaridades do usurpador , e os Turcos por huma parte , e por outra

O Reino
abatido
por culpa
dos despoticos.

Sha-Nadir , ou
Thamas
Kulikaô.

Sua usur-
pação.

os Russos, se aproveitavaõ das circumstancias para a assolar, appareceo o célebre Nadir, ou Thamas Kulikaõ (*), filho de hum pastor, e elle mesmo pastor (porque a vida pastoril ainda he commum em algumas regiões da Asia), o qual se atreveo a tentar, e executar huma revolução. Tendo ajuntado huma trópa de salteadores, offereceo os seus serviços ao Principe Thamas, filho do ultimo Sophi, e em breve tempo se vio com hum Exercito. Ispahão, e toda a Persia se sujeitáraõ ás Leis, que elle impoz. Vencido o usurpador, e preso foi condemnado a ser degollado. Kulikaõ, que combattia sómente pela sua propria fortuna, depois de ter affectado o titulo de escravo do Principe, recolheo só todo o fructo das suas victorias. Mandou tirar os olhos a Thamas, e fez-se Rei da Persia em 1736, com o nome de Sha-Nadir. Os Turcos, várias vezes vencidos, concluíraõ com Kulikaõ hum Tratado, por meio do qual entregáraõ todas as suas conquistas, excepto Bagdad. Nada basta para satisfazer nem a ambição, nem a avareza. Hum pastor, conquistador da Persia, estende os seus desejos a respeito do Mogol, preten-

(*) Isto he, Kaõ escravo de Thamas. Esta he a qualidade, que Kulikaõ tinha tomado antes de descobrir a sua ambição.

tende sujeitallo ao seu dominio , roubar os seus Theſouros , e declara-lhe guerra.

O Imperio do Mogol , cujo nome procede dos Tartaros de Genghiz-Kaõ , include huma grande parte da India ; paiz o mais rico do Universo , já pelas preciosas , e inexauriveis produções da natureza , já pelas quantias immensas , que os Europeos lhe levaõ a fim de satisfazer o seu luxo. Neste Paiz he onde especialmente hum despotico , sepultado nas delicias , reina sobre escravos embrutecidos ; e onde cada hum dos seus vassallos , ou Governadores de Provincias , he hum tyranno , que devora a substancia dos Póvos. Quanto menos Leis conhecem estes tyrannos , tanto maiores , e mais sanguinolentas revoluções deve o Estado padecer.

O Imperio
do Mogol.

No meado do ultimo seculo , Auren- gzeb , hum dos filhos do Graõ-Mogol , privou seu Pai do Throno , assassinou seus tres irmãos , complices , e instrumentos da sua rebelliaõ , e soggiugou várias regiões da Peninsula Occidental da India , da parte daquem do Ganges. Grande he a admiracão , que causa a quem lê a descripção , que Tavernier faz do seu Throno , onde doze columnas de ouro , enriquecidas com grandes perolas , sustentão hum docel de pedras preciosas , sobre o qual se eleva hum pavaõ , cuja cauda he for-

Auren-
gzeb , seu
poder , e
suas rique-
zas.

ma.

mada de diamantes, e de tudo quanto ha no mundo de mais precioso. Com esta fastuosa opulencia, e com os effeminados costumes, que ella inspira, não se pôde resistir contra huns inimigos acostumados ao exercicio das armas.

Kulikaõ
sujeita o
Mogol.

Sha-Nadir, mais conhecido com o nome de Thamas Kulikaõ, com o qual encobria ao principio a sua ambição, atacou o neto de Aurengzeb; e sendo o seu Exercito muito pequeno em comparação do Exercito do Mogol, reduzio-o a entregar-se nas suas mãos. Assenhoreou se logo de Delhi, Capital do Imperio; roubou os seus Thesouros, avaliados em mais de quatro milhares; unio á Persia tres Reinos do Indostaõ; e impoz hum tributo por todas as de mais partes. Finalmente deixou o governo a hum Vice-Rei, e hum vaõ titulo de Imperador ao Principe, que tinha despojado. Ao voltar para os seus Estados, acabou infelizmente a sua carreira, assassinado por seu sobrinho. E eis-aqui o termo da ambição triunfante, ou hum fim tragico, ou receios, e cuidados perpetuos! A Persia, e o Indostaõ, sempre estiveraõ depois expostos a guerras civis; nas quaes entráraõ por ambição os Francezes, e os Inglezes, estabelecidos naquellas côstas. Os Indios aproveitar-se-ão talvez algum dia das suas

Revolu-
ções, e
guerras ci-
vís.

lições na arte da guerra, para lhes tirar as vidas, ou lançallos fóra.

Tantas revoluções, que manchaõ hor-
rorosamente a Historia, não offerecem
mais, que espectaculos lugubres, e uni-
formes. Porém a Asia, e especialmente a
India, dão a huma curiosidade razoavel
objectos muito mais interessantes. Lá he
que se achão de novo costumes, usos,
e opiniões, que a antiguidade se perde na
escuridade dos seculos. Lá he tambem,
onde se vêm os obstaculos, que hum res-
peito servil á antiguidade oppõe á razão,
e á industria. Os Chinas, astrónomos
muitos seculos antes que os mesmos Gre-
gos fossem civilizados, não aperfeiçoáraõ
depois quasi nada, nem nas sciencias,
nem nas bellas artes. Julgaõ saber tudo,
e sabem pouco, só fazem caso da sua Na-
ção, dos seus antepassados: e os Euro-
peos os excedêraõ rapidamente em todo
o genero, des que a Europa teve enge-
nhos affás valerosos para vencer as preoc-
cupações.

Quanto aos Indios, sujeitos por huns
barbaros, em vez de fazer progressos,
não podiaõ deixar de cahir em decaden-
cia. Este Povo, constituido tão humano,
e tão engenhoso pela natureza; inventor
do jogo do xadrez, das cifras, e vero-
simelmente das sciencias mathematicas,
acha-

Os Asia-
ticos res-
peitaõ
muito a
antiguida-
de.

Abatimẽ-
to dos In-
dios.

Sua antiga
religião.

acha-se reduzido ao mesmo Estado, que os Gregos, cujo abatimento he tão infame. A doutrina da transmigração alimenta ainda os seus sentimentos de humanidade, ainda a respeito dos animaes. Conservaõ monumentos do seu antigo systema de religiãõ, que Mr. Howel, Inglez, e Mr. Anquetil, Francez, nos deraõ a conhecer como authenticos. Confórme estes livros Indiaticos, foi o mundo creado, e he governado pela Intelligencia infinita; tendo hum número das suas creaturas mais perfectas abusado da sua liberdade para desobedecer-lhe, Deos as condemnou a viver em corpos mortaes; as almas são immortaes, e devem ser ou castigadas, ou recompensadas segundo as suas obras. Certifica-se que os brames, ou bramines modernos, os banianes, e os gentous, são afferrados ao essencial desta doutrina, assim como os Guebres refugiados na India, conservaõ a doutrina de Zoroastres. Mas quantas fabulas, e extravagancias não tem ajuntado os Indios a esta doutrina!

Bramines,
Derviches,
e Faquires.

Os Bracmanes antigos, se distinguiaõ por huma austeridade de costumes muitas vezes excessiva, fundada não obstante em principios de virtude. Ha seculos immemoraveis, que os Bramines, os Derviches, e os Faquires, solitarios multiplicados sem

nú.

número na India , são geralmente huns fanaticos insensatos , e velhacos , que inculcando-se por santos enganaõ o vulgo com horrorosas penitencias. Huma imaginação viva , exaltada pelo calor do clima, inclina-se naturalmente ao delirio da superstição , mórmente quando huma extremada preguiça entrega a alma a si mesma. Esta a origem de tantos usos incomprehenfíveis. Ainda se vê algumas mulheres Indias queimar-se alegremente na mesma fogueira de seus maridos , na esperança de huma vida bemaventurada. Hum Povo extremosamente docil , e cobarde a hum tempo , chega a ser , pela força das supersticiosas idéas , atroz , e homicida de si mesmo.

Mulheres, que se queimaõ.

C O N C L U S A Õ .

Contemplando as Nações Asiaticas , pela maior parte infelicissimas no centro dos beneficios da natureza ; vendo-as tão pouco adiantadas na carreira dos talentos, posto que os seus progressos fossem prodigiosos em comparação dos nossos , se remontarmos além do seculo decimo sexto ; examinando especialmente a sorte dos Indios , aos quaes a terra offerece , quasi sem trabalho , os fructos mais deliciosos , e cuja região he quasi deserta debaixo do

Vantagens da Europa moderna a respeito da Asia.

fla-

flagello do despotismo; e considerando até que ponto tudo degenera no clima mais admiravel, e como o proprio valor dos Tartaros nelle se torna em molleza, e inercia, conheceremos toda a influencia do clima, combinada com a das causas moraes; congratular-nos-hemos de ter hum Patria, onde os verdadeiros bens da humanidade são mais sólidos, e em maior número, por serem o fructo tardio da raçaõ, do trabalho, daquella indústria creadora, que excita a necessidade, que a liberdade anima, e que faz triunfar o homem de todos os obstaculos da natureza, ou para melhor dizer que sujeita de algum modo toda a natureza ás suas leis.

Quanto
pódem os
governos
augmentar
a felicidade
dos Povos.

Por infelicidade nossa a luta das paixões, erros, e abusos, se oppõe tambem, a muitos respeitos, aos effeitos de humaluz benefica. A sociedade humana, e politica não he sem dúvida capaz de certo gráo de perfeição. Os vicios farão sempre brotar nella abrolhos; nella estará sempre o interesse particular em guerra surda com o interesse geral. Mas se hum governo illuminado, e constante emprehen-der reformar, senão todos os abusos, cousa impossivel, ao menos todos os que a prudencia permite proscrever, se fundar a pública prosperidade em leis simples, imparciaes, e mantidas com igual vigor,

e humanidade ; se animar affim os trabalhos , que alimentão os Póvos , como aquelles que utilmente os illustrão ; se fizer passar para os costumes , e talentos respeitaveis a estimação usurpada pela insolente fortuna ; e se especialmente a educação formar Cidadãos para os diversos estados , que se devem preencher , em vez de empregar a mocidade em hum estudo esteril de palavras , e de lhe inspirar o desgosto das cousas boas , obrigando-a a trazer o enjoo de hum trabalho inutil ; oufamos de prognosticar com confiança , que semelhante mudança , se algum dia succeder , produzirá milagres de felicidade , e gloria na parte da Europa , onde fôr executada.

O erro , e quasi sempre hum erro absurdo , he donde tem emanado os máos principios , as más instituições , leis , e systemas , dos quaes procedem a maior parte das infelicidades da sociedade civil. A historia o mostra com infinitos exemplos. Ella deveria consequentemente ensinar aos Reis , e aos homens de Estado a emendar os defeitos do Governo , e a assentar os verdadeiros fundamentos do bem público. Ella deve ensinar aos Ministros da Religião a fazella cada vez mais respeitavel , applicando-a á felicidade dos Cidadãos , por meio da cultura da verdade , e dos costumes.

Consequências
práticas da
Historia.

tumes. Ella em fim deve ensinar aos particulares, que nenhum bem existe sem alguma mistura de mal; que a perfeição he huma quiméra; que he necessario saber sopportar o que he impossivel mudar; que da moderação procede a sabedoria, e igualmente a felicidade; em fim, que para viver feliz com os homens, he necessario poder viver contente consigo mesmo: vantagem preciosa, annexa á razão, e á virtude.

Fim do nono, e ultimo Tomo.





S U M M A R I O

DAS MATERIAS DESTE NONO VOLUME.

CONTINUAÇÃO DO LIVRO II.

DA EPOCA DE LUIZ XIV.

CAP. IV. *Faz-se Luiz XIV. odioso das Potencias no tempo da paz. -- Viena sitiada pelos Turcos. -- Genova bombeada, e sujeita. -- Morte de Colbert. -- Reflexões a respeito do seu Ministerio.*

NÃO via Luiz sabia, e prudentemente da sua fortuna. Cameraz de Metz, e Brisac. Estrasburgo sujeita. Movimentos contra a França. Congresso, em que se disputa a respeito de cousas frivolas. Forma Leopoldo huma Liga. Rebellião dos Hungaros. Teckeli attrahe os Turcos. Sitio de Viena. Viena salva por Sobieski. Pretende-se que Sobieski se sujeite á etiqueta. Luxemburgo bombeada pelos Francezes. Tregoa de vinte annos. Marinha de Luiz XIV. Bombardeios em Africa. Genova bombeada com pouca razão. O Doge em Versalhes: Embaixada de Sião. Vãos procedimentos a este respeito. Colbert morto em 1683; grande perda. As despezas o tinham reduzido a tristes expedientes. Foi Colbert obrigado a apartar-se dos seus principios. Sua disposição bem differente da de Sulli. Se era melhor o systema de Colbert? Semelhantes objectos são essenciaes para a historia.

CAP. V. *Materias do Jansenismo. --- Diferenças de Luiz XIV. com Innocencio XI. --- Revogação do Edicto de Nantes.* 13

Disputas Theologicas sem effeitos violentos. O facto das cinco propozições de Janſenio. Formulário estabelecido pelo mesmo Rei. Outro formulario mais forte. Felizmente os tempos estavam mudados. Opposições. Arnaldo contra os Jesuitas. Falsa paz da Igreja. Os Jesuitas tinham grande crédito: Bourdaloue: P. Chaise. As disputas devião ainda durar. Causa da Regalia. Innocencio XI. defende os desobedientes. Atrevimento de hum Religioso. Junta do Cléro. Os seus quatro artigos. O Papa tudo annulla. Os Bispos arguidos por Innocencio XI. As liberdades gallicanas encontram grandes obstáculos no Reino. O Papa continua sempre a disputa. Isenções abolidas em Roma, a pesar de Luiz XIV. O Embaixador de França ameaça a Innocencio XI. Ao que se expunha o Papa. Como este negocio se terminou em 1693. Projecto de destruir o Calvinismo. Aos Missionarios seguirão-se rigores. Violencias depois da morte de Colbert; furia insupportavel. Revogação do Edicto de Nantes. Fugida dos Huguenotes, perdas do Reino. Pareceres a respeito deste objecto. Rigores semelhantes contra os Valdenſes.

CAP. VI. *Fim do Reinado de Carlos II. em Inglaterra. --- Falsa conspiração papista. --- Annulla Carlos vários Parlametos, e constitue-se absoluto até a sua morte.* 29

Descontentamento, e intrigas em Inglaterra. Carlos II. de intelligencia com Luiz XIV. Escossia tyrannizada. Prevenções contra os Catholicos. O impostor Oates. Suas disposições a respeito da *conspiração papista*. Coleman, preso. Tumulto em Londres. A causa denunciada ao Parlamento. O Papismo notado de idolatria por hum test. Danby, accu-

accusado. Annulla Carlos o Parlamento. Outro Parlamento persegue o Ministro. Bil para excluir da Coroa o Duque de York. Auto de *Habeas corpus*. Parlamento annullado. Novos tumultos. Torrys; e Wigs. Terceiro Parlamento. Execuções por causa da conspiração papista. Quarto Parlamento também annullado. Chega o Rei por meio da economia a ser absoluto. Abuso da authoridade, pela influencia do Duque de York. Conjuração descoberta. Supplicios de Ruffel, e Sidney. Principios da obediencia passiva. Morte de Carlos II. em 1685.

CAP. VII. *Faz-se Jacques II. odioso aos Ingleses. --- Guilherme, Principe de Orange o priva do Throno. --- A constituição Inglesa he estabelecida.*

40

Jacques II. exposto ao odio. Principios admiraveis porém mal sustentados. Parlamento favoravel. Rebelião do Duque de Montmouth. Execuções barbas. Tudo parece estar sujeito. Dispersa do test. Grande credito do Padre Peters. Motivos de inquietação para a Nação. Grandes erros do Rei, por zelo do catholicismo. Processo de seis Bispos. Fermentação pública. Politica do Principe de Orange, genro de Jacques. Todos os partidos contra o Rei. Guilherme os lisonjea a todos, e arma occultamente. Recusa Jacques os offerecimentos de Luiz XIV. Abre Jacques os olhos, mas muito tarde. Manifesto de Guilherme. Prompta revolução; fugida do Rei. O Throno declarado vago. Debates parlamentarios. A Coroa concedida a Guilherme, e a Maria conjunctamente. Direitos da Nação regulados. Novo juramento. A prerogativa Real sempre muito ampliada. O que limita necessariamente a Real prerogativa. Guilherme III. foi sempre inquietado pelos seus vassallos. Jacques II. abatê-se, e humilha-se em França.

É P O C A.
D E L U I Z X I V.

L I V R O I I I.

*Des da guerra de 1688 , até o Congresso
de Utreque em 1712.*

CAP. I. *Liga de Ausburgo contra Luiz XIV. ---
Defende este , e sustenta a guerra com feliz suc-
cesso contra quasi toda a Europa.* 54

Soblevava o famoso Principe de Orange a Europa contra Luiz. Liga de Ausburgo. Vã tentativa para eleger hum Eleitor de Colonia , amigo da França. Outros agravos do Rei. Rompe Luiz a tregoa. Leopoldo fazia aos Turcos huma guerra feliz. Coroa de Hungria hereditária. Toma França armas. Tomada de Filpsburgo , &c. Palatinado saqueado. Procedimento de Jacques II. em França. Passa Jacques para Irlanda , onde procede muito mal. Sitio de Londondery. Os Francezes , senhores do mar. Batalha de Boyne. Jacques vencido. Irlanda subjugada por Guilherme. Inimigos de Luiz XIV. Sitios de Bona , e Moguncia. Campanhas do Marechal de Luxemburgo. Batalhas de Esteinkerque , e de Nervinda. Campanhas de Catinat. Batalhas de Estafarde , e de Marselha. Guerra em Alemanha , e Catalunha. O Rei de Hespanha sem dinheiro. Exaurido Luiz por causa das suas victorias offerece a paz. Toma Guilherme

novamente Namur, do mesmo modo que Luiz a tinha tomado. Combate da Hoga em 1692. Perda da França. Bombardeios; maquina infernal. Expedições para Asia, America, &c, Creação do Eleitorado de Hannover. Tumultos a este respeito.

CAP. II. *Paz de Ríswick, necessaria para Luiz XIV., posto que vencedor. --- Paz de Carlowitz, em que os Turcos recebem Leis.* 69

A guerra arruinava a França victoriosa. Obstinacão dos inimigos. Luiz acarea o Duque de Saboya para o seu partido. Para o que contribue Innocencio XII. Negociações, e Tratados de Ríswick. Cede França muito, como se fora vencida. Leopoldo, Duque de Lorena, grande Príncipe. A necessidade obrigou Luiz XIV. a fazer a paz. Despezas enormes da guerra. Operações de erario. O tributo estabelecido por cabeça. Ainda se edificava. O Principe de Conti, eleito Rei de Polonia. O Eleitor de Saxonia he preferido por causa do seu dinheiro. Superioridade do Imperador a respeito dos Turcos. Batalha de Zentha. Paz de Carlowitz. A Transilvania cedida a Austria. Cessão á Polonia. A Morea á Veneza. Azou ao Czar Pedro.

CAP. III. *Tratado de divisaõ para a successão de Hespanha. --- Testamento, e morte de Carlos II. --- Succede-lhe Filippe V., e principia a guerra em Italia.* 75

A Successão de Hespanha, grande objecto de politica. Triste situação de Carlos II. Intriga pasmola a fim de assenhorear-se do seu animo. Primeiro Tratado de divisaõ. Indignado Carlos faz o seu testamento. Segundo Tratado de divisaõ. A Corte de Viena desgosta os Hespanhoes. O Marquez de Harcourt faz-se amar pelos Hespanhoes. O Conselho de Hespanha a favor da França. Testamento, e morte de Carlos II. Direitos certos da Casa de Fran-

França. Successo, que se teria julgado impossivel. Qual partido devia Luiz XIV. abraçar. Difficuldades inevitaveis por huma, e outra parte. Philippe V. quasi geralmente reconhecido. Pretensões mal fundadas do Imperador. Liga por causa da Italia. Eugenio em Italia. Catinat substituido por Villeroi. Combate de Chiari. Quem era o Principe Eugenio. Eugenio, despresado em França. Quão respeitado deve ser o merecimento.

CAP. IV. *Concede Luiz XIV. o titulo de Rei ao filho de Jacques II. --- Arma o Rei Guilherme Inglaterra, e Hollanda. --- Morte de Guilherme III. --- Guerra geral. --- Rebelião das Cevennas.* 86

Dá Luiz o titulo de Rei de Inglaterra ao filho de Jacques II. Este procedimento irrita os Inglezes. Morte de Guilherme III. Sua authoridade em Hollanda. Quão opprimido estava Guilherme em Inglaterra. Paixões, que Guilherme tomou no seu Reino. A Rainha Anna. Tudo em França prognosticava infelicidades. Mad. de Maintenon, Chamillard. Eugenio, e Marlborough. Villeroi sorprendido em Cremona. Villeroi substituido por Vendome. O Duque de Borgonha em Flandes. Alliados de Leopoldo em Alemanha. Primeiro Rei de Prussia. Villars vencedor em Fridlingen. Batalhas de Hochster, e de Espira. Separação do Duque de Saboya, e do Rei de Portugal. Villars imprudentemente chamado. Fanatismo, e rebellião nas Cevennas. Marechaes de França, que fazem a guerra a estes Montanhezes.

CAP. V. *Infellicidades da França, e da Hespanha, des de 1704 até 1710. --- A esperança perde-se quasi inteiramente.* 97

Perigos do Imperador Leopoldo. Marlborough, e Eugenio em Alemanha. Batalha de Hochstet, ou de Bleinheim. Derrota horrorosa, á qual se seguirão grandes perdas. Morte de Leopoldo. José I., seu Successor. Estado critico de Filippe V. A Princeza das Ursinas. Esforços pelo Archiduque Carlos. Conquistas em Hespanha pelos Inglezes. Villeroi vencido, e derrotado por Marlborough em Ramillies. Vendome victorioso em Italia. Vendome destinado para a Flandes. Preparos do sitio de Turim. Erros cometidos pelo Duque da Feuillada neste sitio. Adianta-se Eugenio, e une-se com o Duque de Saboya. Derrota de Turim. Levantase do mesmo modo o sitio de Barcelona. O Archiduque aclamado em Madrid. Fidelidade, e zelo dos Castelhanos. Berwick alcança a victoria de Almanza, á qual se seguirão outros successos. Sitio de Tulon. Tentativa a respeito da Escocia. Campanha de Flandes. O Duque de Borgonha, e Vendome não se unem. Batalha de Oudenarda; tomada de Lila, &c. Terror em Pariz. Perde Filippe V. cada vez mais as suas torças. Luiz requer a paz, porém inutilmente. Torci na Haya, proposições dos inimigos. Villars, e Boufflers em Flandres. Batalha de Malplaquete. Projecto mallogado dos inimigos a respeito da Borgonha.

CAP. VI. *Continuação da guerra. --- Morte do Imperador Jose. --- Intrigas em Londres. --- Desgracia de Marlborough, e preliminares da paz.* 113

Offercimentos humildes de Luiz. Não se podiaõ rejeitar os offercimentos sem imprudencia. Pretende-se não obstante que o mesmo Luiz XIV. prive do Throno a seu neto. Novas infellicidades da França. Filippe V. abandona ainda huma vez Madrid.

drid. Vendome em Hespanha. Morte do feliz Imperador José. Carlos VI. Successor de José I. Intrigas occultas para a paz em Inglaterra. Os Whigs dominavaõ em Londres. Credito, e vicios de Marlborough. Sua mulher abusa do valimento, Harlei, e Bolingbroke. Servem-se os Torys da Religião. Sacheverel. Os seus Sermões são queimados por ordem do Parlamento. Desgraça da Duqueza de Marlborough. Pequenos meios causão grandes mudanças. Furia dos Torys contra o Duque de Marlborough. Obstaculos para a paz. Depois da morte de José I. não subsistiaõ mais os motivos de guerra. Tratados occultos em Versalhes. Marlborough toma Bujan. Preliminares da paz. Perde Marlborough os seus empregos. Eugenio em Londres. Os Hollandezes obrigados a consentir nas conferencias.

ÉPOCA DE LUIZ XIV.

LIVRO IV.

O qual contém o fim do Reinado de Luiz XIV., e a historia do Czar Pedro I., e de Carlos XII.

CAP. I. *Tratados de Utreque. --- Victorias da França. --- Fim da guerra em 1714.* 125

O Imperador, e a Hollanda oppostos á paz. Difficuldades dos Plenipotenciarios Inglezes. Novo obstaculo por causa da morte dos Principes de França. Requer se huma renunciação de Filippe V. Esta renunciação seria nulla, segundo a Corte de Versalhes. Reposta de Bolingbroke. Alternativa proposta ao Rei de Hespanha. Filippe consente na renunciação, contra os desejos de Luiz XIV. Os Inglezes sepárao-se dos alliados. Landreci sitiada por Eugenio. Animo do Rei. Projecto de acometter os inimigos. Batalha famosa de Denain, e suas consequencias. Renunciação de Filippe; de que modo he publicada em França. As Cortes mudaó a ordem da Successão em Hespanha. Hollanda tambem se abate a fim de obter a paz. Tratado de Utreque. Artigos a favor de Inglaterra. Limite da Hollanda. O Duque de Saboya, Rei de Sicilia, &c. Casa de Baviera. Casa de Austria; o Imperio.

rio, Portugal; Hespanha. Carlos VI. castigado por não ter feito a paz. Tratado de Rastat. A politica ambiciosa, enganada. Sujeita-se finalmente a Catalunha. Segundo matrimonio de Filippe V., com Isabel Farnese. Revolução de Corte.

CAP. II. *Môrte da Rainha Anna, e negocios de Inglaterra. --- Fim de Luiz XIV.* 139

Quão gloriosa era a paz para a Rainha Anna. Declaração-se todavia os Whigs contra Anna. Morre Anna. Reunião de Inglaterra, e Elcossia em hum Reino. Propriedade, que se requer para entrar no Parlamento. Corrupção muito commua. Hum Estrangeiro preferido aos Stuarts pelos Inglezes. Declara-se Jorge I. muito a favor dos Whigs. Tudo muda na Corte. Rigores injustos. Movimentos dos Jacobitas. O Parlamento setenal. Trabalhos de Mar-dique. Tellier, Confessor perigoso. Livro do Padre Quesnel. Bulla *Unigenitus* de Clemente II. Excessos do Padre Tellier, origem de tumultos. Ediçto a favor dos Principes legitimados. Confessa Luiz os seus defeitos. Sua môrte; que causa jubilo por não ser semelhante a Henrique VI. Com tudo deve-se-lhe muito.

CAP. III. *Principios do Czar Pedro, o Grande, até a guerra com Carlos XII.* 143

O Nôrte deve fitar a attenção nos Reinados do Czar Pedro I.; e de Carlos XII. O Imperio da Rússia immenso, e desconhecido. Christianismo dos Russos. João Basilowitz, &c. Miguel Romanow. Alexis Michaelowitz. Pedro, Successor de Fedor. Emprezas da Princeza Sophia. Projecto de reformar o Imperio. Este grande projecto não he quimerico. O Fôrte unido com o Czar. Primeiros ensaios para as trôas, e marinha. Tratado de paz com os Chinas. Guerra com os Turcos. Tomada de Azow. Triunfo em Mosçow. Pedro pretende viajar a fim de se instruir. Sua derrota. Cólera contra o Fôr-

te. O Czar em Hollanda, e Inglaterra. Sua tomada. Descontentamento dos Russos; rebellião dos Strelitz. Esta perigosa milicia cassada. Chega a reforma a ser geral. Barba, e vestidos compridos, prohibidos, e cortados. Patriarcha abolido. Lei para diminuir o número dos Monges. Outras reformas. Projectos de alargar-se para o mar Báltico. Tratado de Carlowitz.

CAP. IV. *Principios de Carlos XII. Rei de Suecia. — Triunfa Carlos de todos os seus inimigos, e priva do Throno a Augusto, Rei de Polonia.* 162

Mocidade de Carlos XII. Indicios da sua inclinação para a guerra. Inimigos, pelos quaes Carlos XII. se vê ameaçado. Tinha Carlos XI. violado os privilegios dos Livonienzes. Patkul excita tres Soboranos contra Suecia. Motivo da guerra com Dinamarca. Resolução admiravel de Carlos XII. Frederico IV. obrigado a fazer a paz. Batalha de Narva contra os Russos, vencida pelos Suecos. Não desanima o Czar. Os seus preparos, aos quaes se seguem successos felices. Catherina, prisioneira. Conquista importante dos Russos. Disciplina Sueca. O Principe Mentzikou. Fundação de Petersburgo, no tempo das victorias de Carlos. Tomada de Narva, conquista da Ingria pelos Russos. Descripção da Polonia, infeliz por causa do seu governo. O Rei Augusto estava exposto em Polonia ás intrigas. Augusto perseguido por Carlos XII. Faz-se Carlos XII. arbitro da Polonia. Eleição de Estanislão Leczinski. Os Russos, e os Saxones vencidos, e derrotados pelos Suecos. Negocia occultamente! Sujeita-se a tudo depois de hum victoria. Supplicio de Patkul. Embaixada a Carlos XII. Sua visita á Augusto privado do Throno.

CAP. V. *Carlos XII. vencido em Pultava, fugitivo para Turquia. --- Campanha de Pruth, funesta para o Czar. --- Sua paz com os Turcos. --- Continua a guerra do Norte,* 175

Obstinação de Carlos XII. contra o Czar. Entra Carlos imprudentemente pela Ucrania. Não pode Mazeppa fazer soblevar os Cosacos. Levenhaupt vencido, e derrotado por Pedro o Grande. Vingasse Pedro de Mazeppa. Continúa Carlos a sua derrota. Batalha de Pultava, em que Carlos he vencido pelo Czar. Sua fugida para Turquia. Como se aproveita o Czar da victoria. Conquista da Karelia, e Livonia. Acção despotica de Carlos. Intrigas em Constantinopla a seu favor. O Embaixador do Czar, preso em Constantinopla. Igual affronta em Londres. Catherina, nova esposa de Pedro. Uto dos Czars, de receber-se com humas de suas vassallas. O Vaivode Cantemir engana por meio de falsas esperanças. Campanha do Pruth. Grande perigo dos Russos. Obriga Catherina o Czar a tratar. Tratado de Falksen com o Graó-Visir. Procedimento do Rei de Suecia enojado. Perde Carlos XII. os seus Estados de Alemanha. Estanislaõ em Turquia. Successos felices do Czar no mar Baltico. Discurso, que Pedro Grande pronunciou em Petersburgo. Ordem de Santa Catherina.

CAP. VI. *Volta Carlos XII. para os seus Estados. --- Intrigas do Barão de Gortz. --- Morte do Rei, e revolução no governo de Suecia. --- Paz do Norte,* 188

Tornada do Rei de Suecia para os seus Estados. Carlos sitiado em Estralsunda. Sua retirada. Novos preparos de guerra. Exacções. Intrigas do Barão de Gortz. Alberoni abraça as suas idéas. Dous Ministros de Suecia presos. Moeda de cobre por prata. Gortz abominado em Suecia. Morte de Carlos

los XII. Discurso de Voltaire a respeito deste Heróe. A Coroa chegava a ser segunda vez electiva. O poder arbitrario , abolido. Consentimento da Rainha Ulrica Leonor. Fôrma do governo Sueco. Senado. Dieta. Assignatura pelo Rei. Juramento , e promessas do Rei. Camponezes. Leis a respeito da educação dos Principes. Contra a pompa , e a representação ; e contra o luxo. Vantagens da Suecia. Paz com Hannover , com Rússia , e com Dinamarca. Impõe o Czar condições , e conserva as suas conquistas. Seu titulo de Imperador.

CAP. VII. *Fim de Pedro o Grande. --- Seus estabelecimentos , e Leis. --- Estado da Rússia , até o Reinado de Catherina Segunda.* 201

Guerra do Czar com a Persia. Como seu filho Alexis se tinha feito odioso. Reprehensões , e pareceres do Pai , fugida de Alexis. Seu processo em 1718. Confissão do aculado. Decisão a respeito do poder absoluto do Czar. Condennação do Principe Alexis. Sua morte violenta. A Czarina exposta á ira de Pedro. O Knout. Morte do Czar. Succede lhe Catherina. Estabelecimentos de Pedro o Grande. Policia, Commercio, &c. Leis, justiça , Senado. Reforma ecclesiastica. Synodo perpetuo. Regulamentos a respeito dos Monges , e das religiosas. Motivos da reforma monastica. Nem tinta , nem papel se consente aos Monges. Seita perseguida na Rússia. Despotismo contrario á felicidade dos Russos. A nobreza abatida , e escrava. O Povo escravo , e embrutecido. Banhos singulares. Causas da despovoação. O engenho muito comprimido neste Imperio. Forças da Rússia. Erarios. Marinha. Estado militar. Os Russos accusados de cobardia. Povoação. Commercio. Avaliação do poder da Rússia. Revoluções do Palacio. Pedro II. Anna. João III. Isabel. Pedro III. Catherina II. Idéa desta Corte até o actual Reinado.

NEGÓCIOS GERAES DA EUROPA.

Des da morte de Luiz XIV., até o Tratado de Aquisgran em 1748.

CAP. I. Guerra do Imperador com os Turcos. --- Emprezas do Cardeal Alberoni, --- Regencia do Duque de Orleans. 220

Os Turcos não se aproveitavam das guerras, que assolavam a Europa. Tomam os Turcos a Moeca. Campanhas do Principe Eugenio contra os Turcos. Paz de Passarowitz. Projectos do Cardeal Alberoni. Sua industria a fim de obter o chapéo de Cardeal. Quadruplicada alliança contra Hespanha. Conspiração contra o Duque de Orleans. Guerra abbreviada. Alberoni sacrificado. Paz entre França, e Hespanha. Disputas dignas de observação em Sicilia com o Papa. Procedimentos violentos de Clemente II. Negocios Ecclesiasticos em França. Opposições á Bulla *Unigenitus*. Intrigas do Padre Aubertin em Hespanha. Ajuste a respeito da Bulla. Assento no registro. Systema de Law. Grandes successos, aos quaes se seguirão as maiores infellicidades. Ruina das fortunas. Liquidção das dividas. Corrupção procedida dos systemas de erario. Houve mais perfeito conhecimento do Commercio. Morte do Cardeal Dubois, e do Regente. O Cardeal de Fleuri.

CAP. II. *Abdicação de dous Reis, Filippe V., e Vi-
stor Amadeo. --- Guerra de 1734 contra o Impe-
rador. --- Tratado de Viena. --- Inglaterra des-
avinda com Hespanha.* 233

Paz dilatada. Abdicação de Filippe V. Filippe V. so-
be novamente ao Throno. Cortes. Fortuna de Rip-
perda. Tratado, que Ripperda concluiu em Viena.
Sua desgraça. Renuncia Victor Amadeo, e se ar-
repende. Investidura de Parma, e Placencia; e
da Toscana, para D. Carlos. Discordia entre as
Cortes de Viena, e de Madrid. D. Carlos esta-
belecido em Italia. O governo Hespanhol toma
alento. Estanislão eleito segunda vez Rei de Po-
lônia. O Imperador, e a Russia contribuem para
a nomeação de Augusto III. Sitio de Danzique.
Declara França a guerra ao Imperador. Campa-
nhas decisivas de Italia. Tomada de Filipsburgo.
Tratado de Viena. D. Carlos Rei das duas Sici-
lias. Dispõe se da Toscana em vida do Graó Du-
que. Pragmatica-Sanção de Carlos VI., affiançada
pela França. Qual tinha sido o governo de Jorge
I. Rei de Inglaterra. Idéa de grande liberdade.
Jorge II. Valpole, Ministrio pacifico. Ambição
dos Inglezes, suas disputas com os Hespanhoes.
Tratado que os Inglezes não respeitão. Reflexões
a respeito das guerras do Commercio. Carlos VI.
opprimido pelos Turcos. O Imperador cede aos
Turcos Belgrado, &c. Azow cedida aos Russos.

CAP. III. *Môrte do Imperador Carlos VI. --- Di-
reitos á sua successão. --- O Rei de Prussia dá o
signal da guerra. --- Toma França partido contra
a Rainha de Hungria.* 247

Môrte de Carlos VI. Como se tinha augmentado a
sua Casa. Os ultimos Imperadores tinhaõ armado
o Imperio a favor dos seus interesses. Direito pú-
blico de Alemanha, no Reinado de Carlos VI. A
quem deve pertencer a sua successão. Pertensões
de

de vários Príncipes. Direitos na Europa muito incertos. Maria Theresa amada pelos Hungaros. Frederico III. Rei da Prússia. Suas forças; e seus talentos. Arma Frederico III. repentinamente; e toma bem as suas medidas. Batalha de Molvitz. França, a pesar do Cardeal de Fleury, entra na guerra. Os Senhores de Bella Ilha são a causa disso. Projectos, e allianças contra a Rainha de Hungria.

CAP. IV. *O Eleitor de Baviera, Imperador com o nome de Carlos VII. --- Seus successos, e desgracas. --- Batalha de Dettingen. --- D. Philippe, e o Principe de Conti em Italia.* 255

progressos do Eleitor de Baviera. O Eleitor de Baviera faz-se coroar Rei de Bohemia, e Imperador. Sentimentos dos Hungaros para com a sua Rainha. Generosidade Ingleza a seu favor. Erros multiplicados dos seus inimigos. Desastre sem grande effeito. Mostra o Cardeal de Fleury muita fraqueza. Perdas do Imperador, e da França. Morte do Cardeal de Fleury. A marinha desprezada. Batalha de Dettingen, digna de observação por causa das suas circumstancias. Erros cometidos de ambas as partes. Italia, outro theatro de guerra. O Rei de Sardenha a favor dos Austriacos. Neutralidades fingidas. Como os Inglezes determinárao o Rei de Napoles. Batalha naval de Tuton. D. Philippe, e o Principe de Conti passaõ os Alpes. Villa Franca, Montalbano, &c. acomettidas. Batalha, e sitio de Coni. Outras expedições de Italia.

CAP. V. *Campanhas de Luiz XV. --- Batalha de Fontenoi, e conquista da Flandres. --- D. Philippe senhor de Milão, e de várias Proviñcias.* 265

A Rainha de Hungria, triunfante em Alemanha. Primeira campanha de Luiz XV. Passa Luiz XV. para Metz, a fim de defender as suas Proviñcias. O Rei de Prússia unido segunda vez com França. Obriga o Principe Carlos os Prussianos a evacuar

a Bohemia. Sitio de Friburgo. Mórte do Imperador Carlos VII. Animofidade dos Inglezes. Suas despezas para esta guerra. Moderação excessiva da França. Sitio de Tournay. O Marechal de Saxonia. Batalha de Fontenoi. Columna Ingleza. O que decide a victoria. Batalha de Friebergne. Offerece Luiz a paz, mas em vão. Conquista da Flandres. D. Filippe, senhor em Italia.

CAP. VI. *Segunda paz do Rei de Prussia com a Rainha de Hungria. --- Eleição do Imperador Francisco I. --- Os Francezes, e os Hespanhoes expulsados da Italia em 1746.* 273

Francisco de Lorena, Imperador. O Rei de Prussia depois de invadir a Saxonia, faz segunda vez a paz. Quanta influencia devia ter o Rei de Prussia. Desastres em Italia. Batalha de Placencia. Retirada, e batalha. Genova sujeita aos Austriacos. Invasão na Provença. Os Genovezes opprimidos expulsão o inimigo. Procedimento palmofo da Corte de Viena. O que tinha produzido a mórte de Filippe V. As infelicidades procedião do Rei de Prussia.

CAP. VII. *Campanhas de Luiz XV. em 1746, e 1747. --- A dignidade de Stadhouder hereditaria restabelecida em Hollanda. --- Batalha da Affieta. --- Expedição do Principe Duarte.* 279

Sucessos esplendidos da França nos Paizes Baixos. Ataca finalmente Luiz XV. a Hollanda. Restabelece-se a dignidade de Stadhouder. Constituem a hereditaria para as mesmas mulheres. Invektiva de hum Hollandez contra Luiz. Toma Inglaterra hum Exercito Russo a seu soldo. Batalha de Lawfeld. Palavras dignas de hum Rei. Sitio de Berg-op-Zoom. Batalha da Affieta. Acções de valor. Expedição do Principe Duarte em Escossia. He aclamado Regente em Edimburgo. Vence hum batalha. Ficou vencido sem remedio. Sua fugida. Execuções.

CAP. VIII. *Expedições maritimas. --- Anfon, La Bourdonnaie. Du-Pleix.* 287

As colonias Europeas , origem de violencias. Superioridade dos Inglezes pela sua marinha. Viagem de Anfon. Tomada do galesão Hespanhol. Preza feita pelo corsario Talbot. Tomaõ os Inglezes Luisburgo. Ganhaõ duas batalhas. Expedição de La Bourdonnaie contra Madrás. Perde Du-Pleix o fructo della , e persegue La Bourdonnaie. Salva porém Pondicheri. Emprezas de Du Pleix. Infellicidades dos Francezes na India.

CAP. IX. *Sitio de Mastrique , e Tratado de Aquifgran. --- Consequencias deste Tratado até a paz de 1763.* 294

Obstinação dos inimigos da França. Sitio de Mastrique , que traz consigo a paz. Tratado de Aquifgran. Abandona França todas as suas conquistas. Poucas utilidades para Inglaterra. Este Tratado foi defeituoso. Era insignie a respeito de Parma. Maior a respeito da America. Origem da guerra de 1755. Descripção desta guerra funesta , e incomprehensivel. Successos do Rei de Prussia. Pacto de familia. Tratados de 1763. Observação a respeito das conquistas dos Inglezes na America. Infellicidades da guerra. Outras infellicidades da sociedade neste seculo. A razão porém livrou-nos de maiores infellicidades. Competencia de França , e Inglaterra nas Sciencias , e Literatura.

D O E S T A D O ,

*E das principaes revoluções da Asia nos
ultimos Seculos.*

CAP. I. *Da China.*

308

Antiguidade do Imperio da China. Revoluções frequentes ; prova do despotismo , conforme Montesquieu. Opinião contraria á opinião de Montesquieu. Verdadeiro estado da questão. O temor he o principio do governo China. Obstaculos ao despotismo. Tribunal da Historia. A China duas vezes conquistada. Invasão dos Tartaros Mantecheoux. Rebelião de hum Mandarino. Horrores no Palacio. Estabelecem-se os Tartaros sólidamente. Progressos dos Missionarios no Reinado de Kamhi. O Christianismo proscripto em 1722. Zelo da agricultura. Ordenação digna de observação. Produto das terras. Subsistencia. A decima , unico imposto. Velhacaria dos Chinas explicada por Montesquieu. Povoação excessiva. Sciencia mediocre na China , porém muita moral.

CAP. II. *Do Japão.*

320

Caracter dos Japonezes, O governo pontificio , destruido. Tolerancia de Religião. Os Portuguezes no Japão , e o Christianismo. Os Bonzes desacreditados. Embaixada do Japão para Roma. Os Christãos perseguidos. Conspiração annunciada pelos Holandezes. Ediçto contra os Christãos. Como os Holandezes vão ao Japão. Nenhumas disputas de Religião neste Imperio. Práticas religiosas semelhantes ás nossas.

CAP. III. *Da Persia , e do Mogol.* 326

A Persia no tempo de Sha Abbas. O Reino abaido por culpa dos despoticos. Sha-Nadir , ou Thamas Kulikaõ. Sua usurpação. O Imperio do Mogol: Aureng-Zeb , seu poder, e suas riquezas. Kul-kaõ sujeita o Mogol: Revoluções , e guerras civis. Os Asiaticos respeitaõ muito a antiguidade. Abatimento dos Indios. Sua antiga Religião. Bramines , Der-viches , e Faquires. Mulheres , que se queimaõ.

CONCLUSÃO.

Vantagens da Europa moderna a respeito da Asia. Quanto pôdem os governos augmentar a felicidade dos Póvos. Consequencias práticas da Historia.

Fim do Summario das materias do nono , e ultimo Volume.

LIBRARY

DEC

11

1915

**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

D
18
M5419
1801
v.9
c.1
ROBA

